



A cidade da infância (re)visitada

A relação entre presente e passado sobre o futuro da nostalgia em Pelotas (RS)

Karla Nazareth-Tissot

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural



Dissertação de Mestrado

A cidade da infância (re)visitada

A relação entre presente e passado sobre o futuro da nostalgia em Pelotas (RS)

Karla Nazareth-Tissot

Pelotas, 2017

Karla Nazareth-Tissot

A cidade da infância (re)visitada

A relação entre presente e passado sobre o futuro da nostalgia em Pelotas (RS)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

N335c Nazareth-Tissot, Karla

A cidade da infância (re)visitada : a relação entre
presente e passado sobre o futuro da nostalgia em Pelotas (RS) /
Karla Nazareth-Tissot ; Sidney Gonçalves Vieira, orientador.
— Pelotas, 2017.

210 f. : il.

Dissertação (mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências
Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Nostalgia. 2. Lugar. 3. Tempo. 4. Percepção. 5. Memória.
I. Vieira, Sidney Gonçalves, orient. II. Título.

CDD : 363.69

Karla Nazareth-Tissot

A cidade da infância (re)visitada

A relação entre presente e passado sobre o futuro da nostalgia em Pelotas (RS)

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas.

Data de defesa: 20 de junho de 2017

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira (orientador). Doutor em Geografia, UNESP/SP

Profa. Dra. Maria Leticia Mazzucchi Ferreira. Doutora em História, PUC/RS

Prof. Dr. Eduardo Rocha. Doutor em Arquitetura, UFRGS/RS

*Para Judite Simões, que levou consigo as
melhores lembranças da minha infância.*

AGRADECIMENTOS

À UFPEL e ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural.

À CAPES, pelo financiamento dessa pesquisa;

Ao meu orientador, Sidney Gonçalves Vieira, pelo seu apoio, incentivo, disposição, ensinamentos e, principalmente, por ter me apresentado ao maravilhoso mundo da Geografia Humanística;

À professora inspiração, Maria Leticia Mazzucchi Ferreira, e ao professor, Eduardo Rocha, por terem aceitado compor a minha banca e, portanto, pela disponibilidade para ler, avaliar e enriquecer esse estudo;

Aos professores do PPGMP-UFPEL, pelos generosos ensinamentos e trocas de ideias;

À grande colega e amiga, Priscila Oliveira, por sempre ter ombros, ouvidos e palavras valiosas quando eu precisava;

Aos demais colegas do mestrado e doutorado, Andrea Añón, Bira Buddin, Cássia Camila, Daniele Borges, Danilo Kuhn, Darlan Marchi, Davi Kiermes, Elis Esther, Flávia Faro, Gabriela Zilli, Gisele Quevedo, Gislaine Kramer, José Curbelo, José Brahm, Jossana Coelho, Juliana Modesto, Luciana Chávez, Marcela Rodriguez, Marina Reis, Mariana Isquierdo, Noris Leal, Rodrigo Segovia, Ricardo Pintado, Rute Teixeira e Stéfano Paixão, pelo companheirismo e solidariedade. Já sinto saudades;

Aos colegas do LEUR-UFPEL, cuja sede de aprender e de contribuir para com uma sociedade melhor tanto me ensina;

À Ana Margarites, Cíntia Essinger, Gonçalo Cholant, Nadia Leschko e Vanessa Bosenbecker, pelas contribuições nos meus primeiros rascunhos; ao Diego Flôor, pela ajuda com a tradução do resumo; à Ana Bandeira, pela amizade, conversas e formatação do texto pela ABNT; a todos os amigos do Plurk, pelo encorajamento e suporte diário;

À Bruna Schuch, Lucas Barros, Raquel Alberti, Samir Machado e Silvia Tavares pela amizade, conselhos e companhia seja perto, seja longe;

Às páginas, Pretérita uRBE/RS e Pelotas Antiga, e a todas as pessoas que, através da internet, participaram e ajudaram a divulgar o formulário de pesquisa em suas redes sociais;

Ao privilégio de fazer parte de uma família que sempre me cercou de muito amor e nunca poupou esforços para me dar o melhor que podiam com relação aos estudos; aos meus pais, Maria Ângela e José Carlos, meus amores e grandes incentivadores; a minha irmã, Cristina, e ao sobrinho Henrique, meus orgulhos; à Neguinha, minha amada e dedicada tia; à minha eterna tia Judite, por tudo, tudo! A todos os meus tios que sempre acreditaram em mim e nas minhas potencialidades; aos meus primos, sem cada um de vocês, a minha infância não teria sido maravilhosa como foi;

À Belém, minha inesquecível terra natal;

À Porto Alegre, onde vivi maravilhosos anos;

Ao meu marido, por me apresentar a Pelotas. Por sua paciência, compreensão, assistência, pelas suas noites e manhãs mal dormidas para que eu pudesse descansar um pouco mais depois de madrugadas de estudos. Perdi as contas do quanto me ajudou para que eu desse o meu melhor para o mestrado. Nunca serei grata o suficiente;

Aos meus filhos, Nina e Caio, por inspirarem a minha melhor versão;

Aos meus sogros, João Alberto e Nulvia Tissot, pelo amparo e cuidados para comigo e com meus filhos, seus netos. Sou uma pessoa de muita sorte por ter sido recebida em sua linda família;

À vó Cloris, por me adotar como neta, por seu amor e orações pelo meu sucesso;

Aos amigos que confiaram a mim suas valiosas lembranças de infância e percepções sobre a cidade: Alice, Estela, Hélio, Luíza, Madalena, Mateus, Miguel, Simone e Tom. A cada pessoa que não me deixou desanimar, que me inspirou com o exemplo e/ou com palavras, muito, muito obrigada.

*If I could have it back
all the time that we wasted
I'd only waste it again.
(ARCADE FIRE, 2010a)*

RESUMO

NAZARETH-TISSOT, Karla. **A cidade da infância (re)visitada**: a relação entre presente e passado sobre o futuro da nostalgia em Pelotas (RS). 2017. 210f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

O tempo se inscreve na cidade e a cidade, através de suas transformações, ausências e permanências se inscreve na memória de seus habitantes. Em pouco mais de trinta anos, quem viveu a infância em Pelotas (RS) nos anos 80 e início dos anos 90, ao confrontar a cidade lembrada e a cidade percebida, com frequência deixa transparecer o sentimento nostálgico em suas narrativas. Entre conversas com amigos pelotenses, cujas infâncias se deram na referida época, a nostalgia em seus relatos, no entanto, parece ir além de uma mera presença de passado, parece indicar também um sentimento menor ou maior de pertença e identidade com relação a Pelotas (RS), e não somente no presente, mas também sobre às projeções de futuro.

Desta feita, esse estudo busca compreender como os lugares nostálgicos são percebidos na cidade de Pelotas (RS) e como a imagem resultante dessa percepção se relaciona com a construção do senso de identidade e de pertencimento com a cidade. A estratégia para responder a essa indagação é o de identificar o tipo de relevância que os lugares possuem e a nostalgia acionada por eles. A abordagem metodológica se apóia na fenomenologia da Geografia Humanística, com enfoque nos elementos organizadores da imagem da cidade elaborados por Kevin Lynch.

Assim, através das entrevistas com pessoas nascidas entre 1977 e 1982, notamos que os lugares recordados podem ser classificados através de elementos muito similares aos sugeridos por Lynch, além de evocarem sentimentos nostálgicos de naturezas distintas. Também sugerimos que, quanto mais marcos espaciais e zonas afetivas os sujeitos possuem, e quanto maior e mais positiva a nostalgia que provocam, maior a identidade e pertencimento com a cidade.

Palavras-Chave: nostalgia; lugar; tempo; percepção; memória.

ABSTRACT

NAZARETH-TISSOT, Karla. **The childhood city (re)visited**: the relationship between present and past on the future of the Pelotas City's nostalgia. 2017. 210p. Master's Thesis (Master in Social Memory and Cultural Heritage) — Program in Social Memory and Cultural Heritage, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2017.

Time is embedded in the city and the city, through its transformation, absences and continuity is also embedded in the memory of its habitants. In the last 30 years or so, those who lived in the city of Pelotas (RS/Brazil) in the 80s and 90s, when confronted with the city they remember and the city they perceive, usually show the feeling of nostalgia in their narratives. Among conversations with friends from Pelotas (RS/Brazil), whose childhoods happened during this time, the nostalgia in their reports seems to go beyond the mere presence of the past. It seems to indicate a feeling of identity and belonging, in greater or lesser extents, to the city of Pelotas (RS/Brazil), and not only in the present, but also in relation to the future.

Therefore, this research aims at understanding how nostalgic places are perceived in the city of Pelotas (RS/Brazil) and how the resulting image of this perception relates with the building of the sense of identity and belonging to the city. The strategy to answer these questions is to identify the type of relevance that these places have and the nostalgia they incite. The methodological approach is supported by phenomenology in the Humanistic Geography with emphasis on the elements that organize the image of the city developed by Kevin Lynch.

Hence, through interviews with people born from 1977 to 1982, it is possible to notice that the places they remember can be classified through many elements similar to those suggested by Lynch, besides evoking nostalgic feelings of distinct natures. Furthermore, we can notice that subjects who have more spatial marks and affective zones, and greater positive feelings of nostalgia associated to those places, have greater identity of belonging to the city.

Keywords: nostalgia; place; time; perception; memory.

RESUMEN

NAZARETH-TISSOT, Karla. **La ciudad de la infancia (re)visitada**: la relación entre presente y pasado sobre el futuro de la nostalgia en Pelotas (RS). 2017. 210f. Disertación (Maestría en Memoria Social y Patrimonio Cultural) — Programa de Posgrado en Memoria Social y Patrimonio Cultural, Instituto de Ciencias Humanas, Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

El tiempo se inscribe en la ciudad y la ciudad, a través de sus transformaciones, ausencias y permanencias se inscribe en la memoria de sus habitantes. En poco más de treinta años, quien vivió la infancia en Pelotas (RS/Brasil) en los años 80 e inicio de los años 90, al confrontar la ciudad recordada y la ciudad percibida, con frecuencia deja entrever el sentimiento nostálgico en sus narrativas. Sin embargo, entre conversaciones con amigos pelotenses, cuyas infancias se dieron en la época referida, la nostalgia, en sus relatos, parece ir más allá de una mera presencia del pasado, parece indicar también un sentimiento menor o mayor de pertenencia e identidad con relación a Pelotas (RS/Brasil), y no solamente en el presente, sino también en relación a las proyecciones de futuro.

De tal forma, este estudio busca comprender como los lugares nostálgicos son percibidos en la ciudad de Pelotas (RS/Brasil) y como la imagen resultante de esa percepción se relaciona con la construcción del sentido de identidad y de pertenencia con la ciudad. La estrategia para responder a esta pregunta es la de identificar el tipo de relevancia que los lugares poseen y la nostalgia accionada por ellos. El abordaje metodológico se apoya en la fenomenología de la Geografía Humanística, con enfoque en los elementos organizadores de la imagen de la ciudad elaborados por Kevin Lynch.

Así, a través de entrevistas con personas nacidas entre 1977 y 1982, notamos que los lugares recordados pueden ser clasificados a través de elementos muy similares a los sugeridos por Lynch, más allá de evocar sentimientos nostálgicos de distintas naturalezas. También sugerimos que, cuantos más marcos espaciales y zonas afectivas los sujetos poseen, y cuanto mayor y más positiva la nostalgia que provocan, mayor la identidad y pertenencia con la ciudad.

Palabras clave: nostalgia; lugar; tiempo; percepción; memoria.

RÉSUMÉ

NAZARETH-TISSOT, Karla. **La ville d'enfance (re)visitée**: le rapport entre le présent et le passé sur le futur de la nostalgie à Pelotas (RS). 2017. 210p. Mémoire (Master en Mémoire Sociale et Patrimoine Culturel) — Programme de Post-licence en Mémoire Sociale et Patrimoine Culturel de l'Institut de Sciences Humaines de l'Université Fédéral du Pelotas, Pelotas, 2017.

Le temps est inscrit dans la ville et la ville, grâce à ses changements, les absences et les séjours, est inscrite dans la mémoire de ses habitants. Dans un peu plus d'une trentaine d'années, les gens qui sont passés leur enfance à Pelotas (RS/Brésil) dans les années 80 et le début des années 90, lorsqu'ils sont confrontés par l'image de la ville souvenue et de la ville perçue, révèlent souvent le sentiment de nostalgie dans leurs récits. Cependant, entre les conversations avec des amis d'origine de Pelotas (RS/Brésil), dont l'enfance est passée dans ce moment-là, la nostalgie dans leurs rapports semble aller au-delà de la simple présence du passé. Puisque la nostalgie semble également indiquer un sens plus ou moins d'appartenance et d'identité par rapport à Pelotas (RS/Brésil), et non seulement dans le présent, mais aussi en ce qui concerne les projections futures.

De cette façon, cette étude cherche à comprendre comment les lieux nostalgiques sont perçus dans la ville de Pelotas (RS/Brésil) et comment l'image résultante de cette perception est liée à la construction du sentiment d'identité et d'appartenance à la ville. La stratégie pour répondre à cette question est d'identifier le type de pertinence que les lieux ont et la nostalgie déclenchée par eux. L'approche méthodologique est basée sur la phénoménologie de la Géographie Humaniste, en se concentrant sur les éléments organisateurs d'image de la ville, élaborés par Kevin Lynch.

Ainsi, grâce à des entretiens avec des personnes nées entre 1977 et 1982, nous avons réalisé que les lieux souvenus peuvent être classés par des éléments très similaires à ceux qui sont suggérés par Lynch. Et, en plus, ces lieux-là évoquent des sentiments nostalgiques de natures distinctes. Nous suggérons aussi que quand les sujets ont plus des repères spatiaux et des zones affectifs, et quand ils leurs causent plus de nostalgie et des sensations positives, le sentiment d'identité et d'appartenance à la ville est encore plus puissant.

Mots-clés: nostalgie; lieu; temps; perception; mémoire.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - As sutis mudanças na cidade	17
Figura 2 - Primeiras conversas sobre o tema da pesquisa	18
Figura 3 - A nostalgia aparece	18
Figura 4 - Banda Arcade Fire em pose divulgação para o álbum The Suburbs	19
Figura 5 - Cenas de videoclipe da banda Arcade Fire	20
Figura 6 - Mapa de Manhattan de 1904	22
Figura 7 - Mapa sentimental de Manhattan	23
Figura 8 - Corpo humano ereto, espaço e tempo	23
Figura 9 - Passado, presente e futuro: exemplo 1	33
Figura 10 - Passado, presente e futuro: exemplo 2	34
Figura 11 - Esquema <i>bergsoniano</i> : cone invertido	37
Figura 12 - Esquema simplificado sobre tipos de memória em mamíferos	38
Figura 13 - Três níveis da memória	39
Figura 14 - Nostalgia no tempo	56
Figura 15 - Nostalgias	59
Figura 16 - Esquema teórico do processo perceptivo	68
Figura 17 - Exemplo de unidades de significado	76
Figura 18 - Exemplo de interpretação	76
Figura 19 - Casas de um pavimento (Centro)	89
Figura 20 - Ruas (Centro)	89
Figura 21 - Fachadas alteradas (Centro)	90
Figura 22 - Casa abandonada (Centro - Porto)	90
Figura 23 - Mercado Central (Centro)	90
Figura 24 - Prédio de uma faculdade (Centro)	90
Figura 25 - Mapa de Pelotas desenhado por Eduardo	92
Figura 26 - A malha reticulada do Centro	93
Figura 27 - Cenas do filme O Dia Seguinte	100
Figura 28 - Sessão de roupas infantis da loja Mesbla	101
Figura 29 - Sentado no Calçadão de Pelotas (RS)	103
Figura 30 - Andando de bicicleta pela COHABPel	106
Figura 31 - Brincadeiras na praça da Bento Gonçalves	109

Figura 32 - Passeios pelo Laranjal	112
Figura 33 - Loja Mazza esquina com a rua Marechal Floriano	115
Figura 34 - A rua da infância de Mateus	117
Figura 35 - Momentos em casa	119
Figura 36 - Local (casa azul) onde ficava o restaurante do avô	121
Figura 37 - Cidade cinza	124
Figura 38 - Símbolos definidos para os elementos	126
Figura 39 - Legenda utilizada no mapa	127
Figura 40 - Mapa de túmulos famosos	127
Figura 41 - Mapa do Sherlock Holmes	128
Figura 42 - Site dos lugares nostálgicos	128
Figura 43 - Mapa Alice	129
Figura 44 - Mapa Eduardo, parte 1	130
Figura 45 - Mapa Eduardo, parte 2	130
Figura 46 - Mapa Estela	132
Figura 47 - Mapa Hélio	133
Figura 48 - Mapa Luíza, parte 1	134
Figura 49 - Mapa Luíza, parte 2	134
Figura 50 - Mapa Madalena, parte 1	135
Figura 51 - Mapa Madalena, parte 2	136
Figura 52 - Mapa Mateus, parte 1	137
Figura 53 - Mapa Mateus, parte 2	137
Figura 54 - Mapa Miguel	138
Figura 55 - Mapa Simone	140
Figura 56 - Mapa Tom	141
Figura 57 - Mapa completo	142
Figura 58 - Nostalgia do futuro	143

SUMÁRIO

1 O INÍCIO	16
1.1 Pressuposto Teórico	21
1.1.1 Espaço, Lugar e Tempo	21
1.1.2 Memória, Identidade e Pertencimento	35
1.1.3 Nostalgia	51
1.2 Pressuposto Metodológico	65
1.2.1 Método de Abordagem	66
1.2.2 Procedimentos	72
2 OS SUJEITOS DA PESQUISA	77
2.1 Processo	77
2.2 Definição	84
2.2.1 Alice	84
2.2.2 Eduardo	84
2.2.3 Estela	85
2.2.4 Hélio	85
2.2.5 Luíza	85
2.2.6 Madalena	86
2.2.7 Mateus	86
2.2.8 Miguel	87
2.2.9 Simone	87
2.2.10 Tom	87
3 O PRESENTE É UM PAÍS ESTRANGEIRO	88
3.1 Percepções da cidade	89
3.1.1 Insegurança	94
3.1.2 (Des)Esperança	96
3.2 O que a cidade simboliza	97
4 O PRETÉRITO IMPERFEITO	99
4.1 A infância de Alice	100
4.2 A infância de Eduardo	101
4.3 A infância de Estela	105
4.4 A infância de Hélio	107

4.5 A infância de Luíza	110
4.6 A infância de Madalena	112
4.7 A infância de Mateus	116
4.8 A infância de Miguel	118
4.9 A infância de Simone	120
4.10 A infância de Tom	123
5 O PASSADO DO FUTURO	125
5.1 Mapeamento dos lugares nostálgicos	125
5.1.1 Mapa nostálgico de Alice	129
5.1.2 Mapa nostálgico de Eduardo	130
5.1.3 Mapa nostálgico de Estela	132
5.1.4 Mapa nostálgico de Hélio	133
5.1.5 Mapa nostálgico de Luíza	134
5.1.6 Mapa nostálgico de Madalena	135
5.1.7 Mapa nostálgico de Mateus	137
5.1.8 Mapa nostálgico de Miguel	138
5.1.9 Mapa nostálgico de Simone	140
5.1.10 Mapa nostálgico de Tom	141
5.2 Algumas Notas	143
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
REFERÊNCIAS	149
Apêndice A - Grupos	159
Apêndice B - Questionário aplicado	161
Apêndice C - Utilização de computadores e da internet	164
Apêndice D - Pertencimento geracional	165
Apêndice E - Identificação	166
Apêndice F - Medos durante a infância	167
Apêndice G - Aspectos marcantes da infância	171
Apêndice H - Primeiro presidente de que recordam	179
Apêndice I - Palavras mais citadas sobre a década de 1960	181
Apêndice J - Palavras mais citadas sobre a década de 1970	185
Apêndice K - Palavras mais citadas sobre a década de 1980	190
Apêndice L - Palavras mais citadas sobre a década de 1990	195
Apêndice M - Palavras mais citadas sobre a década de 2000	200
Apêndice N - Característica dos respondentes de Pelotas (RS)	205
Apêndice O - Infância dos nascidos entre 1977 e 1982	206
Apêndice P - Declaração sobre o uso e destinação dos dados coletados	207
Apêndice Q - Termo de consentimento livre e esclarecido	208
Apêndice R - Termo de consentimento para uso de imagem e voz	209
Apêndice S - Modelo de roteiro de entrevista	210

1 O INÍCIO

*There be three times; a present of things past, a present of things present, and a present of things future. For these three do exist in some sort, in the soul, but elsewhere do I not see them; present of things past, memory; present of things present, sight; present of things future, expectation.¹
(AUGUSTINE, 1909-14, Book XI, s.n.)*

Esta investigação trata do tempo presente e dos tempos que o presente traz em si. O presente em que existimos e onde também *existimos* no passado e no futuro através das nossas lembranças e das nossas expectativas. Passado e futuro coexistem no presente e, nele, são afetados. Mas também vão além, afetando o presente, deixando a sua marca. Um rastro visível ou não, nítido aos olhos ou silencioso à alma. Tempos dos quais podemos ter salvado apenas uma vaga lembrança, um fugaz sentimento. Tempos feitos de pedras e, muitas vezes, erguidos em forma de cidade.

Anos atrás, conheci uma cidade como todas as outras, feita de tempos. Era o ano de 2009, quando Pelotas, um município ao sul do Rio Grande do Sul, me foi apresentada pela primeira vez. Eduardo², meu marido, na época com 28 anos, ao me levar para conhecer as principais ruas da sua infância e juventude, sem perceber, me dizia que, para conhecer a ele e a *sua* cidade, era preciso ir além daquele presente, era preciso conhecer outras camadas de temporalidade depositadas pelos caminhos que percorríamos. Então, ele me narrou as suas lembranças dispostas em alguns prédios, praças, lugares abandonados, espaços vazios e endereços que já não mais existiam: uma cidade que eu não poderia conhecer senão por aqueles relatos.

Naquele momento, Pelotas passou a fazer parte da minha vida e nela construí meu próprio percurso de tempo a ser percorrido. Enquanto conhecia a outra cidade,

¹ “Existem três tempos; um presente de coisas passadas, um presente de coisas presentes, e um presente de coisas futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte; o presente do passado é a memória; o presente do presente, a visão (ou percepção); o presente do futuro, a expectativa” (tradução nossa).

² Utilizamos pseudônimos para identificar todos os sujeitos entrevistados para esta pesquisa.

a do passado do meu marido, também eu construía a minha cidade do presente, feita dos retalhos de todas as histórias que ele me contava e as que eu ia vivendo. Qual foi a minha surpresa, ao me mudar para Pelotas em 2014, procurar aquela minha primeira cidade e perceber que ela já não estava mais lá, já era outra (Figura 1). Em um misto de estranhamentos, lembrei-me do olhar de Eduardo vasculhando em suas recordações os espaços e as histórias vividas em Pelotas. Quais tipos de sentimentos ele poderia ter experienciado enquanto se deparava (ou não) com os lugares representativos do seu passado?

Figura 1 - As sutis mudanças na cidade



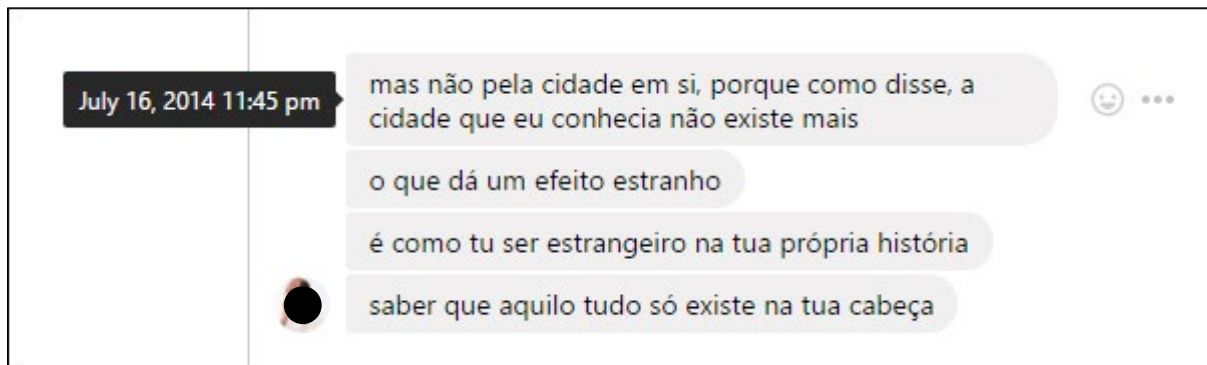
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2009, 2014.

Desde a graduação em comunicação social, fui estimulada a observar o comportamento de grupos e indivíduos, e suas representações, primeiro por um sentido mercadológico, o principal enfoque do bacharelado, depois, devido ao envolvimento com projetos dirigidos ao registro de narrativas, histórias de vida e lembranças de infância³, por uma vertente que ensaiava aproximações com os estudos de memória, memória social e os questionamentos inerentes ao tema. Destaco esse traço, pois uma das primeiras formas encontradas para melhor compreender o objetivo dessa pesquisa foi a de observar, através dos meios de comunicação, com foco nas redes sociais, se os amigos pelotenses da mesma faixa etária minha e do meu marido (um grupo ativo

³ Projeto pessoal para compartilhamento de lembranças infantis de pessoas na faixa dos 35 anos. É possível identificar que algumas dessas rememorações estão amarradas ao espaço da cidade da infância. Disponível em: <www.puerilismos.com>. Acesso em: 02 fev. 2017.

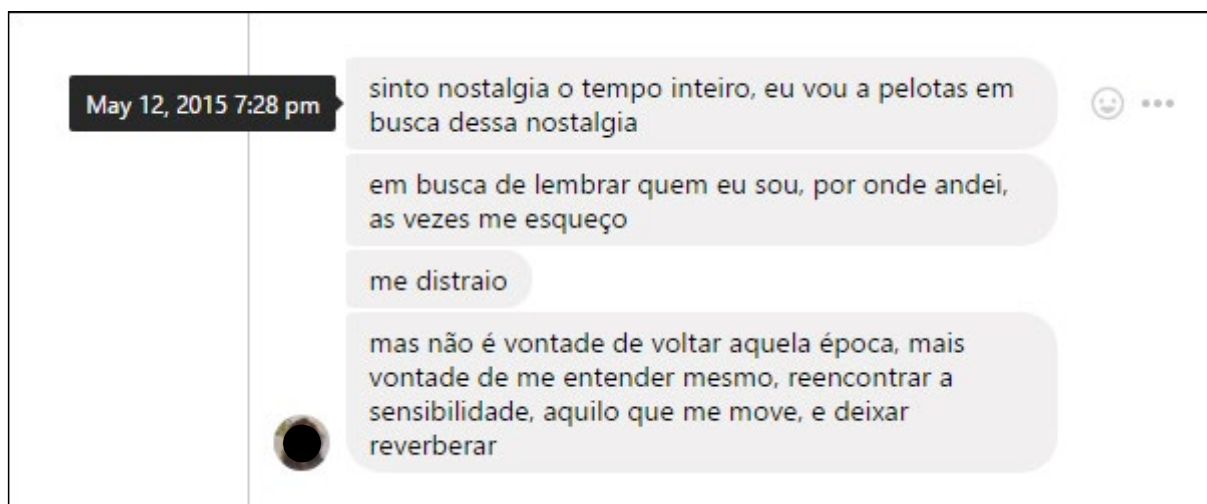
socialmente, de onde, a priori, não se espera disposição para narrativas com qualquer teor nostálgico), falavam saudosamente de Pelotas e da própria infância.

Figura 2 - Primeiras conversas sobre o tema da pesquisa



Fonte: *Printscreen* da caixa de mensagem do Facebook.

Figura 3 - A nostalgia aparece



Fonte: *Printscreen* da caixa de mensagem do Facebook.

Através da internet, então, que os primeiros diálogos foram travados (Figuras 2 e 3). Durante conversa informal com um amigo habituado a escrever sobre a sua cidade natal, questionei-o a respeito dos sentimentos envolvidos quando pensava na Pelotas da infância, e este foi incisivo ao afirmar que a cidade das recordações infantis já não existia e que, por conta dessa constatação, se sentia um estrangeiro na própria história, como se as lembranças fossem apenas produtos da imaginação.⁴ Além dele, outra amiga, também na faixa dos trinta anos, reforçou minhas primeiras

⁴ "A cidade que eu conhecia não existe mais [...] e é como ser estrangeiro na tua própria história, saber que aquilo tudo só existe na tua cabeça". HÉLIO [mensagem pessoal] Mensagem direta recebida pelo Facebook em 16 jul. 2014, às 23:45.

considerações sobre a nostalgia ao comentar que voltar a Pelotas (na época, ela residia em Porto Alegre), era buscar o sentimento nostálgico pelas ruas da cidade, uma saudade permanentemente sentida e essencial para o seu equilíbrio identitário.⁵

Aliás, a ideia sobre a existência do sentimento saudoso, mesmo em adultos relativamente jovens, partiu da reflexão a respeito do terceiro álbum do grupo *Arcade Fire*, *The Suburbs*.⁶ No disco, os integrantes da banda (nascidos entre 1976 e 1982) narravam a infância no subúrbio durante os anos 80/início dos anos 90 e sobre um desconfortável sentimento que ainda precisava ser superado. “Caminhamos pelo subúrbio atrás dos lugares em que costumávamos brincar: foi o dia mais solitário da minha vida”⁷ (ARCADE FIRE, 2010b, tradução nossa), diz uma das canções. Tais lugares, aparentemente nostálgicos, pareciam inquietar os músicos (Figura 4 e 5) e, por fim, tal inquietação — também observada na conversa entre amigos e em suas postagens nas redes sociais — acabou por me instigar às seguintes questões: como os lugares nostálgicos são percebidos na cidade de Pelotas e como a imagem resultante dessa percepção se relaciona com a construção do senso de identidade e de pertencimento com a cidade?

Figura 4 - Banda *Arcade Fire* em pose divulgação para o álbum *The Suburbs*

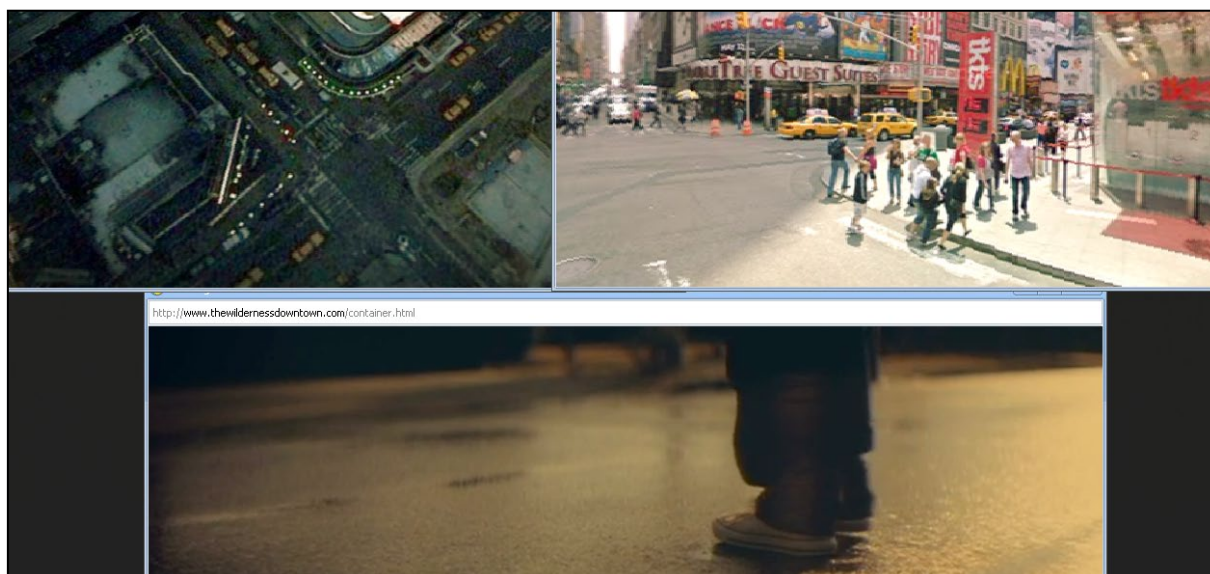


Fonte: <<https://goo.gl/FZh8VY>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

⁵ “Sinto nostalgia o tempo inteiro. Eu vou a Pelotas em busca dessa nostalgia, em busca de lembrar quem eu sou, por onde andei. Às vezes me esqueço, me distraio. Mas não é vontade de voltar àquela época, mais vontade de me entender mesmo, reencontrar a sensibilidade, aquilo que me move, e deixar reverberar”. MARIA [mensagem pessoal] Mensagem direta recebida pelo Facebook em 12 mai. 2015, às 19:28.

⁶ *Arcade Fire* é uma banda de rock canadense fundada em 2001 e que atualmente possui seis integrantes na mesma faixa etária dos sujeitos da pesquisa. O disco, *The Suburbs*, lançado em 2010, inspirou as primeiras considerações a respeito do tema pesquisado e, por essa razão, suas músicas são utilizadas como epígrafes em alguns capítulos desse trabalho.

⁷ “Took a drive into the sprawl/ To find the places we used to play/ It was the loneliest day of my life.”

Figura 5 - Cenas de videoclipe da banda *Arcade Fire*

O videoclipe da música *We used to wait* é on-line e interativo. Ele mescla imagens de cidades diversas com imagens de satélite das ruas da infância do espectador. Pode ser conferido através do endereço <www.thewildernessdowntown.com>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Fonte: <<https://goo.gl/P430ln>>

O conteúdo desta pesquisa, portanto, é um empenho para respondê-las. Para tal, objetiva-se compreender de que maneira se dá a relação entre a nostalgia que os lugares da infância possam provocar e o senso de pertencimento com a cidade. O que, em detalhes, envolveria: (a) mapear e caracterizar os lugares nostálgicos de Pelotas; (b) especificar a nostalgia que cada um deles suscita, e (c) analisar o elo entre a nostalgia identificada e o sentimento de pertencimento com a cidade.

Contudo, postos os questionamentos e objetivos que engajam esse estudo, e antes de adentrar nos pormenores metodológicos definidos para o alcance de respostas e conclusões que o deem como finalizado, proponho uma breve imersão na base teórica que o orienta, afinal, os motivos e interrogações que encabeçam a pesquisa trazem em si as suas próprias interrogações: Como o passado e o futuro coexistem no hoje? De que forma ascendemos a essas temporalidades? O que são tempos feitos de pedras? E qual a relação dessas indagações com a nostalgia e os lugares nostálgicos?

As categorias de análise utilizadas para responder a essa demanda — que guiará, dialogará e aprofundará a empiria —, orbitam na compreensão e inter-relação dos conceitos de (a) espaço, lugar e tempo; (b) memória, identidade e pertencimento; e (c) nostalgia. Tal pressuposto teórico (de caráter interdisciplinar, como logo será evidente), fornecerá os parâmetros necessários para o traçado da metodologia e o entendimento dos resultados sistematizados nesta dissertação.

1.1 Pressuposto Teórico

Autores e conceitos conduzem a pesquisa, e serão observados durante todo o processo de empiria e resultados. Antes, faremos um empenho de revisar a teoria devidamente organizada nos subitens a seguir:

1.1.1 Espaço, Lugar e Tempo

Our streets are calendars containing who we were and who we will be next. We see ourselves in this city every day when we walk down the sidewalk and catch our reflections in store windows, seek ourselves in this city each time we reminisce about what was there fifteen, ten, forty years ago, because all our old places are proof that we were here. One day the city we built will be gone, and when it goes, we go. When the buildings fall, we topple, too.⁸
(WHITEHEAD, 2003, p.9)

Quando tratamos de nostalgia — como no caso dessa pesquisa — é importante adiantar que, necessariamente, em algum grau, estamos lidando com o passado. Mas não um passado alcançado a partir de documentos ou de livros, mas um passado sentido, experienciado a partir dos pensamentos, das lembranças, da memória. Sobre esta, também antecipamos a sua íntima relação com instrumentos e convenções sociais que lhe possibilitam a construção e significação. A linguagem, e seu conjunto de símbolos elaborados socialmente, seria um desses enquadramentos, assim como as categorias de espaço e de tempo — as dimensões fundamentais para a experiência humana que iremos trabalhar neste capítulo.

Pensem, então, que seja inquestionável que, enquanto pessoas, ocupemos um lugar no espaço e no tempo. Essa pesquisa mesmo trata de um espaço, Pelotas, e possui como um de seus principais objetivos o de conhecer os lugares do passado que, para determinado grupo de indivíduos (melhor esclarecido no capítulo 2), carregam uma aura nostálgica no presente, ou seja, espaço em relação ao tempo. Destarte, esses dois conceitos que se entrelaçam por toda a narrativa aqui disposta nos convidam a refleti-los sozinhos, entre si e entre as demais categorias abordadas: memória e nostalgia.

⁸ “Nossas ruas são calendários contendo quem fomos e quem seremos a seguir. Vemos nós mesmos nesta cidade todos os dias quando caminhamos na calçada e percebemos nossos reflexos nas vitrines das lojas, procuramos nós mesmos nesta cidade cada vez que relembremos o que estava ali quinze, dez, quarenta anos atrás, porque todos nossos velhos lugares são prova de que estávamos aqui. Um dia a cidade que construímos ter-se-á ido, e quando ela se for, nós também iremos. Quando os prédios caem, nós tombamos, também” (tradução nossa).

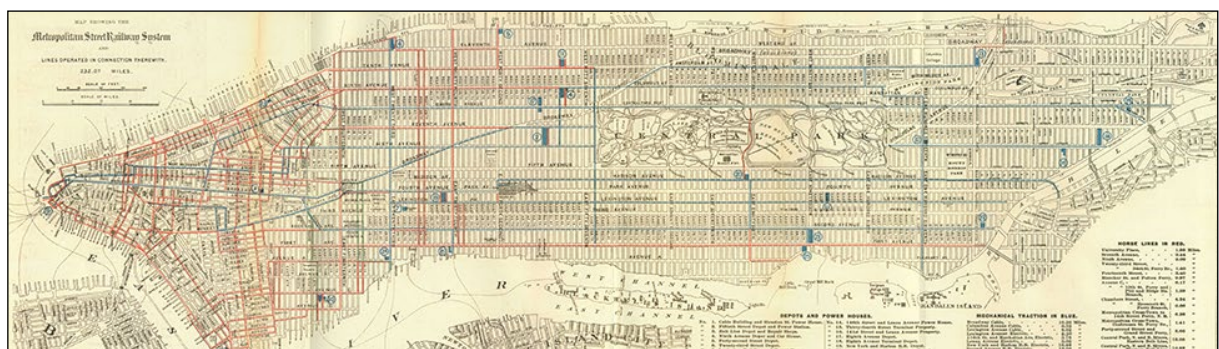
Então, como ponto de partida, lançamos a primeira pergunta:

O que é o espaço?

A resposta, contudo, parece não indicar o mesmo grau de simplicidade que paira na questão. Se decidirmos apenas nos apoiar no pensamento geográfico que, como objeto de estudo, lança olhar para a sociedade e para as suas relações com o espaço (CORRÊA, 2000), ainda não será possível encontrar respostas fáceis. Cito a geografia não apenas por sua identidade, enquanto ciência, estar relacionada a conceitos espaciais — ainda que essa seja uma justificativa bastante em si mesma —, mas também, por minha própria experiência, enquanto pesquisadora voluntária em um laboratório de Geografia⁹ (coordenado pelo orientador dessa dissertação, Dr. Sidney Gonçalves Vieira), de sentir-me mais confortável ao tratar de categorias tão complexas a partir do ponto de vista dessa disciplina.

Deste modo, persistamos com a Geografia emprestando as três não-excludentes¹⁰ abordagens sobre o espaço sugeridas pelo geógrafo David Harvey: o espaço absoluto, o espaço relativo e o espaço relacional (CORRÊA, 2000). O primeiro, de caráter Newtoniano e Kantiano, é o espaço como uma condição a priori, que existe antes dos sujeitos e dos objetos espaciais, um “receptáculo que apenas contém as coisas” (CORRÊA, 2000, p.18); o segundo é o espaço a partir das relações entre os objetos, isto é, os custos implícitos (dinheiro, tempo, energia) e determinados pela distância entre os mesmos em uma superfície considerada homogênea (Figura 6); por fim, o espaço relacional (Figura 7) é entendido como o resultado das relações socioespaciais (sejam de cunho econômico, político ou simbólico cultural), em que a sociedade só é concreta através do espaço por ela produzido, assim como o espaço só é cognoscível através da sociedade (CORRÊA, 2000, p.26).

Figura 6 - Mapa de Manhattan de 1904



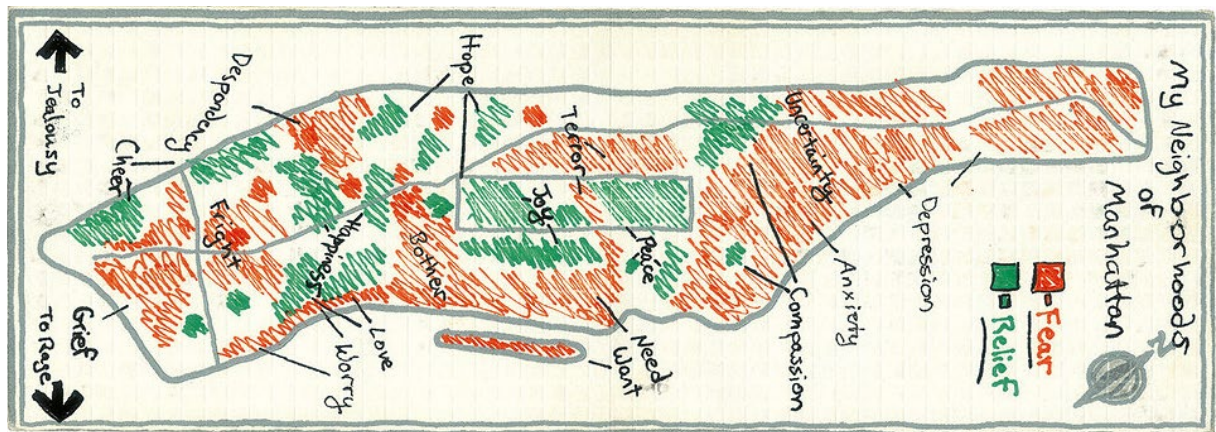
Mostra as regiões alcançadas pelas linhas de bonde.

Fonte: <<https://goo.gl/aGsjJ0>>. Acesso em: 13 de abr. 2017.

⁹ Laboratório de Estudos Urbanos Regionais e Ensino de Geografia (LEUR-UFPEl): <<https://goo.gl/i8Ub8L>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

¹⁰ Não-excludentes, pois os conceitos podem ser mais ou menos úteis conforme as circunstâncias, as necessidades e as práticas humanas (CORRÊA, 2000).

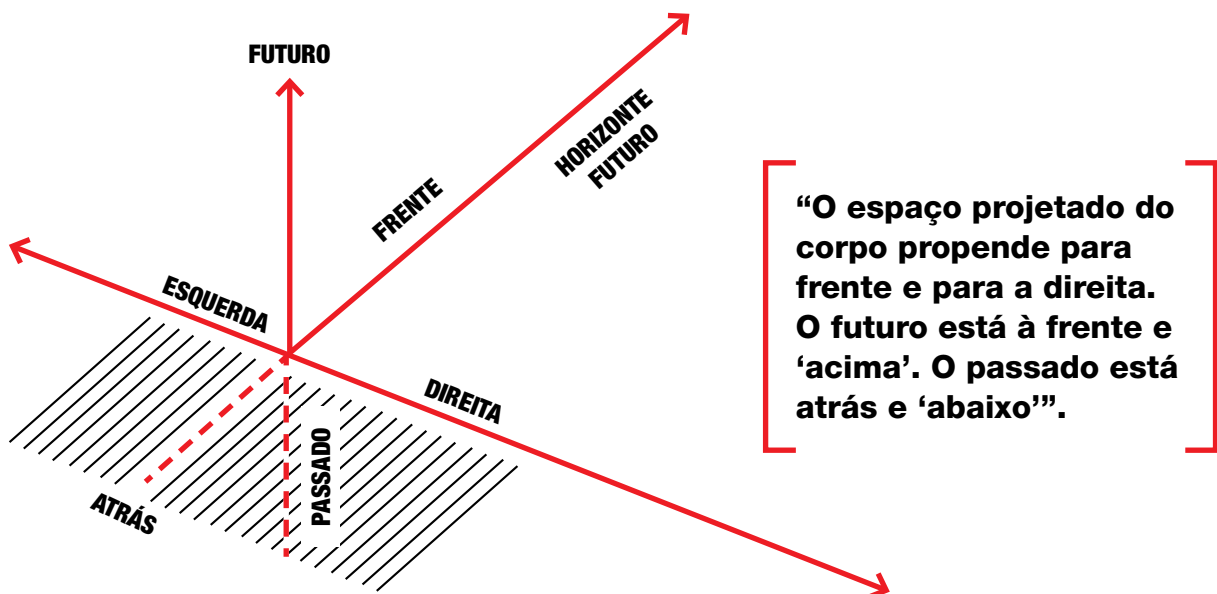
Figura 7 - Mapa sentimental de Manhattan



Para esse indivíduo, o entendimento do espaço não é a partir de suas distâncias, dos nomes de suas ruas, da arquitetura dos seus prédios, mas de zonas em que se sente mais ou menos tranquilizado. Fonte: COOPER, 2013, p.24.

Adiante, a partir desta breve categorização de conceitos, faremos uso da terceira abordagem, a socioespacial, visto que a relação do grupo de interesse com os espaços representativos da infância exige bem mais que uma interpelação teórica quantitativa do espaço — enquanto receptáculo e enquanto planície isotrópica. Além disso, também nos interessará uma perspectiva cultural-simbólica¹¹ do mesmo — o que nos leva a Yi-Fu Tuan, precursor da Geografia Humanista, cujo trabalho acerca das categorias espaço-temporais enfatiza a experiência do homem e suas atitudes em relação ao meio ambiente.

Figura 8 - Corpo humano ereto, espaço e tempo



Fonte: TUAN, 1983, p.40.

¹¹ Trataremos sobre a vertente humanista da geografia e seu método fenomenológico no tópico 1.2 desse capítulo.

Para Tuan, o espaço é uma experiência pessoal, orientado e estruturado a partir do eu (Figura 8), do indivíduo, e assim reflete a qualidade dos sentidos e da mentalidade de quem o vive: “Toda pessoa está no centro do seu mundo, e o espaço circundante é diferenciado de acordo com o esquema de seu corpo” (TUAN, 1983, p.46).

Neste contexto, o espaço é liberdade, é conquistado através do movimento com a ajuda dos órgãos sensoriais. O lugar, por outro lado, é uma espécie de objeto em que se pode entrar ou morar, onde os sujeitos materializam seus sentimentos, atribuem valor e/ou satisfazem suas necessidades biológicas básicas. Portanto, se o espaço é movimento indefinido, o lugar seria uma pausa ou pausas que ajudam a formatá-lo:

A princípio, o triângulo é “espaço”, uma imagem embaçada. Para conhecer o triângulo é preciso identificar previamente os ângulos — isto é, lugares. Para o novo morador, o bairro é a princípio uma confusão de imagens; ‘lá fora’ é um espaço embaçado. Aprender a conhecer o bairro exige a identificação de locais significantes, como esquinas e referenciais arquitetônicos, dentro do espaço do bairro. Objetos e lugares são núcleos de valor. Atraem ou repelem em graus variados de nuances. Preocupar-se com eles, mesmo momentaneamente, é reconhecer a sua realidade e valor (TUAN, 1983, p.20).

Todavia, se pretendemos refletir acerca dos lugares da infância, sejam nostálgicos ou não, precisamos também abrir parênteses para entender a relação infantil com os espaços e os lugares, ou seja, como crianças em distintos estágios de desenvolvimento reagem e percebem o ambiente ao redor — o que pode vir a influenciar, somar-se à experiência adulta, mas que, como logo perceberemos, seria impossível de ser reproduzido.

Isso porque, ainda segundo Yi-Fu Tuan (1983), a maneira como uma criança percebe o seu meio está pautada, além do vínculo cultural existente, pelas limitações e possibilidades dos seus equipamentos biológicos. Durante as primeiras semanas de vida, por exemplo, o recém-nascido é incapaz de distinguir o seu eu do mundo externo — o mundo não é dualista. Além disso, seus limitados movimentos, aliados ao fato de não possuir firmeza no pescoço, ou por seus olhos não conseguirem focar adequadamente, fazem com que um bebê de pouca idade tenha quase nenhuma noção de orientação, permanência e de distinção entre o horizontal e o vertical. Restrições que podem se estender até mais ou menos o seu quarto mês de vida.

Nessa primeira fase, a criança explora o meio com a boca, o que lhe é gratificante e possibilita a utilização, além do paladar, dos sentidos de tato e olfato. Durante esse estágio, o bebê também se torna consciente de estados de desconforto, associado

ao estômago “vazio”, e de satisfação, associado ao estômago “cheio”, respondendo-os com choro ou sorriso. E, em função de sua visão ainda não estar plenamente desenvolvida, o tato passa a ser o sentido mais utilizado para o reconhecimento de objetos próximos e para a consequente ampliação do seu espaço:

O mundo visual da criança é especialmente difícil de descrever porque somos tentados a atribuir-lhe as categorias bem conhecidas do mundo visual do adulto. A maior parte das vezes nos escapa como os sentidos do olfato, paladar e tato estruturam o meio ambiente; até mesmo as pessoas cultas não têm um vocabulário diversificado para descrever os mundos olfativo e tátil (TUAN, 1983, p.25).

Tão logo aprende a andar, a criança, entre um ano e meio a dois anos, quer explorar o ambiente da mãe. Suas investidas raramente se distanciam dela e, quando muito, não mais do que alguns segundos. Essa exploração do mundo também inclui tatear as proximidades: pegar folhas, grama, sujeiras, rastejar e trepar em obstáculos. Durante esse período, o distante e o próximo atraem o interesse da criança, dificilmente o que está no meio. O mundo é articulado em categorias polarizadas, classificado em contrastes fortes, separando pessoas entre “familiares” e “estranhos”, discriminando brinquedos entre favoritos e pouco favoritos, e por volta dos dois/dois anos e meio, entendendo opostos espaciais, como “cima” e “embaixo”, “aqui e ali”, “longe e perto”, “topo e fundo”, “frente e atrás”, “casa e exterior”.

A mãe também é o primeiro lugar da criança, é seu ambiente, um refúgio que representa estabilidade e permanência. Com o tempo, esse apego é transferido para objetos e localidades, sendo o lugar, geralmente, um tipo grande e imóvel de objeto muitas vezes ambivalente: ora onde se deseja estar (porque proporciona prazer, conforto); ora, não (porque o prazer e o conforto podem, em alguma circunstância, ter dado lugar à incerteza, ao medo). Logo, quando possível, a criança dá nome às coisas que passam a ser, por serem classificáveis, mais “reais”.

As coisas não são bem reais até que tenham nomes e possam ser classificadas de alguma maneira. A curiosidade pelos lugares faz parte de uma curiosidade geral sobre as coisas, surge da necessidade de qualificar as experiências; adquirem assim um maior grau de permanência e se ajustam a algum esquema conceitual (TUAN, 1983, p.33).

Em média, uma criança entre três e cinco anos é plenamente capaz de não se perder em um trajeto curto conhecido, mas não saberia explicar como o fez, já

que os conhecimentos conceituais das relações espaciais não são dominados por crianças dessa faixa etária. Na maioria dos casos, a criança apenas recorda do ponto de partida e de chegada, sem a descrição de detalhes, ou da lógica do caminho e dos passos que devem ser tomados até o ponto desejado. As crianças pequenas, como observa Tuan (1983), se preocupam mais com as coisas em si do que com as suas exatas relações espaciais.

À medida que a criança cresce, sua noção de lugar se torna melhor. Entre cinco e seis anos, a criança passa a se comunicar mais precisamente sobre sua localização, tem seu interesse por lugares distantes, bem como uma relativa consciência dessa distância. Ao se perguntar para uma criança onde ela mora, por exemplo, ela pode responder não apenas que mora em uma casa, mas também mencionar detalhes como o nome da rua ou da cidade. Uma criança nessa faixa etária, no entanto, ainda não foca muito sua atenção em um ambiente como um todo, mas em detalhes e, principalmente, em pessoas. A sua ideia a respeito dos espaços e lugares está presa à atividade, ao presente, à imaginação, aos sentidos, aos sentimentos que os mesmos despertam.

E quando se torna um adulto, porque seu corpo e interesses mudam, porque novas informações e experiências são adquiridas, a imaginação passa a dar lugar ao conhecimento, ao hábito, à rotina, à práxis — o que torna não apenas a experiência espacial da criança diferente da do adulto, como também, apesar das recordações sobre muitos lugares terem procedência na infância, se é o adulto que os recorda, será a partir do seu eu, das suas capacidades e de suas vivências carregadas de novos significados.

Um retorno introspectivo à nossa própria infância é frequentemente decepcionante, porque tendem a desaparecer as paisagens luminosas e sombrias de nossos primeiros anos, e perduram apenas alguns acontecimentos importantes, como aniversários e o primeiro dia de escola. Esta capacidade da maioria das pessoas de recapturar o clima do seu mundo infantil sugere até onde os esquemas do adulto, aparelhados principalmente para as exigências práticas da vida, diferem daquelas da criança. Porém, a criança é o pai do homem, e as categorias perceptivas do adulto são de vez em quando impregnadas de emoções que procedem das primeiras experiências (TUAN, 1983, p.23).

Em resumo, o entendimento do espaço na perspectiva humanista é o espaço vivido, baseado no sentimento espacial e na compreensão do mundo através da experiência. Experiência essa que, em forma de simples sensações, percepções e/ou concepções diversas, também é reflexo das aptidões humanas, de seus fatos

biológicos, suas capacidades e necessidades — acentuadas ou distorcidas pela cultura em que o sujeito está inserido (TUAN, 1979; 1983). Quando um espaço, no entanto, se torna familiar, ele passa a ser um lugar. E lugares, como já comentado, ampliam e organizam o espaço em centros de significado.

As pessoas possuem significado e são os centros de seus próprios mundos, mas como podem coisas feitas de pedra, tijolos e metal aparentarem ter vida, embrulharem (por assim dizer) espaço ao seu redor e se tornarem lugares, centros de valor e significância? A resposta não é difícil com prédios e cidades, pois esses são primordialmente espaços voltados ao cuidado, habitats para pessoas que os dotam com significado ao curso do tempo. Prédios e cidades podem, entretanto, também serem considerados como obras de arte, como pedras empilhadas que criam lugares. Como eles são capazes de fazer isso é um problema para os filósofos da arte: que eles tenham esse poder é uma questão de experiência. Um único objeto inanimado, inútil em si mesmo, pode aparentar ser o foco de um mundo (TUAN, 1979, p.415, tradução nossa).¹²

O lugar é pausa, pois representa estabilidade e permanência. Para uma criança, os adultos que a protegem são um “lugar”. Ou além, como o autor acrescenta, qualquer pessoa, apesar de não ser estável e duradoura quanto objetos ou construções, pode ser, através da intimidade, fonte de segurança, valor e significação, ou seja, um lugar para outra pessoa. Uma casa, por exemplo, pode se tornar um lugar de menor relevância quando lhe é tomada a intimidade de relações humanas, “de maneira que sua permanência é uma irritação mais do que um conforto” (TUAN, 1983, p.155).

Com efeito, as experiências íntimas, mesmo as mais simples, podem se transformar em um sentimento de lugar. Coisas desprovidas de valor estético, tão banais para serem notadas, mas que ao se tornarem quase como extensão dos sujeitos, testemunhas de sua existência, e do afeto de outras pessoas, com o passar do tempo, talvez se tornem lugares. E lugares íntimos, como o lar ou a cidade natal, podem conter lugares menores — a mesa da cozinha onde todos se reúnem, o quarto de dormir ou a praça em que se costumava encontrar os amigos — ou podem tornar lugares as unidades maiores que o cercam ou contêm — como o bairro onde se localiza a casa da infância:

¹² “People possess meaning and are the centres of their own worlds, but how can things made of stone, brick, and metal appear to possess life, wrap (so to speak) space around them and become places, centres of value and? The answer is not difficult with buildings and cities for these are primarily fields of care, habitats for people who endow them with meaning in the course of time. Buildings and cities can, however, also be considered as works of art, as piles of stone that create places. How they are able to do this is the problem for philosophers of art: that they have this power is a matter for experience. A single inanimate object, useless in itself, can appear to be the focus of a world.”

A rua onde se mora é parte da experiência íntima de cada um. A unidade maior, o bairro, é um conceito. O sentimento que se tem pela esquina da rua local não se expande automaticamente com o passar do tempo até atingir todo o bairro. O conceito depende da experiência, porém não é uma consequência inevitável da experiência [...]. A unidade maior adquire visibilidade através de um esforço da mente. Então, o bairro inteiro torna-se um lugar. Todavia, é um lugar conceitual e não envolve as emoções. As emoções começam a dar cor ao bairro inteiro — recorrendo e extrapolando da experiência direta de cada uma de suas partes — quando se percebe que o bairro tem rivais e que está ameaçado de alguma maneira, real ou imaginária. Assim, o sentimento afetivo que se tem por uma esquina expande-se para incluir a área maior (TUAN, 1983, p.189).

Sobre esses diversos laços afetivos que os seres humanos são capazes de estabelecer com um lugar ou com o ambiente físico, Yi-Fu Tuan utilizou o neologismo *Topofilia* (do grego *topos* “lugar” e *-filo*, “amor, amizade, afinidade”) que, embora não seja a emoção mais intensa que uma pessoa possa sentir, quando se faz presente, é indício de que o “lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo” (TUAN, 1980, p.107). Deste modo, o lugar é uma entidade única, carregado de história ao incorporar as experiências e aspirações das pessoas que lhe dão significado, mas também:

Pode se tornar lugar do dia para a noite, por assim dizer, através da ingenuidade de arquitetos e engenheiros. Um monumento impressionante cria lugar; um carnaval transforma temporariamente um estaleiro ou um milharal em lugar; Disneylândias são carnavais permanentes, lugares criados a partir do nada. Por outro lado, lugares são localidades nas quais as pessoas têm longas memórias, indo além das impressões indeléveis de suas próprias infâncias individuais, alcançando o conhecimento acumulado de gerações passadas (TUAN, 1979, p.421, tradução nossa).¹³

Como observa Tuan (1979), o tempo é intrínseco ao lugar, uma vez que é necessário para “o acúmulo de experiência e para o fortalecimento do interesse pessoal” (TUAN, 1979, p.421), mas não é o principal ingrediente para que torne um lugar realidade. Uma grande dose de emoções sim. Muitas vezes, emoções em relação ao tempo que os lugares podem carregar em si, o que nos impele a, antes de adentrarmos em tais nuances, lançar uma segunda pergunta:

O que é o tempo?

Como pensar o espaço, pensar o tempo é igualmente desafiante — o que já

¹³ “[...] can become place overnight, so to speak, through the ingenuity of architects and engineers. A striking monument creates place; a carnival transforms temporarily an abandoned stockyard or cornfield into place; Disneyland are permanent carnivals, places created out of wholecloth. On the other hand, places are locations in which people have long memories, reaching back beyond the indelible impressions of their own individual childhoods to the common lores of bygone generations.”

atraiu (e continuará atraindo) a atenção de incontáveis pensadores como Aristóteles, Plotino, Sto. Agostinho, Kant, Bergson, Husserl e Heidegger, apenas para citar os mais expoentes no assunto (REIS, 1996). Por não ser um tema de simples exposição, continuaremos buscando inspiração nos trabalhos de Yi-Fu Tuan e na sua perspectiva humanista que entende tanto o espaço quanto o tempo enquanto conceitos orientados e estruturados pela intencionalidade do ser, além de estarem “indissoluvelmente ligados” (TUAN, 1979; 1980; 1983; 2011).

Assim, iniciemos com as três formas de representar o tempo sinalizadas por Tuan (2011). O astronômico, que trata do tempo cíclico das estações do ano e do ciclo diário do sol — isto é, tempo como repetição; o cosmogônico, que versa sobre a história das origens e sobre a criação do universo; e o humano, linear e de mudança direcional como o tempo anterior, que se refere ao curso da vida humana, do nascimento até a morte.

Em termos de ocidente, entre os antigos até o período medieval, o sentido do tempo era essencialmente cíclico. O olhar do homem estava voltado para o céu, para o movimento da natureza, o que tornava o trajeto circular o símbolo da perfeição a ser contemplado. Por volta do século XVIII, com a modernidade, o tempo passou a ser interpretado como uma linha reta unidirecional (TUAN, 1980), concomitante ao entendimento do eixo longitudinal do espaço e da exploração além-mar — o que ampliou o espaço antes voltado para o cosmos rumo ao horizonte, do vertical para o horizontal.

Os povos sedentários das latitudes médias aceitavam o curso das estações como um fato inexorável da natureza: como o movimento das estrelas é uma boa imagem da eternidade. Mas, os viajantes e os colonizadores que se moviam ao longo dos meridianos experienciavam não só o fluxo das estações, mas também o ritmo sazonal, de maneira que no Equador desapareciam as sucessões da natureza aparentemente universais e, além disso, no hemisfério Sul elas se invertiam (TUAN, 1980, p.171).

Ao se locomover no espaço, a noção de distância não envolve apenas o entendimento de “longe” e de “perto”, mas também implica o tempo transcorrido de um ponto a outro. Com frequência, ainda que o tempo seja espacializado em termos de linguagem (“em uma época remota...”, “levou um espaço de tempo...”, “grandes momentos vividos...”), a própria distância é mais bem compreendida quando posta à luz do tempo. Segundo Tuan, por este estar implícito nas “ideias de movimento, esforço, liberdade, objetivo e acessibilidade” (TUAN, 1983, p.132) é que o empenho para ir de um lugar ao outro, a energia despendida, o ciclo de esforço e descanso biológico, de vigília e de sono, passam a ser o próprio tempo sentido no corpo, portanto, mais esclarecedor.

Qual é a distância de Minneapolis a Los Angeles? Uma resposta em milhas ou quilômetros não me é muito útil a não ser que estas unidades de distância possam ser rapidamente traduzidas para tempo, esforço e recursos necessários. Ao contrário, a resposta ‘está a três dias de carro’ nos diz mais diretamente quanto dinheiro levar para pernoites, gasolina e comida — o dinheiro necessário para comprar energia (TUAN, 1983, p.145).

O espaço é vivido no presente, mas a experiência espacial implica a existência do passado e do futuro. Movimentar-se, de fato, é retroceder e avançar no tempo. O que ficou para trás, um passado remoto, e o movimento rumo a um objetivo é ir em direção ao futuro infinito. Toda atividade e movimento, portanto, é espaço-temporal, pois exige tempo e ocorre no espaço. Alguns movimentos são cíclicos, pendulares, outros lineares, e a pausa no movimento, portanto, a pausa no tempo, Tuan denomina como o já mencionado “lugar” (TUAN, 2011).

Como o tempo e o lugar se relacionam, no entanto, excede a ideia de lugar como pausa na corrente temporal. Há ainda, segundo o autor, duas abordagens a serem consideradas: “afeição do lugar como uma função de tempo, e lugar como tempo tornado visível” (TUAN, 1983, p.198).

No primeiro tema, da “pausa no movimento”, são considerados todos os lugares enquadrados como lar, meta e paradas no caminho. Sendo o primeiro, “o mundo estável a ser transcendido; a meta, o mundo estável a ser alcançado; e as paradas no caminho, o descanso de um mundo para o outro” (TUAN, 1983, p.199). Da casa para o trabalho e do trabalho para casa implicam uma relação de movimento e de lugares de pausa que lhes atribuem o significado da rotina diária.

Conforme o autor, os planos para alcançar uma promoção na empresa são uma meta, o que significa alcançar um lugar a um determinado tempo no futuro. Por fim, as paradas seriam as pausas em um percurso (caminho, espaço significativo) organizado por outros lugares. De caráter transitório, com o uso habitual, essas paradas podem atribuir ao movimento completo características diferenciadas: é o frequente encontro com os amigos no bar antes de ir para casa, ou a ida para a escola sempre interrompida para bisbilhotar as novidades na vitrine da banca de revistas, ou ainda, a pausa para sentar na poltrona favorita e retirar os sapatos antes de adentrar os demais cômodos e sentir-se definitivamente no lar. Sem tais pausas, os caminhos não possuiriam a mesma densidade.

Em seguida, sobre a “afeição do lugar como função do tempo”, Tuan (1983) reflete acerca de quanto tempo é necessário para se sentir um lugar. Como já

mencionado, lugares podem surgir em questão de dias, seu significado abstrato e estético não carece de uma apreciação demorada, bastaria certo grau de diligência e sensibilidade. Porém, “sentir” um lugar demanda tempo e dificilmente pode ser adquirido de passagem (se a mesma não for intensa), pois esse sentir

se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar (TUAN, 1983, p.3).

Para sentir um lugar é preciso conhecê-lo no corpo através dos sentidos. Alguns desses sentidos, como a visão (desconsiderando exceções), exigem menos tempo; outros, como o olfato e o tato, necessitam de um período maior de permanência e trocas com o ambiente. Contudo, o tempo ainda não é o fator preponderante, mas as variáveis “qualidade” e “intensidade” aplicadas ao mesmo:

Viver muitos anos em um lugar pode deixar na memória poucas marcas que podemos ou desejaríamos lembrar; por outro lado, uma experiência intensa de curta duração pode modificar nossas vidas (TUAN, 1983, p.204).

A própria experiência de tempo é idiossincrática muito em consideração à intensidade pela qual ele é experienciado. “Dez anos na infância não é o mesmo que dez anos na adolescência ou vida adulta” (TUAN, 1983, p.204). A criança está “fora” do fluxo do tempo e o estado da infância parece eterno. Sua experiência sensorial, como comentado anteriormente, é intensa, por vezes gratificante e interpretada à luz da imaginação, de sonhos e utopias. Existe um presente permanente e o tempo não passa, tudo é contemplação e descobertas. Com a chegada da adolescência e da idade adulta, no entanto, o sujeito é lançado para o movimento incansável, e o presente se torna fugaz (TUAN, 1983; 2011).

Para a criança pequena, o tempo não ‘flui’; ela fica no tempo como se estivesse fora dele, permanecendo como criança aparentemente para sempre. Para o adulto, o tempo corre, empurrando-o para frente quer queira, quer não (TUAN, 1983, p.205).

Por fim, o terceiro tema, Tempo-Lugar, trata dos lugares enquanto “tempo tornado visível”, ou como chamamos introdutoriamente, tempos feitos de pedras. Isto é, o tempo “estabilizado”, percebido, sentido através da paisagem, de prédios, objetos,

coisas, pessoas e ao qual se pode recorrer em busca de um sentido de identidade. Contudo, para que esse bem-estar temporal ocorra, é necessário que a temporalidade percebida (seja referente ao passado ou ao futuro) esteja em sintonia com o tempo-interior dos sujeitos — como outro importante autor para a Geografia Humanista, o urbanista Kevin Lynch defende no livro “De que Tempo é este Lugar?” (1975).

Antes de aprofundar a sua tese, o autor classifica duas maneiras em que a passagem do tempo pode ser percebida: 1) através das repetições rítmicas, evidentes no ritmo circadiano do sono, nas batidas do coração, no ciclo da fome, menstrual, do sol e da lua, nos ponteiros dos relógios, nas estações, e 2) através das mudanças progressivas e irreversíveis, como o crescimento e a decadência. Além de dois tempos distintos: o tempo-externo e o interno. Sendo o primeiro o tempo social, o tempo domado e ordenado, de caráter coletivo e linear, mensurável, homogêneo, construído através de representações socialmente elaboradas e negociadas, irreversível, uniforme e previsível em categorias como passado, presente e futuro; e o segundo, que enquadra os ritmos internos e subjetivos do corpo, pessoal e individual, múltiplo e descontínuo; de ciclos biológicos que se repetem, de períodos simultâneos (hoje ao mesmo tempo em que a mente paira no ontem, sentimentos da infância ao mesmo tempo em que se é adulto), imprevisível, variável, de durações imensuráveis (LYNCH, 1975; MELUCCI, 1998; BERGSON, 1999).

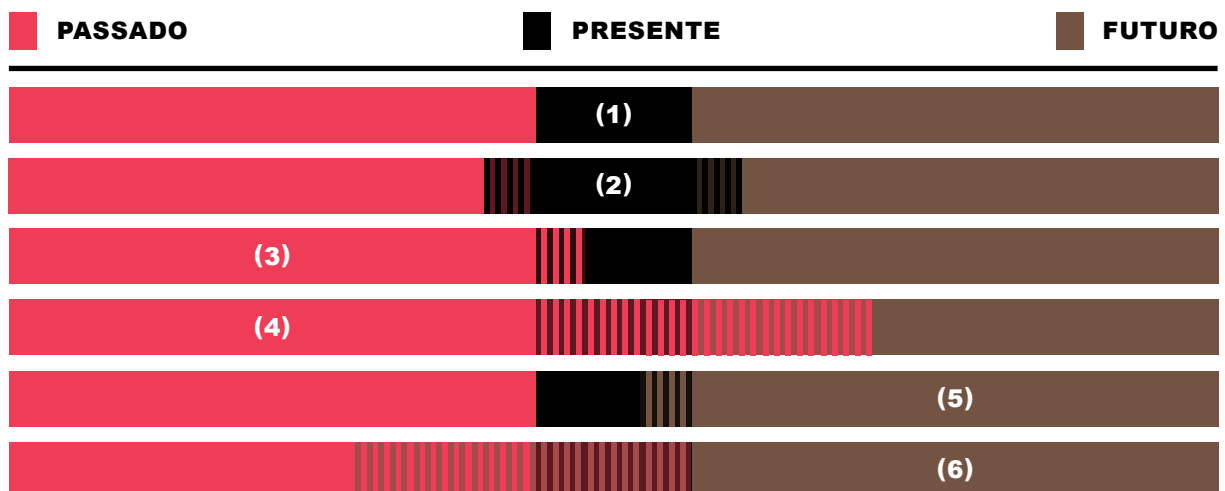
Os ritmos, os objetos e os acontecimentos existem; porém, o tempo e o espaço são invenções triunfantes do homem. Cada indivíduo cria novamente o passado, o presente e o futuro [...]. O tempo é um artifício mental para ordenar os acontecimentos, para identificá-los como coexistentes ou sucessivos. Os momentos não existem em si mesmos, são classes de acontecimentos dentro das quais não é necessário distinguir um acontecimento como ocorrido anteriormente a outro. Estamos bem equipados para perceber a sucessão e a simultaneidade. Por outro lado, estamos pobremente equipados para perceber a data e a duração. Ainda que tenhamos relógios biológicos internos, são imprecisos, estão submetidos a flutuações ou tornam-se difíceis de ler. Contudo, a estrutura do nosso cérebro nos permite aprender, recordar, prever e criar uma hipótese social do tempo. Utilizando esta hipótese, modificamos a nós e ao nosso entorno para atuar eficazmente no presente (LYNCH, 1975, p.142, tradução nossa).¹⁴

¹⁴ “Los ritmos, los objetos y los acontecimientos existen; pero el tiempo y el espacio son triunfantes invenciones del hombre. Cada individuo crea de nuevo el pasado, el presente y el futuro [...] El tiempo es un artifício mental para ordenar los acontecimientos, para identificarlos como coexistentes o sucesivos, Los momentos no existen en sí mismos; son clases de acontecimientos dentro de las cuales no es necesario distinguir un acontecimiento como ocurrido antes que otro. Estamos bien equipados para percibir la sucesión y la simultaneidad. En cambio, estamos pobremente equipados para percibir la fecha y la duración. Aunque tenemos relojes biológicos internos, son imprecisos, están sometidos a fluctuaciones o resultan difíciles de leer. Sin embargo, la estructura de nuestro cerebro nos permite aprender, recordar, predecir y crear una hipótesis social del tiempo. Utilizando esta hipótesis, nos modificamos y modificamos nuestro entorno para actuar eficazmente en el presente.”

Para Lynch (1975), quando o tempo incorporado ao ambiente físico corresponde à experiência e às expectativas temporais dos indivíduos, cria-se uma relação de bem-estar, “sente-se em casa no tempo” (LYNCH, 1975, p.48) e, conseqüentemente, no lugar ou lugares que o incorporam. No entanto, essa congruência só é possível quando a imagem pessoal do tempo celebra e amplia o presente (a temporalidade onde é possível existir e agir), desfrutando-o conscientemente, e/ou ampliando a sua densidade através de conexões com o passado e com o futuro (Figura 9 e 10).

Agimos agora, modificando nosso entorno para o futuro. Recordamos agora. Aprendemos agora, o que equivale a dizer que modificamos a nós mesmos para atuar com mais efetividade no futuro. Um entorno que facilita a lembrança e a aprendizagem constitui um modo de vincular o momento em que se vive com um amplo período de tempo. Estar vivo é estar atento ao presente, estar seguro da nossa capacidade de continuar, mas alerta ante as coisas novas que chegam. Sentimos nosso próprio ritmo e sentimos também que (este) forma parte do ritmo do mundo. Nos sentimos preparados para enfrentar o desafio, a complexidade, os vastos espaços e o enorme futuro quando o tempo local, o lugar local e nosso próprio eu estão seguros (LYNCH, 1975, p.104, tradução nossa).¹⁵

Figura 9 - Passado, presente e futuro: exemplo 1

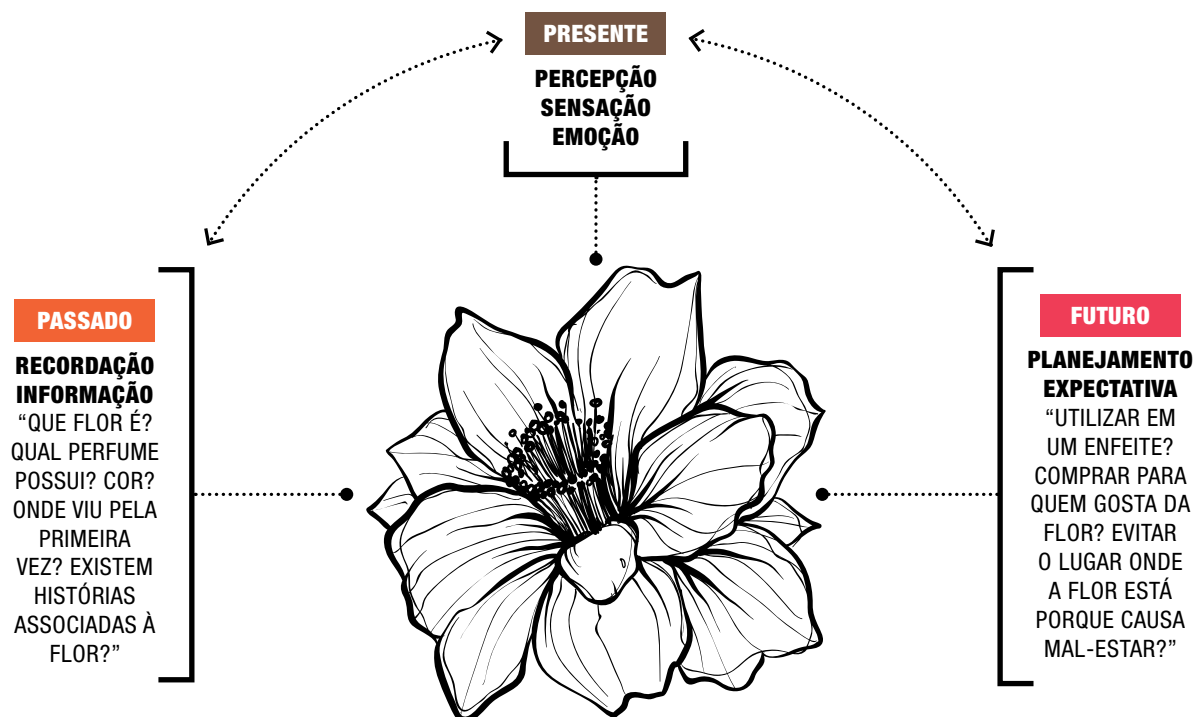


(1) O presente é uma temporalidade espremida entre o passado e o futuro que, no entanto, (2) amplia sua densidade ao relacionar-se com as temporalidades adjacentes. Por vezes, (3) o passado se sobrepõe ao presente, o sufocando. (4) O desejo pelo passado pode ser intenso ao ponto de torná-lo o único futuro possível. (5) O futuro e suas ansiedades também podem sufocar o presente, bem como (6) renegar tudo o que o passado tem para oferecer (LYNCH, 1975).

Fonte: Elaborado pela autora.

¹⁵ “Actuamos ahora, modificando nuestro entorno para el futuro. Recordamos ahora. Aprendemos ahora, lo cual equivale a decir que nos modificamos a nosotros mismos para actuar con más efectividad en el futuro. Un entorno que facilita el recuerdo y aprendizaje constituye un modo de vincular el momento viviente con un amplio período de tiempo. Estar vivo es estar despierto en el presente, estar seguro de nuestra capacidad para continuar, pero alerta hacia las nuevas cosas que llegan. Sentimos nuestro propio ritmo y sentimos también que forma parte del ritmo del mundo. Nos sentimos preparados para enfrentarnos al desafío, a la complejidad, a los vastos espacios y al ingente futuro cuando el tiempo local y el lugar local y nuestro propio yo están seguros.”

Figura 10 - Passado, presente e futuro: exemplo 2



Outra ideia seria a percepção de uma coisa. A ação ocorre no presente: o que se vê, cheira, toca, escuta. O conhecimento sobre a coisa que se percebe depende do que se aprendeu, no passado, sobre a mesma. A coisa pode ser uma flor (aprendeu-se a diferenciar de outras coisas as que são flores), cujo perfume pode provocar uma sensação de bem-estar (felicidade?), ou de mal-estar (por ser associado a sentimentos desagradáveis ou a uma reação alérgica). As novas informações adquiridas sobre a flor podem ser utilizadas no futuro, bem como se trata de futuro os planos de utilizar a flor para enfeitar um colarinho, pois ela tem a cor de que se precisava. A percepção da flor se torna mais densa, mais intrincada de camadas quando o presente está em contato com o passado e com o futuro.

Fonte: Elaborado pela autora.

Lembranças e expectativas nos colocam, no presente, em contato com as outras temporalidades. A intensidade do diálogo, no entanto, pode ser ainda maior quando os atos de lembrar e de planejar ativam sensações e sentimentos que, fora da esfera do pensamento, agem diretamente no corpo como um “estado de coisa presente”¹⁶, como o próprio tempo encarnado.

No caso das expectativas, por exemplo, emoções como esperança, ansiedade. No caso de lembranças do passado, emoções como alegria, saudade. Com relação à nostalgia, o tema dessa pesquisa seria, então, um tipo de saudade, a saudade específica de um tempo trazido à tona pela/na memória. Para desencadeá-la, destacamos a percepção do tempo desejado como incorporado no espaço. Aqui, buscamos entender os lugares nostálgicos, espacialidades em que o passado fez

¹⁶ Empréstimo da ideia do filósofo Henri Bergson a respeito das sensações materializadas a partir das lembranças (ainda que ele se referisse às ações sensorio-motoras), esta deixaria de ser “do fundo do passado” e passaria ao “estado de coisa presente” (BERGSON, 1999, p.163).

a sua morada e de onde continua a exercer sua influência através dos sentimentos saudosos que provoca e que, como veremos no capítulo sobre a nostalgia, ora podem sufocar o presente, ora podem lhe ampliar a densidade.

Nas duas situações, como essa presença do passado é sentida nos espaços e lugares pelos sujeitos, pode assumir um relevante papel na construção da identidade e no senso de pertencimento dos mesmos com os lugares (LYNCH, 1975; TUAN, 1983). Portanto, não é indicado prosseguirmos sem antes compreendermos a categoria que nos aproxima do tempo pretérito e das discussões sobre a identidade: a memória.

1.1.2 Memória, Identidade e Pertencimento

I think the memory of most of us can go farther back into such times than many of us suppose; just as I believe the power of observation in numbers of very young children to be quite wonderful for its closeness and accuracy. Indeed, I think that most grown men who are remarkable in this respect, may with greater propriety be said not to have lost the faculty, than to have acquired it; the rather, as I generally observe such men to retain a certain freshness, and gentleness, and capacity of being pleased, which are also an inheritance they have preserved from their childhood.¹⁷
(DICKENS, 1850, p.24)

Falamos da presença do passado, mas o passado em si já não existe — a não ser pela memória, pela história ou por algum traço material que teime em perdurá-lo (LOWENTHAL, 2015). Contudo, das maneiras disponíveis para alcançar o tempo pretérito, nosso exame se renderá à primeira: dado que é a partir das lembranças dos indivíduos que pretendemos conhecer os lugares do passado que lhe inspiram, no hoje, sentimentos nostálgicos; do mesmo modo que também é a partir da memória que buscaremos compreender a relação entre a identidade e o pertencimento dos mesmos com a cidade.

Inúmeras disciplinas — da filosofia à neurobiologia — dedicaram e continuam a dedicar esforços para compreender uma das principais faculdades humanas, a memória. E, desde então, especulações, suposições, experimentos, teorias vêm

¹⁷ “Penso que a memória da maioria de nós pode retroceder muito mais do que supomos; assim como acredito que o poder da observação em um grande número de crianças muito jovens seja maravilhoso por sua proximidade e precisão. De fato, penso que muitos adultos que se destacam a esse respeito, podem ser considerados como aqueles que não perderam essa capacidade com maior propriedade, do que dizer que eles a adquiriram; da mesma forma, geralmente percebo que esses homens mantêm um certo frescor, e gentileza, e capacidade de serem agradados, o que também é uma herança preservada de sua infância.” (tradução nossa).

paulatinamente formatando o que, hoje, compreendemos sobre o assunto. Em primeiro lugar, não se possui um consenso a respeito da natureza física de tal faculdade, o que torna impraticável mensurá-la senão indiretamente através de testes de evocação (IZQUIERDO, 1989; QUILLFELDT, 2006).

Por outro lado, é possível sustentar que, diferente do senso comum, a memória não é um mero acúmulo de informações que podem ser recuperadas em sua totalidade. Para efeito didático, até podemos defini-la como um processo em que experiências são “armazenadas” no cérebro através do aprendizado e que, uma vez “armazenadas”, podem ser acessadas, recuperadas, evocadas (IZQUIERDO, 1989). A ideia de armazenamento, no entanto, é insuficiente para abranger a ação complexa e incessante de seleção e negociação do que será lembrado e/ou do que será esquecido. Além disso, da formação à evocação, os traços da memória estão sujeitos às demandas do presente, ou seja, o que se recorda do passado é continuamente construído, reinterpretado, negociado conforme as possibilidades do hoje e também conforme as expectativas para o futuro (IZQUIERDO, 1989; POLLAK, 1992; CANDAU, 2014; LOWENTHAL, 2015).

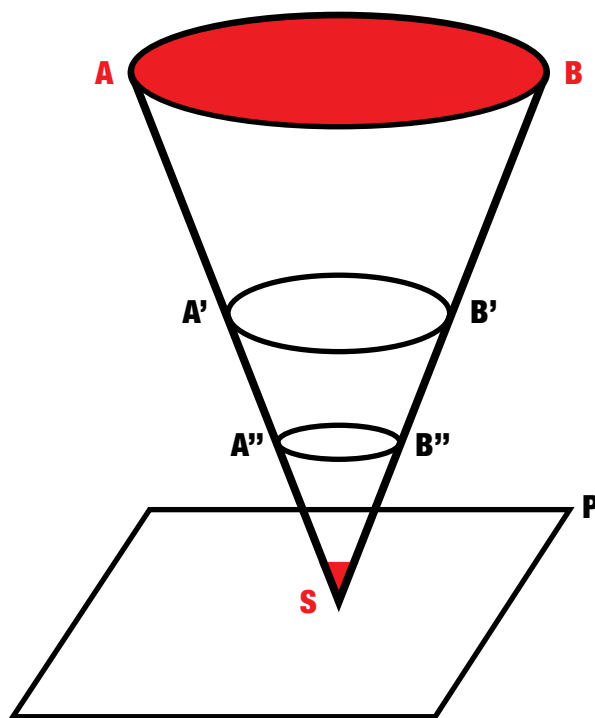
Mas aquilo que se aprende nas aulas de matemática, o que se recorda de algum aniversário ao lado de familiares e amigos ou, até mesmo, o reconhecimento das notas cítricas de um perfume, por exemplo, indica que é mais razoável considerar que existam “memórias”, com suas diferentes lógicas, do que uma única memória explicável por uma lógica única.

A variedade de memórias possíveis é tão grande, que é evidente que a capacidade de adquirir, armazenar e evocar informações é inerente a muitas áreas ou subsistemas cerebrais, e não é função exclusiva de nenhuma delas. Aprendemos a não colocar os dedos na tomada, a reconhecer rostos ou lugares, a jogar futebol ou xadrez, a dirigir, a nos comportar nas circunstâncias mais diversas, aprendemos línguas, filosofias, medicina, música. É óbvio que diferentes sistemas sensoriais, associativos e motores participam em cada um destes aprendizados e nas correspondentes memórias. Usamos a via auditiva para aprender música, mas não para reconhecer um rosto; usamos o sistema-motor para aprender e evocar movimentos, mas não odores (IZQUIERDO, 1989, p.91).

Por esse motivo, alguns arranjos nos ajudam a assimilar tal multiplicidade. O filósofo Henri Bergson, por exemplo, em seu livro *Matéria e Memória* (1999), sugeriu dois tipos distintos de memória: a memória-hábito, inscrita no corpo, nos aparelhos motores, adquirida pela repetição; e a memória-lembrança que registra o passado no

cérebro sob a forma de imagem, um meio termo entre a “coisa” e a “representação” (BERGSON, 1999). Imaginemos aprender a andar de bicicleta. A cada prática criamos uma nova memória individual. No momento de realizar a ação, o primeiro movimento no pedal articula os movimentos seguintes automaticamente, sem a necessidade de relembrar cada prática do passado. Ou seja, os tempos anteriores são comprimidos no momento presente no desempenho do corpo, no hábito. Porém, ao relembrarmos todos os dias em que se saiu para treinar o andar de bicicleta, com quem se estava presente, como eram os lugares por onde se passeou, se houveram quedas, se foram dolorosas, então, essa é uma lembrança (Figura 11).

Figura 11 - Esquema bergsoniano: cone invertido



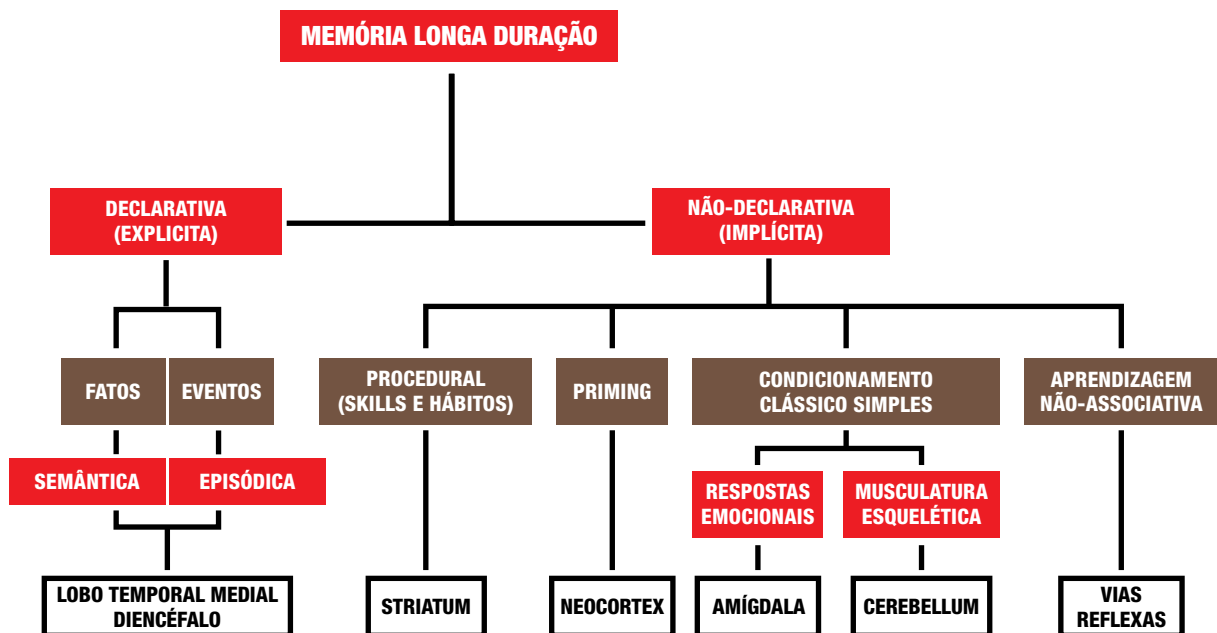
O cone SAB é a totalidade das lembranças acumuladas na memória. Se agimos por hábito, automaticamente, estamos mais próximos do vértice S que toca o plano móvel P. Em S concentra-se a imagem do corpo, os sistemas sensório-motores, memórias comprimidas em ações físicas e excitações sensoriais. Distanciamos desse vértice quando sonhamos com o passado, quando relembramos as milhares de repetições (A' B', A'' B'') da lembrança AB.

Fonte: BERGSON, 1999, p.190.

Com base nas neurociências, possuímos a classificação da memória quanto ao tempo de duração entre aquisição e evocação, e a classificação da memória quanto ao tipo de informação — para citar apenas alguns. Quanto à primeira categoria, as memórias podem ser classificadas em memória de trabalho, quando não persistem muito mais do que alguns segundos, como lembrar as primeiras palavras de uma frase para que, ao fim da leitura, o todo faça sentido; memória de curta duração, que pode durar entre trinta minutos a seis horas; e memória de longa duração, que persiste por dias, meses, anos (IZQUIERDO, 1989; 2013).

Em termos de conteúdo (Figura 12), incluímos as memórias não-declarativas (implícitas) e as declarativas (explícitas). Sendo consideradas não-declarativas ou procedural todas aquelas memórias adquiridas e evocadas de “maneira mais ou menos automática” (IZQUIERDO, 2013, p.11), os hábitos, as habilidades motoras como saber andar, segurar um objeto (bem similar à memória-hábito bergsoniana). E declarativas¹⁸, aquelas que podem ser evocadas de forma consciente, a lembrança propriamente dita, seja em seu aspecto semântico (conhecimento de fatos gerais, de conceitos, compreensão da linguagem), ou episódico (referente a vivências de caráter autobiográfico, experiências do indivíduo normalmente associadas a contextos espaciais e temporais, assim como às emoções).

Figura 12 - Esquema simplificado sobre tipos de memória em mamíferos



Fonte: Elaborado pela autora a partir de IZQUIERDO, 1989; 2013, MILNER, 1998 e QUILLFELDT, 2006.

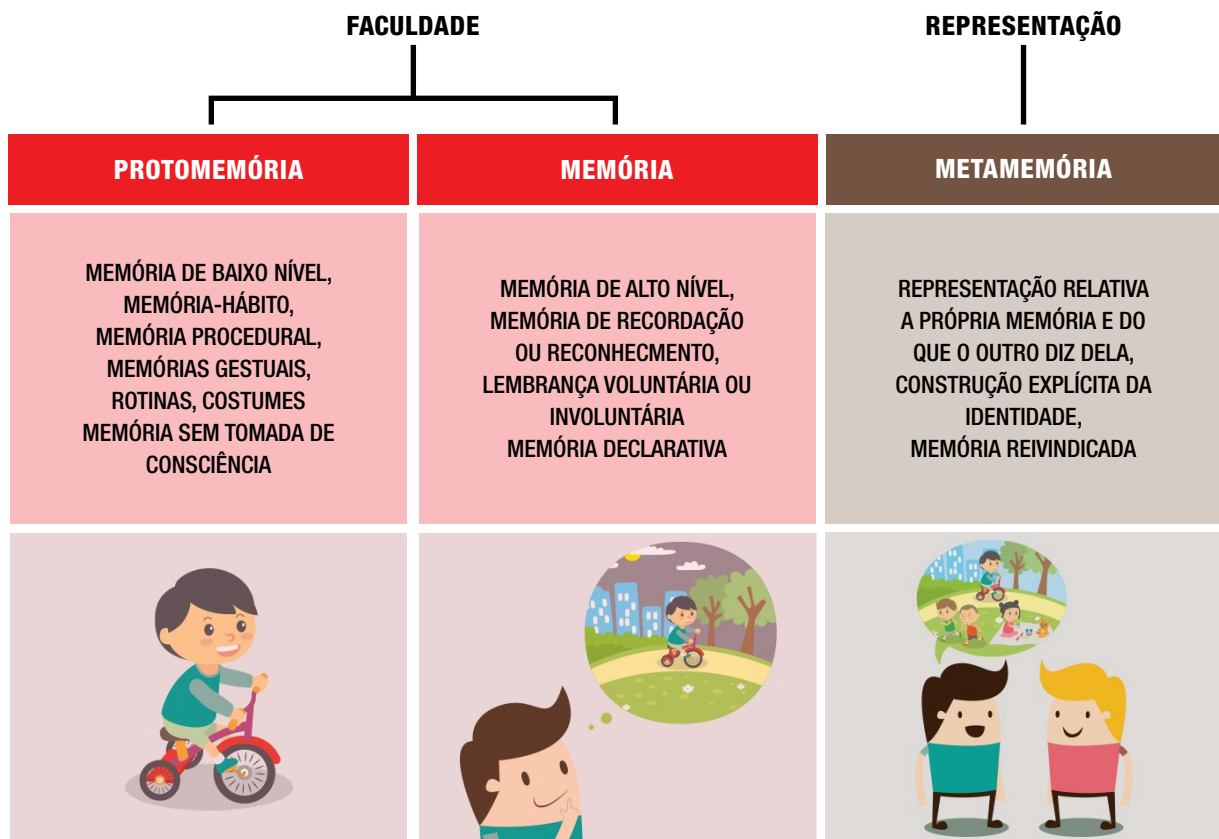
Sob o prisma antropológico de Jöel Candau, autor dos livros *Antropologia da Memória* (2006) e *Memória e Identidade* (2014) — obras essenciais para essa pesquisa —, são sugeridos três níveis para as manifestações da memória: a protomemória, que se aproxima da “memória procedural, a memória repetitiva ou memória-hábito de Bergson” (CANDAU, 2014, p.22), é a memória social incorporada, em que o passado não é representado, mas age pelo corpo, são as rotinas, os hábitos, os costumes.

¹⁸ Assim denominada para humanos porque estes são dotados da capacidade de enquadrar as suas lembranças em símbolos, representações diversas, em uma linguagem passível de ser declarada, verbalizada. Para as demais espécies, esse tipo de memória recebe o nome de explícita e só pode ser verificada através da observação de mudanças comportamentais.

Depois temos a memória das recordações ou dos conhecimentos, cuja evocação pode ser voluntária ou involuntária. É a memória declarativa tanto em seus aspectos semânticos quanto autobiográficos, que “feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral de expansão da memória” (CANDAU, 2014, p.23). Por fim, a metamemória que é a “representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela, e de outro lado, o que diz dela, dimensões que remetem ao modo de afiliação de um indivíduo ao seu passado” (CANDAU, 2014, p.23). A metamemória é o que o sujeito discorre sobre sua memória, o que escolhe evidenciar, o que decide esconder. É a própria construção da identidade (Figura 13).

Dentre essas descrições, as recordações pessoais da infância seriam incluídas entre as memórias episódicas de longa duração e a ideia que cada indivíduo representará sobre a infância recordada, a sua metamemória (IZQUIERDO, 1989; 2013; NELSON, 1993; QUILLFELDT, 2006; CANDAU, 2014).

Figura 13 - Três níveis da memória



Utilizando novamente o exemplo da bicicleta: a protomemória seria o saber pedalar; a memória seria a lembrança dos momentos passeando de bicicleta; e a metamemória seria a representação de alguma dessas lembranças de maneira a explicitar a identidade do sujeito que narra a recordação.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de CANDAU, 2014.

Retornando para o campo neurobiológico, as estruturas cerebrais que possuem protagonismo na formação de memórias declarativas são o hipocampo, a amígdala e o córtex. As memórias ocorrem na relação comunicativa entre neurônios denominada sinapse, o que, tipicamente, é a deflagração de neurotransmissores de um neurônio pré-sináptico para os receptores do neurônio pós-sináptico, desencadeando “sequências complexas de processos moleculares” (IZQUIERDO, 2013, p.12). Porém, essa não é uma ação imediata, ocorre em, pelo menos, três etapas observáveis (IZQUIERDO, 1989; 2013):

- a. aquisição:** processamento inicial das informações, onde os estímulos sensoriais são selecionados, interpretados, codificados. Nessa fase, o hipocampo está envolvido no reconhecimento de estímulos e do ambiente (contexto), se a informação vale a pena ser lembrada ou não. Emoções e estados de humor também influenciam a seleção uma vez que o hipocampo, a amígdala e o córtex recebem terminações nervosas de vias dopaminérgicas, noradrenérgicas, serotoninérgicas e colinérgicas, cujos neurotransmissores (dopamina, noradrenalina, serotonina e acetilcolina respectivamente) possuem grande influência no humor, estado de ânimo, sono e percepções emocionais;
- b. consolidação:** quando as informações adquiridas são progressivamente internalizadas e estabilizadas. Como na aquisição, emoções, afeições e humores também influenciam a consolidação de memórias, bem como sistemas hormonais. Por exemplo, se a adrenalina, uma resposta hormonal ao alerta ou estresse, for liberada moderadamente após o período de aquisição, facilitará a consolidação da memória, ao contrário da liberação excessiva de hormônio onde a consolidação não ocorre. Esta etapa é crucial para determinar se um traço mnésico particular será forte ou fraco;
- c. evocação:** é a lembrança expressa, exteriorizada, a recordação propriamente dita daquilo que foi aprendido e consolidado. Como as fases anteriores, também é sensível a modulação por fatores emocionais, de ânimo e de contexto da própria evocação. Isso porque durante a recordação podem ocorrer duas lógicas distintas, a formação de uma nova memória que agirá sobre a memória original ou a modificação da memória pela incorporação (ou subtração) de informações. Vale ressaltar que não arquivamos dados, sensações e percepções isolados. O que é registrado e o que é evocado é um conjunto complexo de memórias e grupos de memórias associadas em redes que podem ser recordadas como uma única experiência.

Em verdade, fica nítida a influência de emoções e dos estados de ânimo durante as etapas descritas, mas precisamos também salientar a importância do esquecimento subentendido em cada uma delas. Da aquisição à evocação, esquecer é um ativo importante. A memória é, poderíamos arriscar, um trabalho de gestão de esquecimentos. Nem todas as experiências serão codificadas, algumas serão ignoradas e eletivamente esquecidas conforme as necessidades e demais moduladores presentes na ocasião do aprendizado e da evocação. Apenas quando o esquecimento é excessivo, quando de fato envolve a perda de memórias, que é considerado patológico.

Não há dúvida que algum grau de esquecimento é necessário para poder ter uma vida útil. É preciso esquecer para poder pensar; para poder fazer generalizações, sem as quais é impossível desenvolver qualquer atividade cognitiva. É difícil conceber a criação sem esquecimento; o esquecimento diferencia a criação da clonagem (IZQUIERDO, 1989, p.103).

Com relação às lembranças de infância, estudos sugerem que adultos dificilmente evocam memórias anteriores aos dois anos de idade, a média dos relatos aponta para os três anos. O que pode ser observado é que somente a partir da aquisição da linguagem e se a criança é estimulada a compartilhar suas experiências, é que as chances de persistência de uma memória episódica da primeira infância são elevadas (NELSON, 1993).

Segundo Katherine Nelson, psicóloga que há décadas investiga a amnésia infantil e o desenvolvimento da memória episódica, e Robyn Fivush, psicóloga que estuda a relação entre memória e narrativa, a contar do momento em que a criança consegue interagir com adultos através da linguagem, ela passa a ter acesso a estruturas de pensamento que lhe ajudam a organizar as suas próprias memórias.

Na medida em que a criança começa a utilizar a linguagem, os pais começam a conversar sobre eventos passados e futuros com elas, e como documentamos mais tarde, essas conversas têm frequência e características variadas, o que pode desenvolver a mente da criança ou não. É importante dizer que discorrer sobre o passado da criança e sobre eventos aguardados provê suporte para o desenvolvimento do conceito de tempo da criança, em termos de posições temporais específicas no passado e no futuro, uma necessidade de estabelecer ordem na memória autobiográfica (NELSON; FIVUSH, 2004, p.490, tradução nossa).¹⁹

¹⁹ “As infants become language-using toddlers, parents begin to engage in talk about past and future events with them, and as we document later, these conversations also vary in their frequency and characteristics, which may enhance the child’s memory or not. Importantly, discourse about the child’s past and about anticipated events provides support for the child’s developing concept of time, in terms of specific temporal positions in the past and in the future, a necessity for establishing order in autobiographical memory.”

Além disso, as contribuições socioculturais e linguísticas que ocorrem na troca de reminiscências com os pais auxiliam a criança na organização, interpretação e avaliação das experiências passadas de maneira que lhes dão a oportunidade de cultivar a sua própria identidade.

Experiências com formas diferentes de narrativa, em brincadeiras, em histórias e, especialmente, em conversas sobre episódios pessoais, fornece um modelo para organizar as próprias memórias episódicas de um indivíduo no tipo de narrativas que enfatizam a personalidade, motivações, objetivos, resultados, emoções e valores. Praticar com essa organização tem um resultado com duas faces: a criança aprende a contar suas experiências pessoais nos formatos sociais valorizados pela comunidade e adquire uma forma mais coerente que ajuda na retenção de um episódio em sua totalidade, e não apenas fragmentos de cenas (NELSON; FIVUSH, 2004, p.490, tradução nossa).²⁰

Entretanto, reportando-nos ao capítulo anterior, ainda que a criança consolide uma memória sobre suas experiências infantis, é sob a perspectiva de suas limitações biológicas, seu grau de maturidade e repertório próprio que tal processo se dá (TUAN, 1983). Até chegar a fase adulta, diversas mudanças lhe ocorrem tanto em nível orgânico quanto social. Portanto, se uma recordação da infância persiste sendo evocada ao longo dos anos, a criança em si, suas percepções e experiências já não existem. É a partir do adulto e de sua realidade que se dão as modulações na memória a ser evocada.

Também descrevemos que a memória, ao ser processada, consolidada e evocada, é submetida a diversas triagens, acréscimos, eliminações e esquecimentos que a atualizam constantemente. A lembrança manifesta, portanto, não é a totalidade da experiência e do aprendizado em si e nem do que se supõe que tenha sido conservado. Quando falamos da memória individual, mencionamos como moduladores aspectos biológicos idiossincráticos tais quais hormônios, variações de humor, emoções. Contudo, as pesquisas de Nelson e Fivush sobre a formação da memória episódica em crianças demonstraram que os aspectos socioculturais também possuem seu grau de influência.

Foi justamente sobre essa ingerência social que, algumas décadas antes, o sociólogo Maurice Halbwachs se dedicou nas obras *Os Quadros Sociais da Memória* (1925), *Topografia Legendária dos Evangelhos na Terra Santa* (1941) e,

²⁰ "Experience with different forms of narrative, in play, in stories, and especially in talk about personal episodes, provides a model for organizing one's own episodic memories into the kind of narratives that emphasize personhood, motivations, goals, outcomes, emotions, and values. Practice with this organization has a two-sided outcome: The child learns to tell about personal experience in the social forms valued by the community and acquires a more coherent form that aids in the retention of a whole episode, and not just fragments of scenes."

postumamente, *A Memória Coletiva* (1950). Para o sociólogo francês discípulo de Émile Durkheim e de seus fatos sociais que se impõem aos fenômenos psicológicos dos indivíduos, antes de pensar a memória em si, é preciso pensar os contextos sociais que lhe interferem (BOSI, 1994).

É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam. Não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social (HALBWACHS, 2003, p.43).

Para Halbwachs, a memória individual é construída coletivamente, ou melhor, a partir dos diversos grupos com quem nos relacionamos desde o nascimento, com quem estabelecemos uma comunidade afetiva (ou coercitiva, no caso da análise de Michael Pollak, 1989) e, portanto, só pode ser analisada à luz dos contextos sociais que a constituíram. Como grupos de referência, consideramos o universo familiar, escolar, religioso, institucional, cultural, de classe, de afinidades diversas nas quais o indivíduo afiliou-se e de onde articula e localiza as suas lembranças em quadros sociais compartilhados.

“Quadros sociais” ou “contextos sociais” ou “referências sociais” ou “marcos sociais” são para o autor “os instrumentos de que a memória coletiva se serve para recompor uma imagem do passado que concorde em cada época com os pensamentos dominantes da sociedade” (HALBWACHS, 2003, p.10). São estímulos essenciais, conhecimentos preexistentes que estruturam, reorganizam, e auxiliam na reconstrução das lembranças sobre o passado no presente, como a própria linguagem e as relações de espaço e tempo, categorias caras para a memória episódica e para a própria experiência humana, como já mencionado.

Ademais, Halbwachs também se vale da ideia de construção e não de reprodução da memória, uma vez que esta é ancorada aos interesses e às necessidades forjadas no hoje. Para o autor, uma mesma pessoa a respeito de uma mesma experiência do passado é capaz de evocar distintas lembranças e sensações se o contexto de rememoração em que se encontra assim o solicitar.

Não é o passado todo inteiro que exerce sobre nós uma pressão com vista a penetrar em nossa consciência. Não é mais a série cronológica dos estados passados que reproduziria exatamente os acontecimentos antigos, mas são aqueles únicos entre eles que correspondem a nossas preocupações atuais que podem reaparecer. A razão de sua reaparição não está neles, mas na sua relação às ideias e percepções de hoje: não é, pois deles que partimos mas dessas relações (HALBWACHS, 2004, p.170, tradução nossa).²¹

Os grupos fornecem os enquadramentos de referência para as lembranças assim como os testemunhos (de experiências pessoais anteriores ou de outras pessoas, presentes ou não) as apoiam, complementam e reforçam. Sem estes, podemos duvidar do que é lembrado (Foi um sonho? Realmente existiu? Realmente aconteceu?), pois nos faltariam pontos de vista a quem recorrer, confrontar, localizar a memória. Datas, acontecimentos, pessoas e lugares, conhecidos direta ou indiretamente seriam, portanto, segundo Pollak (1992) fazendo eco aos marcos de Halbwachs, os elementos constitutivos da memória.

No que diz respeito a “datas”, Pollak chama de “vestígios datados da história” (1992, p.3), ou seja, o que fica memorizado com uma data precisa, seja esta de cunho privado ou público, uma cronologia da memória ou uma cronologia oficial. Por acontecimentos entendem-se aqueles vividos diretamente e os vividos “por tabela”, ou seja, aqueles vividos pelo grupo, pela coletividade, pela região à qual a pessoa se sente pertencente, sejam ocorridos no mesmo espaço-tempo ou herdados:

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, p.2).

Sobre as “pessoas”, tratam-se tanto daquelas com quem se estabeleceu algum contato direto, como aquelas que, indiretamente, se tornaram conhecidos referenciais, como personagens, personalidades da mesma época ou de épocas passadas. Para os lugares também repetimos a mesma lógica: podem ser próximos, lugares da

²¹ “No es más el pasado en su totalidad que ejerce en nosotros tal presión con la intención de penetrar en nuestra consciencia. No es más la secuencia cronológica de los estados pasados la que reproduciría exactamente los acontecimientos de otro tiempo, únicamente son aquellos recuerdos de entre ellos los que corresponde a nuestras preocupaciones actuales, que pueden reaparecer. La razón de su reaparición no está en los mismos recuerdos, sino a su relación con nuestras ideas y percepciones del presente: no partimos pues de ellos, sino de esas relaciones.”

memória ligados a uma lembrança em particular, uma recordação pessoal da infância, com ou sem apoio em uma cronologia exata; podem ser lugares de comemoração, monumentos referentes a uma coletividade ou lugares distantes (muitas vezes também no tempo) que são cultivados como referência identitária:

Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo. Aqui estou me referindo ao exemplo de certos europeus com origens rias colônias. A memória da África, seja dos Camarões ou do Congo, pode fazer parte da herança da família com tanta força que se transforma praticamente em sentimento de pertencimento (POLLAK, 1992, p.3).

O que demanda observação reforçada é que, ainda que a memória individual se alimente de representações socioculturais compartilhadas, e que, para Halbwachs (2003), possa ser interpretada apenas como um ponto de vista da memória coletiva, ou que necessite de “enquadramentos” externos (POLLAK, 1992) que auxiliem no seu fortalecimento, a peculiaridade do cérebro humano e, consequentemente, do indivíduo que lembra não podem ser negligenciados (CANDAU, 2008).

Destarte, a lembrança é sempre única. Cada pessoa elabora as próprias interpretações e representações do que é recordado ainda que seja um evento compartilhado com outros, ou dito coletivo. É o cérebro humano, portanto, com suas peculiaridades, capacidades e limitações que assume destaque no processamento das impressões sobre o mundo e sobre os traços da memória que serão consolidados ou não, evocados ou não. Recapitulando:

Não existe nem memória estritamente individual, nem memória estritamente coletiva, observação que os psicanalistas fizeram desde há muito tempo a propósito do surgimento da memória. Quando um sopro de memória ocorre, isto implica o desejo do sujeito, mas só pode se expandir ‘no tecido de imagens e linguagem’ propostas pelo grupo. ‘A semente da recordação’, de que fala Halbwachs, precisa de um terreno coletivo para germinar. Além disso, é possível que quando a germinação não ocorra, porque há incompatibilidades entre a base coletiva e o trabalho pessoal da memória (não importa aqui o sentido de rejeição), se atinja sintomas neuróticos, a uma memória selvagem e instável por estar mal arraigado no social (CANDAU, 2006, p.66, tradução nossa).²²

²² “No existen ni memoria estrictamente individual, ni memoria estrictamente colectiva, observación que fue hecha ya hace mucho tiempo por los psicoanalistas en relación con el tema del surgimiento de la memoria. Cuando se produce una bocanada de memoria, ésta implica el deseo del sujeto, pero sólo puede expandirse ‘en el tejido de las imágenes y del lenguaje’ propuesto por el grupo. ‘La semilla de la rememoración’ de que habla Halbwachs necesita un terreno colectivo para germinar. Por otra parte, es posible que cuando la germinación no se logre, porque hay incompatibilidades entre el terreno colectivo y el trabajo personal de la memoria (poco importa aquí cuál sea el sentido del rechazo), se llegue a los síntomas neuróticos, a una memoria salvaje e inestable por estar mal arraigada en lo social.”

Nessa dialética entre o indivíduo e a sociedade, os quadros sociais sustentados por Halbwachs, ou os enquadramentos de Pollak facilitariam “tanto a memorização como a evocação (ou o esquecimento)” (CANDAU, 2014, p.49). A linguagem constitui e organiza os pensamentos (NELSON; FIVUSH, 2004), é “o instrumento decisivamente socializador da memória” (BOSI, 1994, p.56), e os demais marcos, principalmente os ligados ao tempo e ao espaço (cujas acepções provêm de elaborações socioculturais) são também basilares para a memória e para o senso de identidade dos sujeitos.

O que foi antes. O que é agora. O que será depois.

Ontem. Hoje. Amanhã.

A memória liga-se ao tempo e o organiza em três direções:

Uma memória do passado, aquela dos balanços, das avaliações, dos lamentos, das fundações e das recordações; uma memória da ação, absorvida num presente sempre evanescente; e uma memória de espera, aquela dos projetos, das resoluções, das promessas, das esperanças e dos engajamentos em direção ao futuro (CANDAU, 2014, p.60).

A memória episódica, das experiências de cunho autobiográfico, está sempre associada a um determinado tempo e a um determinado espaço. Quanto mais ordenada essa relação, melhor será a persistência e a evocação da lembrança. Contudo, o entrelaçamento entre memória e tempo é ainda maior. Como apontou Piaget (1971), um vasto espaço pode ter seu início e fim visualizados simultaneamente. Basta que, por exemplo, se alcance altura suficiente para uma visão panorâmica ou que se tenha uma imagem da área total em uma dimensão menor. O tempo, por outro lado, não pode ser apreendido da mesma forma. O que ficou para trás está perdido, só pode ser “observado” através da memória (PIAGET *apud* TUAN, 1979, p.392).

Se a passagem do tempo é como uma linha, então a memória dobra a linha em um círculo, ou melhor, em uma espiral, pois sabemos muito bem que quando revisitamos o passado na memória não estamos no passado, mas apenas fizemos o passado presente por um tempo. E sabemos que nosso reviver do passado é imperfeito: esquecemos alguns detalhes, os reprimimos ou os polimos com o glamour da ilusão, da esperança ou do amor (GROSHOLZ, 2009, s.n., tradução nossa).²³

²³ “If time’s passage is like a line, then memory bends the line into a circle, or rather into a spiral, for we know very well that when we revisit the past in memory we are not in the past but have only made the past present for a while. And we know that our reliving of the past is imperfect: we have forgotten some of the details, or repressed them, or polished them up with the glamour of delusion, hope, or love.”

Todavia, “a lembrança do tempo passado não é a lembrança do tempo que passa nem a lembrança do tempo que passou” (CANDAU, 2014, p.65). A duração dificilmente é retomada pela memória que contrai ou expande o tempo conforme a densidade do que foi vivido. O presente pode ser tedioso e lento quando as atividades são repetitivas, rotineiras. Então, prospectivamente, o tempo demora a passar. Porém, dias de igual natureza observados retrospectivamente serão comprimidos pela memória e parecerão mais curtos (HALBWACHS, 2003; CANDAU, 2014; WITTMANN, 2015).

Mudanças contextuais afetam mudanças no ambiente, pensamento ou sentimento. Uma grande quantidade de mudanças percebidas em um período de tempo faz com que a duração se expanda subjetivamente, comparado ao mesmo período vivido sob condições que são monótonas ou pobres em experiência. Quando um período oferece muitas experiências que podem ser lembradas, elas parecem ter durado mais tempo, em retrospecto (WITTMANN, 2015, p.85-86, tradução nossa).²⁴

A infância, com seu acúmulo de experiências, aprendizados, impressões, sensações e descobertas, é ao mesmo tempo curta e infinita: como se todo o tempo do mundo tivesse passado muito rápido.

Também devemos comentar que a ideia de persistir no tempo é uma concepção essencial para a identidade dos sujeitos. Quem se era, quem se é, quem se pretende ser é, como diria Candau (2014, p.59), um “ato de memória”. A memória que organiza o passado para agir no presente em função do futuro, se perdida, leva junto consigo a identidade. Sem memória só há o presente vazio sem significado, não há um “eu duradouro com uma história pessoal e capacidade de influenciar o futuro” (WITTMANN, 2015, p.51).

Mas além de existir no tempo é preciso também fazer sentido no tempo. Para tal, o tempo interno de durações múltiplas e descontínuas se alinha ao tempo externo ordenado e socialmente inteligível. É a linguagem quem segura o fluxo temporal, solidificando-o em uma realidade social visível, compreensível, compartilhável (TUAN, 1979). O tempo vivido é classificado em unidades concretas, mensuráveis que permitem ao indivíduo organizar o seu eu em uma narrativa de identidade coerente para si mesmo e para o outro, isto é, também em negociação com as referências dos outros.

²⁴ “Contextual changes concern changes in environment, thought, or feeling. A large quantity of changes perceived over a stretch of time causes duration to expand subjectively, compared to the same span spent under conditions that are monotonous and poor in experience. When a period offers many experiences that can be recalled, it appears to have lasted longer in retrospect.”

Nessa construção da identidade [...] há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados [...] Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p.5).

“Quem somos, o que fazemos, o que queremos” (WITTMANN, 2015, p.51) é o enredo da consciência de si no presente, da narrativa guarnecida pelo trabalho da memória, quando “o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido” (CANDAU, 2014, p.61).

Eventos e comemorações ajudam a domesticar o tempo e orientar a memória, servindo de referência para a identidade dos indivíduos. Contudo, o ato narrativo de si é estruturado mais em função dos acontecimentos da vida dos sujeitos do que em relação ao tempo coletivo do calendário (a menos que a figura pública, política seja mais preponderante do que a pessoal, privada). Percebem-se na cronologia pessoal os quadros sociais de maior estima, com destaque para os marcos familiares. Nascimentos de filhos, aniversários de parentes, viagens de férias com a família, perdas de entes queridos, entre outros eventos, frequentemente organizam o fio da lembrança no lugar de dias e anos (POLLAK, 1992; CANDAU, 2014).

O que é mandatório lembrar sobre a questão da identidade é que, assim como a memória, aquela também é construída e atualizada conforme as motivações do presente. E que, ainda, a imagem que se tem de si no hoje (ou que se espera ter/manter no futuro) impregna a lembrança e reforça a ideia de que não há reprodução fiel da coisa lembrada, “mas outra coisa, plena de toda a complexidade do sujeito e de sua trajetória de vida” (CANDAU, 2014, p.65).

Sendo assim, somos o que lembramos (IZQUIERDO, 1989) e como representamos o que lembramos ser. A identidade é narrativa, é discurso, é performance, é ao mesmo tempo estrutura e processo (WILSON, 2014). Estrutura porque se organiza em torno de um “núcleo de sentidos, constituído por elementos do passado relativamente estabilizados” (CANDAU, 2014, p.77), e processo porque é um trabalho de classificações, triagens, esquecimentos, reinterpretções, estratégias diversas que se ajustam às condições de enunciação, isto é, em relação ao outro, ao que podemos, ao que sentimos, ao que

acreditamos no momento da evocação e ao que o contexto social demanda e faz eco (CANDAU, 2014; HALBWACHS, 2003).

A noção de identidade depende da ideia de memória, e vice-versa. O significado central de qualquer identidade individual ou de grupo, ou seja, um sentimento de continuidade ao longo do tempo e do espaço, é sustentado pela lembrança; e o que é lembrado é definido pela identidade assumida. Precisamos lembrar que as memórias e identidades não são coisas fixas, mas representações ou construções da realidade, fenômenos subjetivos e não objetivos. Estamos constantemente revisando nossas memórias para atender às nossas identidades atuais (GILLIS, 1994, p.3, tradução nossa).²⁵

Através da narrativa identitária que emerge da memória, o sujeito busca continuidade temporal. Relembrar quem se foi, ter consciência das experiências passadas, confirma quem somos ao nos ligar “aos nossos eus anteriores, por mais diferentes que tenhamos nos tornado” (LOWENTHAL, 2015). Somos autores e leitores (RICOUER, 1997) de uma história em andamento. Um emaranhado de tempos acessados e trabalhados pela memória que também é movimento.

Mas os tempos da identidade que se espacializam na linguagem (TUAN, 1979), no que se rememora e se conta de si também se espacializam nos lugares. Espaços que testemunham a coerência do eu, que tornam o tempo dos sujeitos tangível conferindo-lhes um sentimento de ordem, estabilidade e continuidade. Porque tudo acontece em um espaço e nós mesmos ocupamos espaço. E, enquanto vivemos, somos moldados e moldamos o ambiente ao redor conferindo-lhe sentidos, (HALBWACHS, 2003), tornando-os cúmplices de nossos tempos, lugares impregnados de lembranças, que estruturam identidades e onde é possível estabelecer relações emotivas e desenvolver o desejo de apego (PROBYN, 2016), ou seja, o sentimento de pertencimento.

Eu venho de pessoas que acreditam que o lugar-lar é tão vital e necessário quanto o bater de seu próprio coração. É essa única casa onde você nasceu, onde viveu sua infância, onde você cresceu até a idade adulta. É a sua âncora no mundo, aquele lugar, junto com a memória de seus parentes na longa mesa de jantar todas as noites e o conhecimento de que eu sempre existiria, se não fosse em parte alguma, mas na memória (CREWS, 1995, p.16, tradução nossa).²⁶

²⁵ “The notion of identity depends on the idea of memory, and vice versa. The core meaning of any individual or group identity, namely, a sense of sameness over time and space, is sustained by remembering; and what is remembered is defined by the assumed identity. We need to be reminded that memories and identities are not fixed things, but representations or constructions of reality, subjective rather than objective phenomena. We are constantly revising our memories to suit our current identities.

²⁶ “I come from people who believe the home place is as vital and necessary as the beating of your own heart. It is that single house where you were born, where you lived out your childhood, where you grew into young manhood. It is your anchor in the world, that place, along with the memory of your kinsmen at the long supper table every night and the knowledge that I would always exist, if nowhere but in memory.”

Sobre os sentidos de pertença, estes “são moldados por e articuladas sobre as manifestações materiais e simbólicas do lugar que emergem de experiências individuais e compartilhadas de viver em um lugar” (BAKER, 2012, p.25). Ainda que algumas linhas de pensamento, apoiadas nas teorias da pós-modernidade e da globalização, desconsiderem o impacto da materialidade por se viver em uma era de fluidez, mobilidade e de fluxos, em que a identidade apoiada a lugares como a cidade natal se torna praticamente inconcebível, “as identificações e as relações entre as pessoas com o lugar são, em vez disso, muito mais complexas do que ‘a pertença enraizada’ ou a ‘mobilidade sem raízes’” (BAKER, 2012, p.26).

[...] os objetos ancoram o tempo, e o lugar, embora mudando, nos permite recapturar nossa história pessoal. Os locais de memória, então, podem incluir lugares geográficos e suas características físicas, tais como monumentos, edifícios e exposições públicas, bem como seus atributos mais simbólicos, tais como memórias compartilhadas, ocorrências históricas, mitos de origem e o sentido individual de cada um sobre si mesmo nesse lugar (BAKER, 2012, p.26, tradução nossa).²⁷

O sentido de pertença de um indivíduo a um lugar é processo. Histórias pessoais e do lugar se confundem e são enquadrados tanto pelos sentidos imaginados, quanto pela materialidade dos espaços, objetos e coisas, que “proporcionando um ímpeto para o pertencimento coletivo, pode se estender aos demais habitantes daquele lugar” (BAKER, 2012, p.26).

O conhecimento compartilhado das ruas, dos marcos e da paisagem material, e os impactos sensoriais que esta materialidade tem sobre o corpo, podem atuar como forças vinculantes, que conectam as pessoas ao lugar e, através deste senso compartilhado de lugar, conectam as pessoas umas às outras de forma imaginária (BAKER, 2012, p.28, tradução nossa).²⁸

Contudo, os lugares em que o tempo visível ancora a memória, a identidade e o pertencimento de pessoas e grupos; espaços, coisas, objetos que contam histórias, “refletem o passado e presumem um futuro” (LOWENTHAL, 2015), nem sempre ultrapassam a tênue linha entre ser um *lugar de lembranças* (POLLAK, 1992) e ser um *lugar nostálgico*. Para este último, é preciso ir além da mera recordação, é preciso

²⁷ [...] objects anchor time, and place, though shifting, allows us to recapture our personal history. Sites of memory, then, can include geographical places and their physical features such as monuments, buildings, and public displays, as well as their more symbolic attributes, such as shared memories, historical occurrences, origin myths, and each individual's sense of her or his self within that place.

²⁸ Shared knowledge of streets, landmarks, and the material landscape, and the sensory impacts this materiality has on the body, can act as binding forces, which connect people to place and, through this shared sense of place, imaginatively to each other.

ativar um sentimento que torne o passado presente, ou voluntariamente, através do trabalho da inteligência e dos pensamentos, ou involuntariamente, através de um ímpeto espontâneo, sem qualquer esforço empregado para lembrar e sentir (PROUST, 2006).

Seja como for, para entendermos o *lugar nostálgico*, ainda ficamos com uma questão pendente: o que é nostalgia?

1.1.3 Nostalgia

*I don't want to repeat my innocence. I want the
pleasure of losing it again.²⁹
(FITZGERALD, 2008, s.n.)*

Emoções só se tornam acessíveis ao entendimento quando nomeadas, quando ligadas a palavras (STAROBINSKI, 1966). A priori, são questões íntimas, confusas, inexprimíveis (TUAN, 1979), um eterno estado de vir a ser até que se tornem coisas isoladas através da linguagem (BERGSON, 2011). Com a nostalgia o entendimento parte dessa premissa. Com a própria saudade, sentimento que, na maioria das vezes, se confunde com o primeiro, não é diferente. A propósito de significado tão próximo entre esses dois termos que, um breve desvio deve ser feito e, antes de chegarmos à nostalgia, precisamos falar de saudade.

Ao interpretar, à luz da filosofia, os principais temas abordados na obra musical de Paulinho da Viola (2014), Pereira Júnior (2014), doutor em Filosofia e Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, dedica algumas páginas para tratar da saudade. Em sua tese, o autor relata que até o século XIII, a palavra ainda não mostrava traço de existência, uma vez que é possível verificar no Summa Teológica de Tomás de Aquino (escrita entre os anos de 1265 a 1273), a descrição de uma emoção ambivalente, dolorida, mas deleitável — muito similar ao sentimento saudoso —, porém, sem qualquer associação a um termo específico:

²⁹ “Eu não quero repetir a minha inocência. Eu quero o prazer de perdê-la novamente” (tradução nossa).

Nada impede que um dos contrários seja acidentalmente causa do outro. Assim, a tristeza pode ser causa do deleite. Em primeiro lugar, enquanto a tristeza pela ausência de algo ou pela presença do contrário busca com mais veemência aquilo em que deleitar-se [...] A própria dor pode ser deleitável acidentalmente, quando está acompanhada de admiração, como nos espetáculos, ou quando evoca a lembrança da coisa amada e faz sentir o amor daquilo, cuja ausência é dolorida. Deste modo, sendo o amor deleitável, tanto a dor como tudo o que provém do amor é deleitável, enquanto fizer sentir o amor (AQUINO, 1989, p.302, tradução nossa).³⁰

Pereira Júnior também evidencia que a palavra saudade (grafada como tal e não as variações *saydade*, *soidade*, *suidade*) vinculada ao sentido de lembrança mesclada ao desejo de algo ausente, a “dor gostosa da ausência”, aparece apenas no século XV, consolidando-se de fato no século XIX. Morfologicamente, deriva do latim *solītas, ātis* que significa a “solidão provocada pela falta de alguma coisa” (PEREIRA JÚNIOR, 2014, p.154), de onde também derivam as palavras *soledad* em espanhol e *soledat* em catalão, esses dois últimos casos, porém, tratando apenas do sentimento provocado pela falta do lar. A carga de significados sintetizados em saudade sugere que, além de “*soletate* (soledade, isolamento), [a palavra] haveria também recebido a influência do árabe *saudá* ou *saud* (melancolia)” (PEREIRA JÚNIOR, 2014, p.154), fazendo com que o termo, como observou o historiador Joaquim Nabuco (1909), só possa ser traduzível a um anglo-saxão, por exemplo, utilizando-se não apenas uma palavra, mas quatro: *remembrance* (lembrança), *love* (amor), *grief* (pesar) e *longing* (anseio).

No dicionário Houaiss, a saudade aparece como um “sentimento mais ou menos melancólico de incompletude, ligado pela memória a situações de privação da presença de alguém ou de algo desejável” (HOUAISS, 2012), enquanto o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010) descreve o sentimento como uma “lembrança nostálgica” do distante ou do que não existe mais, “acompanhado do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las”, um sinônimo para nostalgia que, por outro lado, é definida também como saudade, principalmente aquela causada pelo afastamento da terra natal, tristeza sentida pelo exilado (DICIONÁRIO INFOPÉDIA, 2003; FERREIRA, 2010; HOUAISS, 2012). Porém, ainda que nos dicionários apareçam como sinônimo no que diz respeito ao sentimento de “falta de algo”, a palavra nostalgia carrega, primeiramente, um

³⁰ “Nada impide que uno de los contrarios sea accidentalmente causa del otro. Y así, la tristeza puede ser causa de la delectación. En primer lugar, en cuanto que la tristeza por la ausencia de una cosa o por la presencia de la contraria busca con más vehemencia aquello en que deleitarse [...] El dolor mismo puede ser deleitable accidentalmente, en cuanto está acompañado de admiración, como en los espectáculos, o en cuanto evoca el recuerdo de la cosa amada y hace sentir el amor de aquello cuya ausencia resulta dolorosa. De ahí que, siendo el amor deleitable, tanto el dolor como todo lo que proviene del amor sea deleitable, en cuanto ello hace sentir el amor.”

significado específico de saudade, que é a saudade da pátria, de um lugar de origem, do que foi deixado para trás, que não justificaria, no entanto, a nostalgia que persiste mesmo depois que se tenha retornado ao lar da infância, como aludido por Immanuel Kant em seu *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático* (1798), a respeito dos nostálgicos suíços:

A saudade de casa dos suíços [...] que os acompanha quando são transferidos para outros lugares, é o efeito de uma saudade que é estimulada pela lembrança de uma vida livre de preocupações e da companhia da vizinhança de sua juventude, uma saudade dos lugares onde eles aproveitaram os simples prazeres da vida. Depois, quando eles visitam esses lugares, eles se desiludem e até mesmo têm sua saudade de casa curada. Para se certificarem, eles racionalizam que tudo se transformou, mas na verdade são eles que não conseguem trazer sua juventude consigo (KANT *apud* ILLBRUCK, 2012, p.131, tradução nossa).³¹

Nesse trecho, o filósofo referia-se a uma doença que aparecera um século antes na dissertação médica de Johannes Hofer (1688). O neologismo nostalgia (do grego *nostos*, regresso ao lar e *algos*, dor ou sofrimento) enfatizava como doença o *Heimweh* (em alemão, dor sentida por não se estar na terra natal), uma condição observada entre os mercenários suíços alocados na França. Embora o termo na literatura médica soasse como novidade, a inspiração vinha de Odisseu que, mesmo seduzido pela beleza imortal da ninfa Calipso, negava-se a desfrutar de seus encantos e de uma vida feliz ao seu lado na ilha Ogígia, pois ansiava pela esposa Penélope, pelo *nostos*, pelo lar que havia deixado para trás (SEDIKIDES *et al.*, 2008):

Sublime deusa,
Não te agraves portanto; eu sei que em tudo
A prudente Penélope transcendes,
Nem da morte és escrava ou da velhice;
Mas para os lares meus partir suspiro.
Se um deus me empece, como os já passados,
Suportarei constante os outros males (HOMERO, 2009, p.62).

Além da poesia de Homero e do *Heimweh* sentido pelos alemães, também se falava em *Maladie du Pays* (“sofrimento pela ausência da pátria”) na França, de Saudade em Portugal e do *El Mal de Corazón* (“a moléstia do coração”) entre os

³¹ “The homesickness of the Swiss [...] which befalls them when they are transferred to other lands, is the effect of a longing that is aroused by the recollection of a carefree life and neighborly company in their youth, a longing for the places where they enjoyed the very simple pleasures of life. Later, when they visit these places, they there find their anticipation deceived and thus even their homesickness cured. To be sure, they think that everything has been wholly transformed, but in fact it is that they cannot bring back their youth with.”

soldados espanhóis do exército de Flandes. Porém, foi somente a partir do trabalho de Hofer que o sentimento nostálgico passou a ter as suas características psicológicas e fisiológicas detalhadas, sendo encarado como uma doença cujos sintomas iam do desânimo melancólico, a crises de choro, de distúrbios alimentares a tentativas de suicídio (ROSEN, 1975; DAVIS, 1977). Enquanto condição associada particularmente aos suíços, logo a nostalgia foi encarada como uma fraqueza desonrosa para a juventude daquele país, levando o médico Jean-Jacques Scheuchzer, em 1705-06, a propor uma “explicação mecânica” que atribuía à pressão atmosférica o agente exterior pelo qual os jovens soldados eram mais propensos a sofrer com a enfermidade (STAROBINSKI, 1966; ROSEN, 1975):

Como os suíços vivem nas montanhas, afirmou, eles inspiram um ar refinado que também é levado ao corpo pela comida e pelas bebidas. Quando eles descem à planície, as delicadas fibras da pele são comprimidas, o sangue é levado à força para o coração e para o cérebro, a circulação se torna mais lenta e o organismo não resiste aos efeitos nocivos, a ansiedade e as saudades de casa se sobrepõem (ROSEN, 1975, p.343, tradução nossa).³²

Não demorou para a doença se espalhar entre soldados de outras nações e demais classes de pessoas. Até o fim do século XVIII, já era clinicamente atestada como um mal democrático, reconhecido pelos médicos em toda a Europa como passível de ocorrer não somente entre os soldados suíços, mas em qualquer grupo étnico e social (ROSEN, 1975). Condicionada à enfermidade, a nostalgia poderia ser fatal, mas tratável, e os remédios prescritos variavam entre ópio, aplicação de sanguessugas, sessões de hipnose, que obviamente não funcionavam tão efetivamente quanto enviar o doente de volta para casa — ou enterrá-lo vivo, ameaça feita por um general russo em 1733, que com o objetivo de não perder soldados para a moléstia, obteve bastante sucesso após a medida drástica. Tornou-se notório que, em um período de popularização do sentimento enquanto doença, também se popularizou a doença enquanto desculpa fraudulenta para escapar da vida militar (STAROBINSKI, 1966).

No entanto, foi com o movimento romântico no final do século XVIII e início do século XIX, que o sentimento encontrou um terreno fértil para propagar-se. Mesmo período, inclusive, em que a palavra entrou para o português a partir do francês *nostalgie* (CUNHA, 2010).

³² “Since the Swiss live in the mountains, he asserted, they inhale a refined air which is also carried into the body by food and drink. When they descend to the lowlands, the delicate fibres of the skin are compressed, the blood is forced into the heart and brain, its circulation is slowed, and if the individual’s body cannot resist the deleterious effects, anxiety and homesickness supervene.”

Nostalgia é uma emoção histórica que nasceu nos tempos do Romantismo e é contemporânea ao nascimento da cultura de massa. Começou como um “boom” de memória no começo do século XIX que transformou a cultura de salão dos educados habitantes urbanos e donos de terra em um ritual de comemoração de sua juventude perdida, energia perdida, danças perdidas, chances perdidas. Com o aperfeiçoamento da arte de álbuns, a prática de escrever poemas, desenhar figuras e deixar flores secas e plantas em um álbum feminino, qualquer flerte estava à beira de se tornar um *memento mori* (BOYM, 2001, s.n., tradução nossa).³³

Entre o final do século XIX e início do século XX, com os progressos feitos nas áreas de patologia e bacteriologia, e em melhorias no tratamento de soldados e marinheiros — ainda os mais atingidos pelo mal —, paralelamente ao processo de urbanização na Europa — que abriu espaço para as grandes cidades e para os avanços nos meios de transportes, impulsionando e facilitando o deslocamento maior de pessoas (STAROBINSKI, 1966), os casos de nostalgia foram desaparecendo dos hospitais, saindo das “repercussões orgânicas” e passando a fazer parte da literatura psiquiátrica, onde passou de doença para uma reação associada a problemas de adaptação à nova realidade que se desenhava, ou então, como defendia o médico Theodore Calhoun, a uma pura e simples fraqueza de caráter relacionada a preguiçosos avessos ao progresso (BOYM, 2001).

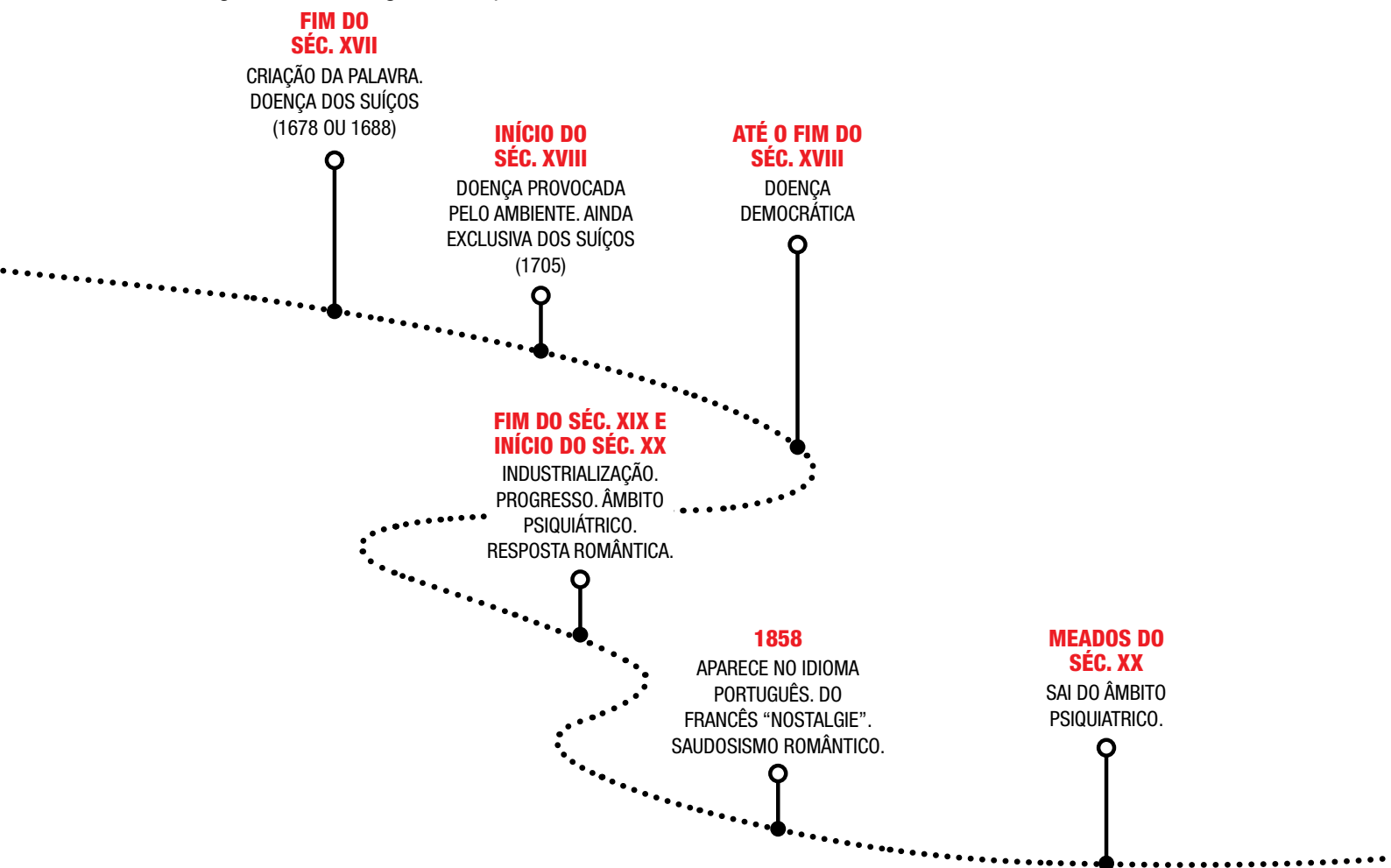
Em meados do século XX, o uso técnico da palavra nostalgia na psiquiatria também foi desprezado. Novos termos passaram a ser utilizados para descrever os sintomas e indisposições que antes eram considerados do cunho nostálgico e a nostalgia em si passou a receber aplicações metafóricas, românticas, deixando de ser relacionada menos a geografia e mais ao anseio agri-doce pelo passado onde os “prazeres simples da vida”, conforme avaliou Kant, foram vividos. Para a vontade de retornar/ falta da terra natal, então, concentrou-se na utilização de terminologias como *homesickness*, *maladie du pays*, *heimweh* e o cunho da nostalgia que antes era espacial, passou a ser temporal, assim como a doença fatal passou a ser encarada apenas como um sentimento ambivalente, agri-doce, envolvendo nuances de felicidade e de tristeza (DAVIS, 1977; SEDIKIDES *et al.*, 2008) (Figura 14).

Em alguns dicionários de língua portuguesa, a palavra nostalgia possui como extensão de sentido o “desejo de voltar ao passado” (HOUAISS, 2012), de ligeira tristeza

³³ “Nostalgia as a historical emotion came of age at the time of Romanticism and is coeval with the birth of mass culture. It began with the early-nineteenth-century memory boom that turned the salon culture of educated urban dwellers and landowners into a ritual commemoration of lost youth, lost springs, lost dances, lost chances. With the perfection of album art, the practice of writing poems, drawing pictures and leaving dried flowers and plants in a lady’s album, every flirtation was on the verge of becoming a *memento mori*.”

por lembranças vividas em outro tempo (MICHAELIS, 2015), de saudade do passado, de outra época (LÉXICO, 2009). Em espanhol, o significado ampliado também associa o sentimento à tristeza oriunda de uma felicidade perdida que é recordada (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2016); e em inglês, o significado original de saudade da pátria e do lar deu lugar ao desejo saudoso de retorno — através da memória — ao passado, ao agridoce anseio por um tempo já vivido (DICTIONARY.COM, 2016).

Figura 14 - Nostalgia no tempo



Fonte: Elaborado pela autora.

Então, em linhas gerais, vimos que a nostalgia deu nome a uma doença que se caracterizava pela angústia de se estar distante da terra natal e a consequente vontade de retorno. Nesses termos, ela poderia levar à morte e atingia principalmente soldados em missões no estrangeiro, marinheiros além-mar e demais cidadãos que, por razões diversas, precisavam se mudar para longe de casa (BOYM, 2001), para longe dos “cuidados maternos” (HOFER *apud* ROSEN, 1975, p.341).

De uma condição médica a uma “dor gostosa da ausência”, conforme comentado anteriormente, a nostalgia é utilizada como sinônimo de saudade e vice-versa. O caráter ambivalente dos dois sentimentos os aproxima, a sutileza que os separa residiria na compreensão feita por Kant ainda no século XIX: o mal dos suíços não desaparecia ao retornarem ao lar da infância, pois o objeto da nostalgia não é o anseio pelo lar, nem pelas pessoas, nem por objetos, mas sim pelo passado que eles recordam (CANDAU, 2014), ou melhor, pelo tempo que carregam em si. Assim, nem toda saudade poderia ser considerada nostalgia, mas toda nostalgia seria, sim, um tipo de saudade. Nostalgia é a saudade do tempo.

Por certo, a saudade de retornar à casa da infância pode ser saciada, mas também pode despertar a nostalgia do tempo em que se era um jovem que reservava as tardes para a leitura descompromissada no sofá, por exemplo. Ainda que a casa, o sofá e o livro permaneçam os mesmos, quanto a isso, será possível quitar a falta de não os ter sempre por perto. O passado que eles carregam, no entanto, é atingível e desfrutado apenas pela memória e pelo sentimento nostálgico que reverbera no corpo. Até mesmo a leitura do livro, como a leitura feita durante a juventude, será inalcançável (HALBWACHS, 2004).

Nesse ponto, precisamos enfatizar que a nostalgia tratada nessa dissertação não se equivale ao ato de lembrar ou sentir-se fascinado pelo passado (qualquer passado) em si, mas uma emoção prevalente (reconhecível em diversas faixas etárias, gêneros, nacionalidades, classes sociais), um anseio saudoso, voluntário ou involuntário, por certo tempo pretérito de cunho pessoal (não necessariamente real ou distante) que, no presente, é re-experenciado através da recordação (DAVIS, 1977; HOWARD, 2012; WILSON, 2014; SEDIKIDES et al., 2015).

Estes devaneios nostálgicos podem ser desencadeados por estados internos, como a solidão, o tédio, a falta de um sentido para a vida, ausência de algo ou alguém, senso de descontinuidade histórica e/ou autobiográfica, angústia, autorreflexão (SEDIKIDES et al, 2015), pela percepção do tempo incorporado em sinais sensoriais, lugares, coisas ou pessoas, e/ou por uma combinação destes estímulos externos e estados internos (SEDIKIDES et al, 2015). Em síntese, o sentimento pode ser considerado um tipo de autoafirmação (SEDIKIDES et al, 2015) ao realçar as lembranças que farão parte da narrativa de identidade do sujeito (DAVIS, 1977; WILSON, 2014).

Apesar de a nostalgia possuir como objeto um passado irrecuperável, a relação com essa temporalidade varia conforme os contextos do presente, dos

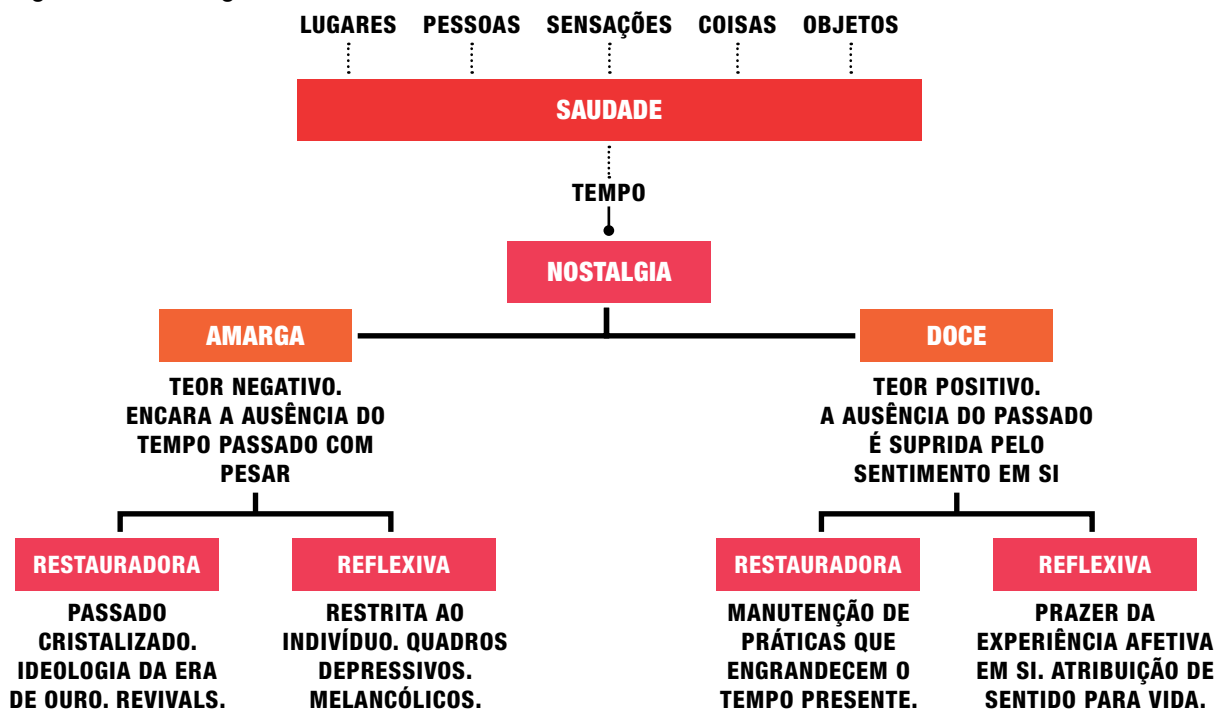
trabalhos da memória e da percepção que se dá ao fluxo do tempo (CANDAU, 2014), o que, portanto, nos impede de interpretar toda experiência nostálgica da mesma forma. Exemplo disso aparece nos trabalhos do grupo de pesquisa sobre nostalgia da Universidade de Southampton (Reino Unido)³⁴. Neles identificou-se o sentimento nostálgico como predominantemente positivo, porém, eventualmente, servia mais para reforçar aspectos negativos do presente em relação ao passado do que para trazer benefícios psicológicos àqueles que o experienciavam — o que denominaram como uma “diferente casta” da emoção (SEDIKIDES et al, 2015, p.44). Assim, sugerimos a elaboração de duas categorias para o sentimento: a **nostalgia-amarga**, que tende para os tons negativos, pois encara a ausência do tempo passado com pesar, insegurança, ressentimento; e a **nostalgia-doce**, de teor positivo, em que a ausência do passado é suprida, com prazer, pelo sentimento em si.

No livro *The Future of Nostalgia*, a pesquisadora de literatura comparada Svetlana Boym, também sugere duas tipologias: a nostalgia restauradora e a nostalgia reflexiva. A primeira abraça a tentativa de reconstruir o passado, trazê-lo de volta para o presente; enquanto que a segunda salienta apenas a experiência nostálgica em si, seja ela prazerosa, irônica ou crítica (BOYM, 2011).

Ambas as classificações são aplicáveis tanto à nostalgia-amarga — uma vez que o ressentimento com relação ao presente e o engrandecimento do passado podem alcançar uma dimensão mais reflexiva, ficando restrita ao eu (contribuindo, assim, para estados depressivos e melancólicos), ou possuir aspectos ofensivos, restauradores, como *revivals* nacionalistas e religiosos (BOYM, 2011); quanto à nostalgia-doce — em que o prazer provocado pelo sentimento pode repercutir igualmente de modo reflexivo, o sentir em si que eleva a autoestima e facilita a ideação de um futuro otimista (SEDIKIDES et al, 2015); ou restauradora, quando o arrolamento positivo com o sentimento motiva a manutenção de práticas, costumes, comemorações, festividades que se somam ao tempo presente, engrandecendo-o. Assim, independente dos atributos restauradores ou reflexivos, na nostalgia-amarga existe um encolhimento do presente, uma vez que este é sufocado pelo passado, enquanto que na nostalgia-doce é o presente quem empresta do passado sensações e representações que lhe ampliam a densidade (Figura 15).

³⁴ Disponível em <<http://www.southampton.ac.uk/nostalgia/>>. Acesso em: 26 set. 2015.

Figura 15 - Nostalgias



Fonte: Elaborado pela autora.

Mencionamos que estados internos como a solidão, o tédio, a ausência de algo ou alguém, o senso de descontinuidade pessoal costumam ser gatilhos para a nostalgia. Por isso, o sentimento nostálgico é frequentemente associado apenas à fórmula que implica **(1) avaliar o presente negativamente em detrimento a um passado melhor e mais desejável**. Essa perspectiva é dominante na discussão acerca do sentimento, aliás. Mas veremos que não é a única. O que, no entanto, devemos atentar é que, a narrativa nostálgica manifestada dessa forma é um convite para se pensar sobre os porquês do *status quo* ser preterido e se as perspectivas do horizonte de espera do passado contêm qualidades e soluções a serem analisadas para o presente (CANDAU, 2014).

Manifestando nostalgia por um passado pintado com cores de “velhos bons tempos”, o narrador faz uma crítica da sociedade atual que pode trair a exigência subjacente de mudanças para o futuro. O conteúdo da narrativa é, nesse caso, uma negociação entre uma certa representação do passado e um horizonte de espera (CANDAU, 2014, p.89).

Ora, mas se sugerimos que nem toda narrativa nostálgica se resume ao anseio por um passado superior (mais luxuoso ou mais simples ou mais seguro ou mais emocionante) que o presente (HOWARD, 2012), quais narrativas ainda poderiam ser consideradas? A própria categorização entre nostalgia-amarga e nostalgia-doce (de cunho restaurador ou reflexivo) aponta para as demais possibilidades:

- (2) do presente em harmonia com o passado;**
- (3) de redenção;**
- (4) do futuro ameaçador;**
- (5) do passado do futuro;**
- (6) do fenômeno *Proustiano*.**

Na segunda situação, a concepção de um passado melhor não necessariamente exige um presente pior (real ou imaginado como tal), pelo contrário (BATCHO, 1995). Apenas indica que o tempo vivido possui qualidades passíveis de provocarem nostalgia (decerto de matiz doce) e que, tentar manter a temporalidade e o sentimento acessíveis (seja através de objetos, músicas, contatos sociais, ações diversas), não implica negação do presente, mas somam-se a ele. Uma espécie de “desejo pelo re-encantamento” (PICKERING; KEIGHTLEY, 2006).

Você pergunta o que a nostalgia me parece? Parece-me como um velho casaco de tweed. Aquilo permanece vivo. Fica por perto, e o casaco de tweed que vi na loja ontem é igual ao que me lembro de quando era criança [...]. Talvez eu compre o casaco de tweed, mas vou incorporá-lo à minha realidade atual (DAVIS, 1977, p.420-421, tradução nossa).³⁵

No terceiro cenário, a nostalgia aparece como produto de lembranças difíceis que se tornaram parte de um repertório de redenção, isto é, quando se atribuiu às dificuldades do passado novos significados e ao futuro, e não ao que já passou, a aura de bons tempos (SEDIKIDES et al., 2008; LOWENTHAL, 2015). Um passado de pobreza e dificuldades, por exemplo, pode ser sentido nostalgicamente quando o contexto de rememoração e as possibilidades para o amanhã o ressignificam sob o prisma de que “foi tudo pelo melhor” (DAVIS, 1977, p.418).

Muitas narrativas continham descrições de decepções e perdas, e algumas tocavam em assuntos como separação e até mesmo a morte de entes queridos. Contudo, elementos positivos e negativos eram frequentemente sobrepostos para criar redenção, uma narrativa padrão que progride de um estado negativo ou indesejado (por exemplo, sofrimento, dor, exclusão) para um estado positivo ou desejado (por exemplo, aceitação, euforia, triunfo) (SEDIKIDES et al., 2008, p.305, tradução nossa).³⁶

³⁵ “You ask what nostalgia feels like to me? It feels like an old tweed coat. That stuff stays alive. It stays around, and the tweed coat I saw in the store yesterday is just like the ones I remember from when I was a kid [...] Maybe I’ll get the tweed coat, but I’ll incorporate it into my current reality.”

³⁶ “Many narratives contained descriptions of disappointments and losses, and some touched on such issues as separation and even the death of loved ones. Nevertheless, positive and negative elements were often juxtaposed to create redemption, a narrative pattern that progresses from a negative or undesirable state (e.g., suffering, pain, exclusion) to a positive or desirable state (e.g., acceptance, euphoria, triumph).”

No quarto modelo, a nostalgia surge das inseguranças e incertezas acerca do futuro. Incertezas essas que também reverberam no presente, tomando-o de sensações negativas que acabam por transformar o ontem na única fonte de energia e no único *futuro* possível. O que o diferencia do primeiro modelo (sobre a inferioridade do presente) é que, naquele caso, um presente comprometido também pode se lançar para a esperança das utopias futuristas (LYNCH, 1975; HUYSEN, 1995; 2000). Porém, uma vez embaçado também o futuro, mesmo um passado difícil pode se tornar nostálgico.

[...] no interior da sociedade camponesa da Vendeia estudada por Bernadette Bucher, em que essa memória dos velhos tempos não funciona de acordo com esquemas clássicos: os membros da comunidade estão divididos entre a lembrança da dura realidade do passado (água a ser retirada de poços, trabalhos braçais etc.) e o medo de que as melhorias trazidas pelo progresso contribuam para o declínio de valores que davam a essa comunidade o sentido de sua identidade (CANDAU, 2014, p.89).

Quanto ao quinto tópico, nos referimos à nostalgia antecipatória, quando a saudade de um determinado tempo ocorre paralelamente a experiência do mesmo, em outras palavras, quando o presente é percebido como o passado que, em um futuro hipotético, será objeto da nostalgia (LOWENTHAL, 2015; BATCHO; SHIKH, 2016). O presente, então, disposto como o passado do futuro, pode tanto ser vivido plenamente — para que o olhar para trás proporcione uma nostalgia-doce; ou sufocado pelo desejo de mantê-lo para sempre, resultando em uma nostalgia-amarga (BATCHO; SHIKH, 2016).

Como ela podia sentir nostalgia quando ele estava bem diante dela? Como você pode sofrer pela ausência de uma pessoa presente? Você pode sofrer de nostalgia na presença do amado se vislumbrar um futuro onde o amado não está mais (KUNDERA, 1998, p.76).

Já o fenômeno *Proustiano* envolve o arrebatamento nostálgico-doce fruto de uma lembrança involuntária confundida com o próprio passado revivido. Caracteriza-se como um instante efêmero geralmente ativado por pistas sensoriais como perfumes, músicas, sabores (HOWARD, 2012). O rompante de felicidade que sucede a *viagem no tempo* é também um dos requisitos para a experiência que dificilmente encontraria paralelo nas narrativas anteriores.

Ela mandou buscar um desses bolinhos pequenos e cheios chamados madalenas e que parecem moldados na valva estriada de uma concha de são Tiago. Em breve, maquinalmente, acobrinhado com aquele triste dia e a perspectiva de mais um dia tão sombrio como o primeiro, levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas no mesmo instante

em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferente às vicissitudes da vida, inofensivos seus desastres, ilusória sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou, antes, essa essência não estava em mim, era eu mesmo. Cessava de me sentir medíocre, contingente, mortal. De onde me teria vindo aquela poderosa alegria? Senti que estava ligada ao gosto do chá e do bolo, mas que o ultrapassava infinitamente e não devia ser da mesma natureza (PROUST, 2006, p.39).

Fora as narrativas, ainda alguns aspectos carecem de comentários. São eles: a questão da remotividade (o quão distante o passado precisa ser distante para que seja digno de nostalgia?), da plausibilidade (o quão confiável é uma lembrança sob a luz nostálgica?) e do grau de contato (o quão diretamente a experiência precisa ter sido vivida?).

Sobre a remotividade, precisamos voltar aqui à questão do tempo e do quanto a sua percepção e experiência são impregnadas do subjetivo de cada um. Comumente a nostalgia é associada apenas a pessoas de idade avançada que buscam no remoto passado refugio contra a curta perspectiva de futuro. Não há dúvidas de que um idoso situado no eixo passado-presente (em relação a um jovem situado no eixo presente-futuro) possui quantitativamente maior predisposição para se deixar levar pelas lembranças e pela nostalgia (BOSI, 1994). Mas esse atributo não é um fator decisivo, uma vez que o sentimento nostálgico diz mais respeito a como o tempo vivido é percebido (se mais veloz, lento, intenso, vazio), do que ao tempo do relógio. Portanto, o que se passou há cinquenta anos pode ser tão nostálgico para um ancião, quanto os últimos cinco anos para um adulto ou um ano para uma criança:

A capacidade de sentir nostalgia por eventos em nosso passado tem menos a ver (embora claramente tenha algo a ver) com o quão recentes ou distantes são esses eventos, do que com a maneira como eles contrastam — ou, mais precisamente, a maneira como os fazemos contrastar — com os eventos, humores e inclinações de nossas circunstâncias atuais. [...] Não é o contraste em si, mas sim certo tipo de contraste subjetivo que provoca as coisas da nostalgia (DAVIS, 1977, p.417, tradução nossa).³⁷

Entendemos por “contrastes” justamente as narrativas já especificadas, ou seja, de como, a partir das demandas do presente, encaramos, avaliamos e, conseqüentemente, reagimos emocionalmente a uma determinada lembrança. Se for permitida uma analogia simples, as recordações nostálgicas seriam como lugares que se destacam no vasto espaço da memória. Algumas experiências demandam boa dose de tempo para que

³⁷ “The ability to feel nostalgia for events in our past has less (although clearly something) to do with how recent or distant these events were than with the way they contrast — or, more accurately, the way we make them contrast — with the events, moods and dispositions of our present circumstances. [...] That it is not contrast per se but rather a certain kind of subjective contrast which elicits the stuff of nostalgia.”

se tornem lembranças saudosas. Outras, como um parque de diversões que surgiu da noite para o dia já com *status* de lugar, não precisariam de tanto. Uma única visita ao lado das pessoas certas é o bastante para que poucas horas se transformem no desejo de que aquilo tudo dure para sempre. Assim sendo, a nostalgia é a saudade do tempo, mas não em sua quantidade ou remotividade, mas em sua qualidade.

Outro julgamento comum ocupa-se da plausibilidade da memória. Que uma lembrança nostálgica é menos confiável que uma lembrança sem traços afetivos, dado que a nostalgia ousa pintar de “bons tempos” mesmo os eventos desagradáveis do passado. Rendemo-nos, então, a algumas questões: existe alguma lembrança que não seja uma construção do presente, independente da carga emotiva que possa ou não estar associada a ela? Se fatores emocionais, de humor e de ânimo participam ativamente de todas as fases da memória, existe alguma recordação “pura”, sem qualquer traço emocional? Outras emoções como alegria, tristeza, dor, trauma, perturbariam a fidedignidade de uma lembrança? Decidir-se por uma atitude apática em relação ao passado não é também uma forma de rearranjar as lembranças desse passado? Para todas essas perguntas, uma resposta: todo olhar para o passado é tendencioso (LOWENTHAL, 2015).

Isso não é de todo angustiante; por mais defeituosos que sejam, todos os passados são igualmente merecedores de atenção. Seu passado, meu passado, o passado de fulano e beltrano tem o mérito populista de ser o passado de alguém. Nesse sentido, o passado coletivo é uma colagem, uma louca colcha da miríade de memórias individuais da humanidade. Mas a ‘verdade’ no sentido antigo — um relato verídico do passado baseado em evidências consensualmente concordadas — tornou-se ultrapassada. Um passado que pareça apropriado, que se adéque a qualquer necessidade pessoal efêmera, é concedido validade. Mesmo elaborações francamente fictícias são respeitadas como acontecimentos históricos de algum narrador. Sem fazer julgamentos no hoje, damos permissividade ao ontem. Da mesma forma que qualquer coisa acontece agora, qualquer coisa também aconteceu lá atrás: não há versão do passado tão implausível que não se possa imaginar, tão fantasiosa que não leve a reflexão. Uma vez que todos os passados são construídos para servirem a si próprios, quanto mais abertamente autointeressados eles são, mais honestos e perspicazes seus narradores são considerados. (LOWENTHAL, 2015, s.n., tradução nossa).³⁸

³⁸ “This is not altogether distressing; however defective, all pasts are equally deserving of attention. Your past, my past, so-and-so’s past all have the populist merit of being someone’s past. In this sense, the collective past is a collage, the crazy quilt of humanity’s myriad individual memories. But ‘truth’ in the old sense — a veridical account of the past based on consensually agreed evidence — has become passé. A past that feels appropriate, that suits any ephemeral personal need, is accorded validity. Even frankly fictitious concoctions are respected as some narrator’s historical happenstance. Non-judgemental today, we extend permissiveness to yesterday. Just as anything goes now, anything likewise went back then: no version of the past is too far-fetched to ignore, too fantastic to lack insight. Since all pasts are constructed to be self-serving, the more avowedly self-interested they are the more honest and insightful we judge their narrators.”

Finalmente, o grau de contato aborda o alcance da experiência, se a nostalgia é animada por uma memória experienciada pessoalmente, ou se é fruto de uma memória vicária, isto é, uma memória de *segunda mão*, que não foi vivida de fato, que é *emprestada*, *herdada*, derivada da experiência do outro e sobre a qual se cria uma afiliação (ERRANTE, 2000. CLIMO; CATTELL, 2002). É a nostalgia pela época que não se viveu, muito bem representada no filme *Meia Noite em Paris*, de Woody Allen (2011).

- Eu tentava fugir do meu presente como você tenta fugir do seu... indo para uma Idade de Ouro.
- Certamente, não pensa que os anos 20 são uma Idade de Ouro.
- Sim, para mim eles são.
- Mas eu sou dos anos 20 e digo que a Idade de Ouro é a Belle Époque.
- Olhe esses caras. Para eles, sua Idade de Ouro foi a Renascença. Eles trocariam a Belle Époque para pintar com Ticiano e Michelangelo. (MEIA..., 2011).

De fato, desde que surgiu, a nostalgia foi associada a ocorrências negativas: doença, perturbação psicológica, escapismo, para citar alguns exemplos. Uma emoção de “classe inferior” (HOWARD, 2012, p.647), “insignificante, simplória” (WILSON, 2014, p.160), um “tabu”, uma “perda de tempo e um luxo inacessível” (BOYM, 2001). Entretanto, algumas recentes pesquisas sobre o tema (BOYM, 2001; WILSON, 2014; HOWARD, 2012; SEDIKIDES *et al*, 2015) indicam que, apesar da emoção às vezes possuir um caráter disfuncional (como sugerimos nas narrativas que levam a uma nostálgia-amarga), a nostalgia-doce possui implicações motivacionais, auto-afirmativas que promovem a autoestima, fortalecem a conexão social e aumentam a percepção da vida como significativa (SEDIKIDES *et al*, 2015).

Vimos também que a nostalgia é uma emoção que se relaciona com os trabalhos da memória e do esquecimento, ou seja, o que se sente sobre o que se lembra (e se esquece) a partir das pautas do presente. A(s) narrativa(s) nostálgica(s) se emaranha(m) às estruturas e aos processos da própria narrativa de identidade dos sujeitos, auxiliando na modulação das lembranças que darão o tom identitário. Não é apenas existir, fazer sentido e continuar no tempo, mas sentir que o tempo vivido não foi em vão (SEDIKIDES *et al*, 2015).

O trato da nostalgia, portanto, demanda um olhar além da ideia do sentimentalismo escapista ou de ideologia conservadora que a palavra possa ter acumulado ao longo dos séculos. A expressão nostálgica solicita respostas a mais questionamentos (WILSON, 2014), como: qual tipo de narrativa e nostalgia estamos tratando — doce ou amarga? O que desencadeou o sentimento? Por quê? Em qual contexto? Quais os efeitos do

sentimento no presente — e com relação às projeções para o futuro? O que, afinal, se esconde por trás do suspiro saudoso em relação ao tempo passado?

No caso desse estudo, esclarecemos introdutoriamente que o interesse pela nostalgia surgiu das primeiras conversas com amigos Pelotenses acerca dos lugares que amarravam suas lembranças de infância. A decisão por esse período da vida se deu por seu frequente protagonismo nos devaneios nostálgicos (SEDIKIDES *et al*, 2015), pela peculiar relação que a criança estabelece com o tempo e com o espaço, quando a “percepção era uma aventura” (BOSI, 1994, p.83) e porque é um recorte simples, já que o tempo da infância é um passado *terminado*:

Em contraste com os estágios posteriores da vida, o passado é terminado, completado, resumido. Ao contrário de nossa atual confusão incoerente, a infância é enquadrada por um começo e um fim. Sua saga tem o formato de fábula: ‘era uma vez’, ela começa, e termina com sua fórmula ‘felizes para sempre’ (LOWENTHAL, 2015, s.n., tradução nossa).³⁹

O objeto da nostalgia, portanto, é o tempo. O tempo (entendido como) passado que, dentre todas as possibilidades, também se inscreve nos espaços que enquadram memórias. Nos lugares nostálgicos o passado parece palpável, o tempo é sentido na pele, no pulsar mais acelerado do coração, no suspiro sobre o que não volta mais. E enquanto lugar (nostálgico), como qualquer outro lugar, pode conter lugares (nostálgicos) menores ou tornar em lugar (nostálgico) a unidade maior que o abraça (TUAN, 1983). O que nos permitiria supor que, a nostalgia sentida (se doce ou amarga) é a mesma que transbordaria para o espaço maior e a mesma que daria o tom do vínculo com a cidade? É o que tentaremos responder nos próximos capítulos.

1.2 Pressuposto Metodológico

Todo fazer ciência implica a utilização de um método científico que, em breves termos, trata do “conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo — conhecimentos válidos e verdadeiros — traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões dos cientistas” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.65).

³⁹ “In contrast to life’s later stages it is finished, completed, summed up. Unlike our present incoherent mess, childhood is framed by a beginning and an end. Its saga has the shape of fable: ‘once upon a time’, it starts, and formulaically ends ‘happily ever after’.”

Expostos inicialmente o problema e os objetivos dessa pesquisa, assim como os referenciais teóricos que a sustentam, nesse capítulo focaremos em apresentar o método de abordagem e os procedimentos utilizados para alcançarmos as nossas respostas. Entende-se como método de abordagem a postura empregada diante do fenômeno, ou seja, sob qual perspectiva, bases lógicas e filosóficas se descreverá a realidade — o que no caso dessa investigação será feita pelo olhar fenomenológico da geografia humanista. E como procedimentos, entendemos a abordagem posta em prática, ou seja, as atitudes específicas, as técnicas e ferramentas associadas às etapas do trabalho (SPOSITO, 2004; MARCONI; LAKATOS, 2010; GOMES, 2011).

1.2.1 Método de Abordagem

Geography is the study of earth as the home of people.⁴⁰
(TUAN, 1991, p.99)

Antes de esclarecer a escolha da abordagem, é prudente mencionar que, apesar dessa pesquisa buscar fundamentos em autores e conceitos da Geografia, a minha formação não é a de geógrafa, mas de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

No entanto, não há como disfarçar — e nem haveria razões para tal —, que a pergunta dessa dissertação, bem como os seus objetivos, em nada se apóiam no meu bacharelado. A inquietação que me levou a buscar os desafios de um mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural e, conseqüentemente, os desafios da academia como um todo, surgiu da curiosidade, da observação intrigada do cotidiano, do ouvido atento para conversas, representações artísticas, e do olhar questionador a respeito das postagens que amigos e conhecidos compartilhavam na internet, o que independia da especificidade da minha formação, mas que surgiu do pensamento crítico que o ensino superior auxiliou a formar.

Depois disso, através do orientador dessa dissertação, Dr. Sidney Gonçalves Vieira, e do seu indiscutível conhecimento e experiência na Geografia, logo percebemos o quão protagonista a categoria espacial era para a pesquisa, tanto quanto as lembranças de infância e o sentimento nostálgico. Assim, fizemos a opção por essa disciplina, em especial, pela vertente humanista, considerando a proeminente abordagem que essa ciência possui nos estudos fenomenológicos de espaço, lugar e tempo.

⁴⁰ “A Geografia é o estudo da terra como morada da humanidade” (tradução nossa).

A geografia é uma área do conhecimento que está presente no currículo escolar desde os mais básicos níveis. Portanto, não é um campo obscuro, ainda que ser associada ao aprendizado da epiderme terrestre, mapas, países, relações geopolíticas, seria insuficiente para compreender todos os ramos e perspectivas que essa disciplina abrange. Um desses ramos é a geografia humanista que, contrapondo-se à lógica positivista e quantitativa do mundo, ampliou a compreensão do espaço geográfico para o indivíduo, ou melhor, para as suas experiências, sentimentos, valores e atitudes sobre o meio ambiente. Dessa maneira, o mundo sob o aspecto subjetivo seria um mundo no qual:

As pessoas estão diretamente ligadas através da sua vivência e de seus sentidos, onde cada indivíduo vê, ou melhor, percebe a realidade de forma diferente, sendo cada ideia sobre esse espaço composta de uma consciência baseada em experiências pessoais, aprendizados, imaginação, memória, fatos que tornam o mundo e o espaço geográfico idiossincrático a partir das percepções humanas sobre ele, mas que, no entanto, não invalidam a afirmação de que todos os seres humanos compartilham de determinadas percepções comuns tendo em vista a vivência em um mundo comum (ROCHA, 2007, p.23).

Segundo Yi-Fu Tuan (1971, p.181), através da geografia seria possível revelar os níveis mais profundos da natureza humana, uma vez que são os sujeitos que “atribuem significado e organizam o espaço de acordo com os símbolos que constroem a partir da sua percepção” (KOZEL, 2007). A percepção, portanto, é um termo essencial para a construção dessa pesquisa, o qual definimos como a interação do indivíduo com o mundo exterior através dos sentidos (visão, audição, tato, paladar e olfato) combinada com os mecanismos cognitivos que envolvem tanto as características individuais do sujeito (inteligência, motivações, humor, expectativas), quanto às construídas socialmente, culturalmente (ROCHA, 2007). Ou nas palavras de Tuan:

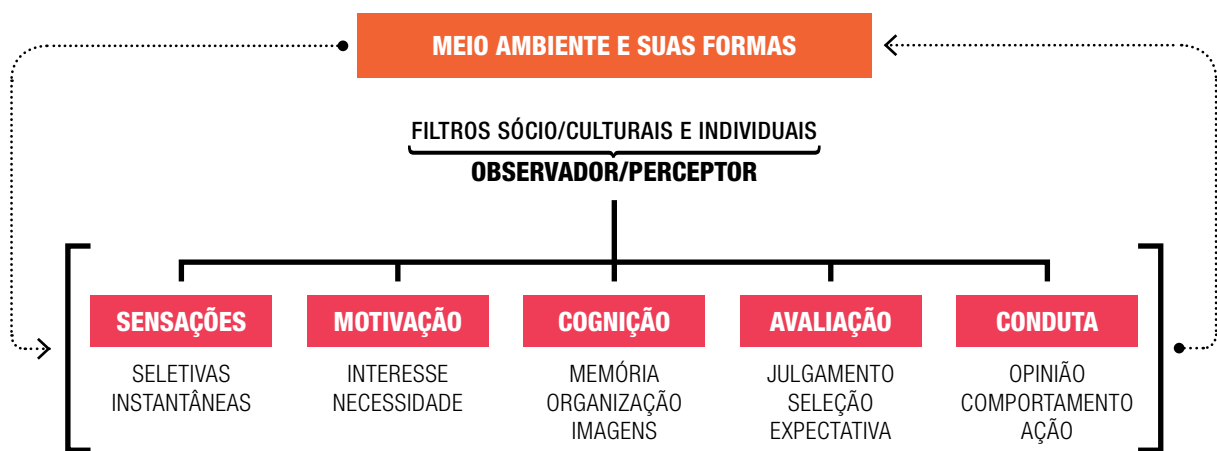
[Percepção] é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura (TUAN, 1980, p.4).

Aqui também voltamos a Bergson (1999, p.30) e ao seu pensamento de que “aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada”, ou seja, a percepção concreta está impregnada de

lembranças, como se estas fossem o “lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas” (BERGSON, 1999, p.31). Dessa forma, a percepção-pura, sem qualquer influência do passado, da memória, seria apenas um “conceito-limite do que uma experiência corrente” (BOSI, 1994, p.47).

A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez: a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo se conservou (BOSI, 1994, p.47).

Figura 16 - Esquema teórico do processo perceptivo



O processo é bilateral, mostra a influência do meio sobre a percepção e da percepção sobre o meio.
Fonte: Adaptado de Rocha, 2007.

Lançamo-nos, então, para a percepção dos indivíduos e para o entendimento de que cada pessoa possui uma visão única do meio em que se insere. Nessa concepção, o método fenomenológico se estabelece na descrição das experiências vividas no espaço e, através da intencionalidade, no reconhecimento da “essência” do que é percebido (ROCHA, 2007), uma vez que:

A fenomenologia tem a ver com os princípios e as origens do significado e da experiência. É concernente a fenômenos tais como ansiedade, comportamento, conduta, religião, lugar e topofilia, que não podem ser compreendidos somente através da observação e medição, mas que devem primeiro ser vividos para serem compreendidos como eles realmente são (ROCHA, 2007, p.22).

Entre os trabalhos pautados na abordagem perceptiva, elencamos o livro *A Imagem da Cidade* (1982), outra importante contribuição do urbanista Kevin Lynch. Ali, o autor procurou entender como os habitantes organizam a imagem visual da

cidade onde vivem, o que se destaca, o que os confunde e como isso haveria de influenciar na relação com o meio e no consequente senso de bem-estar e identidade com o lugar. Para esclarecer sua proposição, o autor se vale de dois conceitos: o da legibilidade (*legibility*), que consiste na “facilidade com a qual as partes (da cidade) podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente” (LYNCH, 1982, p.13), favorecendo, assim, a sensação de orientação, segurança e uma melhor experiência urbana; e o da imageabilidade (*imageability*), compreendida como “a qualidade de um objeto físico que lhe dá uma grande probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador” (LYNCH, 1982, p.20), isto é, o seu formato, a cor, a disposição no espaço e até mesmo, o tempo que carregam em si, como identificado no excerto:

As entrevistas revelaram uma outra reação: o modo como a cena física simboliza o decorrer do tempo. As entrevistas levadas a cabo em Boston foram ricas em referências ao contraste entre as épocas; a nova artéria atravessando o velho bairro do mercado; a nova capela católica entre os edifícios velhos na Rua Arch; a velha (escura, baixa e decorada) Igreja da Trindade desenhada contra o novo (alto, claro e estável) Edifício John Hancock e assim sucessivamente. [...] Em Los Angeles existe a sensação de que a constante renovação do meio ambiente e a ausência dos elementos físicos ancorados no passado são excitantes e perturbadores. Muitas descrições de panoramas, feitas por habitantes novos ou idosos, foram acompanhadas pelos fantasmas daquilo que, antigamente, ali existira. Mudanças como as ocasionadas pela rede de auto-estradas, deixaram cicatrizes na imagem mental (LYNCH, 1982, p.55).

Por conseguinte, quanto mais forte a imagem evocada, mais fácil a legibilidade da cidade, que passaria a ser percebida como “bem formada, distinta, notável; como que convidaria os olhos e os ouvidos a uma maior atenção e participação” (LYNCH, 1982, p.20). Lynch também observou que as pessoas costumam utilizar pelo menos cinco elementos para estruturar a sua imagem da cidade que, ainda que não sejam fixos e que variem conforme o entorno, o contexto e as características individuais do observador, uma vez identificados e utilizados com frequência, ajudariam a criar familiaridade com o espaço e, por conseguinte, ajudariam a fortalecer um sentido de lugar. São eles:

1. **caminhos ou vias (*paths*):** podem ser ruas, calçadas, linhas de trânsito, canais, fortes elementos estruturadores da cidade, dos outros elementos, da experiência como um todo, por onde as pessoas se deslocam. A imagem da cidade é prejudicada quando os principais caminhos não apresentam uma forte identidade. Por outro lado, podem se tornar bastante relevantes quando concentram um tipo especial de uso ou de atividades (rua associada ao

comércio, à boemia, por exemplo); quando possuem características espaciais muito marcantes (larga, estreita) ou por determinados tipos de fachadas de prédio, pela existência significativa de vegetação, e por apresentarem continuidade, assim como início e fim bem definidos;

2. **limites (edges):** são interrupções na continuidade, fronteiras entre duas partes, barreiras, cortes, “costuras”, limites muitas das vezes impenetráveis. Podem ser rios, estradas, viadutos, praças e calçadas para pedestres. O excesso de limites prejudica a visão da cidade como um todo e serão percebidos mais como barreiras do que como elementos organizadores de ligação;
3. **bairros (districts):** médias ou grandes regiões urbanas percebidas como relativamente homogêneas, com traços em comum que permitem com que seja diferenciado do resto da cidade. Os bairros podem ser identificados em seu interior, uma vez que o observador pode adentrá-lo, ou pelo seu exterior. De uma forma ou de outra, as “continuidades temáticas” que diferenciam os bairros podem se referir a detalhes, texturas, símbolos, tipos de edificações, atividades, usos, habitantes, topografia, grau de conservação. Também podem ser considerados como bairros “introvertidos” ou “extrovertidos”;
4. **cruzamentos ou pontos nodais ou nós (nodes):** são estratégicos, podem ser junções, locais de interrupção num transporte, um cruzamento, momentos de mudanças de uma estrutura para outra, esquinas. Podem ser concentrações temáticas, seja pelos hábitos ali presentes ou pelo seu caráter físico, além da possibilidade de serem considerados “centros” em um bairro pelo seu caráter de núcleo polarizador;
5. **elementos marcantes ou marcos (landmarks):** são externos ao observador, normalmente representado por um objeto físico de larga escala como um edifício, uma árvore ou montanha. Sua principal característica é a sua distinção e evidência no contexto em que está inserido. Alguns pontos marcantes situam-se em grande distância, desempenhando a função de direção, tais como torres e cúpulas. E para as pessoas mais habituadas a cidade, podem ser marcos menores, mais próximos, como fachadas de lojas e puxadores de portas, preferencialmente por estabelecerem um contraste com elementos próximos.

A cidade legível, memorável, com uma narrativa própria seria a que se valesse de partes distintivas, reconhecidas e organizadas em uma estrutura coerente. Ou o

que seria a identidade de Paris sem a presença da Torre Eiffel ou sem seus prédios no estilo Haussmann? Ou Nova York sem a Estátua da Liberdade ou sem o horizonte de Manhattan?

Tais detalhes, formas, elementos que estruturam uma imagem clara da cidade também podem servir para estruturar as lembranças pessoais nessa mesma cidade, o que provocaria segurança emocional e contribuiria para uma “relação harmoniosa entre si e o mundo exterior” (LYNCH, 1982, p.14-15). Isto porque, guardadas proporções, também apoiamos a organização de nossa memória e identidade em marcos espaciais e temporais. O que nos lembramos de ser aconteceu em algum lugar e em algum tempo e, assim como Nova York não seria Nova York sem as suas Torres Gêmeas que, embora não mais existam, ainda fazem parte da narrativa da cidade, a narrativa de identidade de uma pessoa seria outra se os lugares que se entrelaçam à sua trajetória de vida fossem também outros.⁴¹

Então, ao lembrarem-se do passado, os sujeitos podem se remeter à cidade de infância, aos lugares onde costumavam brincar, a alguma praça, a algum monumento. Enfim, a imagem de si pode coincidir com os mesmos elementos que ajudam a formar a imagem pública da cidade, mas esses últimos também podem ser irrelevantes, ou seja, completamente ignorados por outros itens mais pessoais (quiçá nem se encaixem entre os cinco elementos estruturadores propostos por Lynch — ou o façam de forma bastante idiossincrática).

Ainda recorrendo ao exemplo da Torre Eiffel, ela poderia ser desconsiderada se a imagem da cidade que se pretende investigar fosse mais uma imagem nostálgica do que uma imagem geral. Daí a Paris memorável talvez não fosse nem a da famosa torre de ferro e nem a dos prédios estilo *Haussmann*, mas, dependendo do grupo entrevistado, talvez fosse a Paris das estátuas do *Jardin des Plantes*.

Em qualquer dos casos, a leitura do espaço e a imagem a ele atribuído são feitas a partir da percepção dos sujeitos e da sua relação e experiência com os lugares, tal qual pretendemos para essa pesquisa. Da mesma forma que as mencionadas categorias trabalhadas por Lynch (legibilidade e imageabilidade) nos servirão de norte para a elaboração dos nossos próprios elementos-tipos no que concerne à nostalgia e assim, poder analisar como os lugares em que o passado é sentido nostalgicamente se mesclariam e influenciariam a imagem pública de Pelotas.

⁴¹ Carregamos uma filiação geográfica desde que nascemos. Somos imediatamente alguém de algum lugar: Brasileiro, Paraense, Gaúcho e assim por diante.

1.2.2 Procedimentos

We have to remember that what we observe is not nature in itself but nature exposed to our method of questioning.⁴²
(HEISENBERG, 2000, p.25)

Foi caminhando por Pelotas que surgiram as questões que dariam o tom dessa pesquisa. E foram as lembranças de infância do meu marido as primeiras histórias a me acompanharem pela cidade. A partir delas, pude conhecer outras camadas temporais dos espaços que estavam diante de mim. Depois disso, por outros amigos, conheci outras nuances da cidade e também percebi que os relatos nostálgicos não eram exclusividade das histórias de Eduardo e nem de pessoas bem mais velhas, como se costuma esperar — afinal, até aquele momento, todos com quem eu conversara tinham em torno dos vinte e cinco e trinta anos de idade.

Além desses passeios, as demais conversas ocorriam predominantemente pela internet. Troca de e-mails, participação em fóruns, em sites de bate-papo diversos, a priori, pareciam funcionar perfeitamente para a coleta de dados. Contudo, logo ficou evidente que o fato dos sujeitos precisarem digitar as suas respostas os fazia economizar palavras e elaborar um discurso ainda mais editado do que o fariam se as entrevistas fossem conduzidas pessoalmente e, de preferência emulando meus primeiros contatos com a cidade, ou seja, diálogos durante caminhadas. Dessa forma, para proceder com a pesquisa, seria necessário ir além de ler o que escreviam, seria preciso escutar o que havia para ser contado e, quando possível, observar como os entrevistados reagiriam à cidade de suas narrativas.

Portanto, a formatação da coleta de dados não haveria de ser a maior dificuldade, aliás, estava em consonância com a abordagem fenomenológica pretendida para a pesquisa. Porém, ainda seria preciso estabelecer critérios para o grupo a ser entrevistado. De quem seriam as lembranças de infância? Pessoas da mesma faixa etária minha e dos meus amigos? Ou pessoas mais velhas? Geração Y? Ou geração X? — para utilizar terminologias populares. Definitivamente, eu possuía maior abertura e facilidade para tratar sobre as recordações de pessoas que haviam vivido a infância no mesmo período que eu havia vivido. As conversas, até então, fluíam em tom de cumplicidade, como se a qualquer momento um “sabes bem do que estou falando...” pairasse no ar entre uma frase e outra. Uma típica

⁴² “Temos de lembrar que o que observamos não é a natureza em si, mas a natureza exposta ao nosso método de questionar” (tradução nossa).

comunicação “não-violenta”, como a proposta por Bourdieu (2008, p.697), tomava corpo quando se pode recorrer a pessoas conhecidas e se estas se sentem mais à vontade, confiantes e seguros em colaborar.

Mas quais seriam os parâmetros além de “pessoas com a idade aproximada a minha e a dos meus amigos”? Para solucionar essa questão e, destarte, estabelecer uma amostra coerente e cujos critérios pudessem ser avaliados e replicados, foram elaborados e compartilhados através das redes sociais dois questionários. Ambos traziam questões sobre experiências e recordações gerais acerca da infância dos respondentes, sendo que o primeiro questionário, por omitir questões socioeconômicas que posteriormente seriam úteis para a delimitação dos sujeitos, foi desconsiderado e a decisão de focar nos nascidos entre 1977 e 1982 (de infância classe média e com nível superior completo), foi resultado apenas do segundo questionário. Esse esforço quantitativo em uma pesquisa predominantemente qualitativa se mostrou útil para que os lugares nostálgicos mencionados não evocassem a falsa ideia de que corresponderiam aos lugares nostálgicos de uma amostra da população como um todo, o que será mais bem explicado no Capítulo 2.

Após definição da amostragem, convites em busca de voluntários foram feitos por meio de redes sociais e, em pouco tempo, muitas candidaturas foram estabelecidas. O interesse em participar de uma pesquisa que requisitava o compartilhamento de lembranças de infância emergiu espontaneamente e pareceu evidente que o tema atraía interesse e motivação. Porém, apesar do retorno positivo, as dificuldades para colocar a pesquisa em prática apareceram assim que foi preciso estabelecer dias e horários para as entrevistas.

Dos inscritos, alguns não responderam aos e-mails do primeiro contato. Outros responderam, mas não tinham disponibilidade para entrevistas presenciais. Houveram os que marcassem o encontro, mas que não aparecessem no dia combinado. Também ocorreram desencontros por causa de doença ou pelo pretenso entrevistado não ter com quem deixar seu filho pequeno. Enfim, independente dos motivos que fizeram candidatos empolgados desistirem de suas participações, pesou o fato, como já comentado por Ecléa Bosi, que “a idade adulta é norteadada pela ação do presente” (1994, p.76), isto é, as pessoas em plena atividade são absorvidas pelo hoje, e ainda que a ideia de recordar seja encantadora para alguns, a rotina, as lutas diárias se atravessam à vontade e esta só se torna viável quando entra em sintonia com as demandas atuais.

Não à toa foram as pessoas mais próximas que se disponibilizaram para participar dos encontros. Ocorreu que, dessa maneira, antes de parecer mais uma obrigação para ser alocada em algum horário vago, a pesquisa significou um evento de lazer para espairecer, devanear, para bater papo e relaxar entre amigos. Apenas é ilusório pensar que o ajuste de dias e horários foi imediato. Como adultos ativos socialmente, as incompatibilidades de agendas também existiram. A diferença maior pode ser percebida quando, muitas vezes, partia deles a iniciativa e o cuidado de avisar seus horários disponíveis. Quando o trato foi entre desconhecidos, a troca de mensagens se esvanecia assim que os obstáculos surgiam.

Então, até agora esclarecemos que foram utilizados questionário para determinar a amostra, e convite em redes sociais para atrair voluntários. As técnicas escolhidas para coleta de dados foram a entrevista com questões semiestruturadas e a observação durante caminhadas por Pelotas. Ainda sobre as entrevistas, elas ocorreram em lugar, dia e horário escolhidos pelos participantes. Ao todo foram dez pessoas (cinco homens e cinco mulheres), treze encontros (algumas entrevistas demandaram mais horas para serem finalizadas) que totalizaram 897 minutos de gravações. Durante as conversas, a decisão por utilizar um roteiro de perguntas semiestruturado (Apêndice S) serviu para evitar que as recordações se demorassem por períodos e lugares que não eram pertinentes para a pesquisa, além de servir como gatilho em caso de silêncios e esquecimentos. Entende-se como entrevista semiestruturada aquela que “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2009, p.64).

Da mesma forma destacamos que qualquer depoimento, seja de rememorações do passado ou de comentários acerca do tempo presente, está sujeito aos seguintes moduladores (ERRANTE, 2000):

1. **contexto:** o presente influencia (e determina) o que será lembrado e relatado, assim como se haverá disposição (ou não), estado de espírito, humor para contribuir com a pesquisa. Logo, é preciso alinhar a vontade do pesquisador à vontade (e ao lugar) de fala dos entrevistados;
2. **narrativa de identidade:** o que é dito corresponde à imagem que a pessoa tem de si mesma, como quer ser vista e como quer se lembrada no futuro. Essa interpretação é tão ou mais importante do que a veracidade do que é narrado em si;

3. corresponder a expectativas: as perguntas podem induzir a vontade no entrevistado de não falhar, de possuir uma resposta correta que agrade o pesquisador ou que seja pertinente o suficiente para não ser descartada.

Retornando-se ao tema das dificuldades encontradas, driblada a questão dos horários para as entrevistas (que ocorreram predominantemente na casa dos participantes ou nas proximidades do local de trabalho), o próximo entrave haveria de ser o de concretizar os passeios pela cidade na companhia dos interlocutores. A falta de tempo aliou-se ao clima (chuva ou calor demais) e à insegurança (receio de caminhar por determinadas regiões em determinados horários). Como consequência, ao fim do cronograma estipulado para a coleta de dados, foi possível fazer saídas com apenas quatro pessoas. Durante os passeios, as entrevistas eram em profundidade (MINAYO, 2009), o que significa que os informantes eram livres para falar sobre suas lembranças e percepções da cidade livremente e as perguntas surgiam apenas para aprofundar as reflexões que fossem surgindo. Para os que não puderam sair, as percepções sobre a cidade foram apenas relatadas sem a experiência *in loco*. Um diário de campo foi mantido para anotações gerais acerca das entrevistas, dos passeios e dos olhares sobre cidade.

Após levantamento dos dados, a análise seguiu a perspectiva da geografia humanista que, conforme reportado, não separa as falas dos sujeitos do contexto e busca no subjetivismo, em vez da rigidez metodológica das abstrações lógicas e racionais, o entendimento da realidade (GOMES, 2011). Apesar disso, para auxiliar na compreensão dos significados expressos nas lembranças e percepções dos participantes, propusemos o desenvolvimento da análise em três momentos.⁴³

O momento descritivo (Capítulo 3), em que cabe a contextualização da cidade e a descrição do presente a partir da percepção dos interlocutores. O momento analítico-regressivo (Capítulo 4), em que as lembranças de infância são coletadas a fim de identificar acontecimentos e relatos que melhor elucidem a relação dos participantes com a cidade. E o momento histórico-genético (Capítulo 5), em que é feita a interpretação do presente a partir do mapeamento dos lugares nostálgicos, e a análise de como a presença do passado se relaciona com a percepção da cidade, além de considerações apoiadas nas possibilidades para o futuro indicadas pelos próprios interlocutores.

⁴³ Inspirado no procedimento investigativo proposto pelo filósofo Henry Lefèbvre que, em linhas gerais, trata dos momentos: (1) Descritivo: observação inicial da realidade em curso no presente, descrição do que é visível orientada por uma base teórica. (2) Analítico-regressivo: datação do passado, decomposição da realidade na tentativa de datar diferentes processos históricos, retorno aos momentos que definiram o presente. (3) Histórico-genético: reencontro com o presente elucidado, compreendido e explicado. Tentativa de revelar todas as possibilidades não realizadas (VIEIRA, 2002).

Para a interpretação da fala de cada sujeito, de suas percepções e experiências pessoais particulares e subjetivas, discriminou-se unidades de significado em consonância com o objetivo da pesquisa. Como no exemplo (Figura 17):

Figura 17 - Exemplo de unidades de significado

SUJEITO	TRANSCRIÇÃO	UNIDADE
Fábio O.	Mas eu vejo isso, esse clima de medo, a zona deserta, sempre. Então, embora não tenha mudado em termos de estrutura, ela mudou muito, o entorno mudou. Acho que o que houve com toda a cidade como um todo.	Medo
Mari B.	Eu sinto falta de andar na rua. Andar no Laranjal de noite, sozinha. Ir de bicicleta de noite, dar uma banda e voltar. Isso eu não faço mais, porque eu tenho medo. Até na cidade. De andar na rua eu sinto falta. Andar na rua sem ter medo de ser assaltada.	Medo

Fonte: Elaborado pela autora.

Em seguida, os relatos foram interpretados em conjunto para identificar semelhanças, divergências, particularidades que permitissem construir a essência geral do fenômeno de acordo com um dos três momentos propostos (Figura 18):

Figura 18 - Exemplo de interpretação

INTERPRETAÇÃO	FENÔMENO	MOMENTO
Hoje em dia, algumas regiões a cidade são desertas e quem antes costumava aproveitar a rua durante a noite, agora a evita por medo da violência.	Insegurança	Descritivo

Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, para o mapeamento dos lugares significantes, nostálgicos ou não, foi utilizado o recurso de mapas do Google e o mapa final foi publicado na página do projeto. A demarcação dos lugares, como já mencionado, buscou inspiração nas categorias trabalhadas por Kevin Lynch (1982), sendo que, ao serem indicadas na cor rosa, tratam da nostalgia-doce; cor roxa, nostalgia-amarga; cor cinza, lugares neutros, e cor verde, nostalgia do futuro ou antecipatória.

Assim, através da combinação das entrevistas (interpretadas e organizadas conforme os três momentos especificados), com o mapeamento dos lugares, que buscamos alcançar a resolução do objetivo principal dessa pesquisa, bem como evidenciar as prováveis limitações e oportunidades para novos questionamentos a serem elucidados.

2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Esta pesquisa não seria possível sem as pessoas que doaram um pouco dos seus dias corridos para compartilhar lembranças, percepções e sentimentos sobre a cidade de suas infâncias. Nesse capítulo, então, falamos um pouco sobre elas. Primeiro, uma explicação detalhada do questionário aplicado para a definição da amostragem e a análise das respostas obtidas. Em seguida, há a definição dos sujeitos propriamente dita, ou seja, uma breve apresentação de cada um que ajudou a desenhar o mapa nostálgico de Pelotas.

2.1 Processo

Parece-nos mais simples começar explicando que não é o objetivo dessa pesquisa, o de buscar as lembranças e os lugares nostálgicos de todo o universo de pessoas que tenham vivido a infância em Pelotas (RS) (e, dessa maneira, arriscar que esses sejam, portanto, todos os lugares nostálgicos da cidade — até porque tais lugares não são exclusivos das experiências vividas na infância), mas o de, ao delimitar um grupo consistente, tornando claros os critérios utilizados para a sua seleção, possibilitar que essa investigação seja replicada entre os outros grupos pensados a partir dos parâmetros aqui expostos ou outros que não tiverem sido abordados.

Se tomarmos como exemplo o trabalho que serve de referência para essa pesquisa, o livro *A Imagem da Cidade* (1982), veremos que Kevin Lynch indicou que a maior fraqueza da sua metodologia estava justamente no conjunto de entrevistados utilizados, primeiro, pelo número reduzido; segundo, pelas características dos voluntários que eram basicamente membros da classe média, empregados e instruídos. Nesse breve trecho do livro, o autor esclarece que, para generalizar os dados coletados como “a imagem pública — verdadeira — da cidade” (LYNCH, 1982, p.166), seria necessária uma amostra provavelmente maior e melhor elaborada, considerando um

equilíbrio estatístico das classes sociais, etárias e profissionais. Ou então, assumir que o resultado e, conseqüentemente o tema da obra, diz respeito apenas a imagem da cidade para a população que aquele grupo, enquanto amostra, pudesse vir a representar — o que para nós, sendo o mais adequado, será a abordagem utilizada nesta dissertação.

O primeiro enfoque, portanto, refere-se ao período da vida dos entrevistados em que nos interessa jogar o olhar em busca de recordações: a infância. Logo, isso significa que não buscamos relatos da adolescência e nem da idade adulta dessas pessoas, ainda que seja provável a evocação de lembranças dos mais distintos períodos da vida dos respondentes. O próprio conceito de infância, a sua periodização, de quando uma fase da vida termina para dar lugar à outra é um tema nebuloso. Estudiosos como Freud, Piaget, Wallon, Gesell — para citar os mais expoentes (TRAN-THONG, 1981) — dedicaram esforços para elaborar sistemas de periodização do desenvolvimento psicológico dos indivíduos. Entre as teorias existem similaridades com relação às características dos estágios, principalmente entre os sistemas *piagetianos* e *wallianos* (SILVA, 2007; TRAN-THONG, 1981), mas também, numerosas diferenças que reforçam a complexidade do assunto. Assim, não é nossa pretensão nos aprofundarmos nos meandros desses sistemas, mas utilizá-los como referência para um recorte etário necessário, pois, ainda que os indivíduos considerem que as suas infâncias tenham durado os mais idiossincráticos intervalos, preferimos estabelecer uma idade limite conforme as sugestões etárias de Piaget⁴⁴, isto é, até os doze anos para a infância, e para a adolescência, o estágio a seguir, até os dezoito anos (SILVA, 2007).

No entanto, uma criança de doze anos na década de 1950 viveu uma infância e uma cidade que não a infância e a cidade da criança de doze anos na década de 1970, ou da criança de doze anos nos anos 2000. A época a ser focada, portanto, também nos é um fator importante e a sua definição nos remete a motivação da pesquisa, quando, através de conversas com alguns adultos na faixa dos trinta anos, e da observação de postagens compartilhadas na internet sobre suas lembranças de infância em Pelotas (RS), foi possível identificar um sentimento nostálgico sobre as décadas de 1980 e 1990. No teor das conversas também identificamos narrativas

⁴⁴ Jean Willian Fritz Piaget nasceu em Neuchâtel (Suiça), no ano de 1896. Doutor em ciências naturais pela Universidade de Neuchâtel, o jovem biólogo logo se interessaria também pela psicanálise e realizaria estudos acerca do desenvolvimento da inteligência de crianças, denominado como Epistemologia Genética. Inspirado também pela observação de seus próprios filhos, Piaget proporia quatro estágios de desenvolvimento infantil: o sensório-motor, o pré-operacional, o operacional concreto e o estágio operacional formal (COLLIN et al., 2012).

que reforçavam a ausência de computadores com acesso à internet durante as brincadeiras e no imaginário infantil dessas pessoas, o que, no entanto, se alteraria já na adolescência, criando um sentimento de que não apenas a infância havia chegado ao fim, mas também havia chegado ao fim uma era “analógica” para dar lugar a uma era “digital”.

Esse, que poderia ser encarado como um momento definidor, então, nos permitiu pensar mais uma medida para o grupo: o ano de 1995, quando os computadores pessoais e o acesso à internet se difundiram comercialmente no Brasil⁴⁵. A partir desse marco, estipulamos os seguintes grupos (Apêndice A): **Grupo 1**, dos que eram adultos, acima dos dezoito anos, em 1995 (nascidos até 1976); **Grupo 2**, dos que eram adolescentes, entre treze e dezoito anos, em 1995 (nascidos entre 1977 e 1982); **Grupo 3**, dos que eram crianças, entre zero e doze anos, em 1995 (nascidos entre 1983 a 1995); e **Grupo 4**, dos que não eram nascidos em 1995 (de 1996 em diante). Em seguida, elaboramos um questionário autoaplicável (Apêndice B) para que pudéssemos verificar, a partir de vinte e três questões a respeito das características, medos, lembranças e entendimentos sobre a infância⁴⁶, a consistência de cada um desses conjuntos, ou seja, o *Zeigeist* (espírito da época), experiências e referências sociais, culturais, históricas e políticas que cada um compartilhava entre si e diferentemente dos demais.

Além disso, para não dispersar o alcance e as respostas da pesquisa, definimos a participação apenas para os nascidos nas últimas cinco décadas. Portanto, emprestamos a classificação da teoria geracional Strauss-Howe⁴⁷, abordagem frequentemente utilizada em estudos da economia, psicologia, marketing e sociologia (BORGES, 2014), e lançamos o questionário⁴⁸ nas redes sociais convidando para

⁴⁵ Ano em que o Internet Explorer, browser desenvolvido pela Microsoft, passou a vir embutido no sistema operacional dos computadores produzidos pela empresa, o Windows 95 (CARVALHO, 2006).

⁴⁶ As opções sugeridas foram pensadas a partir de conversas com amigos e publicações na web disponíveis em: <<https://goo.gl/fGUDwB>>, <<https://goo.gl/8imrqY>>, <<https://goo.gl/5nVztW>>, <<https://goo.gl/nlxnTf>>, <<https://goo.gl/WqlAOn>>, <<https://goo.gl/j9cXNY>>, <<https://goo.gl/qmTLd7>>, <<https://goo.gl/bfaywt>>, <<https://goo.gl/ZAR7Js>>, <<https://goo.gl/R4alrj>>, <<https://goo.gl/YwKy1j>>, <<https://goo.gl/R4wJDQ>>, <<https://goo.gl/Of4q4w>>. Último acesso em: 18 de julho de 2016.

⁴⁷ Em 1991, o historiador e dramaturgo William Strauss e o economista e demógrafo Neil Howe escreveram o livro *Generations: The history of America's Future — 1584 to 2069*. Na obra, podemos conhecer a ambiciosa Teoria Geracional Strauss-Howe, que popularizou as gerações Baby Boomers, frutos do otimismo pós-guerra (nascidos entre 1943 e 1960); a Geração X, produtos dos lares destruídos (nascidos entre 1961 e 1981); e os Millenials (também conhecidos como Geração Y), das crianças desejadas (nascidos entre 1982 e 2005). Para os autores, o tempo mais ou menos estável para que o ciclo de uma geração se complete antes que um novo ciclo se inicie é de vinte e dois anos sendo uma geração o grupo de pessoas nascidas em um mesmo período de tempo e que compartilham o sentimento de pertença com relação à geração em que se inserem, além de experiências histórico-culturais, valores e comportamentos (HOWE; STRAUSS, 2007; VALENTE, 2011).

⁴⁸ Disponível em: <<https://goo.gl/iqPZxZ>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

participarem os nascidos entre 1960 a 2005 — delimitação que atinge os compartes da Geração X, nascidos entre 1961 e 1981, e os da Geração Y ou *Millennials*, nascidos entre 1982 e 2005 (HOWE; STRAUSS, 2007), que, conforme nosso interesse, ainda teriam integrantes na faixa dos trinta anos, tais quais as primeiras pessoas com quem mantivemos contato.

Após ficar disponível por dezessete dias on-line, o questionário recebeu duzentas e sessenta e duas respostas de todas as regiões do Brasil, sendo a maioria dos respondentes nascidos na década de 1980 (Apêndice A), com ensino superior completo (Apêndice A) e que se auto referenciavam classe média durante a infância (Apêndice A). Sabemos que a tendência de um formulário aplicado exclusivamente via internet é a de retratar o perfil dos internautas e não da população como um todo, mas acreditamos que o grupo delimitado nos permitirá compreender uma parte da realidade de maneira mais plausível do que se a amostra fosse aleatória e baseada em poucos critérios.

A análise partiu dos números sobre a utilização de computadores e da internet (Apêndice C), onde pudemos verificar um aumento do índice durante a infância a partir de 1983, alcançando, portanto, a infância do Grupo 3 e do Grupo 4. Para o grupo anterior, dos nascidos entre 1977 e 1982, o destaque se mostrou no período da adolescência, enquanto que para o Grupo 1, dos nascidos entre 1960 e 1976, a utilização é observada na idade adulta. Além disso, um ponto curioso: ao examinarmos em qual das gerações propostas por Strauss-Howe esses grupos se incluíam (reforçando que, segundo os autores, o recorte trabalhado englobaria apenas duas gerações), percebemos que para os respondentes nascidos entre 1977 e 1982, o Grupo 2, não existe consenso se fazem parte da Geração X ou da Geração Y, mas provavelmente uma geração entre as duas (Apêndice D) — o que, de certa forma, não seria inédito.

Uma rápida busca na internet é capaz de evidenciar que a ideia de existir um grupo geracional intermediário, englobando os nascidos no final da década de 1970 e início da década de 1980, cuja principal característica seria a de se identificarem como um grupo que “possui um pé nas formas tradicionais de outrora e um pé na era da informação digital de hoje” (GARVEY, 2015), já foi apontado e denominado por alguns autores como *The Oregon Trail Generation*⁴⁹, *Xennials*⁵⁰ ou Geração Catalano⁵¹, para

⁴⁹ GARVEY, Anna. *The Oregon Trail Generation: Life Before And After Mainstream Tech*. Disponível em: <<https://goo.gl/IfHXp>>. Último acesso em: 5 abr. 2016.

⁵⁰ STANKORB, Sarah. OELBAUM, Jed. *Reasonable People Disagree about the Post-Gen X, Pre-Millennial Generation*. Disponível em: <<https://goo.gl/HI6z5m>> Último acesso em: 5 abr. 2016.

⁵¹ SHAFRIR, Doree. *Generation Catalano*. Disponível em: <<https://goo.gl/mgAvb4>>. Último acesso em: 5 abr. 2016.

citar algumas das nomenclaturas observadas nos resultados.

Configuração similar foi alcançada pela socióloga Demet Lüküslü (2015) ao observar postagens no dicionário colaborativo *Ekşi Sözlük* (<https://eksisozluk.com>), mais especificamente, o verbete sobre o que era ser uma criança na Turquia durante a década de 1980 (*80'lerde çocuk olmak ne demek?*). Sua investigação mostrou que o grupo composto por turcos nascidos em meados da década de 1970 e início dos anos de 1980, se considerava uma espécie de “Geração Ponte”, pois “havia nascido em um velho mundo, mas também experienciado as transformações para um novo” (LÜKÜSLÜ, 2015, p.71). A geração do fim de uma era, do mundo sem tecnologias como *smartphones* e internet, “da última geração que brincou na rua e que não era escrava de computadores” (LÜKÜSLÜ, 2015, p.70), e que viveu a transição da infância para a adolescência enquanto acompanhava as rápidas transformações ocorridas tanto em âmbito local quanto global no que concernem, principalmente, os avanços tecnológicos, e as mudanças sociais e urbanas decorrentes de uma política neoliberal (LÜKÜSLÜ, 2015).

Contudo, esse “pé nas formas tradicionais de outrora”, o sentimento de pertencer a uma infância “analógica” é citado por todos os grupos, ainda que, em cada um deles, seja possível ler algumas diferenças (Apêndice E). No caso do grupo mais velho, nascido entre 1960 e 1972, não somente a infância foi escassa de tecnologias digitais, como também a adolescência, o que já pudemos observar por meio dos dados no Apêndice C, em que o acesso à internet só aparece intenso na idade adulta dessas pessoas. Para o grupo seguinte, dos nascidos entre 1977 e 1982, os computadores e a internet se mostram presentes no período de suas adolescências (Apêndice C). A maior imprecisão, no entanto, aparece entre os nascidos na faixa que vai de 1983 a 1995, em que o sentimento “analógico” durante a infância aparece em seu maior índice. Uma hipótese é a de que os computadores e a conexão com a internet, embora já fossem presentes e conhecidos, ainda não seriam necessariamente atraentes (oferta de serviço, produto, preço, facilidades de pagamento). A outra ideia é a de que o grupo também possui um grande número de pessoas que já estariam no fim da infância em 1995, e que, portanto, não teriam tido tempo suficiente para interagir com a tecnologia em questão.

De qualquer forma, partindo para as minúcias, podemos observar por meio dos dados no Apêndice C, Apêndice F e Apêndice G que o “digital” já se evidencia em outras respostas sobre a infância do Grupo 3. No Apêndice F, que tratam dos medos recorrentes, e no Apêndice G, sobre aspectos marcantes da infância, por exemplo,

verificamos entre os medos as opções “bug do milênio”, “cyberbullying” e “ficar sem conexão com a internet”. E quanto às características marcantes da infância, vemos as opções “mIRC”, “MSN Messenger” (ferramentas utilizadas para bate-papo online), “Celular Nokia 2280”, e “Sistema DOS” e “Windows 95” (sistemas operacionais de computadores), detalhes do mundo “digital” que não aparecem na infância dos grupos anteriores.

Avançando nosso diagnóstico, em termos da realidade política vivenciada durante a infância, as diferenças entre experiências aparecem mais evidentes (Apêndice H). O grupo de 1960 a 1976 recorda-se dos presidentes militares (talvez por isso as “marchas militares” tenham sido lembradas como recorrentes na infância desse mesmo grupo — Apêndice G, além do medo sentido por “militares” e pelo “comunismo” — Apêndice F); o grupo de 1977 a 1982 cita os presidentes do período de redemocratização e das muitas trocas de plano econômico (o que se relaciona com as lembranças acerca das “Diretas Já” e do “Plano Cruzado” — Apêndice G; assim como o medo da “inflação” — Apêndice F); o grupo de 1983 a 1995 menciona os presidentes do período de abertura econômica (o que coincide com a lembrança do “Plano Real” — Apêndice G), e o último grupo, de 1996 a 2005, do presidente afiliado a um partido de esquerda que exerceu o mandato presidencial de 2003 a 2010.

Sobre as impressões e lembranças que cada grupo possui a respeito das décadas alcançadas pelo questionário, notamos que, como já referido acerca do que costuma ser mais bem recordado ou reconhecido, as informações acerca dos períodos “são associadas a acontecimentos integrados na vida do sujeito” (CANDAU, 2014, p.91) e se tornam mais genéricas conforme os períodos se distanciam das experiências pessoais dos respondentes. As décadas de 1960 e 1970 (Apêndice I e Apêndice J), por exemplo, foram épocas tomadas por brincadeiras, felicidade, família, infância para o Grupo 1, enquanto que para os outros grupos foram resumidas a Beatles, Ditadura Militar e Violência (anos de 1960), e Hippies, Discoteca e Rock’n’Roll (anos de 1970). A década de 1980 (Apêndice K), que para o primeiro grupo passa a ser o início da vida adulta, para o Grupo 2 notamos o divertido e colorido período da infância que, para o Grupo 3, será a década de 1990 e para o Grupo 4, os anos 2000.

Destarte, é possível considerar que as respostas obtidas através do formulário nos asseguram — nas devidas proporções — a manter a divisão etária indicada nessa pesquisa. Sendo o Grupo 1 (de 1960 a 1976), aquele da infância e adolescência sem acesso ao mundo com computadores e celulares conectados à internet; o Grupo 2

(de 1977 a 1982), que acompanhou a transição da era analógica para a era digital enquanto eles próprios faziam a transição da infância para a adolescência; o Grupo 3 (de 1983 a 1995), daqueles cuja infância combinou matizes dessas duas eras; e o Grupo 4 (de 1996 a 2005), da infância completamente inserida na digitalidade.

Com efeito, é evidente que a rigidez desse recorte nos serve apenas como ferramenta para uma coleta e organização de dados mais cuidadosa, pois não é nosso propósito adentrar na complexa discussão sobre teorias geracionais. Assim, para essa pesquisa, focaremos nos lugares nostálgicos de apenas um dos grupos, o Grupo 2, ficando os demais como sugestão para futuras pesquisas. Outro aspecto que demanda comentário é que, por esse ter sido um formulário aplicado somente na internet, acreditamos ser mais adequado abordar os sujeitos que, além de se encaixarem no Grupo 2, também se encaixem no perfil geral dos respondentes: infância de classe média e ensino superior completo. Tal reserva se dá, pois não podemos averiguar se a classificação atual seria a mesma se a maioria dos respondentes possuísse características distintas — portanto, outro fator passível de investigações no futuro.

Delimitados e esclarecidos esses critérios, ainda nos interessou examinar as respostas relativas à Pelotas (em torno de 42,5% dos participantes). De imediato verificamos que o perfil da maioria que citou Pelotas como cidade da infância correspondia ao perfil geral: crianças de classe média e adultos com ensino superior. Dentro desse universo, então, definimos que o número de respondentes nascidos entre 1977 e 1982 nos serviria como parâmetro para o número mínimo de sujeitos que precisariam ser entrevistados, ou seja, em torno de oito.

Assim, após breve exposição das etapas utilizadas para o recorte e justificativa dos sujeitos, evitando-se, portanto, o equívoco de generalizar os resultados da pesquisa para toda a população da cidade, resumidamente, estabelecemos que, para esse estudo, nos reteremos apenas aos nascidos entre 1977 e 1982, que passaram a maior parte da infância de classe média em Pelotas (até os 12 anos), e que possuem, hoje em dia, nível superior completo.

2.2 Definição

Estabelecidas as características da amostra, todos os sujeitos que se voluntariaram para participar da pesquisa através de convites públicos em minha página pessoal no Facebook⁵², correspondem aos requisitos no que concerne a faixa etária, classe socioeconômica e escolaridade. Com exceção de um entrevistado que nasceu em Rio Grande, mas mudou-se para Pelotas ainda bebê, os demais são pelotenses e passaram a maior parte da infância e adolescência na cidade em questão. A seguir, uma breve apresentação dos dez participantes da pesquisa.

2.2.1 Alice

Designer, nascida em Pelotas em 1982.

Tempo total de entrevista: 42 minutos.

Alice morou em Pelotas até os 23 anos, depois foi embora porque tinha o sonho insistente de morar em Porto Alegre, de fazer carreira em uma grande agência de comunicação, de criar grandes anúncios. Mas, por lá só ficou mesmo dois anos. Mudou-se para Chapecó com o marido e ali moraram por sete anos. Em Chapecó, Alice começou nova graduação, mudou de ideia, abriu empresa, teve filha. Até que chegou nova vez de mudar, dessa vez, para Florianópolis. Foi ali que, ao odiarem tanto a cidade, que perceberam que estava na hora de voltar para casa, voltar para Pelotas e para o pôr do sol de Pelotas.

2.2.2 Eduardo

Jornalista, nascido em Pelotas em 1981.

Tempo total de entrevista: 141 minutos.

Pai de dois filhos que, na época das entrevistas, tinham seis e quatro anos, Eduardo foi o responsável por me apresentar Pelotas pela primeira vez em 2009. Conta que possuiu a fase de não suportar a vida em uma cidade pequena, mudando-se para Porto Alegre na primeira oportunidade que apareceu. Ficou pela capital sete anos,

⁵² O primeiro convite pode ser acessado através do endereço <<https://goo.gl/ksf6Us>>. O mesmo foi compartilhado pelas páginas Pretérta Urbe <<https://goo.gl/QtH9Ym>>, <<https://goo.gl/T4iSXs>> e Pelotas Antiga <<https://goo.gl/xHJavR>>. Percebe-se que nesse primeiro convite considerava-se uma faixa etária maior, englobando os nascidos até 1983. Após análise mais cuidadosa do questionário, passou a ser considerado o grupo etário do segundo convite, e este pode ser acessado no endereço <<https://goo.gl/ZocZqp>>.

o tempo suficiente para casar, ter filhos e perceber que Pelotas parecia o lugar ideal para viver com a sua família.

2.2.3 Estela

Arquiteta e museóloga, nascida em Pelotas em 1982.

Tempo total de entrevista: 35 minutos.

“Bairrista”, Estela esclareceu logo de início. Tudo porque não consegue imaginar-se morando em outro lugar e não gosta que falem mal de Pelotas, a sua cidade natal e do coração. Mas apesar de todo amor, não se engana: a cidade poderia ser muito melhor se fosse mais bem cuidada. A entrevista em si foi bem rápida, não ocorreram subterfúgios e nem devaneios. As lembranças seguiram o roteiro das questões elaboradas a priori e de outras que foram surgindo no meio da conversa.

2.2.4 Hélio

Redator publicitário, nascido em Pelotas em 1980.

Tempo total de entrevista: 129 minutos.

Hélio sabe bem como contar uma história. Deixa claro, no entanto, que o que é narrado em um momento certamente será esquecido em outro. Também parece cuidar para não demonstrar/citar qualquer sentimento sobre a cidade do passado e a cidade de hoje. Tudo é bastante ponderado, o discurso é bem amarrado. Mas mesmo assim — embora não seguido de uma observação crítica — Hélio fala em raríssimos momentos sobre o sentimento nostálgico. Atualmente, mora em Porto Alegre onde trabalha em uma agência de comunicação, e cada vez mais raramente aparece por Pelotas para visitar os pais e os poucos amigos que permanecem na cidade.

2.2.5 Luíza

Arquiteta, nascida em Pelotas em 1981.

Tempo total de entrevista: 131 minutos.

Luíza nasceu em Pelotas e, segundo ela, sua infância foi muito feliz. Na adolescência que as coisas mudaram um pouco de figura. A cidade passou a ser odiável, um tédio só, todos eram chatos, não tinha muito para se fazer a não ser, ir embora. Acabou conseguindo. Morou por seis anos em Florianópolis para cursar arquitetura, voltou, ficou

mais um tempo e saiu de Pelotas novamente por três anos para cursar o mestrado em Porto Alegre. O período fora a fez perceber que todos os lugares podiam ser igualmente ruins quanto à cidade natal. Agora mora em Pelotas e nem sonha em mudar de cidade.

2.2.6 Madalena

Designer e professora universitária, nascida em Pelotas em 1979.

Tempo total de entrevista: 132 minutos.

Madalena gosta de se lembrar da infância. Vai e volta ao passado com a felicidade de quem encontra velhos amigos, velhas paisagens. Os gestos que acompanham seus relatos parecem mesmo querer tocar uma outra cidade, ou melhor, os prédios daquele outro tempo de brincadeiras, dos passeios com o avô, do tempo onde começou a forjar a sua própria identidade. Madalena possui uma filha pré-adolescente e, no período das entrevistas, dividia-se entre família, amigos e as viagens semanais para Porto Alegre por conta do doutorado em andamento. O único período em que morou longe de Pelotas foi quando tentou vestibular em Curitiba em 1998. Mas só ficou por ali sete meses: voltou para a terra natal, cursou e se formou bacharel em design pela UFPel, a mesma faculdade onde agora leciona.

2.2.7 Mateus

Arquiteto e urbanista, nascido em Rio Grande em 1979.

Tempo total de entrevista: 64 minutos.

Terminada a entrevista no apartamento que divide com sua mãe, Mateus me convidou para caminharmos até a rua de sua infância não muito longe de onde estávamos. Na ocasião, ele estava de férias do seu trabalho como arquiteto e urbanista na FURG, em Rio Grande. Em dias normais, a rotina é corrida: viaja bem cedo da manhã para a universidade em questão e retorna para Pelotas ao fim do dia. Apesar do dia quente, o passeio pelo passado durou mais tempo que a entrevista em si, e pude conhecer além da casa de infância, as primeiras escolas, as ruas em que costumava brincar e histórias diversas sobre a vizinhança.

2.2.8 Miguel

Webdesigner, nascido em Pelotas em 1979.

Tempo total de entrevista: 80 minutos.

O café colonial de uma padaria seria nosso ponto de encontro para a entrevista. Infelizmente, o tal café já não era mais oferecido, o serviço durou pouco tempo, como as coisas costumam durar em Pelotas, observou meu acompanhante desapontado. Então, cada um pediu qualquer coisa para comer. A conversa, entre sanduíches e refrigerantes, seguiu até o melhor período da vida de Miguel: a infância. Daquele tempo saíram os relatos dignos de aventuras de cinema. E ele que, no passado, tanto viajou por conta dos pais sempre estarem mudando de cidade, hoje não sai de Pelotas nem para ir até a cidade ao lado.

2.2.9 Simone

Jornalista e professora universitária, nascida em Pelotas em 1978.

Tempo total de entrevista: 87 minutos

Foi entre o fim de sua última aula do dia na faculdade e o retorno para casa, para o filho de pouco mais de um ano, que Simone concedeu a sua entrevista. Fomos até uma lanchonete próxima ao Centro de Artes da UFPel e ali, embaladas pelo som ambiente de conversas, jazz e pneus de carros passando nos paralelepípedos molhados que ela me contou sobre a infância, o restaurante dos avós, os muitos aromas, sabores e cores do passado, e os lugares saudosos de Pelotas, para onde voltou a morar em 2012, depois de dez anos vivendo em Porto Alegre.

2.2.10 Tom

Jornalista e tradutor, nascido em Pelotas em 1980.

Tempo total de entrevista: 56 minutos.

Vários meses se passaram até que conseguíssemos negociar o melhor dia, horário e local para a entrevista. Não muito diferente dos demais entrevistados, Tom precisa dividir suas horas em uma série de atividades que incluem a família (na época do encontro, sua filha estava com cinco anos), laudas e mais laudas de textos para traduzir, além das laudas e mais laudas de uma tese de doutorado para escrever. No meio tempo de sua rotina, de vez em quando, também apareciam algumas viagens... mas conseguimos e a entrevista aconteceu e nos rendeu ótimas histórias.

3 O PRESENTE É UM PAÍS ESTRANGEIRO

*I feel like I've been living in a city with no children in it.
A garden left for ruin by a millionaire inside of a
private prison.⁵³
(ARCADE FIRE, 2010c)*

O presente é breve, evanescente, é um ponto efêmero extenso em três segundos (WHITTMAN, 2015). Ainda assim, é a “nossa única posse real” (IZQUIERDO, 1989, p.89). É onde existimos e onde se dão as nossas ações, o que experienciamos e o que percebemos do mundo que nos cerca. É também onde lembramos o passado e construímos o futuro. É, portanto, o único tempo em que podemos sentir nostalgia.

Pensemos sobre as primeiras questões levantadas durante as entrevistas:

“Qual a sua percepção da cidade?”

“O que Pelotas simboliza para você?”

Embora possam emprestar impressões do passado, as repostas para essas perguntas trazem esclarecimentos apenas sobre o hoje. Mudam-se as demandas e contextos, mudam-se as respostas e impressões. Até mesmo as lembranças podem se fazer outras. Portanto, é do presente que partimos. E o fazemos, como dito, a partir das percepções dos interlocutores, de onde não esperamos que se prenam a números e sentidos, nem a conhecimentos técnicos. Pelo contrário, pretendemos suas impressões mais imediatas, que trocam a descrição de uma Pelotas de clima subtropical úmido com seus mais de 1.600 Km² de área e 320 mil habitantes predominantemente na zona urbana (IBGE, 2010), pela descrição de uma cidade bastante úmida, pequena, mas não tanto.

As dez pessoas apresentadas no capítulo anterior foram ouvidas e a partir da análise de nossos diálogos, identificamos temas e preocupações recorrentes. Contudo, não trataremos das entrevistas isoladamente, mas dos fenômenos que

⁵³ “Sinto como se estivesse vivendo numa cidade sem crianças/ Um jardim largado à ruína por um milionário dentro de uma prisão privada” (tradução nossa).

elas nos permitem discernir, ainda que as falas transcritas sejam utilizadas para embasar nossa interpretação. Dito isto, a descrição do contexto atual de Pelotas — conforme o olhar dos sujeitos, das suas experiências pessoais, sentimentos e vivências —, foi organizada em dois tópicos: aquilo que é percebido e o que a cidade representa para eles.

3.1 Percepções da cidade

Pelotas é uma cidade plana que convida a caminhadas. Suas casas antigas de um pavimento, sem jardins, abrem as portas e janelas diretamente para as calçadas estreitas (Figura 19 e 20). Edifícios baixos, poucos edifícios altos, fachadas modificadas ao longo das décadas ou encobertas por propagandas de comércios diversos (Figura 21), casarões em ruínas (Figura 22), alguns devidamente restaurados, ruas de paralelepípedos, ruas de asfalto encobrindo os paralelepípedos, pouca arborização. Caminhar pela área central de Pelotas rumo aos lugares onde ocorreram a maior parte das entrevistas, não nos reserva paisagem diferente. Embora mais próximos do Centro Histórico, no entorno da Praça Coronel Pedro Osório, grite mais a imponência dos casarões e do Mercado Central em franco funcionamento (Figura 23), do que a decadência e o abandono percebido nas proximidades da zona do Porto (ao sul do mesmo bairro), a outra localidade mais mencionada nas entrevistas por causa das faculdades (Figura 24) (informação verbal)⁵⁴.

Figura 19 - Casas de um pavimento (Centro)



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2011.

Figura 20 - Ruas (Centro)



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2011.

⁵⁴ Todos os depoimentos citados ao longo deste capítulo foram extraídos da transcrição das entrevistas feitas com os informantes identificados no capítulo anterior.

Eu gosto de caminhar por Pelotas. Pelotas é uma cidade que te permite caminhar até pelo trânsito, pelo fluxo. Não sei se tu te lembra de uma das coisas mais horrorosas de Porto Alegre: as ruas não se encontram. Elas vão pra um lugar que eu não sei, quando tu vê, quando tu dobra uma esquina, dobra outra, já está em um outro lugar que tu não sabe onde foi parar. Aqui em Pelotas eu sei que eu ando uma quadra e se eu fizer a volta na quadra eu estou na outra quadra igual onde eu entrei. Então eu gosto de andar aqui. E nossa, tudo é perto. Morar em Porto Alegre me fez parecer uma pessoa super flâneur em Pelotas. Porque eu vinha pra Pelotas e eu andava sempre a pé, até porque eu não tinha carro e eu não ia de ônibus pros lugares, ia a pé. Podia pegar táxi, mas ia a pé (SIMONE, 2017).

Figura 21 - Fachadas alteradas (Centro)



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Figura 22 - Casa abandonada (Centro - Porto)



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Figura 23 - Mercado Central (Centro)



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2015.

Figura 24 - Prédio de uma faculdade (Centro)



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2017.

Para o grupo entrevistado, pensar em Pelotas também é pensar em passado. O que pode ser digno tanto de orgulho, pois uma cidade antiga parece trazer em si uma carga cultural e histórica que funcionaria como valor agregado, como marca de status que, segundo uma das interlocutoras, se estende, até mesmo, aos seus habitantes:

Uma coisa que eu não percebia quando morava aqui, antes de ir embora, é como a cidade é antiga. Eu não via o quanto a cidade é antiga, não via isso antes. Meu olho não era acostumado com isso... Daí, fui morar em uma cidade que tinha noventa anos na época em que morei lá (que era Chapecó). O colégio Gonzaga, onde estudei a vida inteira em Pelotas, deve ter agora cento e dez, cento e vinte anos... então, o colégio em que eu estudei era mais antigo que uma cidade inteira! E não era só o Centro Histórico que era antigo, tudo era antigo... todas as ruas são. [...] E acho que esse é um fator muito positivo. Culturalmente, Pelotas está há anos-luz na frente de Chapecó. Pra mim, quanto mais antigo o lugar, por mais coisas já passou, mais história tem e isso agrega na população, em tudo na cidade... tu absorve isso. Então, pra mim, é um fator muito positivo (ALICE, 2017).

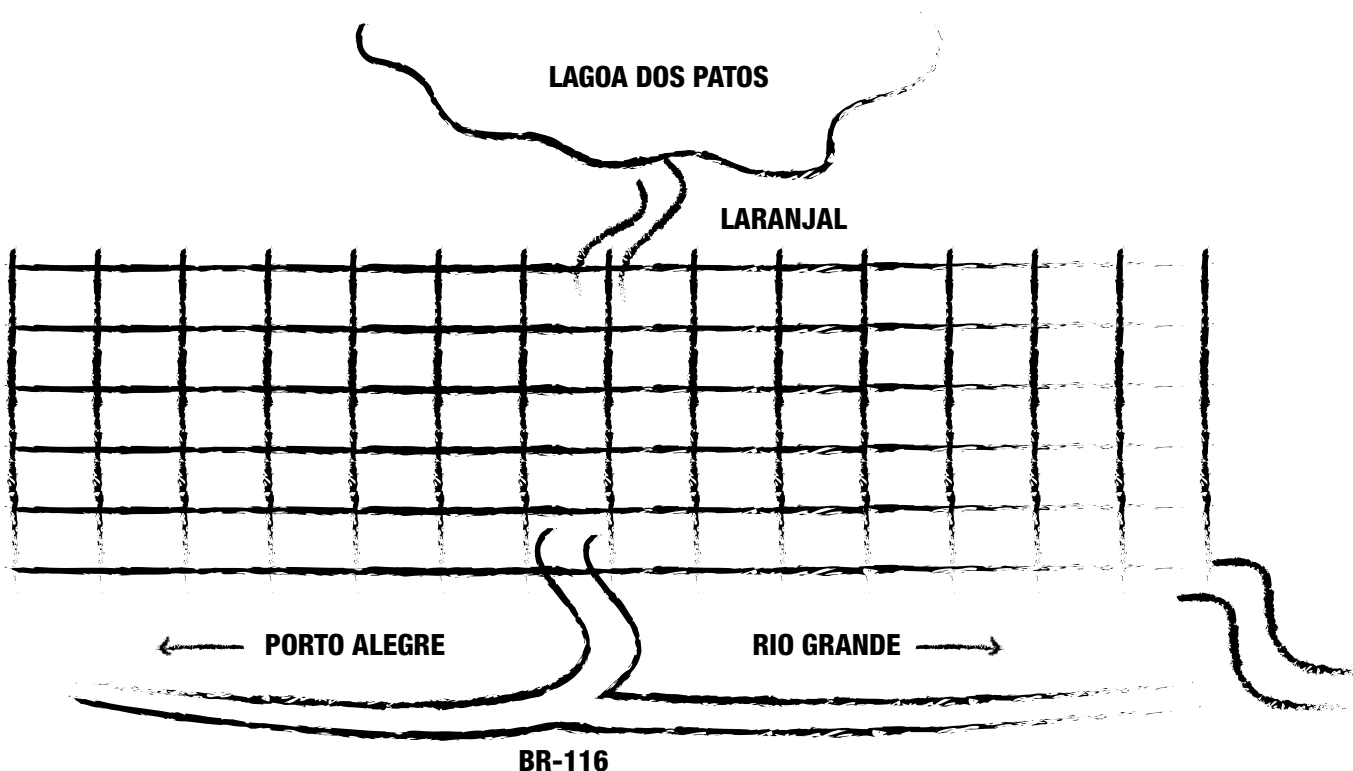
Quanto também pode inspirar vergonha, afinal, observando criticamente, os belos e bem cuidados casarões são minoria diante de uma maioria de casas arruinadas ou de zonas inteiras negligenciadas que em nada combinam com o ar imponente que a cidade gosta de exibir:

[...] tem um prédio que se destaca no meio de vários em ruína. A gente anda no Centro que é o Centro Histórico, o principal bairro da cidade, e a gente encontra muito prédio abandonado. Aqui do lado do meu prédio tem um que pegou fogo e... na Barroso tem uns dois ou três que pegaram fogo, é muito comum. Eu tenho essa percepção de que seja uma cidade abandonada. Tirando ali da praça, onde tem a Prefeitura, onde é o foco, onde todo mundo acha bonito, não tem mais nada... (ESTELA, 2017).

Pelotas vive muito de memória. Pelotas se alimenta muito disso, e é meio saudosista, muito melancólico porque a coisa não está mais lá, não existe mais a riqueza que existia, não tem mais a importância que tinha, mas ainda assim, Pelotas parece que faz questão de resgatar isso. [...] Eu critico conscientemente várias posturas que acho bem retrógradas, hipócritas até, mas me orgulho disso, me vejo reproduzindo isso em vários momentos. [...] E minha relação é assim: critico porque acho que, por um lado, não dá pra viver só de passado, mas ao mesmo tempo me orgulho um tanto dessa história toda, apesar de nem sempre admitir [...] Porque tem essa coisa que é muito Pelotina (nem digo Pelotense), da elite falida que mantém a aparência, mas que não é mais o que era antes. [...] Acho que Pelotas teve uma importância muito grande, sim, até 1930, quando quebrou a cidade... e Pelotas se orgulhava disso, se orgulha disso, de coisas como o (Teatro) 7 de Abril que está fechado há quantos anos? O 7 de Abril estar fechado há tantos anos e ter quase caído até que alguém fizesse alguma coisa a respeito retrata muito o que eu acho que é Pelotas... essa coisa de só querer manter as aparências. MADALENA, 2016).

O contraste entre bairros não é o ponto forte da narrativa. A imagem do presente parece entrelaçar-se apenas ao desenho reticulado do Centro (Figura 26), como fica nítido no mapa de Pelotas rabiscado por um dos entrevistados (Figura 25) — e que os demais participantes, em outro momento, após as entrevistas, reconheceram como sendo bastante similar aos seus próprios mapas mentais, incluindo-se uma ou outra configuração mais pessoal, como um maior destaque para o Laranjal, por exemplo.

Figura 25 - Mapa de Pelotas desenhado por Eduardo



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de desenho do informante.

No conversar, prefere-se, portanto, a comparação passado-presente: o que a cidade foi inunda a percepção que os entrevistados têm sobre o que a cidade é, seja para refletir acerca de um presente que se tornou diferente daquilo que costumava ser ou do que se esperava que fosse; seja para reforçar que, de alguma forma, em alguns aspectos, o presente não é muito diferente do passado.

Pra mim, Pelotas nunca mudou muito nesse tempo todo, foi sempre muito igual. Abrem lugares, fecham lugares, mas é tudo a mesma coisa, sempre os mesmos lugares. Não consigo pensar em mudanças estruturais grandes em Pelotas [...] Pelotas é sempre igual, parada... não que eu não goste, eu gosto... (MIGUEL, 2017).

A área onde eu morava mudou bastante. Assim, olha só, em termos de estrutura, ela é a mesma área ainda. Tem as mesmas casas, mas mais decadentes, são casas mais decadentes. Tem coisas que mudam pontuais, tem um condomínio aqui, uma loja que fecha, uma que abre etc., mas quando eu voltei para casa na última vez, por exemplo, eu peguei uma carona ou fui de táxi, eu acho, até a casa dos meus pais. Era noite e era comum as pessoas irem para a rua, ficarem na cadeirinha, na rua, conversando sobre a vida alheia [...] até meia noite, uma da manhã. Estava tudo certo, completamente certo assim. Agora o tráfico tomou conta ali das ruas de baixo, agora tem toque de recolher. Assassinos têm por conta do tráfico. Então tem uma insegurança ali que é muito grande. Tem um medo ali que é muito grande. (HÉLIO, 2015).

Figura 26 - A malha reticulada do Centro



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado da Prefeitura Municipal de Pelotas, disponível em: <<https://goo.gl/YoQ1QE>>, acesso em: 10 mai. 2017.

Perceber o presente de Pelotas é, para quem viveu e vive na cidade, também perceber o seu passado. Se há investimentos, se há melhorias estruturais, é Pelotas sendo o que se esperava que Pelotas fosse. Se por outro lado os investimentos não aparecem, é a cidade perpetrando o descaso. Por essa razão, o que inquieta o olhar e as emoções, são mais as deturpações na “alma da cidade” (HÉLIO, 2015), de quando Pelotas passou a somar aos seus próprios inconvenientes, os inconvenientes

típicos de cidades maiores, como o incremento no fluxo de automóveis e a unânime constatação do aumento da violência.

3.1.1 Insegurança

O traçado simples do Centro facilita a memorização de ruas e trajetos que, para os entrevistados, é ideal para locomoverem-se a pé e para passeios aleatórios. Contudo, de uns anos para cá, a paisagem urbana parece ter adquirido um desagradável adendo: a maioria dos prédios, lojas e casas (mesmo as mais simples) possuem algum tipo de serviço de segurança particular estampado em suas fachadas. As plaquinhas de vigilância 24 horas indicam uma infeliz tendência: não é mais seguro estar em Pelotas. O compartilhamento de notícias sobre homicídios e assaltos durante horários e zonas que antes eram considerados neutros intensificaram ainda mais a imagem de insegurança, o que passou a repercutir na rotina dos entrevistados, nas suas percepções do ambiente e nas formas de viver e usufruir a cidade:

Eu sinto falta de andar na rua. Andar no Laranjal de noite sozinha. Ir de bicicleta de noite, dar uma banda e voltar. Isso eu não faço mais porque eu tenho medo. Até na cidade. De andar na rua eu sinto falta. Andar na rua sem ter medo de ser assaltada (LUÍZA, 2016).

A violência é o que mais preocupa e afeta. Desde que me lembro como criança, tinha certo receio de sair na rua, mas era medo de roubar um relógio, um boné, um tênis. Eu sabia que parava por aí, mas hoje em dia não. Hoje você corre risco de levar um tiro, banalizou muito. Pelo menos é o que vemos nas notícias, não presenciei nada disso na rua ainda, espero nem presenciar, até porque não saio muito (EDUARDO, 2017).

Eu moro em um lugar que eu nunca pensei que eu fosse morar, a gente chama de Centro, mas ele é a Baixada e eu gosto de chamar de Baixada porque tu te localiza, tu sabe que tu estás ali perto do estádio do Brasil (moro há duas quadras do estádio)[...] E é uma vizinhança massa, mas ao mesmo tempo é muito perigosa porque é uma zona meio escondida, então, eu tenho medo de sair de noite sozinha, ou mesmo de dia, tenho medo de sair sozinha pra dar banda (SIMONE, 2017).

Para mim é outra zona, sabe?! Parece que eu estou no *Harlem*⁵⁵ quando eu chego ali. Mas eu vejo isso, esse clima de medo, a zona deserta sempre. Mas eu vejo direto isso, sabe?! Então, embora não tenha mudado em termos de estrutura, ela mudou muito, o entorno mudou. Acho que o que houve com a cidade como um todo. Não é uma coisa isolada ali, apenas. É uma coisa que eu vejo muito (HÉLIO, 2015).

⁵⁵ Refere-se a um bairro de Nova York conhecido pelo alto índice de criminalidade e pobreza.

Pelotas hoje... a única coisa que posso pensar é que não é mais tão seguro como era antes, tão simples como era antes viver aqui. Hoje em dia eu sinto que não é mais possível não sentir medo (andar por Pelotas como o fazia na infância). Por incrível que pareça, hoje, adulto, sinto mais medo de andar em Pelotas do que eu tinha quando eu era criança (MIGUEL, 2017).

Agora quando a gente voltou, sentimos muito pesado esse negócio das pessoas não saírem de casa. Pra gente foi um choque... A questão da violência, acho que influencia, sim. Acho que as ruas estão mais vazias, tem mais carro na rua, isso também influencia (existe mais carro hoje em dia). Então, as pessoas andam menos a pé na rua, daí a rua fica mais vazia, mais insegura... Essa semana mesmo eu estava conversando com a minha prima que está com medo de andar ali na região do Porto (ela mora a umas duas quadras do Colégio São José). Ela tem medo de ir buscar a filha no colégio às seis da tarde porque a quadra dela é assaltada toda noite quase. E acho que tem um medo disseminado, da rua sempre se teve um pouquinho, mas acho que ficou pior nesses anos... (TOM, 2017).

Eu acho que hoje em dia é uma cidade muito violenta, é uma cidade em que a gente não tem mais segurança de andar na rua, já não anda com tanta segurança quanto se andava antes. [...] Em seguida passo pela XV, onde eu morava (na infância), e na época em que eu morava ali, fim de semana, de tarde, a gente estava sempre na rua brincando. Hoje em dia passo ali e tu nem vê criança, nem dentro dos pátios dos edifícios (MATEUS, 2016).

Mas fixando-nos nesse ponto levantado por Mateus, próximos da rua percebida como deserta — durante uma das poucas oportunidades que tivemos de ir a campo com um dos entrevistados —, foi possível, sim, escutar brincadeiras e gargalhadas de crianças. “De onde vem o som?”, poucos metros dali guardavam a resposta: uma dezena de crianças brincava protegida atrás das grades de uma colônia de férias privada — o que obviamente não diz respeito apenas ao fenômeno do aumento da violência, mas uma combinação de fatores que também incluiriam, por exemplo, mães trabalhando cada vez mais horas fora de casa, ponderou ele.

Ruas sem crianças e pessoas dentro de “prisões particulares”, diz a canção que abre o capítulo. Em outra oportunidade, durante entrevista com Hélio, enquanto comentávamos sobre a onda dos empreendimentos condominiais que mais lembram ilhas isoladas dentro de Pelotas, “condomínios mega ricos e mais retirados da cidade”, como também percebe Simone, ele observou que Pelotas parece ter perdido seu senso de comunidade:

Tu ficas num condomínio onde todo mundo tem a mesma vida que é semelhante à tua, tem posses que são semelhantes à tua. O outro é uma ameaça, ‘eu não preciso me dar bem com o outro’. É a ordem natural das coisas, não que eu concorde com isso, mas é o rumo que as coisas estão tomando. (HÉLIO, 2015).

“O outro é uma ameaça” soa como a percepção geral. E Pelotas anda causando um medo que não lhe é peculiar, que não combina em nada com a cidade com ares de cidade pequena, mas nem tanto. O panorama geral também não contribui para uma imagem mais positiva, afinal, Pelotas não está separada do resto do Brasil. Ou seja, as desestabilidades políticas, econômicas também refletem na cidade e no pessimismo geral⁵⁶. Só que talvez exista uma esperança... E é um sentimento esperançoso que surge ao observarem os jovens atraídos pelas universidades.

Eu ando numa *vibe* pessimista agora, mas mais pro Brasil. Eu acho que tudo vai dar errado porque as pessoas não estão sabendo fazer as coisas direito. [...] Mas não sei, pode ser que mude, porque tem um aporte de gente diferente (as pessoas vão embora, os estudantes vem e vão, não sei...), mas tem um aporte de gente legal que vai se juntando e vai fazendo coisas diferentes. De repente isso transforma a cultura em algum momento, talvez... eu tendo a ver “talvez... alguém vai fazer alguma coisa e vai salvar a gente disso”. Talvez aconteça. (SIMONE, 2017).

3.1.2 (Des)Esperança

O teor chateado a respeito de Pelotas é frequente. Para os interlocutores, há muito o que poderia ser feito, principalmente no que concerne à violência, à decadência dos prédios históricos, da economia, ao descaso com as áreas periféricas, com o urbanismo em geral, com as questões sociais, mas também existem as universidades, e elas atraem mentes jovens com seus novos olhares e valores, assim como investimentos para a cidade, o que contribui com o tom esperançoso de alguns relatos. O caso mais emblemático que apareceu durante as conversas foi o da aquisição de prédios antigos pela Universidade Federal de Pelotas (UFPe) e a ideia de que a requalificação desses espaços, principalmente os situados na zona do Porto, melhorariam o aspecto e a autoestima do entorno e incrementariam, inclusive, a sensação de segurança. Além disso, a restauração de alguns prédios históricos em posse da Universidade estaria em sintonia com o que esperam a respeito do patrimônio edificado da cidade. Aliás, as próprias universidades fazem parte da imagem de Pelotas, ou nos termos de Miguel, “se tirassem as universidades daqui, acho que descaracterizaria Pelotas pra mim.”

⁵⁶ Durante a fase das entrevistas, o Brasil atravessava forte ajuste fiscal, crise política que desencadeou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff, na consequente posse do seu vice, Michel Temer e suas reformas econômicas impopulares. Também se viu o corte de gastos do governo Sartori (governador do Rio Grande do Sul desde 2015), o parcelamento de salário dos servidores e, por conseguinte, a crise de segurança que se alastrou sobre o estado, para citar os mais evocados durante as conversas.

Mas uma “cidade universitária”, como se referiam, possui também seus contras e, assim como as universidades investem em infraestrutura que reverbera no todo, assim como atraem grande número de jovens e formam profissionais capacitados, na contramão, Pelotas não consegue absorvê-los e se mantém na condição de um lugar passageiro:

Esse caráter de cidade universitária é bem legal, porque é isso, pessoas lançam novos olhares sobre a cidade e ao mesmo tempo valorizam coisas que, de repente, quem está aqui nunca conseguiu perceber. Mas por outro lado, eu acho que tem essa coisa de ser uma cidade de passagem. Quem é de fora e vem fazer faculdade aqui não vai ficar em Pelotas, provavelmente. Vai fazer faculdade e vai embora depois. E aí é fácil tu gostar e valorizar determinados lugares e tu ficar com eles na tua memória, sentir saudade... se tu não vai estar aqui pra fazer alguma coisa com aquilo, se não vai caber a ti, manter, mudar, cuidar... (MADALENA, 2016).

Não à toa que a esperança com relação a característica universitária de Pelotas é um sentimento receoso. Mas é o que parece existir de mais forte no momento, é no que as primeiras ideias conseguem se apoiar, embora, um pouco mais pessimista que a maioria, Hélio perceba que até o espírito esperançoso de Pelotas, o otimismo de que, a qualquer momento, a cidade vai dar a “volta por cima”, também já não é mais o mesmo.

3.2 O que a cidade simboliza

Com exceção de Hélio, para quem Pelotas só representa “passado” e decadência, para os demais entrevistados, a cidade simboliza lar e, paradoxalmente, se tomarmos em conta as percepções atuais da cidade, o lugar onde se sentem seguros. Ou seja, a insegurança fruto do aumento dos índices de violência compete com a segurança que a cidade onde viveram a infância e grande parte da vida adulta lhes transmite, seja por conta da presença da família, como destacam Luíza e Tom:

Ah, (Pelotas) é a minha casa [...] E eu tenho essa coisa, amor [...] Durante a infância, gostava porque não tinha muita noção, comecei a ir pra outros lugares e comecei a odiar aqui, porque adolescente odeia tudo. Depois que eu fui morar fora que eu vi que não adianta, qualquer lugar vai ter coisa boa e coisa ruim. E aqui tem família e... eu sou muito apegada (LUÍZA, 2016).

Quando a gente estava fora, esse tempo que a gente passou dez anos praticamente fora, eu me lembro de vir pra cá e ter essa segurança, em parte por ter os pais aqui, em ter a casa de infância, porque os pais dão segurança por natureza e essa segurança dos pais se estendia pra cidade (TOM, 2017).

Seja pelas experiências vividas, pelos laços de amizades construídos ao longo das décadas e que acabaram por tornar Pelotas o único lugar onde se deseja estar e de onde não se pretende sair, como no caso de Miguel. Ou porque é a cidade que melhor conhecem, em que as ruas parecem um complemento da própria casa e do próprio corpo.

Eu gosto do traçado da cidade porque eu conheço. Eu sei me movimentar, eu sei que lugar leva ao outro, eu sei os atalhos, sei as ruas. Acho que isso me dá uma segurança comparado aos outros lugares... desde criança eu fazia essa comparação entre aqui e Porto Alegre, que nem a mãe falava tinham as ruas paralelas que se encontram, e aqui é tudo um tabuleiro de xadrez, fácil de se encontrar, saber onde tu está, de conhecer... sei lá, acho que conheci bem rápido os nomes das ruas e aprendi a andar, caminhar mesmo tranquilo por tudo [...] Me sinto em casa, mais em casa impossível (TOM, 2017).

Eu gosto de estar aqui (em Pelotas). Eu me sinto bem aqui, me sinto em casa aqui. Pela família e por não precisar pensar. Pelotas é uma cidade em que eu não preciso pensar, é tudo automático pra mim. “Tenho que ir no Centro”, não preciso ficar pensando como eu vou fazer que nem em Floripa... Eu simplesmente vou! Isso é que tem muito de Pelotas, eu não preciso pensar (ALICE, 2017).

Conhecer a estrutura física da cidade em virtude dos trajetos percorridos e repetidos ao longo dos anos, contribui para o sentimento de familiaridade e segurança. Qualquer outro bairro em que o grupo não seja habituado, com destaque para os de desenho orgânico, como o bairro Areal, não provoca a mesma sensação, pelo contrário, parece caótico e inseguro. Outro fator são as permanências arquitetônicas dos prédios antigos, que funcionam tanto como identidade de Pelotas, como fortes pontos de referência para o caminhar e para o lembrar a cidade. Apesar de muitos carecerem de cuidados especializados, o fato de não terem sido demolidos para dar lugar a prédios genéricos já é, por si só, um alívio e uma promessa de que algo positivo ainda pode acontecer.

Há, no entanto, uma imagem geral de abandono e de descaso, de pessoas cada vez mais isoladas em seus carros, casas e condomínios, do medo generalizado e da desconfiança. A percepção atual é a de que Pelotas, apesar de mudar lentamente em muitos aspectos (para o bem e para o mal, pois algumas mudanças seriam bem-vindas, como a conclusão ou demolição do prédio inacabado atrás da Biblioteca Pública), não é mais o que costumava ser. E isso porque, entre o grupo em questão, a interação com a cidade e com as pessoas que lhe dão o tom sofre bastante o reflexo da correria do dia a dia, da insegurança e das demais crises pelas quais esteja passando o país — o que, provavelmente, em outra cidade não seria diferente (talvez pior, se a cidade fosse muito grande). Em Pelotas, pelo menos, a família e os amigos estão por perto. Em Pelotas, pelo menos, se está em casa.

4 O PRETÉRITO-(IM)PERFEITO

*The kids want to be so hard
but in my dreams we're still screaming
and running through the yard.⁵⁷
(ARCADE FIRE, 2010d)*

Altos índices de endividamento e inflação davam o tom do Brasil na década de 1980. O regime militar se despedia, mas deixava a conta exorbitante dos seus planos de desenvolvimento. Naquela época, era tão difícil acompanhar os preços no supermercado quanto os planos econômicos elaborados pelo governo. Enquanto isso, a Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética dominava os noticiários, a música, o cinema, o que fosse. A ameaça nuclear e o fim do mundo iminente pairavam nos imaginários que, entre as crianças, dividiam a atenção com os mais diversos temas: do cometa Halley a programas infantis na televisão (Apêndice O).

A questão da bomba atômica, da reação nuclear, era uma coisa que permeava toda a mídia daquela época. Talvez tenha sido a última geração a saber o que foi esse movimento atômico. Eu me lembro quando a Globo exibiu “O dia seguinte” (*Figura 27*) que foi um telefilme que fazia uma demonstração sobre o que seria uma reação nuclear se de fato uma bomba explodisse. [...] Após a queda do muro de Berlim, que eu também acompanhei, à distância, no caso, sem entender muito bem o que era, mas sim o que aquilo simbolizava, pelo menos, sobre a Rússia, derrota do comunismo, deu aquele alívio, passou. Mas foi um momento em que a gente vivia em casa. Achava que ia ter bomba aqui no céu que tudo iria acabar, eu não via futuro para mim. Eu achava que eu iria morrer criança ainda, que teria uma morte horrível, esperava até morrer com a bomba atômica, porque com outras coisas seria uma coisa muito pior. (HÉLIO, 2015)

⁵⁷ “As crianças querem ser tão duronas/ Mas nos meus sonhos ainda estamos gritando/ E correndo pelo jardim.” (tradução nossa).

Figura 27 - Cenas do filme O Dia Seguinte



Fonte: <<https://goo.gl/qpSwMt>>. Acessado em 25 mai. 2017.

Mas apesar do clima pessimista, as infâncias dos informantes contam outras histórias e é a partir desse passado que buscaremos identificar acontecimentos e relatos que possam elucidar a relação dos sujeitos da pesquisa com a cidade nos dias de hoje.

4.1 A infância de Alice

Na época da infância, porque sempre morou no mesmo lugar, não achava a experiência de viver em Pelotas uma das melhores, pelo contrário, a cidade lhe parecia chata. Por uma questão de preferência pessoal, não saía para brincar na rua, preferindo ficar no apartamento desenhando, assistindo TV ou ouvindo música. Daquele universo, a sua visão da cidade possuía a exata dimensão da moldura da janela do quarto.

Alice recorda que estudou no mesmo colégio (Gonzaga) a vida toda. Foram onze anos percorrendo o mesmo caminho, ou de carro ou de ônibus, para o qual ela não prestava atenção. O lado de fora era invisível, estático durante as idas e vindas do colégio. Apesar disso, sente que por conta dos inúmeros passeios que fazia com os pais, de carro, teve a oportunidade de conhecer — pelo menos pela janela do automóvel — muitos outros bairros da cidade.

Uma coisa que era o lazer, mas não era eu que escolhia, eu era levada junto. O meu pai tem uma transportadora, ele sempre gostou muito de dirigir, então, no fim de semana, ele pegava o carro e saía andando com a gente por aí. A gente ia, sei lá, pra Colônia, a gente ia em várias cidadezinhas aqui da volta andando de carro. Então quando eu não estava dentro de casa, eu estava dentro do carro. Eu conheço bastante de Pelotas... (ALICE, 2017)

Outro passeio marcante eram os de sábado pela manhã quando iam para o Centro e passeavam pelo Calçadão. Visitavam lojas como a Renner, a Mesbla, loja pela qual guarda enorme carinho e saudade (Figura 28), e para o lanche, iam nas Lojas Brasileiras

ou em uma lanchonete no interior da galeria Satte Allam. Depois, o costume era visitar a avó materna que morava no bairro Fragata. Mesmo ali, preferia não brincar na rua, mas ficar pela casa repetindo as suas atividades favoritas: desenhar e ver televisão. As suas outras programações incluíam aulas de piano, ir ao cinema Capitólio ou ao cinema Pelotense e, aos domingos, se divertir no parquinho da Avenida Bento Gonçalves.

Pelotas sinestésica

Das vezes em que dormia na casa da avó materna, lembra que um som marcou intensamente a sua infância: o apito do trem. Além dele, o barulho da revoada de pardais no fim da tarde, que eram numerosos por conta dos engenhos de arroz. Recorda também o cheiro de brinquedos novos e o cheiro dos lanches vendidos em carroças de lanche espalhadas por toda a cidade.

Figura 28 - Sessão de roupas infantis da loja Mesbla



Fonte: <<https://goo.gl/K3HvrS>>. Acessado em 14 jul. 2017.

4.2 A infância de Eduardo

No sentido de que o país está sempre em crise, para Eduardo, a Pelotas da época da infância não é muito diferente da Pelotas de hoje em dia:

Tinha uma inflação absurda, o dinheiro não dava para nada, as coisas estavam sempre aumentando de preço, tinha remarcação de preço diária; aquela coisa de inflação de 1000% ao ano. Você ia ao supermercado de

manhã e era um preço, à tarde era outro... Eu me lembro de ir muito ao supermercado de manhã com meus pais, eles iam esse horário porque acho que à tarde e à noite já estaria outro preço. Ou às vezes minha mãe ganhava o vale-alimentação, e no dia que ganhava já íamos para o supermercado depois do trabalho, porque no dia seguinte já não ia valer a mesma coisa; já ia dar para comprar menos. (EDUARDO, 2016)

Sua infância foi caseira, não gostava muito de sair e preferia ficar em casa assistindo televisão. Quando era muito pequeno, enquanto os pais estavam no trabalho, ficava aos cuidados de alguma babá. Depois, por volta dos cinco anos, passou a ficar um dos turnos sozinho já que, como relata, não era de dar trabalho e arrumar encrenca: se tivesse desenho animado passando na TV, era ali que podiam encontrá-lo.

Outras lembranças, além das que passava dentro de casa, vivendo sua vida pacata, cuidando dos seus interesses, incluem visitas e “dormidões” na casa de colegas da escola. Esporadicamente, ele também brincava na rua com alguma criança que morasse no condomínio (que na época, como apareceu em outros relatos sobre outros condomínios, não era gradeado), mas era um evento raro. Certa vez, sua família morou em uma casa com pátio para que Eduardo tivesse mais espaço para brincar e andar de bicicleta, ainda assim, os programas de televisão ganhavam:

Eu sempre fui uma criança de ficar em casa, talvez por não ter irmãos me acostumei a brincar sozinho. As lembranças que tenho mais felizes acho que são em casa, nunca fui muito de sair. Me lembro de ir na casa de amigos, colegas de escola e de gostar de ir na casa deles. [...] Depois, dos três aos quatro anos, moramos numa casa no bairro Areal. Segundo minha mãe, eu pedia para morar... Queria brincar na rua, ter um pátio. Aí eles alugaram uma casa no Areal. Mas claro que o que eu gostava mesmo era de ficar em casa, então ficava vendo TV, brincando dentro de casa; ficava muito pouco no pátio. (EDUARDO, 2016)

Apesar disso, destaca como um dos seus programas favoritos ir ao Centro com a mãe, andar pelo Calçadão (Figura 29), comprar brinquedos em lojas como a Mesbla e fazer algum lanche nas Lojas Brasileiras. Esses passeios ocorriam ou no sábado pela manhã, que era quando sua mãe tinha tempo para resolver questões como lhe comprar roupas novas para a estação — o que, por sinal, ele detestava fazer —, ou no horário pós-expediente, por volta das cinco e meia da tarde. Muitas das vezes o motivo que os levava para o Calçadão era para comemorar o bom desempenho de Eduardo na escola, o que acabou lhe rendendo uma das lembranças mais queridas:

Tinha esse lugar que era a feira da fruta, com cores vibrantes; roxo e amarelo. Às vezes depois do trabalho e da escola minha mãe me levava lá para fazer um lanche, a gente ia comprar algo no Centro e terminava comendo ali. A cada final de bimestre no colégio, se eu tirasse notas boas ela me dava algum presente, um brinquedo, e depois me levava para fazer um lanche lá. Era geralmente uma empadinha de frango e um suco que se chamava Saúde, de abacaxi com leite condensado. Pelo menos a cada dois meses eu ia, mas acho que ia uma vez por mês ali. Era uma coisa que me marcou, porque era uma coisa feliz. Eu tinha tirado boas notas, ganhava brinquedo e ia fazer um lanche; era legal e bacana. Eu adorava aquele suco. A Galeria Satte Alam ainda existe, tem um lugar que vende suco, mas não é mais roxo. Uma coisa que eu lembro é que tinha dois andares e geralmente a gente ficava embaixo, nessa bancada grande e em cima tinha umas mesinhas. As coisas eram feitas em cima e tinha um elevadorzinho, e descia com um copo cheio. Era uma coisa bem high-tech. (EDUARDO, 2016)

Figura 29 - Sentado no Calçadão de Pelotas (RS)



Fonte: Arquivo pessoal do informante.

Por outro lado, quando as saídas com os pais incluíam longas esperas, porque eram compromissos de adultos e não tinham mais ninguém com quem deixá-lo, só serviam para reforçar sua necessidade de não sair do seu porto seguro: a sua casa. E os seus outros momentos de lazer favoritos, como ir a bancas de revistas e videolocadoras, acabavam por servir ainda mais a esse propósito.

Às vezes eu tinha que sair com minha mãe. Ela ia cortar o cabelo depois do trabalho e eu tinha que ir e ficar esperando, nem que fosse meia hora. Eu era criança, para mim era como se eu tivesse passado a tarde lá; era horrível. Ir ao supermercado para mim era uma coisa que demorava quatro horas, era como se eu tivesse perdido minha vida lá. (EDUARDO, 2016)

Ou então:

Meus pais iam muito à casa dos amigos, principalmente em datas de aniversário e coisas assim. Aquilo me entediava muito, eu imagino que a gente fosse sete e meia, oito da noite. Era nove e meia eu já não aguentava mais, ficava com sono e não queria mais ficar lá. Não tinha o que fazer. [...] Para mim era um sofrimento não estar em casa. (EDUARDO, 2016)

Eduardo estudou em várias escolas. Fez o pré-escolar no Bem-Me-Quer e a primeira série no Instituto São Benedito, que era uma escola particular que abrigava crianças carentes. Na segunda série, depois de uma greve de professores no São Benedito, retornou para o Bem-Me-Quer. Desses dois colégios guarda boas recordações, se sentia bem e feliz ali dentro. Quando se mudou para o Colégio Gonzaga no terceiro ano, por não achar as crianças tão sociáveis quanto às das outras escolas, não se sentiu mais tão à vontade, principalmente quando entrou na adolescência.

Também recorda que dos três aos quatro anos, na época do maternal e da pré-escola, quando morava no Areal, ia para a escola de ônibus. Depois que se mudaram para o Centro, porque o pai trabalhava fora e a mãe não dirigia, iam e voltavam a pé. Quando o pai passou a ficar mais na cidade, daí ele tinha carona para as aulas, principalmente quando começou a estudar pela parte da manhã, na sétima série. Para o curso de inglês, no horário inverso da escola, geralmente fazia o caminho a pé.

Outro destaque na infância de Eduardo foi um salão de festas da CRT - Companhia Rio Grandense de Telecomunicações. Sua mãe trabalhava em tal empresa e, com frequência, os eventos corporativos ocorriam naquele espaço. Os funcionários também costumavam alugá-lo para suas festas particulares e um dos aniversários de Eduardo aconteceu ali, o que recorda ter sido bastante divertido, pois o lugar tinha quadras desportivas e uma grande área para ele e os amigos se divertirem.

Outros lugares e eventos marcantes

A Catedral São Francisco de Paula que sempre lhe chamou atenção pelos vitrais e pinturas, tanto que, para ele, Pelotas não seria Pelotas sem a presença desse prédio. As praças da cidade, com destaque para a da avenida Bento Gonçalves, onde gostava de brincar no parquinho de diversões. Gostava também de jogar

bola com o pai na praça Palestina, que ficava perto de onde morava. Ali também ficavam uns trailers de lanche e recorda com carinho dos lanches que faziam ali. Lembra também das suas idas aos cinemas Pelotense, Capitólio e Guarany, das brincadeiras na casa em fase de construção de um amigo, no Laranjal, e das idas ao Clube Cruzeiro, Centro Português, Brilhante e Dunas em ocasião de férias ou a convite de amigos para festas de aniversários.

Pelotas sinestésica

O primeiro cheiro que lhe vem à mente quando pensa na Pelotas da infância é o da fábrica de sabão Lang, que ficava na região Central da cidade, perto do Colégio Assis Brasil. O odor era intenso, horrível e acabou entranhado em sua memória. Também não esquece o cheiro forte de peixe do Mercado Central que, de tão insuportável, evitava ficar ali dentro.

4.3 A infância de Estela

Estela viveu a maior parte da vida na COHABPel e a infância, mais precisamente, na casa dos avós, de onde só se mudou aos onze anos. Por ali brincava na grama, subia em árvores, e aprendeu a andar de bicicleta (Figura 30) e patins por entre os prédios do conjunto habitacional livre de portões e grades. A escola em que estudava também era próxima, então, as brincadeiras de rua contavam com as crianças da vizinhança, os colegas do colégio que moravam nas proximidades e os primos, quando em visita aos avós. O sentimento geral era de segurança, tanto que recorda ficar na rua com as outras crianças até tarde da noite:

Sempre lembro da COHABPel que eu andava pelo meio e hoje ela é gradeada. Há uns dois, três anos, eles gradearam a Igreja da Luz. E a Igreja da Luz, embora eu nunca frequentasse a igreja, nem primeira comunhão eu fiz, mas como era na frente do colégio, a gente sentava nos banquinhos ali na frente da igreja. [...] Década de oitenta brincava até de noite na rua. A casa dos meus avós que não era gradeada e agora é, o edifício dos meus avós paternos que hoje é gradeado e não era. [...] Eu me lembro de, à noite, descer trânsito livre (sic)... embora fosse uma quadra da outra, eu vivia de uma casa para a outra, de noite. Caçando vaga-lume de madrugada. Do lado da casa dos avós tinha um terreno baldio, muito tempo depois que foram construir uma casa, então, caçava perereca, vaga-lume. (ESTELA, 2017)

Ainda que toda a sua vida estivesse concentrada em uma área não muito extensa, ia todo dia para a Escola Nossa Senhora da Luz de carona com o avô e voltava para casa de ônibus. Apesar de não ser necessário tal cuidado, a família preferia lhe proporcionar

essa facilidade. Amava ir para a escola, participar das atividades estudantis, não gostava de faltar às aulas e era conhecida por todos. No final da infância, quando ela e a mãe se mudaram para Santa Catarina, recorda ter ficado animada com a mudança, mas logo mudou de ideia. Uma vez na outra cidade, chorava todos os dias, ia mal nos estudos e se sentia sozinha sem a família e os amigos. Voltaram, então, para Pelotas, para o mesmo o bairro e para a mesma escola de sempre.

Figura 30 - Andando de bicicleta pela COHABPel



Fonte: Arquivo pessoal da informante.

Outros lugares e eventos marcantes

Das poucas vezes em que frequentou o Centro da cidade, recorda de ir a Mesbla e às Lojas Brasileiras, onde costumava comprar balas. A praça Coronel Pedro Osório sempre chamou a sua atenção, além dos prédios antigos no entorno. Lembra também do primeiro museu que entrou na vida: o da Baronesa, na companhia do pai.

Pelotas sinestésica

A sua infância tem um cheiro doce das sobremesas e caldas que sua avó sempre preparava. Ambrosia, pudim, fios de ovos, todos remetem à sua avó, todos a levam direto para a infância e nada poderia representar Pelotas melhor.

4.4 A infância de Hélio

Até os vinte e quatro anos, Hélio viveu com os pais no bairro Fragata, há umas cinco quadras da rodoviária. Foi ali que, bem no começo da infância, recorda de ter vivido a experiência de brincar na rua, até altas horas, com as outras crianças da vizinhança. Recorda que havia asfalto na frente de sua casa, mas que do outro lado, podia avistar um matagal gigantesco que lhe dava a sensação de viver uma vida em eterna construção.

Sentia-se seguro no bairro, como se a cidade não lhe oferecesse nada a temer, pelo contrário, parecia um lugar bastante vivo, repleto de coisas acontecendo à sua volta. Sentia um clima de comunidade, de pessoas que se conheciam, que cuidavam umas das outras, dos rostos que eram familiares — dos vizinhos de porta aos mendigos que ficavam pela região:

Eu me lembro, tinha uma coisa muito interessante. A minha mãe falou uma coisa uma vez, para mim, anos atrás, que eu achei muito marcante. Com essa simplicidade, falando: 'é impressionante, hoje a gente não sabe mais o nome dos mendigos' [...] É que antigamente, era muito comum ter o mendigo do bairro. Tu conhecias pelo nome, tu sabias até o CPF dele. O mendigo do bairro era aquele cara que era meio exótico, tu sabias o nome dele. Tinha o Salsicha. Tu davas pão pra casa, etc. (HÉLIO, 2015)

Todos os sábados pela manhã, ele e os pais iam para o Centro da cidade. Enquanto a mãe cuidava das compras, de resolver uma ou outra questão que precisasse, ele e o pai seguiam até os sebos onde possuía permissão para comprar dez gibis. Aquela era a programação mais ansiada durante toda a semana:

Meus dois pais trabalhavam fora e tinha uma babá que ficava comigo e ela me ensinou a ler com um jogo de letras. Não sei porque veio esse impulso, assim, e eu comecei a ler em duas semanas. Foi uma coisa surpreendente. Meu pai, para poder incentivar isso, ao invés de me dar uma mesada, como eu era criança, me levava para o centro da cidade e eu podia escolher dez gibis para ler. [...] Com o tempo, além dos gibis eu consumia livros. Naquele tempo tinha muito sebo na cidade, era barato. Com dez gibis ele gastava, sei lá, o equivalente a R\$ 10,00, nem chegava a tanto assim. Sempre eram muito baratos naquele tempo. Então eu criei o hábito. Para mim, o dia que eu esperava, sempre, era o sábado: o dia em que eu ia comprar gibis no centro da cidade. Fazia uma ronda pelos sebos. Meu pai lia também, ele comprava as coisas para ele e as coisas para mim. (HÉLIO, 2015)

Hélio sempre gostou de caminhar e o fazia tanto quanto fosse possível. O mais especial, no entanto, era o percurso da escola. Aos dez anos de idade, quando passou a ir sozinho para a aula, sem a companhia do pai, achou que era uma boa ideia cortar

caminho por dentro do cemitério: um lugar que passou a instigar seu *eu* aventureiro e a permear a sua imaginação com as mais diversas histórias e descobertas:

O caminho que eu fazia era pelo cemitério, ia por dentro, porque criança busca aventura. [...] Tinha coisa ali que eu achava interessantíssimo, o que é uma coisa que até é meio mórbida de se falar, mas eu achava muito curioso. Eram 3 coisas: 1) eram as datas nas lápides, eu adorava ficar olhando data em lápide. 'Ah, esse aqui viveu 35 anos'; 2) eu achava muito curioso, também, as cartas que escreviam, tinham cartas colocadas ali dentro, geralmente; 3) e tinha uma coisa que eu tinha fascínio e medo que eram as estátuas, eu sempre tive medo de estátua. Eu não sei porque, talvez devido à idade, no caso. Porque tinha no cemitério e na minha família a morte sempre foi um tabu, 'se falar nisso (na morte) pode acontecer'. [...] Apesar de ter toda essa questão, sabe, mais isolada, mais introspectiva, sempre tive uma bruta inquietação com essas coisas. De querer saber mais. É uma coisa muito curiosa, porque, não é impulsivo, é de falar: 'eu vou lá ver o que é isso. Se eu não posso ver o que é a morte, eu vou lá pular o muro do cemitério. Eu vou olhar isso em primeira pessoa. Danem-se vocês todos.' [...] E também tinha uma coisa que era bem interessante ali dentro, era a questão do isolamento, eu estava sozinho ali. Estava sozinho no cemitério, poderia acontecer de tudo, mas óbvio que tu não pensas quando tens essa idade. Eu gostava também daquele isolamento, aquela quietude que tem ali dentro. Aquela coisa de ter um amplo espaço e só teu, praticamente. (HÉLIO, 2015)

O medo de estátuas depois é abordado em outra ocasião. Durante a entrevista, Hélio relembra o que considera ser a origem da sua fobia:

(Na praça da avenida Bento Gonçalves) Eu me lembro, assim, que eu jogava bola e ia correndo todo bamba, todo gambeta, e uma vez a bola caiu pra fora do matinho, tinha uma espécie de arbustinho, a bola caiu atrás do arbusto e eu fui lá, fiz a volta no arbusto, e quando eu dei a volta no arbusto, tinha uma estátua de um guri, deitado, com a bola no colo dele, e essa estátua sem cabeça, pra mim sempre foi uma visão aterrorizante. Pra sempre eu levei isso comigo, pode ser por isso meu medo de estátua. (HÉLIO, 2015)

Por volta do final dos anos de 1980, Hélio comenta que as coisas no bairro sofreram uma mudança drástica, uma espécie de transição em que ele e as outras crianças passaram a ficar mais dentro de casa. Primeiro, porque a zona em que morava ganhou mais ruas asfaltadas, logo teve um aumento no fluxo de carros, portanto, não era mais tão sossegada; segundo, sentiram um aumento da violência; terceiro, muitos amigos se mudaram do bairro; e quarto, com a popularização dos videogames, percebeu que, pelo menos para ele, não sentia mais necessidade de estar na rua, preferia ficar em casa lendo e jogando.

Figura 31 - Brincadeiras na praça da Bento Gonçalves



Fonte: Arquivo pessoal do informante.

Outros lugares e eventos marcantes

Uma mansão abandonada que ficava no caminho para a escola Sylvia Mello. Um lugar arruinado que lhe instigava a imaginação. As aulas de natação, por conta da asma, no clube Spieker e no Clube Gonzaga. Os passeios pela Mesbla para olhar os brinquedos que eram muito caros na época e não poderiam ser comprados. As idas à Praça da Avenida (Figura 31), os cachorros sem dono vagando pelas ruas da cidade e, por último, e não menos importante: o deslumbramento pela gruta da santa.

Quando eu era bem pequeno e ainda morava na casa dos meus avós, tinha um lugar que eu tinha um fascínio fantástico, eu estava aprendendo a caminhar... (meus pais, logo que se casaram, como eram muito pobres eles se mudaram para a casa dos meus avós, moravam num sobradinho terrível, eu era pequeno e já achava uma m**, pra ter uma ideia errada do tamanho da b** que era, eu estava aprendendo a caminhar e já achava ruim, então imagina o que iria achar, hoje em dia). E tinha defronte uma espécie de campo, um campo gigantesco, é curioso como naquela época tinham esses descampados, sabe?! E não faz tanto tempo porque eu não sou tão velho assim, meu pai sempre me levava ali, era um campo gigantesco (ou eu era pequeno), e naquele campo, bem ao fundo, bem pro fundo tinha uma coisa que para mim é uma imagem muito marcante, e fascinante, assim, eu acho, tinha uma gruta antiquada, com um monte de velas queimadas e uma quebrada. Para mim era uma visão tão forte, assim, sabe?! [...] E tinha, após isso, após a gruta, uma ilhotazinha, tinha um banhado com uma ilhota, e meu pai sempre falava 'um dia a gente vai lá'. A gente nunca foi, óbvio. (HÉLIO, 2015)

Pelotas sinestésica

Para Hélio, a infância ficou marcada pelo constante e desagradável cheiro do esgoto que exalava da vala aberta em frente à sua casa.

4.5 A infância de Luíza

Até os quatorze anos, Luíza morou no prédio que fica em cima do Banco Santander. Nessa época, a cidade da sua infância se resumia ao Centro, ao colégio São José, ao clube Brilhante e ao Laranjal. Uma das coisas que mais gostava, morando naquela região, era a sensação de liberdade por conseguir fazer alguns percursos sozinha, como ir à sorveteria que ficava na Quinze de Novembro, desde os seis, sete anos de idade.

Durante a semana, as brincadeiras se concentravam nos terraços dos apartamentos dela e de seu melhor amigo, um vizinho de porta que tinha a sua idade. Para a escola ia, a pé, acompanhada de algum adulto responsável e/ou do seu amigo e sua babá. Estudava no Colégio São José, onde, para ela, tudo era feliz e divertido. Tinha muitos amigos e participava das mais diversas atividades, de ajudar a publicar um jornalzinho das crianças a montar e encenar peças de teatro:

Eu fazia um monte de coisa no colégio. Fazia esportes depois da aula, dança, ginástica olímpica. A gente fundou, também, o Jornal do Piá, uma época, que aí teve algumas edições, eu até tenho aqui o troço pra tu levar, se tu quiser. Eu nem me lembro direito o que a gente publicava. Eu me lembro uma vez que a gente viu um OVNI e a gente publicou sobre o OVNI. Tinha coisas sobre drogas e ecologia. As freiras sempre nos convidavam pra dar palestra sobre amizade, essas coisas assim. [...] A gente fazia o que a gente queria naquele colégio, não tinha ruim. Claro, a gente não quebrava nada, mas tudo o que a gente pedia eles deixavam a gente fazer, de canto, de coisa. (LUÍZA, 2016)

Por morar nas proximidades dos casarões antigos, se acostumou com a paisagem, achava bonitos os prédios velhos, e esquisitos os modernos. Só tinha medo de andar por dentro da Praça Coronel Pedro Osório. Quando passou a ir para a escola sozinha, dava a volta pela quadra apenas para evitar o interior da praça que, segundo a sua mãe, não seria um dos lugares mais seguros para uma criança desacompanhada.

Eu tinha medo de passar na praça sozinha porque a mãe fazia um mega terrorismo. Então eu nunca atravessava a praça, eu sempre fazia a volta pelas calçadas, eu nunca atravessava. Isso sim, mas é porque eu tinha medo, não é porque eu achava ruim, é porque a mãe tinha dito que não podia, não podia, não podia, não sei que, que iam me matar, aí eu fazia sempre a volta. E aí uma ou duas vezes eu me aventurei e passei, e eu ia me cag*ndo, rapidinho, eu não olhava pro lado [...] (risos) Mas eu não gostava muito porque eu ficava muito nervosa, então eu acabava fazendo a volta mesmo. (LUÍZA, 2016)

Durante os finais de semana, ou ia para a casa de sua melhor amiga, no Areal, onde podia andar de bicicleta e brincar na rua com as outras crianças da vizinhança,

atividade impossível morando em apartamento. Ou ia para a casa dos avós no Laranjal. Na rua da casa da amiga, montavam banca para vender gibis e as roupinhas de Barbie que a avó da amiga costurava para que, com o dinheiro acumulado, pudessem organizar festas entre os membros do clube em que ela e outros colegas da escola participavam, o CBDN - Clube dos Baixinhos Defensores da Natureza, um reflexo do tema recorrente na época, a Eco 92.

O clube tinha mensalidade, os colegas pagavam, a gente tinha um cadernão pra controlar as contas do [...] (risos). Com o dinheiro das mensalidades a gente fazia festinha de Dia da árvore, Dia do Índio, passeio ciclístico, essas coisas assim. Tem até o convite do passeio ciclístico, a gente era todo da ecologia. A gente ia nos vizinhos, até aqui no prédio a gente fez um cartaz para separação de lixo. Isso lá em 1990, 1991, porque aí teve a Eco 1992. (LUÍZA, 2016)

O verão era o momento mais ansiado do ano. Ela e os primos que moravam em Porto Alegre ficavam todo o período de férias na casa dos avós, no Laranjal, sem os pais, que quase nunca tiravam férias. Os primos eram alguns anos mais velhos e ela era a única menina, para quem todos faziam as vontades. Luíza recorda de acompanhá-los em todas as brincadeiras e de passear de bicicleta (Figura 32), com eles, sem a supervisão de adultos, por toda a praia. Aquele foi um dos períodos mais divertidos e importantes da sua infância.

Quando eu era bem criança, dava pra tomar banho no laranjal. Até eu ter uns 4 anos, mas depois começou a construir mais coisa e começou a ficar poluído. A gente não ia mais tomar banho. Mas a gente tinha bote, a gente ia de bote pra praia, porque lá no Laranjal tu nadas, sei lá, mil metros pra dentro e é raso, dá pé. Depois a gente também ficava, a gente ia de bicicleta pra praia, deixava as coisas todas na areia e ia pra dentro d'água sem adulto nenhum, só eu e os primos. (LUÍZA, 2016)

Outros lugares e eventos marcantes

Os sorvetes na sorveteria ZumZum, na rua Quinze de Novembro. Os almoços de domingo no Shangay, as idas na Companhia do Sanduíche. O lanche do Aquários que todos os dias o pai levava para a casa depois do trabalho. Os passeios para ver os brinquedos na Mesbla. Os bailes de carnaval no Clube Brilhante, Laranjal Praia Clube e Diamantinos, programa preferido de seus avós. O curso de inglês no Yazigi, um dos seus lugares favoritos, praticamente uma terceira casa (porque a escola era considerada a segunda). As aulas de dança na Malê. As idas no cinema Capitólio, Guarany, Pelotense e Tabajara com os amigos. As idas à Igreja Cabeluda com a avó.

Figura 32 - Passeios pelo Laranjal



Fonte: Arquivo pessoal da informante.

Pelotas sinestésica

Da infância, traz a lembrança do cheiro de gasolina que, para ela, era melhor antes, quando não tinha misturas e aditivos. Mas nada a leva tão imediatamente para o passado quanto o cheiro da chuva no Laranjal e da grama recém cortada.

4.6 A infância de Madalena

Desde que se entende por gente, Madalena mora no mesmo quarteirão. Primeiro no apartamento dos pais na avenida Ferreira Viana, depois, até os trinta e três anos, na casa dos avós na avenida Bento Gonçalves, quando voltou a morar no apartamento da infância que agora é de sua propriedade. Desta região lembra que, durante os anos de 1980 e início dos anos de 1990, não haviam muitos prédios além do seu. Recorda de terrenos vazios, de áreas verdes, da calma e da tranquilidade de uma rua de paralelepípedos pouco movimentada. Apesar de aquela ser a avenida que levava até o Laranjal, a movimentação dos carros era rara — até porque, a estrada para a praia não era das mais atrativas na ocasião.

Naquela época, da janela do apartamento, podia ver os primos berrando do jardim da casa dos avós (o ponto de encontro oficial de toda a família e de todas as festas de aniversário, Natal e Ano Novo). Bastava um grito para que ela e o irmão corressem ao encontro deles e assim pudessem começar as brincadeiras. Brincavam por ali e por toda a quadra, sem qualquer supervisão dos adultos. Apenas combinavam o horário do retorno e algumas regras, dentre elas, que não atravessariam o meio da rua. Aquela região lhe parecia um grande parque de diversões, muito em virtude dos primos e de outros parentes morarem por perto:

Esse quarteirão aqui onde eu moro era o nosso playground porque, praticamente, toda a minha família morava aqui na volta. Quando eu era bem pequena, devia ter uns três anos, o meu tio, o irmão mais novo do meu pai, morava no apartamento do térreo aqui do prédio. Então, era só descer as escadas e subir as escadas pra encontrar um dos meus primos que tem quase a minha idade. Aqui no prédio do lado morava a minha avó, mãe da minha mãe (minha mãe é filha única, então, pelo lado dela não tenho primos). A casa dos meus avós paternos era ali dobrando. Na esquina ficava a casa da outra irmã do meu pai e do outro lado da rua ficava a casa que, depois esses primos que moravam aqui (uma escadinha de cinco, amigos de infância), foram morar. A gente brincava nesse entorno todo. (MADALENA, 2016)

As brincadeiras de rua eram de um tudo: brincar de bola, de correr, de esconder por dentro dos terrenos de outros prédios ainda pouco protegidos por grades e o que mais viesse a calhar. Em outras ocasiões, gostava dos passeios pela feirinha da Bento Gonçalves — que lhe parecia bem maior —, ou visitar a Praça dos Macacos⁵⁸, parque na mesma avenida que recebia tal alcunha por possuir um mini zoológico no seu interior. Fora os bichos, ali dentro também existia um parque de diversões e uma escola de educação infantil⁵⁹, uma escolinha municipal de artes que Madalena recorda ter sido a sua primeira escola e pela qual guarda enorme carinho.

Sobre os estudos, depois dessa escolinha, foi estudar no Recanto Infantil, na rua Anchieta, que passou a ser um dos seus lugares favoritos. Adorava frequentar as aulas, conviver com os colegas e aproveitar a rotina de estudante que incluía acordar cedo, fazer as lições de casa, se arrumar e ir para o colégio à tarde, de Kombi. Conheceu todo o centro de Pelotas durante o percurso diário no transporte escolar e recorda o encantamento que os casarões no entorno da praça Coronel Pedro Osório lhe provocavam. Aliás, lembra com carinho das casas antigas que ficavam nas ruas percorridas constantemente. As do centro, para sermos mais

⁵⁸ Parque Dom Antônio Zattera.

⁵⁹ Escola Municipal de Educação Infantil Ruth Blank.

exatos, achava bonitas e coloridas. As da zona do Porto, eram o contrário: cinzentas pelo mofo, feias, tristes e malcuidadas.

(Na zona do Porto) eram ruas muito antigas, todas de paralelepípedo, casas muito baixas, nada de prédios altos, nem nada. Era a zona velha da cidade, velha, decrépita, da umidade [...] aquela coisa da umidade subindo pelas paredes, um frio úmido. Estar lá era sair do meu contexto. (MADALENA, 2016)

Na quinta série precisou se matricular em uma escola maior, no caso, o São José, onde as aulas começavam pela manhã e a carona ficava por conta do pai e não mais do serviço da Kombi. Lembra que essa mudança foi uma ruptura traumática, piorada pelo fato de considerar o novo colégio um lugar horroroso que mais parecia uma prisão. Seu refúgio era, ao fim da aula, ir esperar a mãe, que cursava Direito, na escadaria do prédio da universidade, bem em frente ao Colégio São José.

Madalena também guarda boas lembranças dos passeios que costumava fazer. Os prediletos eram os que ocorriam aos sábados: pela manhã iam para o Centro, quando era época de comprar material escolar ou roupas para estação, passeava por lojas como a Mesbla, Mazza e Brasileiras com a mãe e, à tarde, ia para a loja de revistas do avô ler gibis. Ficava por ali a tarde inteira até a hora de fechar o estabelecimento. Dali, acompanhava o pai e o avô até o Café Aquários onde, enquanto eles tomavam um cafezinho, ela aproveitava sua bala Suprassumo.

Aquela região da Quinze de Novembro, próxima das galerias e do Café Aquários, da loja do avô na saída da Galeria Zabaleta, lhe era muito reconfortante. Sentia que podia andar por ali em segurança, pois compreendia as referências. Longe dali, junto ao grande fluxo de pessoas e carros da rua General Osório ou da rua Marechal Floriano (zona em que a avó materna gostava de frequentar) (Figura 33), Madalena já não gostava. Sentia-se perdida, confusa e incomodada com a poluição visual das lojas. Por se considerar uma criança distraída, evitava e detestava lugares desorganizados.

Eu gostava de entrar nas galerias do Centro com o meu pai, porque às vezes parecia que eu fugia daquela muvuca, daquela confusão. Aquele entorno do chafariz do Calçadão, a rua que corta, que é a Sete, eu acho, não me agradava também. A Osório, eu sempre odiei a Osório, uma confusão, ônibus passando, tinha que tomar cuidado. Pra mim, aquilo era muita bagunça. E aquela coisa que sempre me incomodou, essa coisa de muita informação visual estragando... eu criança reclamava que tinha placa demais e eu não conseguia enxergar (e encontrar os lugares). (MADALENA, 2016).

Figura 33 - Loja Mazza esquina com a rua Marechal Floriano



Fotografia data do fim dos anos de 1970 ou início dos anos de 1980. Era um dos lugares que Madalena menos gostava de circular pelo aspecto caótico.

Fonte: <<https://goo.gl/uw1mjQ>>. Acesso em 20 mai. 2017.

Durante as férias, costumavam ir de carro para o Laranjal por uma estrada esburacada e de trânsito engarrafado, que faziam da viagem um evento longo, cansativo, porém, gratificante. Uma vez na praia, no chalé alugado pelos avós todos os verões, podia brincar livremente com os primos. Normalmente, pegavam as bicicletas e, sem dar maiores satisfações, além de combinar o horário de retorno, saíam em passeios longos por toda a praia. Por ali, também lembra de gostar de frequentar o Laranjal Praia Clube, cujos eventos davam uma animada na praia, e a Pastelaria Estrela do Mar, aonde ia, com os primos, comprar pastéis para todos na casa.

Outra diversão era dormir na casa de amigas, principalmente das que moravam em casas antigas e grandes. Recorda animada das vezes em que foi dormir na casa de uma colega que ficava próxima ao Castelo da Quinze de Novembro. A combinação de casa antiga com tábuas que rangiam e a visão do castelo deteriorado, durante a noite, criava a atmosfera perfeita para assistirem a filmes de terror.

Em nenhum dos relatos, Madalena mencionou qualquer controle dos pais ou medo de brincar na rua. A família estava sempre presente e por perto, mas as brincadeiras ocorriam livremente na companhia dos primos. Havia também a rotina de ir a pé, sozinha, para o curso de inglês na rua Gonçalves Chaves, em frente ao

Instituto de Educação Assis Brasil. O percurso por ruas repletas de casas antigas era, para ela, um dos lugares mais lindos que costumava frequentar na cidade.

Outros lugares e eventos marcantes

A cúpula da Catedral e o luminoso do Hotel Manta que conseguia visualizar da área de serviço do apartamento. Gostava de contar quantas vezes o luminoso piscava quando se sentia insone. As festas de carnaval no Clube Brilhante na companhia da família da melhor amiga. Os lanches na Padaria Lusitana, os sorvetes com a avó na ZumZum, a confeitaria Otto, os jantares acompanhando os pais no Ming's.

Pelotas sinestésica

A cidade da infância tem cheiro de mofo e da cozinha da casa da avó. Aliás, tudo relacionado à comida lembra a avó, principalmente o sabor do estrogonofe.

4.7 A infância de Mateus

A rua Quinze de Novembro, entre o Parque Antônio Zattera e o Clube Brilhante, com sua pouca circulação de carros, era perfeita para brincadeiras. O local como um todo, para Mateus, também lhe era agradável: várias casas antigas de um pavimento, apenas dois edifícios baixos e bastantes árvores.

Era uma rua assim, carro praticamente não passava ali. Então a gente tinha liberdade para ficar brincando na rua sem problema. E sempre tinha alguém que ficava nos olhando. No verão, a gente ficava brincando até tarde da noite na rua, sem problemas. Nos dois lugares onde eu morava, eu brincava bastante na rua. Nesse primeiro, que eu era menor, tinha um pouco mais de supervisão dos pais. E depois, quando eu mudei pra perto do aeroporto a gente ainda brincava um pouco na rua, jogava bastante taco, mas também a gente já brincava mais dentro de casa porque todo mundo começou a ter mais videogame... (MATEUS, 2016)

Embora tenha morado em dois lugares distintos, no Centro até os oito anos, e em uma casa próxima ao aeroporto, até os dezessete, as melhores lembranças da infância se sintetizaram na Quinze de Novembro (Figura 34). Ali, quando não estava brincando na rua, estava na praça, na companhia da mãe ou de alguma tia, para se divertir no parquinho e ver os animais do pequeno zoológico.

Mateus recorda que aquela vizinhança era muito unida. Todos se conheciam e interagiam bastante, até porque era uma rua com muitas crianças que estavam sempre brincando entre si. Durante as festividades de fim de ano, por exemplo, costumavam organizar festas de Natal, com direito a Papai Noel (um dos vizinhos caracterizado) e troca de presentes.

Quanto à rotina escolar, no início, a sua primeira escola, o Colégio Curumim, foi defronte ao Parque Dom Antonio Zattera, inclusive algumas atividades com as professoras ocorriam na praça. Pouco tempo depois, passou para um prédio antigo na rua Gonçalves Chaves, em frente ao Instituto Assis Brasil. Nesse local, cursou todo o ensino infantil e, pela proximidade da sua casa, foi um dos primeiros trajetos que fez sozinho, ou pelo menos, quase sozinho:

O Curumim ficava perto da minha casa, a gente ia a pé. Ou a minha mãe ou a mãe do meu vizinho que estudava ali comigo nos levava, e depois, eles deixavam a gente ir a pé sozinho, mas eles iam até a esquina (andavam dois quarteirões com a gente) e ficavam nos cuidando até a gente ir a pé até lá (a escola). Tinha uma padaria dobrando a esquina, no mesmo quarteirão, que era onde eu comprava bolo inglês pra levar, comprava lanche ali e levava pro colégio. (MATEUS, 2016)

Figura 34 - A rua da infância de Mateus



Fonte: Fotografia feita pela autora no dia da entrevista com Mateus, em 12 jan. 2016.

No primeiro ano, foi estudar no Colégio São José, e ali ficou até terminar o primeiro grau. Do trajeto para a escola, recorda mais do período em que morava próximo ao aeroporto: por ser um dos primeiros a ser apanhado pelo transporte escolar, tinha a oportunidade de conhecer bastante da cidade durante a viagem:

Eu lembro mais de quando eu morava lá perto do aeroporto porque eu era um dos maiorzinhos da Kombi, então eu era o ajudante. Eu sentava na frente e toda vez que ele parava na casa de alguém pra pegar, eu descia pra abrir a porta, fechar a porta, eu adorava a função. E eu saía muito cedo de casa, almoçava cedo porque pegava no colégio às 13h30, mas eu devia sair de casa ao meio dia. A Kombi passava lá em casa, buzina e eu corria. Dali a gente ia no Lindóia, que eu lembro dos edifícios baixos de dois pavimentos bem ruinzinhos... pegava gente lá. Depois na Santa Terezinha, bastante gente nas Três Vendas... De lá a gente ia pro Assis Brasil e lá a gente trocava pra um micro-ônibus. Juntava todo mundo no micro-ônibus e nos levava pro São José [...] Eu andava pelo meu bairro todo assim. Lembro de conhecer bastante da cidade assim, de conhecer as diferenças entre os bairros assim. (MATEUS, 2016)

Mateus gostava bastante de brincar e logicamente gostava dos lugares em que brincar era possível. O Colégio São José era um desses lugares e, portanto, estar ali dentro lhe era sempre muito prazeroso. Tanto que, frequentemente, ficava por lá mesmo depois do horário da aula para treinar basquete.

Pelo menos uma vez ao mês, ele acompanhava a mãe até as lojas do Centro. Como era sempre para comprar roupas aos sábados pela manhã, ele não gostava do passeio. Apenas quando acontecia de visitarem a Mesbla para comprar brinquedos e a Renner, para comprar livros, é que a saída compensava. No geral, era sempre uma atividade desgastante.

Outros lugares e eventos marcantes

As idas à Tabacaria com o pai para comprar gibis. Os aniversários na casa da tia que morava na rua Sete de Setembro. Os jogos de fliperama no PoolBar. As brincadeiras entre as caixas do depósito da malharia que era do pai de um amigo.

Pelotas sinestésica

Para Mateus, a sua infância tem o cheiro da pipoca vendida na frente do colégio. O cheiro de praça e dos bichos da praça. Para ele, a sua infância tem o som da carrocinha de picolé que sempre passava na sua rua... e a velocidade da criança que saía correndo logo atrás.

4.8 A infância de Miguel

A infância de Miguel poderia ser resumida em dois tipos de lugares: o condomínio onde morava (Figura 35) e as videolocadoras onde alugava jogos e jogava videogame. A videolocadora que mais frequentava ficava na rua General Osório. Era tão assíduo que, aos nove anos de idade, mesmo sendo um local longe da sua casa, se sentia

seguro para ir caminhando até lá sozinho. No entanto, não sabia muito bem explicar o caminho pelos nomes das ruas, apenas decorava a quantidade de quarteirões que precisavam ser caminhados e quais esquinas precisava dobrar.

O condomínio onde morava era enorme e tinha muitas crianças. Passava ali a maior parte do tempo brincando. Mesmo em dias chuvosos, davam um jeito de inventar brincadeiras pelos corredores ou no apartamento de algum vizinho. Contudo, o que mais gostava eram as competições organizadas em um terreno baldio localizado entre o seu condomínio e o do lado. Naquele espaço, as turmas se reuniam para disputar partidas de futebol e de vôlei.

Figura 35 - Momentos em casa



Fonte: Arquivo pessoal do informante.

Miguel não tem grandes recordações afetivas da escola e nem da vida em família. O que mais recorda sobre os pais são as constantes mudanças de cidade a que eles o submeteram. Nasceu em Pelotas, mas com dois meses foi morar em Curitiba (PR) — ficou ali até um ano de idade. Depois, moraram em Bagé até os seus seis anos; mais um ano no Chuí, outro ano em Goiás até que, quando tinha dez anos, o pai o deixou sozinho no apartamento por seis meses:

Meus pais eram muito relapsos, pra minha sorte — eu acho sorte — eu aprendi a me virar por causa disso. [...] Fiquei seis meses sozinho em casa, sem estudar, jogando videogame, indo na banca... pra criança é a coisa mais massa que tem. Dava festa em casa, festa com música lenta... Na verdade, quem me deixou foi o meu pai. A minha mãe foi visitar a família dela no Mato Grosso do Sul e o meu pai resolveu ir atrás e me deixou. Eles ficaram lá um tempo e depois ele voltou. [Durante esse período] a vizinha que me comprava as coisas, me levava lá. Mas ela só enchia a geladeira e perguntava como que estavam as coisas. Eu que fazia a minha comida, tudo era eu. Foi muito massa. Foi muito legal. Apesar de ser uma superirresponsabilidade, na época eu achei o máximo. (MIGUEL, 2017)

Os laços sociais mais fortes foram estabelecidos entre os amigos do condomínio, entre a vizinhança. Aquele era seu porto seguro. Enquanto isso, o pai tentava compensar a ausência lhe trazendo sempre algum presente. Miguel recorda que, por causa disso, tinha muitos brinquedos, mas que sondava os amigos da vizinhança quais brinquedos eles já tinham para não comprarem peças repetidas, assim, coletivamente, todos poderiam ter todos os brinquedos possíveis para brincar.

Aquele era o seu “território”, onde andava seguro, o lugar da cidade que mais conhecia. Na época, os prédios não eram gradeados, os espaços pareciam mais movimentados e, também, por sempre haver crianças brincando na rua, havia uma maior sensação de bem-estar. Ali era onde conhecia tudo e todos. Foi ali onde viveu o melhor período da sua vida.

Outros lugares e eventos marcantes

Recorda da Praça dos Macacos sempre cheia, para onde ia com algum amigo tomar sorvete e ver os bichos. Também lembra com carinho das festividades de Natal que ocorriam no condomínio, com a participação dos vizinhos, geralmente os mesmos que o levavam para passear, com os amigos, no parque de diversões.

Pelotas sinestésica

Para Miguel, a infância tem sabor de guaraná Polar de garrafa, cheiro de cola Tenaz utilizada na escola e som de máquinas de fliperama.

4.9 A infância de Simone

Cedo da manhã, o avô abria o restaurante que ficava na esquina da rua Sete de Setembro com a rua General Osório (Figura 36). Da cozinha surgia o cheiro do café recém passado pela avó. O aroma misturado ao som da cortina de ferro sendo erguida fazia parte da sua rotina matutina na companhia dos avós, enquanto a mãe de Simone ia para a faculdade.

Não era muito de sair e brincar na rua porque, além dos avós estarem sempre bastante ocupados com o comércio, a avenida era muito movimentada e, portanto, perigosa. Vez ou outra, para desafiar, principalmente, a avó, corria para a Sete de Setembro e se deitava no chão, aproveitando o fato de que quase nunca passavam carros por ali. Aquele era seu ápice de rebeldia e travessura, sua vida mesmo era pacata, dentro do restaurante, grudada no avô.

Figura 36 - Local (casa azul) onde ficava o restaurante do avô



Fonte: Arquivo pessoal da informante.

Eu me lembro dessa sensação de sair com o vô, de ficar muito ali na frente (no restaurante) perto do vô. Eu era o xodó do vô porque eu era a primeira neta (durante muito tempo eu era a única neta) e qualquer coisa ele fazia por mim. E meu avô era uma pessoa muito afetuosa, ele tinha afeto por todos os netos, era superafetuoso com todos os netos, mas era mega comigo. (SIMONE, 2017)

Quando o avô precisava sair para fazer compras imediatas para o restaurante, ela o acompanhava e esse era um dos seus passeios favoritos, estar com ele e segui-lo para onde fosse. Recorda com muito carinho da vez em que foram ao Supermercado Real e pediu para ganhar um iogurte do cometa Halley. Ela tinha sete anos e não se falava em outra coisa na época:

Eu me lembro de uma situação muito específica da minha infância, eu era bem pequena, tinha uns sete anos, foi quando o cometa de Halley passou e aí todas as coisas do mundo eram de cometa de Halley: tinha caderno,

tinha iogurte, tinha tudo. E eu fui no súper com o vô e eu 'ah, vô, me compra esse iogurte'. Daí, ele comprou o iogurte, comprou o caderno também e eu me lembro de ter esse caderno do cometa. (SIMONE, 2017)

Outros lugares que amava frequentar eram o Café Aquários e o Ponto Chic (que ainda existe, mas não como na época da infância). O avô quase que religiosamente parava por ali: no primeiro, para um cafezinho; no segundo, também para um café e para bater papo com o amigo dono do estabelecimento. Naqueles lugares ela se sentia bem à vontade, eram ambientes familiares, como se fossem complemento da sua própria casa.

Estudava no Assis Brasil, de onde guarda sentimentos conflitantes. Gostava do ambiente escolar, dos estudos, da movimentação de pessoas, mas, ao mesmo tempo, por sofrer *bullying*, aquela também foi uma das piores épocas da sua vida. Tanto que não consegue dosar o quanto ama e o quanto odeia pensar sobre o tema:

Quando eu saí do colégio eu senti saudade e alívio ao mesmo tempo [...] eu sentia uma coisa, tipo, 'ah, nunca mais eu vou viver isso...' e ao mesmo tempo 'graça a deus que isso acabou porque eu não aguento mais, essas pessoas horrorosas'... 'mas eu queria mais um pouquinho...' (SIMONE, 2017)

Além da rotina escola-restaurant, vibrava quando podia passar o dia na casa de sua melhor amiga. Ao contrário da sua casa recém-construída no bairro Areal, a casa da amiga era grande e antiga, repleta de sons, cheiros e sensações que só as casas muito velhas eram capazes de lhe transmitir. Estar ali naquele ambiente tão cheio de memórias era seu refúgio e lhe instigava a imaginação infantil. Tanto que, além da casa da amiga, muitos outros casarões velhos de Pelotas atraíam o seu carinho e curiosidade.

Para Simone, a Pelotas da sua infância lhe parecia uma cidade típica de interior. Um lugar pequeno, bem tranquilo, sem muita violência. Também ajudava o fato de que, desde cedo, sentia que podia andar sem se perder por tudo (pelo menos nas zonas próximas ao colégio e no Centro, perto do restaurante dos avós), como se tivesse um mapa mental bem definido da cidade.

Pelotas sinestésica

Para ela, o cheiro de fezes de morcego que emana dos porões dos casarões antigos, misturado ao odor da umidade é algo típico de Pelotas. Além disso, o perfume de cozinha e refrigeradores de restaurante lhe remetem imediatamente à infância. O frio da manhã em um dia de céu azul, o som do trem, o perfume picante de folhagens no fim da tarde, tudo isso, para ela, é muito Pelotas.

4.10 A infância de Tom

Uma das primeiras casas de que recorda com carinho (especialmente porque ali tinha um bom espaço para brincadeiras), foi a dos avós, na rua Alberto Rosa. De lá também guarda a tristeza da mudança. Apesar de, décadas atrás, a cidade não ser das mais violentas, não se sentiram mais seguros quando o lugar foi arrombado e assaltado, por sorte, na ocasião em que ninguém estava presente. Os avós, então, se mudaram para um apartamento de frente para a praça Coronel Pedro Osório, onde ele, os pais e os irmãos passariam a se hospedar, nas férias, no período em que viveram em Piracicaba (SP).

Antes da vida em outra cidade, que ocorreu quando Tom tinha entre oito e doze anos, moraram em um apartamento na rua General Osório, próximo da avenida Bento Gonçalves e do cinema Tabajara. Depois, aos cinco anos, foram morar em uma casa no bairro Areal, um lugar tranquilo onde ele e os irmãos podiam andar de bicicleta e brincar na rua com as crianças da vizinhança.

Sua programação favorita era ir a bancas de revistas para comprar histórias em quadrinhos. Assim, todos os sábados, antes de irem para o almoço dos avós, no Centro, passavam em lojas como Mesbla e Renner, para ver os brinquedos, passeavam pelo Calçadão, pela Livraria Mundial e, finalmente, iam até a banca de revistas Bimbo, na rua Quinze de Novembro, em frente a sorveteria ZumZum. Aos domingos, o passeio era no parquinho da avenida Bento Gonçalves.

Para ele a cidade sempre foi cinza por conta dos dias nublados, das casas antigas e das ruas de paralelepípedos (Figura 37). Mas não dava importância, nada o preocupava na infância, desde que pudesse fazer suas religiosas visitas às bancas de revista que, durante a semana, também incluíam as que ficavam na avenida Bento Gonçalves. Sobre os estudos, não guarda tantas lembranças dos colégios (Assis Brasil e Érico Veríssimo), apenas quando retornou para Pelotas, aos doze anos, fim da infância, que o colégio em que foi estudar (São José), se tornou um dos seus lugares preferidos em virtude das amizades que formou ali dentro.

Das suas lembranças mais fortes e estimadas, salienta as inúmeras reuniões na casa de amigos dos pais, ou mesmo as visitas constantes que os pais recebiam em casa. A casa parecia sempre cheia de gente e feliz, tudo era desculpa para sair e ir ver as pessoas, sem cerimônias ou preparativos especiais. Tanto que associava essa espontaneidade de encontros a uma característica da própria cidade.

Figura 37 - Cidade cinza



Fonte: <<https://goo.gl/5GRRMz>>. Acessado em 27 mai. 2017.

Uma coisa que eu lembrei que não tem lugar específico, mas que é forte na minha infância e no tempo todo que passei morando com os meus pais... é uma coisa do círculo deles de amigos (mais colegas de trabalho, amigos também, claro, não era família...), eles se reuniam muito. Era muito comum numa noite de, sei lá, terça-feira, tu ir na casa de um amigo. E aí a gente ia junto e tinha os filhos dos amigos também... brincávamos, jantávamos. Ou iam lá em casa... Eu lembro que era uma coisa assim, de decidir na hora: 'hoje, vamos na casa da tia Marta', 'hoje vamos na casa de não-sei-quem...', 'hoje a tia-não-sei-quem vem aqui em casa'. Isso é uma coisa que eu sinto bastante falta. Não sei se é uma coisa de Pelotas, ou só dos meus pais... mas eu associo muito com Pelotas. Talvez fosse mais fácil naquela época, mas a gente se visitava muito. (TOM, 2017)

Outras lembranças

Do tempo em que morou em Piracicaba, passou os três primeiros anos ansioso para voltar a Pelotas. Era um sofrimento ficar longe da família, dos amigos, do que tinha deixado para trás. No último ano, porém, já com onze anos, passou a achar a cidade natal odiável, atrasada, o pior lugar possível para morar.

5 O PASSADO DO FUTURO

*Though we knew this day would come
Still it took us by surprise
In this town where I was born
I now see through a dead man's eyes.⁶⁰
(ARCADE FIRE, 2010e)*

Nesta última etapa, retornamos para a interpretação do hoje a partir do mapeamento dos lugares nostálgicos. O que permanece da infância no presente e como essa presença do passado se relaciona com a percepção da cidade e com as possibilidades nostálgicas para o futuro.

5.1 Mapeamento dos lugares nostálgicos

Através da análise das entrevistas, verificamos que a elaboração de um mapa com os lugares nostálgicos mencionados demandou um processo organizador além da simples diferenciação dos mesmos. Primeiro, porque não somente os lugares nostálgicos foram citados, mas outros enquadramentos espaciais auxiliaram na organização das lembranças referentes a eles. Segundo, porque as narrativas sobre as lembranças de infância e sobre as percepções do presente ajudaram a estabelecer distintos graus de importância entre os lugares, e se estes eram de natureza doce ou amarga. Exemplificando: a lanchonete de determinada rua é nostálgica, mas as lojas visitadas antes do lanche, embora não sejam nostálgicas, aparecem no contexto de rememoração. A casa da avó, porque foi um marco crucial na construção da identidade do sujeito, é de uma qualidade nostálgica diferente da lanchonete. Além disso, as visitas à casa da avó ampliam a experiência do tempo presente através do contato com o passado que o lugar proporciona, provocando, assim, uma nostalgia-doce. A lanchonete, por outro lado, por ter se tornado um péssimo estabelecimento, provoca nostalgia-amarga.

⁶⁰ “Embora soubéssemos que esse dia chegaria/ Ainda nos pegou de surpresa/ Nesta cidade onde nasci/ Eu agora vejo através dos olhos de um morto.” (tradução nossa).

Com isso, percebemos que a construção e a organização da imagem nostálgica da cidade faz uso não apenas de quadros espaciais (HALBWACHS, 2003; POLLAK, 1992), mas quadros organizados muito similarmente aos elementos sugeridos por Kevin Lynch (1982) e que, por isso, serão considerados no mapa desenvolvido para essa pesquisa, como sugerimos a seguir, com as devidas adaptações (Figura 38):

1. **marcos:** tanto ancoram lembranças, como a identidade. Quem se foi e quem se é, se relaciona intimamente com determinados lugares na malha da cidade. Portanto, estes são pontos de referência tanto para a permanência de lembranças, quanto para a própria vida e identidade dos sujeitos;
2. **pontos nodais:** pontos estratégicos na narrativa. Tratam de lugares em que o narrador frequentava intensamente e que pode vir a servir como símbolo de atividades e períodos específicos (por exemplo, ir na Mesbla para comprar brinquedos durante os anos de 1980). São nós que amarram a rememoração e a narrativa;
3. **caminhos:** trajetos que ligam lugares. Podem ser eles mesmos nostálgicos dependendo dos lugares com que se relacionam. Se a via liga um lugar nostálgico a outro lugar nostálgico, esta pode incorporar para si algum grau de nostalgia;
4. **região:** são zonas (re)conhecidas por alguma característica marcante, por exemplo, toda a vizinhança da época da infância, a vizinhança da escola, a vizinhança do local de trabalho. Assim como os caminhos podem incorporar para si a nostalgia dos lugares que agrega;

Figura 38 - Símbolos definidos para os elementos

PONTO NODAL	MARCO	CAMINHO	REGIÃO
			

Fonte: Elaborado pela autora.

Também foram estabelecidas as cores rosa, para quando a marcação se referir à nostalgia-doce; lilás, nostalgia-amarga, e verde, prospectiva, isto é, quando tratar dos lugares de que se espera sentir falta no futuro. Quando, no entanto, os espaços mencionados não provocarem qualquer reação emotiva, são considerados neutros e recebem a cor cinza (Figura 39).

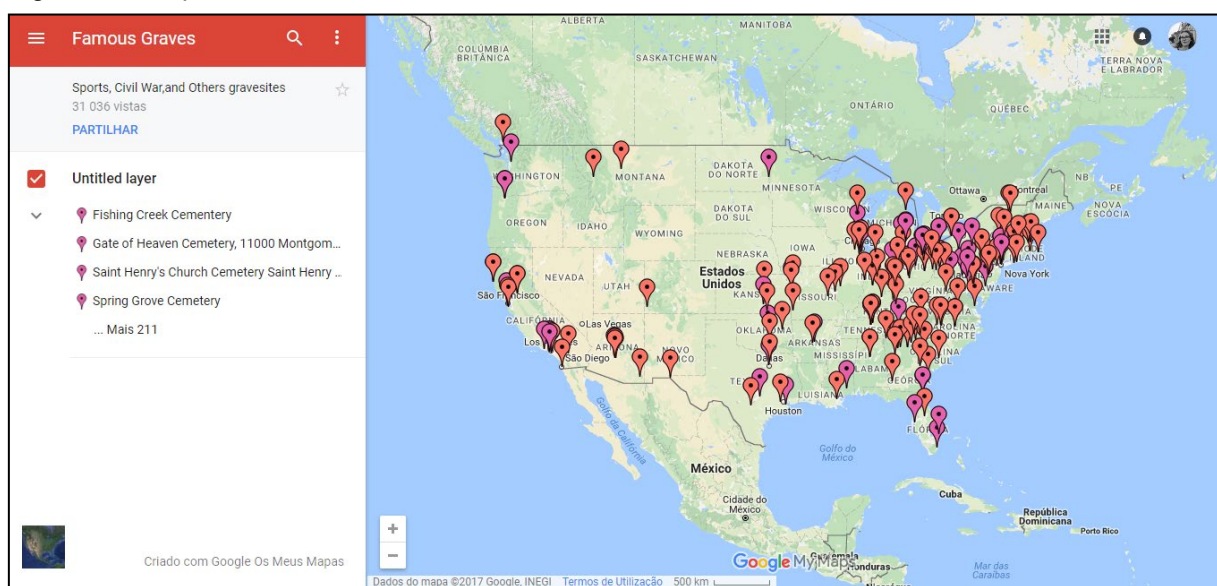
Figura 39 - Legenda utilizada no mapa

		PONTO NODAL	MARCO	CAMINHO	REGIÃO
NOSTALGIA	DOCE				
	AMARGA				
	FUTURA				
	NEUTRO				

Fonte: Elaborado pela autora.

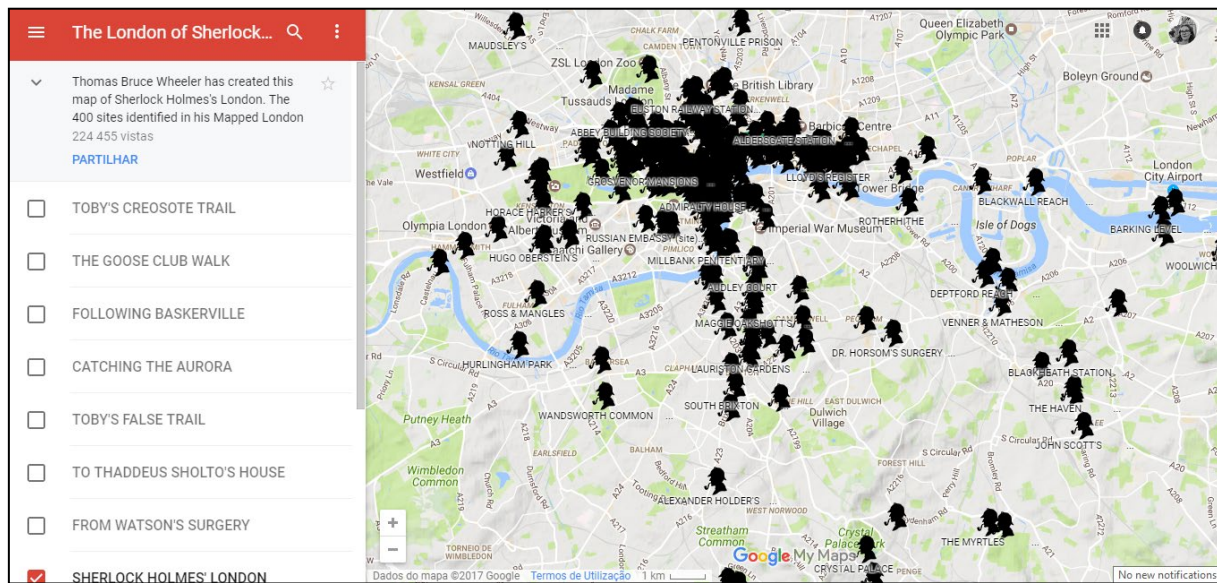
Para a criação do mapa, utilizamos o recurso gratuito do Google Maps (www.google.com/maps/). Através desse serviço, é possível mapear os mais diversos temas, da localização de túmulos famosos (Figura 40) aos locais onde ocorreram as histórias de Sherlock Holmes (Figura 41). A facilidade na utilização dos recursos também contribuiu para a escolha da plataforma e o mapa nostálgico produzido para essa pesquisa foi incorporado ao site www.lugaresnostalgicos.com/pelotas (Figura 42).

Figura 40 - Mapa de túmulos famosos



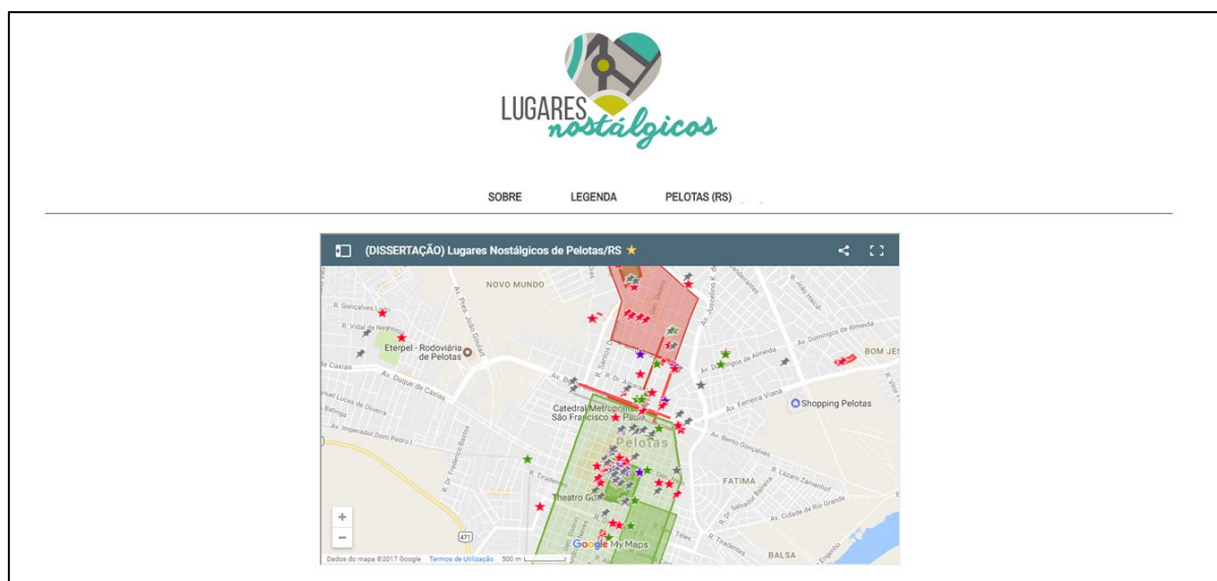
Fonte: *Printscreen* da página disponível em <<https://goo.gl/V53OIA>>

Figura 41 - Mapa do Sherlock Holmes



Fonte: *Printscreen* da página disponível em <<https://goo.gl/A74MMJ>>

Figura 42 - Site dos lugares nostálgicos

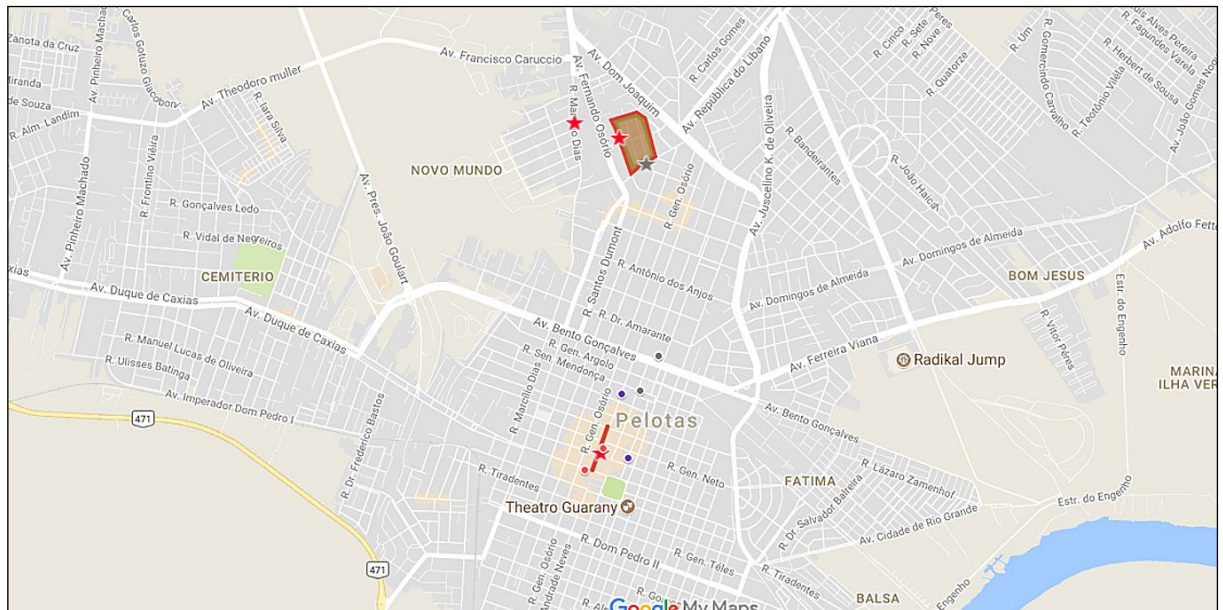


Fonte: *Printscreen* da página disponível em <<http://www.lugaresnostalgicos.com/pelotas>>

Em posse de tais esclarecimentos, analisamos a imagem nostálgica de cada participante da pesquisa demarcando os lugares mencionados como marcos, pontos nodais, caminhos e regiões. Esse mapeamento contou com a ajuda ativa dos participantes através da definição dos lugares em um mapa impresso durante as entrevistas. Posteriormente os dados foram transferidos para o mapa on-line, onde, mais uma vez, foram conferidos, corrigidos ou, caso fosse necessário, incrementados.

5.1.1 Mapa nostálgico de Alice

Figura 43 - Mapa Alice



Fonte: *Printscreen* da página disponível em <<http://www.lugaresnostalgicos.com/pelotas>>

Pelotas é sua casa e se sente realizada por poder morar na mesma vizinhança em que morava na infância, onde tudo ao redor lhe soa familiar e sem grandes alterações que a deprimam. Mas pensa que o bem-estar que possui no seu quarteirão deveria se estender para a toda a cidade através de calçadas melhores para caminhadas mais agradáveis, maior valorização da história e patrimônio edificado da cidade — que são a sua identidade —, infraestrutura básica em dia e mais segurança, caso contrário, aproveitar a cidade não será possível.

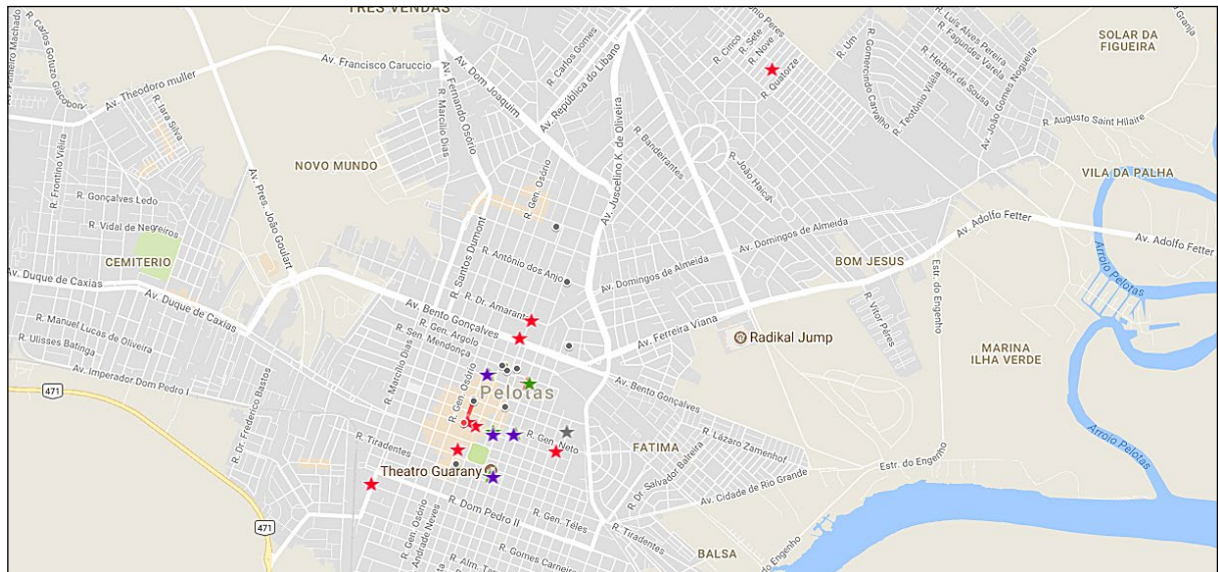
Para Alice, Pelotas é uma cidade em que não precisa pensar, tudo é automático e fácil, não há necessidade para planejar detalhes do tipo, como ir ao Centro, por exemplo, simplesmente vai. E é a cidade onde está a sua família e a cidade também parece fazer parte disso. Não à toa seus marcos incluem os lugares familiares: a casa da infância, a casa da avó e a Mesbla, um dos seus passeios mais agradáveis, geralmente na companhia da mãe e da irmã mais nova.

Nostalgia prospectiva

Sentiria saudade de caminhar por Pelotas, de sentir a cidade. Sentiria falta da rotina, de fazer as coisas do dia a dia na vizinhança onde sempre morou e onde novamente mora, e no Centro, no calçadão.

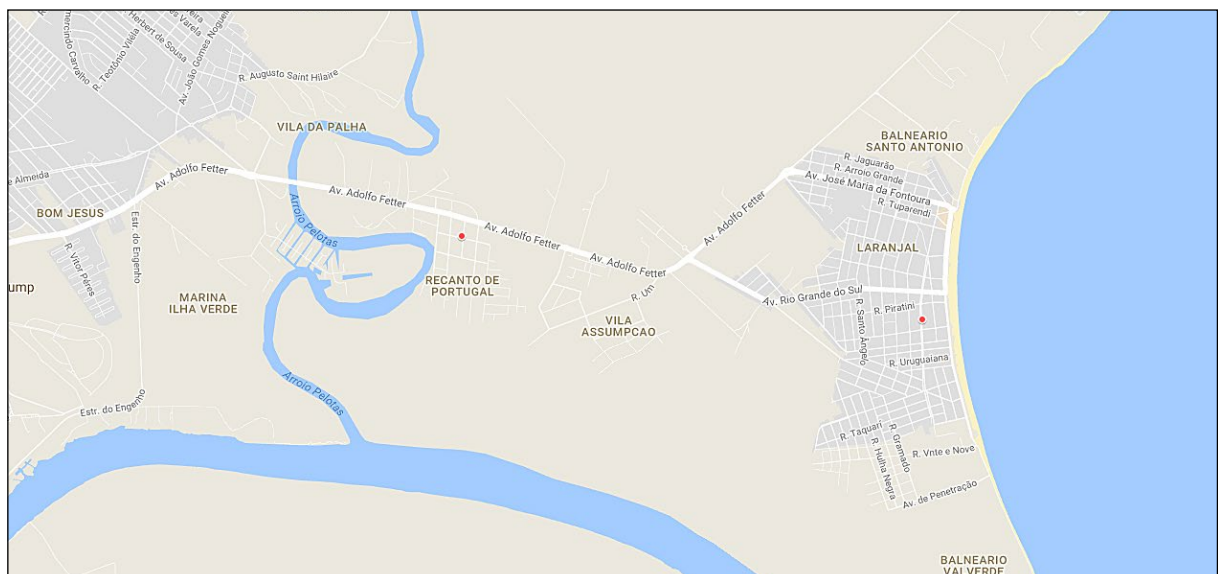
5.1.2 Mapa nostálgico de Eduardo

Figura 44 - Mapa Eduardo, parte 1



Fonte: *Printscreen* da página disponível em <<http://www.lugaresnostalgicos.com/pelotas>>

Figura 45 - Mapa Eduardo, parte 2



Fonte: *Printscreen* da página disponível em <<http://www.lugaresnostalgicos.com/pelotas>>

Eduardo vive em Pelotas, mas devido a sua rotina corrida, não consegue aproveitá-la o tanto quanto gostaria. O pouco que sai para desfrutá-la, ou o que lê através dos noticiários ou sabe por conhecidos e amigos, no entanto, lhe salta aos olhos: ainda falta muito investimento em infraestrutura básica, além de uma atenção maior com relação à educação, à saúde, à segurança e ao lazer da população. Ele também

reflete sobre a característica da cidade em não conseguir manter os profissionais que forma todos os anos, e pensa que mantê-los seria uma peça chave para o desenvolvimento de Pelotas.

Sobre o lazer, tema a que se atem por mais tempo, acredita que precisam ser oferecidas mais oportunidades acessíveis ou gratuitas para que se atraiam ainda mais pessoas economicamente ativas e, com isso, se crie mais oportunidades de desenvolvimento para a cidade como um todo.

E também pontua alguns aspectos de Pelotas que não poderiam sofrer alterações ou seria o equivalente a amputar um membro de um ser humano: o calçadão; as praças, com seus monumentos e chafarizes; as escolas mais antigas; a Catedral; o Laranjal (embora se chateie com o fato da praia ser imprópria para o banho); a tradição do doce; o Café Aquários; os Teatros; os casarões.

Sobre o patrimônio construído, acredita que a tendência para que não desapareçam seja o de aproveitar o espaço cultural de uma forma mais comercial, mas sem que para isso, se altere drasticamente a essência e a relação com a cidade. Isto é, um museu também possuiria espaços para apresentações e eventos, em vez de ser convertido em uma loja de departamentos. O Mercado Central, que agora abriga lojas, cafés, microempresas regionais, para Eduardo, foi uma mudança positiva, mas se um dos espaços fosse alugado por uma multinacional, como o Mcdonalds, seria um desrespeito com a cidade.

Apesar de todo o crescimento desejado, ele acredita que as ruas já não comportam tantos carros, o ideal seria transporte público de qualidade, pessoas sentindo-se seguras para se locomover a pé ou de bicicleta, e uma oferta maior de serviços em outros bairros. Mas não é otimista, pelo contrário, não imagina nenhuma das suas preocupações resolvidas nas próximas décadas.

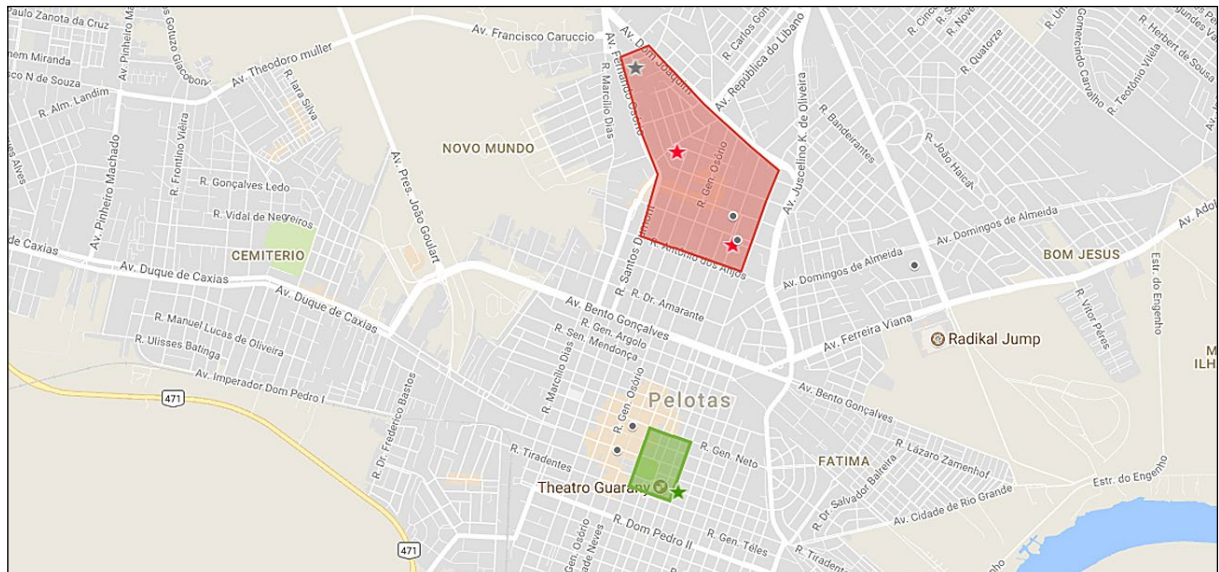
Os marcos de Eduardo, que mostram lugares em que ele possuiu experiências divertidas e proveitosas, como festas, cinemas, lojas, lanchonetes, a maioria na companhia da mãe, são de nostalgia-doce; no caso dos cinemas, por não mais existirem, e por não se conformar com isso, são de nostalgia-amarga.

Nostalgia prospectiva

Sentirá saudade de levar os filhos pequenos para descobrir os lugares da cidade. Continuará sentindo saudade dos cinemas de rua que já não existem e de todos os lugares que não conseguir mais utilizar da mesma maneira que utiliza hoje em dia, todos os lugares que o fizeram lembrar que o seu tempo ali já passou.

5.1.3 Mapa nostálgico de Estela

Figura 46 - Mapa Estela



Fonte: *Printscreen* da página disponível em <<http://www.lugaresnostalgicos.com/pelotas>>

Estela não imagina mudar de Pelotas, apenas em caso de extrema necessidade, e para uma cidade do mesmo tamanho, nada de cidade grande que, para ela, são boas apenas para visitar. Pelotas é a sua casa, é o seu norte, é a sua família. É uma cidade em que pode fazer tudo o que precisa a pé, e o caminhar a conforta, amplia a sensação de estar no seu lugar. E justamente durante as suas caminhadas que Estela percebe o abandono em que Pelotas se encontra, com sua zona central e do Porto repleta de espaços ociosos e perigosos, ao contrário do crescimento na zona do Areal e da avenida Ferreira Viana. O urbanismo pelotense, para ela, deixa muito a desejar.

No entanto, é otimista, sempre o é em relação à cidade, ainda que considere seu otimismo utópico ainda mais por observar uma cidade que ela considera turística ser completamente despreparada para tal missão. Há um longo caminho de melhorias a serem implementadas, desde a questão patrimonial, até a prestação de serviços turísticos decentes, além da própria questão do doce, imagem da cidade que ela mais aprecia — até porque a faz recordar, com muito carinho, da infância e da vida com a avó que sempre preparava quitutes adocicados —, está longe de ser o ideal e não deveria se sustentar apenas pela Fenadoce (Feira Nacional do Doce).

Os marcos de Estela são as nostálgicas casa dos avós e a escola, além da casa em que viveu com a mãe, mas que não é nostálgica pois já foi resignificada no decorrer do tempo, a respeito dos outros períodos da vida em que viveu lá. Esses

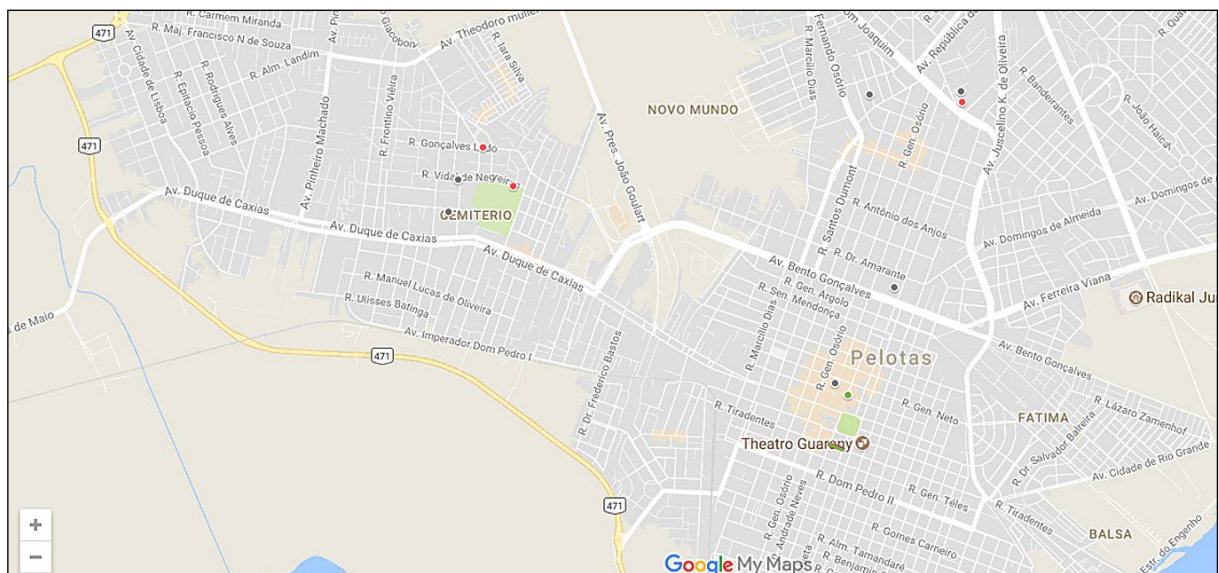
lugares, no entanto, são tão importantes que chegam a afetar nostalgicamente todo o entorno em que se encontram.

Nostalgia prospectiva

Sentiria falta do centro porque é o lugar onde atualmente mora. Gosta de olhar pela janela do apartamento e ver o pôr do sol, a lua, o Centro Histórico. Gosta de caminhar até a Praça Coronel Pedro Osório e de observar as pessoas praticando esportes por ali, de ver crianças brincando e gente deitada na grama tomando chimarrão. Gosta de ver a praça movimentada, acha que Pelotas precisa de mais pessoas ocupando os espaços públicos.

5.1.4 Mapa nostálgico de Hélio

Figura 47 - Mapa Hélio



Fonte: *Printscreen* da página disponível em <<http://www.lugaresnostalgicos.com/pelotas>>

Para Hélio, o passado é bastante presente a respeito de Pelotas, quando recorre e se alimenta dele para trabalhar, ou quando se lembra de coisas que passou, pensou, leu, ou como se sentia sobre algo. No entanto, pensa que nunca em um aspecto de querer revivê-lo, porque esse tempo já faz parte dele, já é ele mesmo e não precisa que qualquer parte disso retorne, “porque mesmo se voltasse, nunca seria a mesma coisa porque você não é mais o mesmo”, pondera.

No mapa de Hélio não são observados marcos e mesmos os pontos nodais são mínimos, o que talvez seja um reflexo do fato de que, para ele, exista cada vez menos motivação para retornar à cidade: se os pais se mudarem, definitivamente não

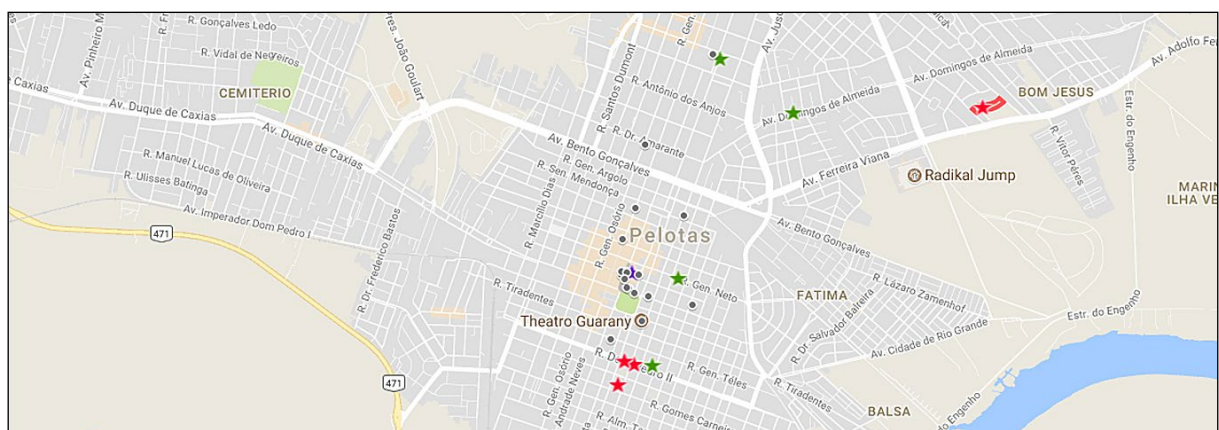
haveria mais razões para tal. Os sebos que frequentava no Centro não existem mais, o senso de comunidade na vizinhança em que morou quando criança foi substituída pelo medo do outro e pelo descaso. Muito da cidade mudou, mas também lhe parece que o progresso é lento. Imagina Pelotas como uma cidade cada vez menor, praticamente um criadouro humano que expelle o seu melhor. Uma cidade onde nada acontece, que não sabe administrar os seus recursos e os esgota. Porque as pessoas se criam em Pelotas e vão embora, portanto, o caminho lógico é o da extinção, é do empobrecimento, do encolhimento.

Nostalgia prospectiva

Gosta dos lugares que permanecem, e aposta no Café Aquários como um lugar que possa lhe causar uma certa saudade no futuro.

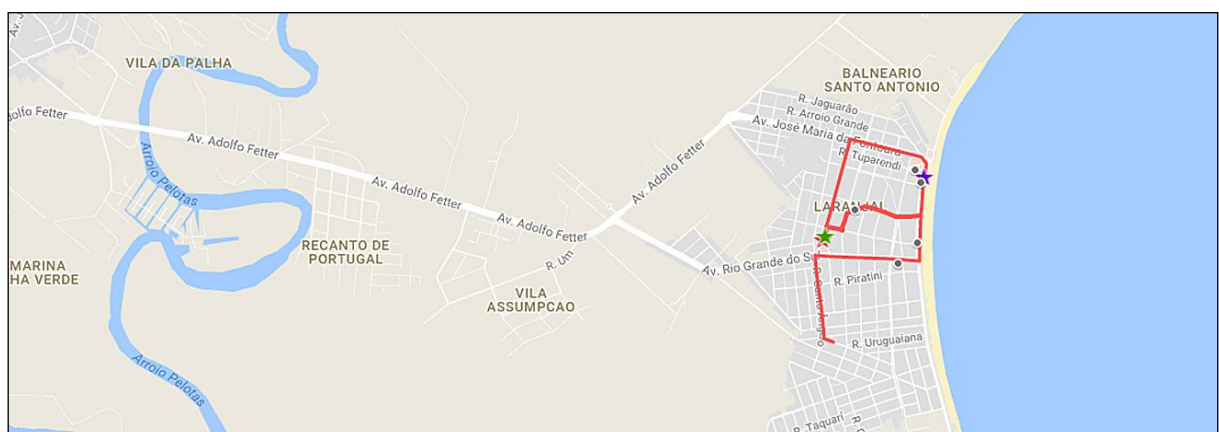
5.1.5 Mapa nostálgico de Luíza

Figura 48 - Mapa Luíza, parte 1



Fonte: *Printscreen* da página disponível em <<http://www.lugaresnostalgicos.com/pelotas>>

Figura 49 - Mapa Luíza, parte 2



Fonte: *Printscreen* da página disponível em <<http://www.lugaresnostalgicos.com/pelotas>>

Luíza é feliz em Pelotas e bastante otimista. Percebe melhoras na cidade, sobretudo com relação ao patrimônio histórico, que antes considerava ser ainda mais negligenciado e regularmente demolido para dar lugar a edifícios mais modernos. Só pondera que os empreendimentos de preservação e restauração sejam feitos de maneira sustentável, que considerem as características próprias da cidade, como clima e umidade. Mas apesar dos bons ventos, a questão da segurança é a pedra no calcanhar de Pelotas, não poder ir aos lugares sem se sentir ameaçada de alguma forma, não poder caminhar pelo Laranjal, andar de bicicleta a hora que quiser — como costumava fazer na infância — é o que mais a incomoda. E se existe algo que adoraria fazer novamente, para que a vida em Pelotas fosse perfeita, é andar de bicicleta com regularidade.

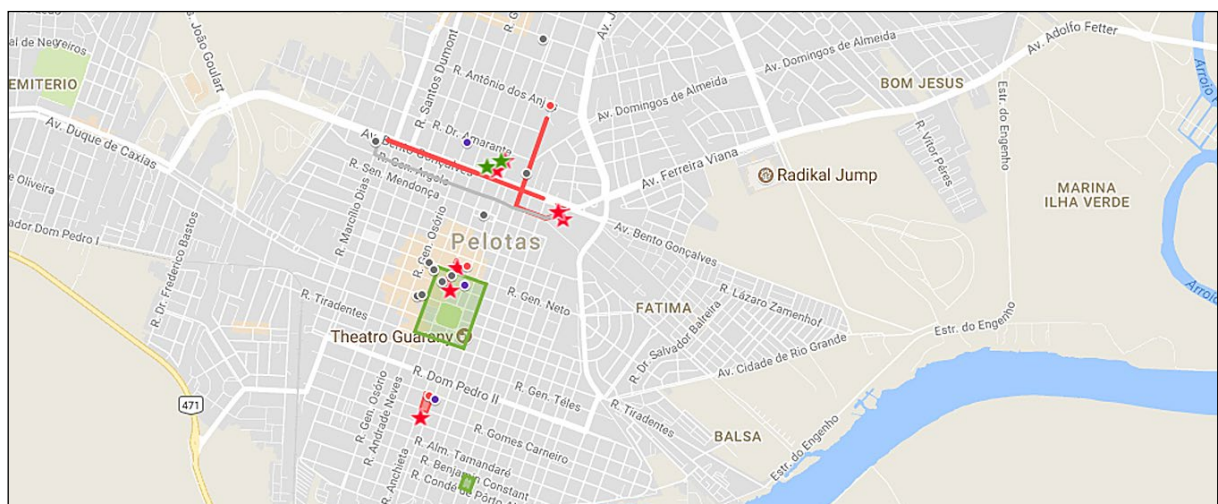
Os marcos de Luíza incluem seus lugares de socialização e de amizade, como as escolas em que frequentou, além da casa dos avós no Laranjal, onde passava as férias com praticamente toda a família. Estes são de natureza nostálgica-doce, a amargura ficou em lugares especiais que sofreram alterações que não a agradaram, como os sorvetes da sorveteria ZumZum e a pista de *bicicross*, no Laranjal, que deu lugar a um shopping, segundo ela, horrível e inútil.

Nostalgia prospectiva

Sentiria saudade da casa em que os pais moram, do local onde trabalha, dos restaurantes em que reiteradamente vai com os amigos e familiares, e da casa onde mora, que é a mesma casa dos avós, onde passou a melhor época da infância.

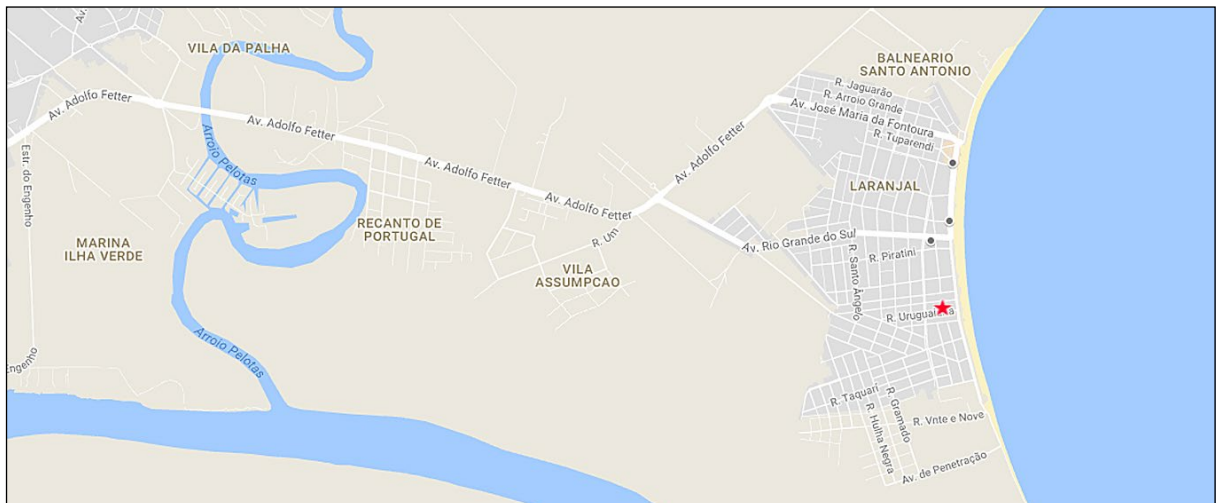
5.1.6 Mapa nostálgico de Madalena

Figura 50 - Mapa Madalena, parte 1



Fonte: *Printscreen* da página disponível em <<http://www.lugaresnostalgicos.com/pelotas>>

Figura 51 - Mapa Madalena, parte 2



Fonte: *Printscreen* da página disponível em <<http://www.lugaresnostalgicos.com/pelotas>>

Para Madalena, seus marcos espaciais são todos de cunho nostálgico-doce e guardam experiências infantis ao lado, principalmente, da família (casa da avó, loja do avô, casa da infância, Café Aquários). Os trajetos feitos até lugares afetivos ou na companhia de algum parente também são de cunho nostálgico-doce. A nostalgia-amarga apareceu nos pontos nodais que sofreram algum tipo de descaracterização (os cinemas) e onde não se sentia muito à vontade na infância (o Colégio São José).

Comparando as suas lembranças da infância com as percepções atuais, assim como sempre gostou da arquitetura dos prédios antigos da cidade e nunca gostou das zonas poluídas visualmente, se incomoda que as fachadas dos prédios não sejam respeitadas ou que sejam distorcidas até que se tornem irreconhecíveis. E já que Pelotas respira passado, que as iniciativas voltadas para o turismo fossem mais bem aproveitadas, com a requalificação intensiva das zonas antigas. Para ela, a identidade de Pelotas é o passado e o passado de Pelotas é o futuro de Pelotas. Mas um passado reinventado, um passado inclusivo, autossuficiente e que atraia novas pessoas e novos olhares a permanecerem na cidade.

Nostalgia prospectiva

A região em que viveu a infância, a primeira escola, a praça em que mais frequentou quando criança, o Centro Histórico e a zona em que trabalha atualmente, que fica na região do Porto.

é, o espírito de estagnação da cidade continua, apenas com o adendo da violência e dos automóveis em excesso.

Há características pontuais que, no entanto, não podem mudar ou alterariam a identidade de Pelotas. Algumas, no entanto, já sofreram alterações, como o fato da Praça dos Macacos não ser mais um pequeno zoológico e dos trailers de lanche não fazerem mais parte da paisagem permanente da cidade. Outros tópicos ainda permanecem e assim devem continuar: o Laranjal, a Fenadoce, o Café Aquários e as universidades que, para ele, proporcionam um ar jovial e esperançoso para a cidade.

A cidade de Miguel, de onde ele nunca pretende sair, é repleta de pontos nostálgicos, mas seus marcos são os lugares em que mais conviveu com amigos em liberdade, sem a supervisão de adultos: a videolocadora, para onde ia caminhando sozinho, desde pequeno; e o condomínio da infância, sobre o qual ele relata um caso curioso:

Quando eu tinha aproximadamente uns 20, 19 anos a gente foi pra Goiás de novo e dessa vez eu tive que ir junto porque na época era o meu pai que pagava o meu aluguel aqui e disse que eu tinha que ir junto, não tive escolha. Mas enquanto eu tava lá, arranjei um emprego aqui (Pelotas) e voltei de ônibus com as minhas coisas, computador, tudo. Fiquei na casa de amigos uns dois meses e aluguei o mesmo apartamento em que eu morava quando era pequeno, exatamente o mesmo e ele estava exatamente como a gente tinha deixado porque ninguém tinha alugado depois. A minha irmã tinha desenhado as paredes com giz de cera, o meu quarto tinha uns dois pôsteres, estava igualzinho. Foi surreal quando eu fui olhar o apartamento para alugar e aí eu tive que alugar aquele mesmo porque era o meu apartamento.

Entrevistadora: E por que tu foi procurar apartamento pra alugar no prédio em que tu moravas antes? O local onde tu ias trabalhar era próximo?

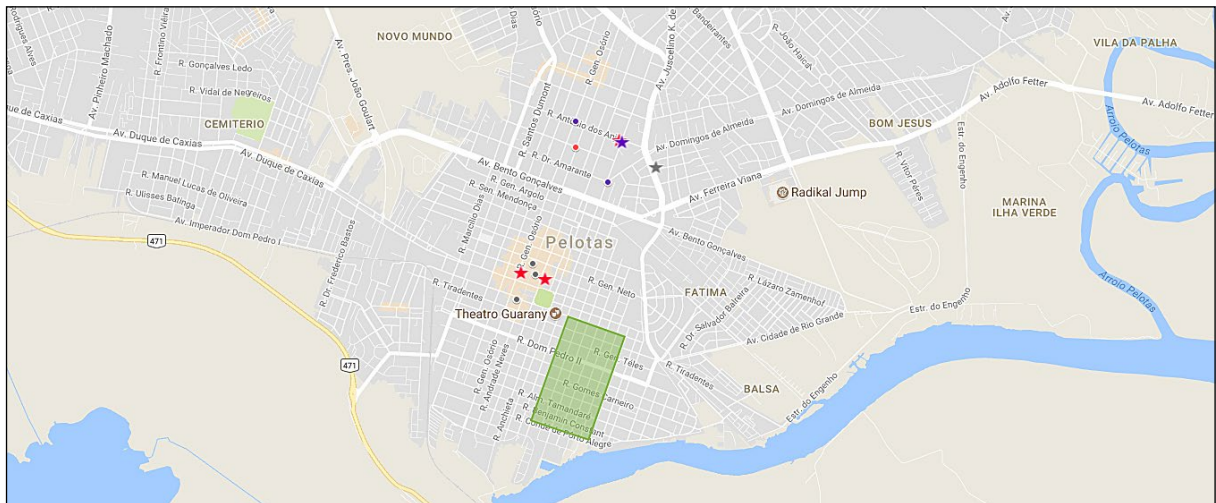
Ah... foi pela nostalgia mesmo. A loja era ali na Galeria Firenze (o apartamento fica próximo da Colina do Sol). Eu lembro que, na imobiliária, perguntei se tinha algum apartamento pra alugar lá no condomínio, e aí quando vi que o meu antigo apartamento tava pra alugar... eu tive que ir olhar. (MIGUEL, 2017)

Nostalgia prospectiva

O lugar onde cresceu sempre vai ser seu lugar nostálgico, não consegue imaginar outro lugar mais importante, aliás, não consegue imaginar outra época mais importante que a infância, não imagina que nada, algum dia, seja capaz de superá-la.

5.1.9 Mapa nostálgico de Simone

Figura 55 - Mapa Simone



Fonte: *Printscreen* da página disponível em <<http://www.lugaresnostalgicos.com/pelotas>>

O mapa de Simone possui marcos de cunho nostálgico-doce relacionados à sua relação familiar, ou melhor, ao avô. No caso da escola, o marco é igualmente doce e amargo, uma vez que as recordações naquele lugar oscilam entre lembranças felizes e traumatizantes. Outros lugares de nostalgia-amarga apontam para casarões antigos que foram demolidos ou que estão em ruínas.

Para ela, que sempre gostou de caminhar pela cidade e acha que Pelotas é perfeita para isso (principalmente pela sua estrutura viária em formato de “tabuleiro de xadrez”), preferia que a cidade tivesse um calçamento mais adequado para pedestres, além de mais arborização. Também gostaria de ver mais pessoas ocupando os espaços públicos, e que houvessem mais lugares e iniciativas que atraíssem, para um mesmo lugar, os mais variados tipos de grupos e, com isso, se diminuísse a tendência ao isolamento em bolhas de medo e preconceito para com o outro.

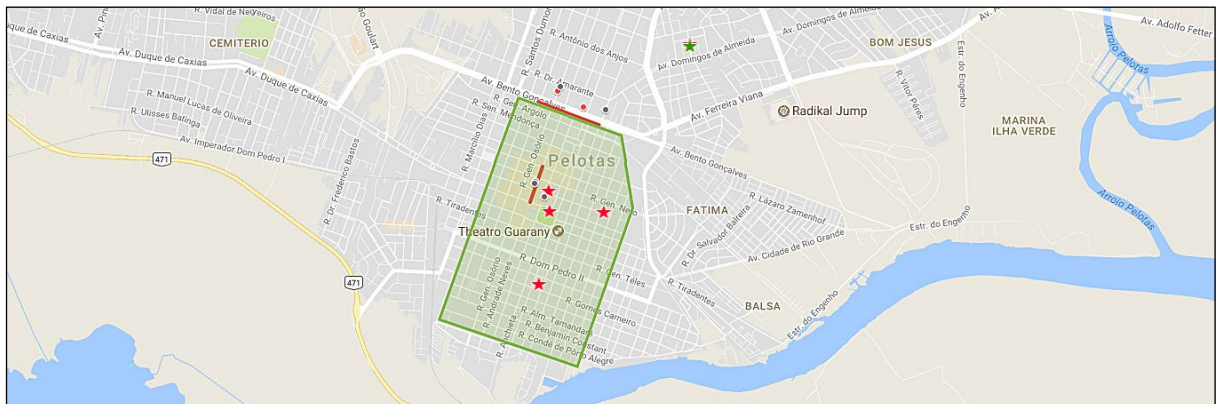
No entanto, porque seu momento é pessimista, em virtude do panorama geral em que o país se encontra, não tem esperanças de dias melhores para Pelotas.

Nostalgia prospectiva

A zona do Porto, que inclui a região onde mora e o lugar onde trabalha.

5.1.10 Mapa nostálgico de Tom

Figura 56 - Mapa Tom



Fonte: *Printscreen* da página disponível em <<http://www.lugaresnostalgicos.com/pelotas>>

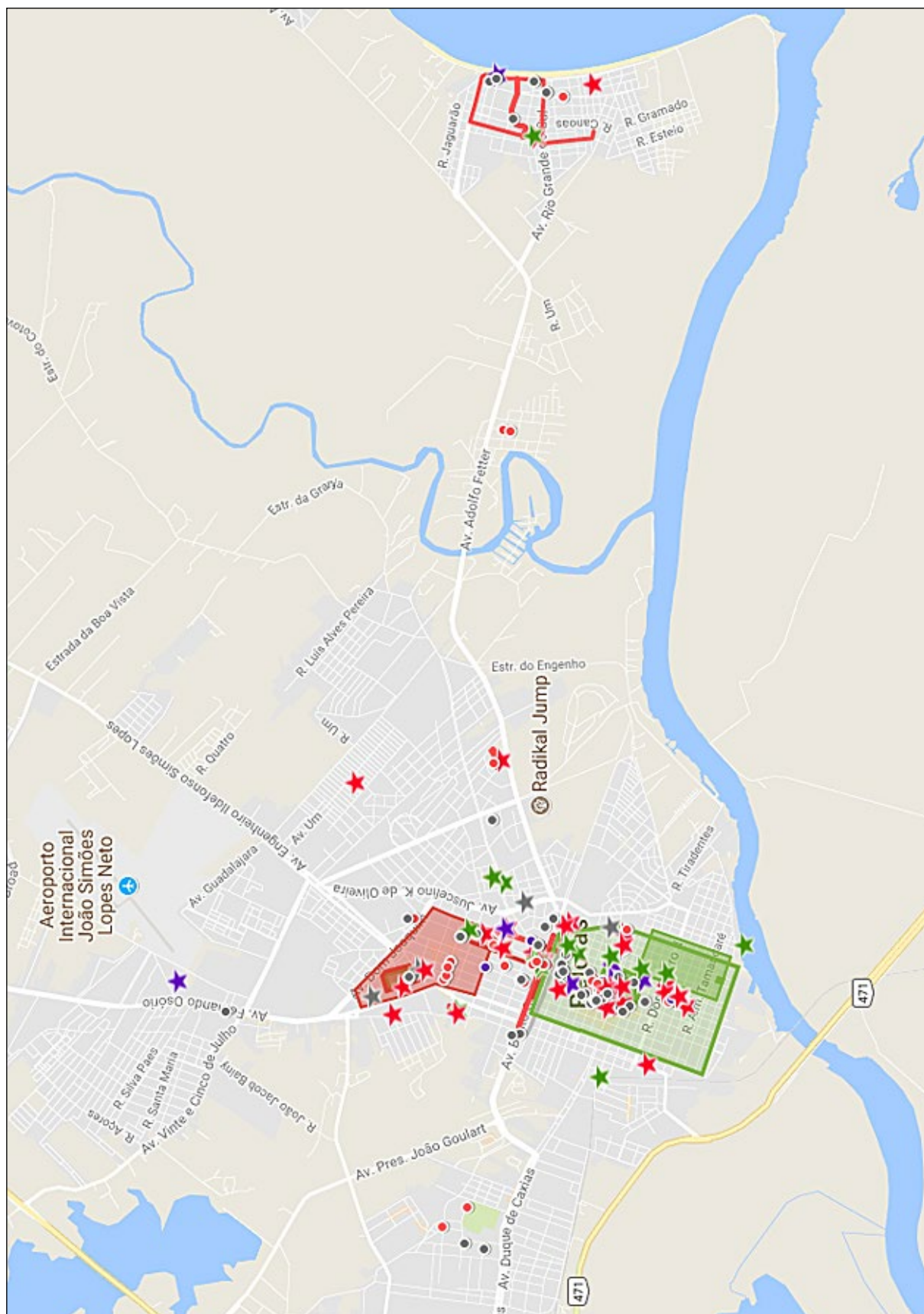
O passado de Tom era repleto de gente, um tempo de casa cheia, de visitar os amigos sempre que batesse vontade. E é sobre esse tema que foca seu olhar na cidade de hoje, um lugar que, para ele, as pessoas já não se visitam mais, já não saem de casa com a mesma frequência que seus pais o faziam quando tinham a sua idade. Não entende as razões para isso, talvez uma combinação de fatores: vida mais acelerada, mais atrativos para permanecer dentro de casa, como TV à cabo e internet, e a questão da violência urbana. E por Pelotas não estar desligada do resto do país e do mundo, para os quais ele não imagina um futuro promissor, sua aposta é que a situação da cidade também piore, ou seja, que as pessoas se isolem ainda mais e tenham mais medo da rua.

Seus marcos são os lugares em que os avós viveram, a loja de revistas que frequentava constantemente (e que, de certa forma, ajudou a formar o que ele faria da vida para viver: trabalhar como tradutor de livros e histórias em quadrinhos), o colégio e a casa dos pais, onde passou a infância e grande parte da vida.

Nostalgia prospectiva

O desenho reticulado da cidade. O fato de conhecer Pelotas e de saber se movimentar muito facilmente, como se fosse algo introjetado em si e que o tranquiliza. Recorda que, da época em que só vinha de visita para Pelotas, a segurança transmitida pelos pais acabava se estendendo para a cidade. E a casa dos pais, a casa onde viveu a maior parte da infância, é um lugar em que sente como se estivesse ligado a um grande elástico: não importa o quanto se afaste, sempre encontra uma maneira de voltar, de estar por perto.

Figura 57 - Mapa completo



Fonte: *Printscreen* da página disponível em <<http://www.lugaresnostalgicos.com/pelotas>>

Observamos que os lugares citados, ao serem burilados pelas constantes experiências dos entrevistados nos espaços, possuem o tempo como um ativo importante. E, ainda quando não provocam sentimentos nostálgicos, ajudam a conectar os pontos que formam a malha narrativa das lembranças infantis na cidade. Assim, voltamos a Yi-Fu Tuan (1979; 1983) e para a importância do tempo na fabricação de lugares, mas não somente isso, para a qualidade desse tempo — que é a variável que parece se destacar na formação dos lugares nostálgicos.

O lugar é construído através da vivência no espaço no decorrer do tempo. São as permanências diárias. É a loja de brinquedos, é o clube, é a pracinha, é a livraria dos fins de semana, é o parque de diversões que se confundem com a infância propriamente dita dos respondentes. Dia após dia, antes de serem apenas cenários, são testemunhas, cúmplices e protagonistas na construção e na manutenção do eu. Os lugares nostálgicos, contudo, tratam também de *topofilia*, das emoções que provocam, e da densidade temporal que passa a ser percebida ou lembrada como intrínseco à materialidade.

Essa densidade diz respeito à qualidade e à intensidade do que foi vivido, o que, conforme os relatos, apontaram para as experiências sociais. Isto é, se os lugares foram forjados através de íntimas relações sociais, tão maior a sua importância para aquele que o viveu. Pela mesma razão, os quadros sociais de Halbwachs (2003) mencionam a família, e Pollak (1992), as pessoas, como fortes moduladores do que será lembrado e de como será lembrado. E os espaços que auxiliam na rememoração, que a organizam, parecem ser ainda mais essenciais quando guardam os espaços ocupados por outras pessoas (as que nos são caras ou a nós mesmos, em outra fase da vida). Pessoas que também se tornaram lugares e que carregam em si tempos, os seus e os de outros, como lindamente escreveu Gustavo Corção em seu *Lições de Abismo* (1973):

Lembro-me da aflição em que fiquei quando vi fecharem-se os olhos da última testemunha de minha infância, a velha Catarina, que criara a mamãe e que se obstinava em sobreviver. Morreu com oitenta e sete anos, velhinha, sequinha, e eu me achei despedido de tudo o que ficara para trás. Nunca me senti tão adulto e tão só.

Ah! a velhinha morta no seu berço
Com o terço na mão!
Sementes de ave-marias penduradas
Num galho murcho e curtido
Caído
No chão.

Nunca me sentira tão autônomo e tão sem mim-mesmo. Catarina levava em seu caixão um monte de vida perdida — e era justo que levasse. Pois minha

infância era mais dela do que minha. Era o seu tesouro. O que eu ia atirando fora ela ia guardando... ah! a velhinha guardadeira! É claro que não era para si mesma que ela apanhava no chão as lembranças caídas. Era para todos, para a serventia geral da casa. Para o que desse e viesse. Guardava meus risos como guardava os botões, porque era preciso que alguém guardasse o que todos perdiam.

Expulsa de mim, morava nela a minha infância, inteira, intata, verdadeira. Atrás da testa engelhada, eu continuava a correr em domingos de sol. Sua alma era um baú enorme onde cabia tudo. Cabiam papagaios soltos, barra-manteiga, chicote-queimado. Lembranças desbotadas, suavemente amarelas. Doenças. Tombos. Você se lembra, Catarina? Catarina está ficando velha, mas não esquece. Velha por fora, cada vez mais velhinha, mas por dentro cada vez mais louça,

mais clara, mais lisa.

Ah! a velhinha crestada, queimada

pelo seu próprio coração. Queimada viva!

As rugas da alma foram subindo docemente,

bolha por bolha,

à tona da pele engelhada

(de renda e de folha)

numa transfiguração!

Naquele tempo eu não sabia (juro que não sabia!) que estava dentro dela um mundo imenso, um mundo de prodígios – um mundo que não era este mundo – em que eu continuava criança a correr numa lembrança inextinguível. Um mundo fora e dentro deste mundo. Andando pela casa. Varrendo. Indo e vindo. Familiar. Ao meu alcance. Catarina! Eu chamava, e vinha um mundo. E atrás, um mundo ainda maior! O mundo anterior; em que eu não fui. O mundo em que eu não era...

Seu corpo seco, enxuto, murcho,

era um cânhamo torcido,

esticado e lançado sobre vales profundos.

Sua mão cerzia os anos.

Sua alma era um nó entre dois mundos.

Minha infância – eu já disse – era mais dela do que minha. Sem que ela reclamasse, é claro, esse direito de reter. Guardava para o que desse e viesse; para servir.

E agora?

Quando viva, minha vida era suspensa e gratuita. E eu não sabia! Estava nela o meu segredo, o sinal, a explicação, o nexo, e a mistura – sim, a composição metafísica de ser e de não-ser de onde eu nascia continuamente. Os dois mundos. Os dois mundos se casavam, se confundiam, e eu vivia a nascer, a crescer, a jorrar inextinguivelmente.

E agora?

Catarina! Catarina!! Ca-ta-rii-na! Você não ouve, criatura? Você ficou surda?...

Catarina, onde é que você botou minha infância?...

Doravante eu era adulto, irremediavelmente adulto, sem nenhum nexo, a não ser os livros, as estampas, as estátuas, sem nenhum nexo com o mundo em que eu não era. Aferrei-me à convicção de que havia no universo uma absoluta necessidade de que eu fosse. Assim, calava-se a minha angústia, e eu me instalava, deus solitário e melancólico, no centro de um universo feito para mim. Volta-me hoje, porém, à medida que se aproxima o outro nada tenebroso, o mesmo sentimento infantil de dependência total. Mais do que nunca, sinto-me suspenso. Entre um acaso criador e um acaso destruidor. Entre um nascimento incompreensível e uma morte incompreensível. Solto. Desamparado. Ontem caio por acaso num regaço que se abre; amanhã numa pedra que se fecha.

E o pensamento que me tortura é o da minha esterilidade. (CORÇÃO, 1973, pgs.72-74)

Os lugares, então, testemunham (ou facilitam) essas vivências e, muitas vezes, se tornam marcos que, enquanto restam, podem provocar nostalgia que, quando doce, nos permite interpretá-los também como toposílicos. Pequenas toposílicas que extravasam para lugares maiores, como a segurança do lar familiar que transborda para toda a cidade.

Mas há também um presente que dita, com suas possibilidades e demandas, qual passado que importa. E por ser a identidade continuidade e processo, também o é a imagem nostálgica de uma cidade: o reflexo daquilo que se recorda e do que se é quando se recorda. Portanto, o que hoje é doce porque são lugares que ainda existem, podem se tornar amargos se os lugares forem destruídos ou se se tornarem palcos de lembranças traumáticas, por exemplo. Talvez por essa razão, que a imagem mais sólida da cidade, a do Centro Histórico, seja aquela que é tomada como certa para o futuro. E no caso de Hélio, que demonstra não possuir qualquer pertencimento com a cidade (observado no seu discurso e no seu mapa vazio), só lhe resta supor que o estabelecimento mais tradicional (e o que mais apareceu nos relatos), seja aquele capaz de lhe provocar algum sentimento.

E lembremos que nem tudo foi a família, ou as pessoas com quem se sentiu bem passar um tempo. Também parece ser o senso de liberdade e a segurança de ser criança, sem prejuízos, um grande motivador de emoções. E muitos lugares conseguiram muito bem encapsular os instantes em que a criança possuiu autonomia para agir sem as amarras de convenções que não lhes permitiriam conjugar inteiramente a sua identidade juvenil. Dos passeios de bicicleta pela praia, ao caso extremo de Miguel, que morou sozinho por seis meses. Por nenhuma dessas aventuras lhes ter causado traumas, ficaram como a saudade de uma infância vivida no seu ápice.

E o tempo da infância percebido nos espaços — que, por ser percebido como uma característica inerente a eles (LYNCH, 1975), os destaca na malha da cidade —, segue mais acrescentando ao presente do que lhe tomando emprestado. A nostalgia-doce se evidencia predominante, e apesar do pessimismo quase geral, o senso de pertencimento se mostra igualmente evidente. Em síntese, menos quando o sentimento de segurança experienciado no passado parece ser maior que o do presente, o presente parece, sim, estar em harmonia com o passado. E é dessa harmonia e da nostalgia-doce que lhe brota, que sugerimos que, apesar dos percalços, a identidade com Pelotas existe e é forte. Do futuro, no entanto, ainda não sabem o que esperar, mas ainda há esperança e ela se mostra bem verde, ocupando uma grande área do mapa nostálgico da cidade.

Há muito passado em Pelotas pronto para se tornar um futuro promissor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

You must know that there is nothing higher and stronger and more wholesome and good for life in the future than some good memory, especially a memory of childhood, of home. People talk to you a great deal about your education, but some good, sacred memory, preserved from childhood, is perhaps the best education. If a man carries many such memories with him into life, he is safe to the end of his days, and if one has only one good memory left in one's heart, even that may sometime be the means of saving us.⁶¹
(DOSTOYEVSKY, 2009, p.876)

Os tempos da cidade são muitos. São os da sua própria história e a de cada pessoa que lhe dá forma e vida. Os tempos que sobrevivem nos lugares ou aos lugares, através da memória dos que ficam ou mesmo entranhados nos corpos são, muitas vezes, objetos platônicos da nostalgia. Miragem que o sentimento nostálgico, ao aquecer o coração, ilude o corpo de que o capturou por alguns instantes.

E, nos espaços, ele se mostra e, muitas vezes, os converte em lugares. Lugares de pausa no fluxo incessante da vida, lugares de identidade que entrelaçam quem se foi, quem se é e quem se pretende ser. Lugares que nos atêm a lugares menores, como as pessoas com quem os compartilhamos, ou maiores, como uma cidade inteira.

Iniciamos essa pesquisa com uma inquietação: a de tentar compreender como os lugares nostálgicos são percebidos em Pelotas e como a imagem resultante dessa percepção se relaciona com a construção do senso de identidade e de pertencimento com a cidade. Como resposta, nos deparamos com uma Pelotas cuja imagem alimenta e é alimentada pelas vivências nostálgicas dos informantes. Suas imagens emotivas e pessoais que passam a ser a referência do que esperam da cidade no

⁶¹ “Você deve saber que não há nada maior e mais forte e mais robusto e bom para a vida no futuro do que uma boa lembrança, especialmente uma lembrança da infância, de casa. As pessoas falam muito de sua educação, mas uma boa lembrança sagrada, preservada desde a infância, é talvez a melhor educação. Se um homem carrega muitas lembranças com ele para a vida, estará seguro até o fim de seus dias, e se alguém tiver apenas uma boa lembrança no coração, isso até poderá ser uma forma de nos salvar.” (tradução nossa).

futuro e indicam como se sentem pertencentes a ela. Para alcançarmos tal conclusão, além das entrevistas, conceitos foram delimitados e a própria ideia de nostalgia foi melhor esmiuçada, a fim de que não caíssemos no senso comum de um sentimento conservador que apenas idolatra o passado.

Também não ousamos, em nenhum momento, tratar da imagem nostálgica de todo o universo da população pelotense, mas tivemos o cuidado de elaborar e descrever o processo de seleção da amostra, assim como deixamos, como sugestão para futuras pesquisas, outros grupos para serem investigados. Com isso, das dez pessoas que se voluntariaram para relatar suas percepções e lembranças, pudemos traçar um mapa de suas nostalgias, mas também um mapa de uma outra Pelotas e da Pelotas que ainda se sonha possuir. Se há pertencimento, vimos que a presença da nostalgia-doce se mostra como um bom indício para tal. E quando não, apontamos que sobram poucos rastros de uma cidade que não possui mais nada de quem se foi e que, portanto, não mereceria mais nada de quem se é ou do que se pretende vir a ser.

Ressaltamos que, durante toda a pesquisa, foi importante que os participantes se sentissem envolvidos com o tema, que laços pudessem ser estreitados e que o contato pudesse ser cultivado e mantido mesmo ao final do projeto. Portanto, a qualidade de interação voluntário/pesquisadora foi priorizada em relação à quantidade. O objetivo desse posicionamento se deu, além dos motivos já abordados no planejamento metodológico, porque, no presente, essas pessoas fazem parte de uma geração na faixa dos trinta anos, ativa no mercado de trabalho e na sociedade. Contudo, após quarenta anos, essas mesmas pessoas talvez já estejam afastadas do cotidiano ativo, provavelmente terão outra relação com o passado, como bem disse Bosi (1994), e seria de uma riqueza científica poder comparar esses dois momentos de rememoração, senão por essa pesquisadora, por outros que o futuro trouxer.

Por fim, após toda revisão teórica e conversas sobre o passado dos informantes, de como vivem a sua cidade e de como encaram as suas ausências e permanências, nos fica uma lição valiosa: viver é conviver com saudades.

REFERÊNCIAS

ALICE, depoimento: [mar. 2017]. Entrevistadora: Karla Nazareth-Tissot. Pelotas, 2017. 1 áudio digital (42min), estéreo. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

AQUINO, S. T. **Suma de Teología II**. Parte I-II. 2.ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1989.

ARCADE FIRE. The Suburbs (Continued). In: ARCADE FIRE. The Suburbs. Produção: Markus Dravs, Arcade Fire. Durham, NC: Merge Records, 2010a. 1 CD Estéreo (64min 7s), faixa 16 (1min 27s). Disponível em: <<https://goo.gl/RcGMia>>.

ARCADE FIRE. Sprawl I (Flatland). In: ARCADE FIRE. The Suburbs. Produção: Markus Dravs, Arcade Fire. Durham, NC: Merge Records, 2010b. 1 CD Estéreo (64min 7s), faixa 14 (2min 54s). Disponível em: <<https://goo.gl/4rfsBZ>>.

ARCADE FIRE. City With No Children. In: ARCADE FIRE. The Suburbs. Produção: Markus Dravs, Arcade Fire. Durham, NC: Merge Records, 2010c. 1 CD Estéreo (64min 7s), faixa 6 (3min 11s). Disponível em: <<https://goo.gl/NUzAnP>>.

ARCADE FIRE. The Suburbs. In: ARCADE FIRE. The Suburbs. Produção: Markus Dravs, Arcade Fire. Durham, NC: Merge Records, 2010d. 1 CD Estéreo (64min 7s), faixa 1 (5min 14s). Disponível em: <<https://goo.gl/NVJwbk>>.

ARCADE FIRE. Half Light II (No Celebration). In: ARCADE FIRE. The Suburbs. Produção: Markus Dravs, Arcade Fire. Durham, NC: Merge Records, 2010b. 1 CD Estéreo (64min 7s), faixa 8 (4min 25s). Disponível em: <<https://goo.gl/YjFntr>>.

AUGUSTINE, St. **The Confessions of Saint Augustine**. Trad. Edward Bouverie Pusey. 1909-14. Disponível em <<https://goo.gl/cihsGt>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

BAKER, K. Identity, memory and place. **The Word Hoard**, v. 1, Iss. 1, Article 4, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/UBpYQa>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

BATCHO, K. I.; SHIKH, S. Anticipatory nostalgia: Missing the present before it's gone. **Personality and Individual Differences**, n.98, p.75-84, 2016.

BATCHO, K. I. Nostalgia: A psychological perspective. **Perceptual and motor skills**, v.80, n.1, p.131-143, 1995.

BERGSON, H. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Col. Textos filosóficos. Trad. João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 2011.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BORGES, B. S. **Juventude, trabalho e educação superior**: a geração Y em análise. 2014. 190f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Educação, Uberlândia, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/uouU9p>> Acesso em: 19 dez. 2016.

BOURDIEU, P. Compreender. In: BOURDIEU, P. (Org.). **A Miséria do Mundo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, p.693-732, 2008.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOYM, S. **The Future of Nostalgia**. E-book. New York: Basic, 2001.

CANDAU, J. **Antropología de la memoria**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006.

CANDAU, J. Mémoire collective et mémoire individuelle fonctionnent-elles selon le même modèle? **Archives**, n. 25, abr. 2008.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

CARVALHO, M. S. R.M. **A Trajetória da Internet no Brasil**: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança. 2006. 239f. Dissertação (Mestrado em Ciências de Engenharia de Sistemas e Computação) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Sistemas e Computação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/rvP6JF>> Acesso em: 5 abr. 2016.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/fqAZMG>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

CLIMO, J.; CATTELL, M. G. **Social memory and history**: Anthropological perspectives. Rowman Altamira, 2002.

COLLIN, C.; et al. **O livro da Psicologia**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2012.

COOPER, B. **Mapping Manhattan**: A love (and sometimes hate) story in maps by 75 New Yorkers. New York: Abrams Image, 2013.

CORÇÃO, G. **Lições de Abismo**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1973.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (orgs.) **Geografia**: Conceitos e temas. 5.ed. Bertrand: Rio de Janeiro, 2003.

CREWS, H. **A childhood**: The biography of a place. Classic Crews. Athens: Poseidon Press, 1995.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 4.ed. Lexikon, 2010.

DAVIS, F. Nostalgia, identity and the current nostalgia wave. **The Journal of Popular Culture**, v.11, n.2, p.414-424, 1977.

DICKENS, C. **David Copperfield**. E-book. Londres, 1850. Disponível em: <<https://goo.gl/qSc1g3>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

DOSTOYEVSKY, F. The Brothers Karamazov. E-book. In: **The Project Gutenberg**, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/h1YFdy>> Acesso em: 25 jan. 2016.

EDUARDO, depoimento: [abr. 2016 e jan. 2017]. Entrevistadora: Karla Nazareth-Tissot. Pelotas, 2017. 4 áudios digitais (141min), estéreo. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

ERRANTE, A. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da educação - ASPHE**, n.8, p.141-174, set. de 2000.

ESTELA, depoimento: [mar. 2017]. Entrevistadora: Karla Nazareth-Tissot. Pelotas, 2017. 1 áudio digital (35min), estéreo. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

FITZGERALD, F. S. K. This side of paradise. E-book. In: **The Project Gutenberg**, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/hJYwm9>> Acesso em: 25 jan. 2016.

GARVEY, A. **The Biggest (And Best) Difference Between Millennials and My Generation**. Blog. Disponível em: <<https://goo.gl/3xWm89>> Acesso em: 5 abr. 2016.

GILLIS, J. R. Introduction: memory and identity: the history of a relationship. In: _____ (ed.). **Commemorations**: the politics of national identity. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994.

GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

GROSHOLZ, E. **Compacting Time**: Anne Stevenson's Poems of Memory. The Hudson Review, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/4YP4iE>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HALBWACHS, M. **Los Marcos Sociales de la Memoria**. Caracas: Anthropos Editorial, 2004.

HEISENBERG, W. **Physics and philosophy**: the revolution in modern science. Penguin Books, 2000. Disponível em: <<https://goo.gl/evn28U>>. Acesso em: 11 mai. 2017.

HÉLIO, depoimento: [dez. 2015]. Entrevistadora: Karla Nazareth-Tissot. Pelotas, 2017. 1 áudio digital (129min), estéreo. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

HOFER, J. **Diss. de nostalgia**. Basel, 1678. Reprinted in Herrn Albrecht Hollers Sammlung akademischer Streitschriften die Ceschichte und Heilung der Krankheiten betreffend. In: Lorenz Crell, Von D. einen vollständigen Auszug gebracht und mit Anmerkungen versehen, Helmstedt, verlegts Johann Heinrich Kühnlin, v.1, p.180-188, 1779.

HOMERO. **Odisséia**. Trad. Manoel Odorico Mendes. 3.ed. (digitalizada). E-book. eBooksBrasil, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/tv7Bwb>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

HOWARD, S. A. Nostalgia. **The Analysis Trust**, v.72, n.4, p.641-650, out. 2012.

HOWE, N.; STRAUSS, W. The next twenty years: How customer and workforce attitudes will evolve. **Harvard Business Review**, p.41-52, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/DK1cVr>> Acesso em 19 dez. 2016.

HUYSSSEN, A. En busca del tiempo futuro. Medios, política y memoria. **Revista Puentes**, año 1, n.2, 2000.

HUYSSSEN, A. **Twilight memories**: Marking time in a culture of amnesia. New York: Routledge, 1995.

ILLBRUCK, H. **Nostalgia**: origins and ends of an unenlightened disease. Illinois: Northwestern University Press, 2012.

IZQUIERDO, I. Memórias. **Estud. Av.**, São Paulo, v. 3, n. 6, p.89-112, ago. 1989. Disponível em <<https://goo.gl/wfo46V>>.

IZQUIERDO, I. et al. Memória: tipos e mecanismos - achados recentes. **Revista USP**, São Paulo, v. 0, n. 98, p.9, 2013.

KANT, I. **Anthropology from a pragmatic point of view**. Trad. Robert B. Loudon. New York: Cambridge University Press, 2006.

KOZEL, S. Mapas mentais - Uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S; SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (Orgs.). **Da percepção e cognição a representação**: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

KUNDERA, M. **A identidade**. Trad. Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LOWENTHAL, D. **The past is a foreign country** - Revisited. New York: Cambridge University Press. Kindle Edition. 2015.

LUÍZA, depoimento: [jan. 2016 e ago. 2016]. Entrevistadora: Karla Nazareth-Tissot. Pelotas, 2017. 6 áudios digitais (131min), estéreo. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

LÜKÜSLÜ, D. To be a child in the 1980s in Turkey: construction of generational memory and nostalgia through cyberspace. In: _____. **Digital transformations in Turkey**: current perspectives in communication studies. Lanham, Maryland: Lexington Books, 2015.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. Martins Fontes: São Paulo, 1982.

LYNCH, K. **¿De qué tiempo es este lugar?** Para una nueva definición del ambiente. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1975.

MADALENA, depoimento: [jan. 2016]. Entrevistadora: Karla Nazareth-Tissot. Pelotas, 2017. 1 áudio digital (132min), estéreo. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica: Técnicas de pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATEUS, depoimento: [jan. 2016 e mar. 2017]. Entrevistadora: Karla Nazareth-Tissot. Pelotas, 2017. 3 áudios digitais (64min), estéreo. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

MEIA Noite em Paris. Direção: Woody Allen. Fotografia: Darius Khondji. [S.l.]: Mediapro, 2011. Netflix (94 min), NTSC, color. Título original: Midnight in Paris.

MELUCCI, A. Inner time and social time in a world of uncertainty. **Time & Society**. SAGE (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi), vol. 7(2), p.179-191, 1998.

MIGUEL, depoimento: [mar. 2017]. Entrevistadora: Karla Nazareth-Tissot. Pelotas, 2017. 2 áudios digitais (80min), estéreo. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

MILLER, B.; SQUIRE, L. R.; KANDEL, E. R. Cognitive neurosciences and the study of memory. **Neuron**, v. 20, p.445-468, March, 1998.

MINAYO, M.C. S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

NABUCO, J. C. **The lyric poet**. Address at Vassar College, 1909. Acervo digital da Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <<https://goo.gl/98eAqd>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

NELSON, K. The psychological and social origins of autobiographical memory. **Psychological Science**, v. 4, n. 1, p.7-14, 1993.

NELSON, K.; FIVUSH, R. The emergence of autobiographical memory: asocial cultural developmental theory. **Psychological review**, v. 111, n. 2, p.486-511. 2004.

NORA, P. Entre memória e história - a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Revista Projeto História**, n. 10, p.7-28, dez. 1993.

NOSTALGIA. In: DICIONÁRIO HOUAISS, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/h7gTUQ>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

NOSTALGIA. In: DICIONÁRIO INFOPÉDIA da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/RnPNWm>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

NOSTALGIA. In: DICTIONARY.COM, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/xx6eje>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

NOSTALGIA. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

NOSTALGIA. In: LÉXICO. Dicionário de português on-line, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/hyBHqS>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

NOSTALGIA. In: MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/Kd5Syn>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

PEREIRA JUNIOR, L. C. **O mar que me navega**: sintonias filosóficas em Paulinho da Viola. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PIAGET, J. **Genetic epistemology**. New York: Norton Library, 1971.

PICKERING, M.; KEIGHTLEY, E. The modalities of nostalgia. **Current Sociology**, v.54, n.6, p.919-941, 2006.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-212, 1992.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

PROBYN, E. **Outside belongings**: disciplines, nations and the place of sex. E-book. Abingdon, UK: Routledge, 2015.

PROUST, M. **O tempo recuperado**. Em busca do tempo perdido, vol 7. São Paulo: Globo, 2006.

PROUST, M. **No caminho de Swann**. Em busca do tempo perdido, vol 1. São Paulo: Globo, 2006.

QUILLFELDT, J. A. Behavioral methods to study. Learning and memory in rats. In: ANDERSEN, M. L; TUFIK, S (eds.). **Rodent Model as Tools in Ethical Biomedical Research**. Switzerland: Springer International Publishing, 2016. p.271-311.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Diccionario de la lengua española. Edición del tricentenário, 2016. Disponível em <<https://goo.gl/yYHSjy>> Acesso em: 14 jan. 2016.

REIS, J. Estudo sobre o tempo. **Revista Filosófica de Coimbra**, n.9, p.143-203, 1996.

RICOUER, P. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papirus, 1997.

ROCHA, S. A. Geografia Humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **Raega - O Espaço Geográfico em Análise**, n. 13, p.19-27, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/SDZWpf>>.

ROSEN, G. Nostalgia: a 'forgotten' psychological disorder. **Psychological Medicine**, n.5, p.340-354, 1975.

SEDIKIDES, C. et al. To nostalgize: Mixing memory with affect and desire. **Advances in Experimental Social Psychology**, v.51, p.189-273, 2015.

SEDIKIDES, C.; WILDSCHUT, T.; ARNDT, J.; ROUTLEDGE, C. Nostalgia: past, present, and future. **Current Directions in Psychological Science**; v.17, n.5, p.304-307, 2008.

SILVA, D. L. **Por Dentro do Debate Piaget - Wallon**: o desenrolar da controvérsia sobre a origem e desenvolvimento do pensamento simbólico. 2007. 258f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/mvsUxD>> Acesso em 28 abr. 2016.

SIMONE, depoimento: [mar. 2017]. Entrevistadora: Karla Nazareth-Tissot. Pelotas, 2017. 2 áudios digitais (87min), estéreo. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

SOUZA, R. C. **Possibilidades de Fidelização no Serviço de Telefonia Celular**. 2004. 108f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, PUC. Rio de Janeiro, 2004. PDF. Disponível em: <<https://goo.gl/7hWCAx>> Acesso em: 5 abr. 2016.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

STAROBINSKI, J. The idea of nostalgia. **Diogenes**, n.14, p.81-103, 1966.

TOM, depoimento: [mar. 2017]. Entrevistadora: Karla Nazareth-Tissot. Pelotas, 2017. 1 áudio digital (56min), estéreo. Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora.

TRAN-THONG. **Estádios e conceito de estádio de desenvolvimento da criança na psicologia contemporânea**. v.1. Porto: Edições Afrontamento, 1981.

TUAN, Y. A view of Geography. **Geographical Review**, v.81, n.1. p.99-107, 1991. Disponível em: <<https://goo.gl/FZxgyE>>.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Y. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**. v.01, n.01. p.8-19, 2011.

TUAN, Y. Geography, Phenomenology, and the Study of Human Nature. **The Canadian Geographer/ Le Géographe Canadien**; v.15, n.3, p.181-192, 1971.

TUAN, Y. Space and place: humanistic perspective. In: Gale, S.; Olsson, G (eds.) *Philosophy in Geography*. Dordrecht, Holanda: D. Reidel Publishing Company, p.387-427, 1979.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio Ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

VALENTE, M. P. R. C. **Geração Y e individualismo**: percepções e adaptabilidade do consumidor frente às mudanças. 192-208f. Tese (Doutorado em Administração) - Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/DNNsQD>> Acesso em: 18 dez. 2016.

VIEIRA, S. G. **O Centro Vive**. O Espetáculo da Revalorização do Centro de São Paulo: sobrevivência do capitalismo e apropriação do espaço. 2002. 480f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, SP, 2002.

WHITEHEAD, C. **The colossus of New York**: A city in thirteen parts. New York: Random, 2003.

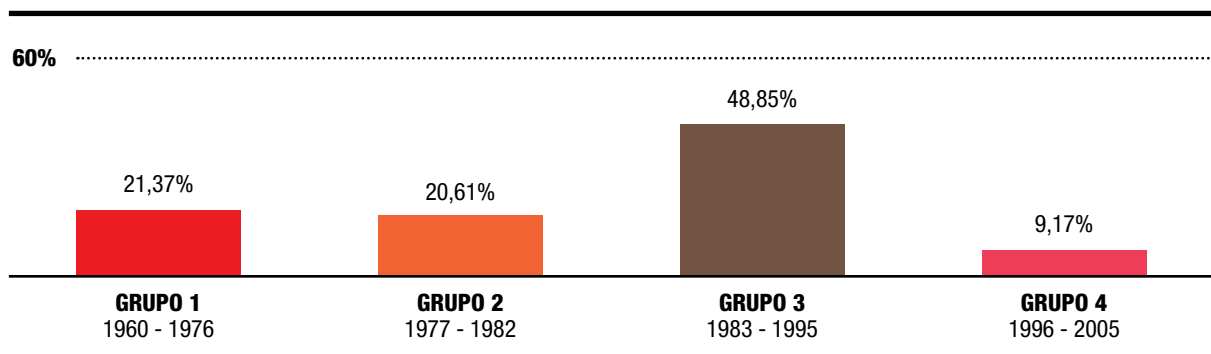
WILSON, J. L. **Nostalgia**: sanctuary of meaning. Duluth: University of Minnesota Duluth Library Press, 2014.

WITTMANN, M. **Felt Time**. Kindle Edition. Cambridge: The MIT Press, 2015.

APÊNDICES

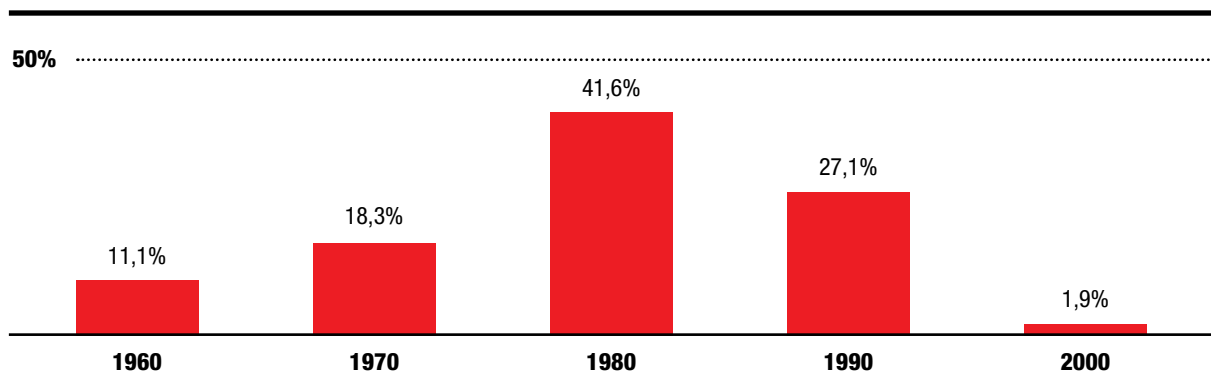
Apêndice A - Grupos

Frequência dos grupos



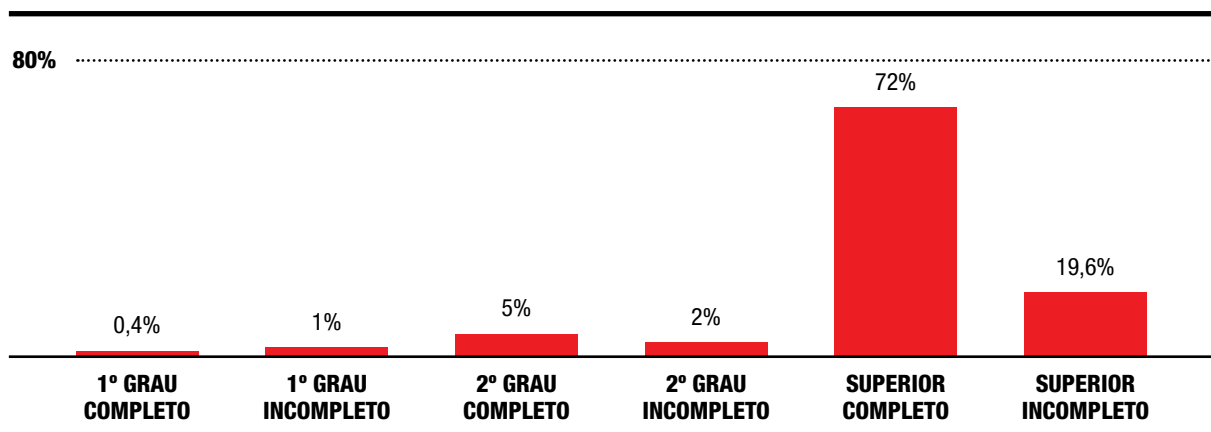
Fonte: Elaborado pela autora.

Frequência das décadas



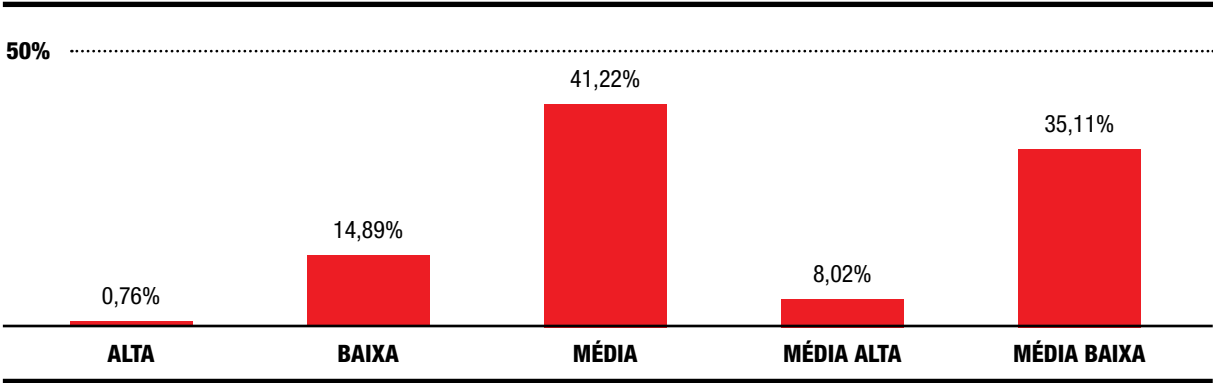
Fonte: Elaborado pela autora.

Nível de escolaridade



Fonte: Elaborado pela autora.

Classe socioeconômica durante a infância



Fonte: Elaborado pela autora.

Apêndice B - Questionário aplicado

Questionário

A INFÂNCIA DOS NASCIDOS ENTRE 1960 E 2005 (qualquer lugar do Brasil)

**resposta obrigatória*

1. Sexo*:

() Feminino () Masculino () Outro

2. Em que ano você nasceu?*

3. Em qual cidade você nasceu?*

4. Em qual cidade você viveu (por mais tempo) até os 12 anos?*

5. Como percebia a classe socioeconômica da sua família durante a sua infância (até os 12 anos)?*

() Classe baixa () Classe média baixa () Classe média () Classe média alta () Classe alta

6. Qual o seu grau de instrução?*

() Nunca estudou () 1º grau incompleto (Fundamental) () 1º grau completo (Fundamental)
() 2º grau incompleto (Ensino Médio) () 2º grau completo (Ensino Médio) () Ensino Superior incompleto () Ensino Superior completo

7. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?* Salário mínimo = R\$ 880,00

() Nenhuma renda () Até 1 salário mínimo () Entre 1 e 5 salários mínimos
() Entre 6 e 10 salários mínimos () Entre 11 e 15 salários mínimos () Mais de 15 salários mínimos

8. Qual a primeira pessoa que você lembra ser o presidente do Brasil?*

() Jânio Quadros () Ranieri Mazzilli () João Goulart () Castelo Branco () Costa e Silva
() Junta Governativa Provisória de 1969 () Emílio G. Médici () Ernesto Geisel () João Figueiredo
() Tancredo Neves () José Sarney () Fernando Collor () Itamar Franco
() Fernando Henrique Cardoso () Luiz Inácio Lula da Silva () Outro

9. Selecione o(s) item(ns) que lhe causava(m) mais medo durante a infância (até 12 anos):*

() AIDS () Alienígenas () Ameaça nuclear () Apanhar () Atentados terroristas () Bicho Papão
() Brinquedos assassinos () Bug do milênio () Buraco na camada de ozônio () Cometas
() Comunismo () Corrupção () Crimes violentos () Cyberbullying () Escuro () Fantasmas
() Ficar sem conexão com a internet () Fim do mundo () Fome () Inflação () Militares () Nada
() Palhaços () Se perder dos pais/ Ser esquecido pelos pais () Ser atropelado () Ser assaltado
() Tsunami () Velho do saco () Outro

10. Em que ano você criou o seu primeiro endereço de e-mail?*

11. Em que ano você comprou/ganhou o seu primeiro celular?*

QUESTÕES 12, 13, 14, 15 E 16, RESPONDA APENAS SE VOCÊ TEM LEMBRANÇAS/ INFORMAÇÕES SOBRE A DÉCADA

12. Para você, o que foi a década de 1960 em três palavras simples?

13. Para você, o que foi a década de 1970 em três palavras simples?

14. Para você, o que foi a década de 1980 em três palavras simples?

15. Para você, o que foi a década de 1990 em três palavras simples?

16. Para você, o que foi a década de 2000 em três palavras simples?

17. Sobre o uso de computadores e internet, escolha o(s) item(ns) em que você se encaixa:*

- ☐ Começou a utilizar o computador (sem internet) na idade adulta
- ☐ Começou a utilizar o computador (sem internet) na adolescência
- ☐ Começou a utilizar o computador (sem internet) na infância (até os 12 anos)
- ☐ Começou a acessar a internet (conexão discada) na idade adulta
- ☐ Começou a acessar a internet (conexão discada) na adolescência
- ☐ Começou a acessar a internet (conexão discada) na infância (até os 12 anos)
- ☐ Começou a utilizar o computador (com acesso a internet discada ou banda larga) na idade adulta
- ☐ Começou a utilizar o computador (com acesso a internet discada ou banda larga) na adolescência
- ☐ Começou a utilizar o computador (com acesso a internet discada ou banda larga) na infância (até os 12 anos)

18. Com qual(is) dessa(s) sentença(s) você mais se identifica?*

- ☐ A última infância “analógica” ☐ A última adolescência “analógica”
- ☐ A primeira infância “digital” ☐ A primeira adolescência “digital”

19. Selecione tudo o que foi característico da sua infância (até 12 anos):*

- ☐ Alf, o Eteimoso ☐ Alugar filmes em DVD ☐ Alugar filmes em VHS ☐ Andar de bicicleta
- ☐ As Meninas Superpoderosas ☐ As Panteras ☐ Atari ☐ Atentado às Torres Gêmeas (11/9)
- ☐ Ayrton Senna ☐ Backyardigans ☐ Balão Mágico ☐ Beatles ☐ Ben 10 ☐ Bob Esponja
- ☐ Brincadeiras de rua/quintal com outras crianças ☐ Britney Spears ☐ Chacrinha
- ☐ Chegada do homem à lua ☐ Coleção Disquinho ☐ Coleção Vagalume ☐ Comandos em Ação
- ☐ Compact Discs (CD) ☐ Corrida espacial ☐ De Volta para o Futuro ☐ Diretas Já
- ☐ Disney CRUJ ☐ Disney Moldes ☐ Dragon Ball Z ☐ E.T. O Extraterrestre ☐ ECO 92
- ☐ Escrever cartas ☐ Espirograf ☐ Família Barbapapa ☐ Festas de aniversário em casa
- ☐ Filmes de faroeste ☐ Forninho ATMA ☐ Fotonovela ☐ Game Boy ☐ Giuliano Gemma
- ☐ Google ☐ Governo militar ☐ Grunge ☐ Guerra do Golfo ☐ Guerra Fria ☐ Guerra nas Estrelas
- ☐ Hannah Montana ☐ Harry Potter ☐ He-Man ☐ Hey Arnold ☐ High School Musical
- ☐ Histórias em quadrinhos ☐ Indiana Jones ☐ Ioiô da Coca-cola ☐ iPod ☐ Jackson 5 ☐ Jaspion
- ☐ Jovem Guarda ☐ KND: A Turma do Bairro ☐ Madonna ☐ Manual do Escoteiro Mirim
- ☐ Máquina de escrever ☐ Marchas Militares ☐ Mazzaropi ☐ Meu Primeiro Gradiente
- ☐ Michael Jackson ☐ MIRC ☐ Movimento Hippie ☐ MSN Messenger ☐ Mundo de Beakman
- ☐ Nokia 2280 ☐ Novela Rebelde ☐ O Diário da Princesa ☐ O Meu Pé de Laranja Lima
- ☐ O Rei Leão ☐ Odyssey 100 ☐ Os Embalos de Sábado à Noite ☐ Os Herculóides
- ☐ Os Simpsons ☐ Os Trapalhões ☐ Oscarito e Grande Otelo ☐ Ovelha Dolly ☐ Papel de Carta
- ☐ Parque dos Dinossauros ☐ Pen-Drive ☐ Plano Cruzado ☐ Plano Real ☐ Pokémon
- ☐ Polly Pocket ☐ Programa da Xuxa ☐ Programas de rádio ☐ Pucca ☐ Queda do Muro de Berlim
- ☐ Rin-Tin-Tin ☐ Sistema DOS ☐ Sítio do Pica-Pau Amarelo ☐ Spectreman ☐ Super Nintendo
- ☐ Tamagotchi ☐ Tanque Thor ☐ Tarzan ☐ Tazo ☐ Telejogo ☐ Tênis Motoca ☐ Turma do Pererê
- ☐ TV Colosso ☐ Vila Sésamo ☐ Vitrola ☐ Wii ☐ Windows 95 ☐ Outro

20. De qual geração você se considera parte?*

(☐) Baby boomer (☐) Geração X (☐) Algo entre baby boomer e geração X (☐) Geração Y (Millennials)
(☐) Algo entre geração X e geração Y (Millennial) (☐) Geração Z (☐) Não conheço essas categorias

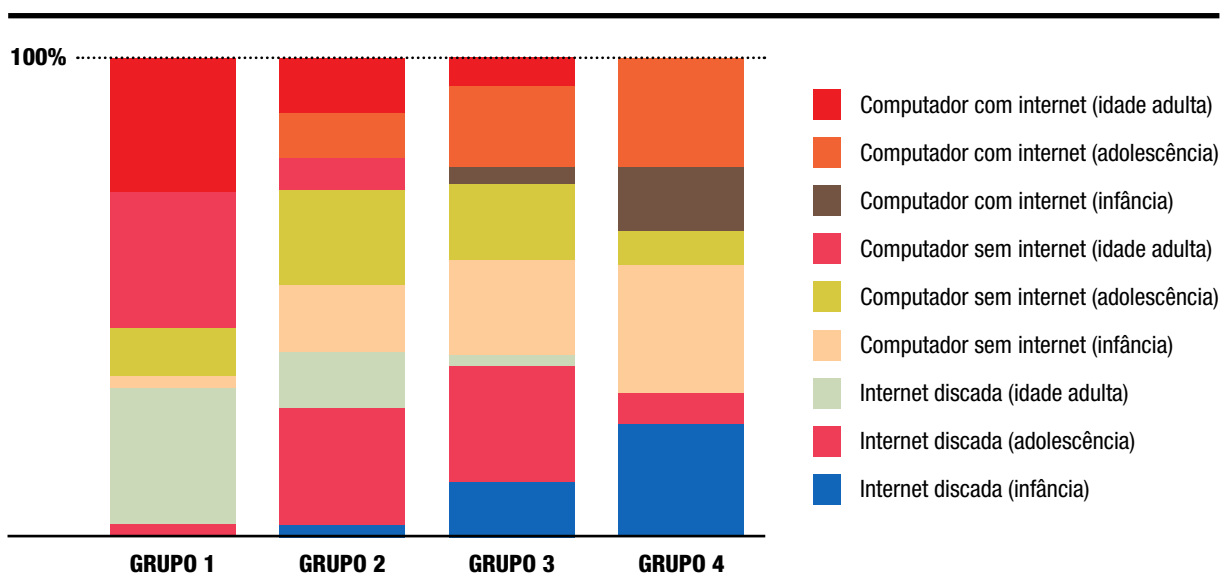
21. Em poucas palavras, como você compararia o mundo de hoje ao mundo na época da sua infância?***22. Em poucas palavras, como você descreveria a sua cidade da infância hoje em dia?*****23. Caso queira participar da segunda fase da pesquisa, por favor, compartilhe seu e-mail para contato futuro:**

Fonte: Elaborado pela autora.

Apêndice C - Utilização de computadores e da internet

	GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4
Internet discada (infância)	-----	1,7%	12,22%	23,5 %
Internet discada (adolescência)	2,5 %	24,79%	23,70%	5,9 %
Internet discada (idade adulta)	28,6 %	11,97%	2,23%	-----
Computador sem internet (infância)	1,7 %	13,68%	20,74%	27,5 %
Computador sem internet (adolescência)	10,9 %	20,51%	14,81%	5,9 %
Computador sem internet (idade adulta)	28,6 %	5,98%	0,37%	-----
Computador com internet (infância)	-----	-----	3,33%	13,7 %
Computador com internet (adolescência)	-----	9,4%	17,04%	23,5 %
Computador com internet (idade adulta)	27,7 %	11,97%	5,56%	-----

Fonte: Elaborado pela autora.

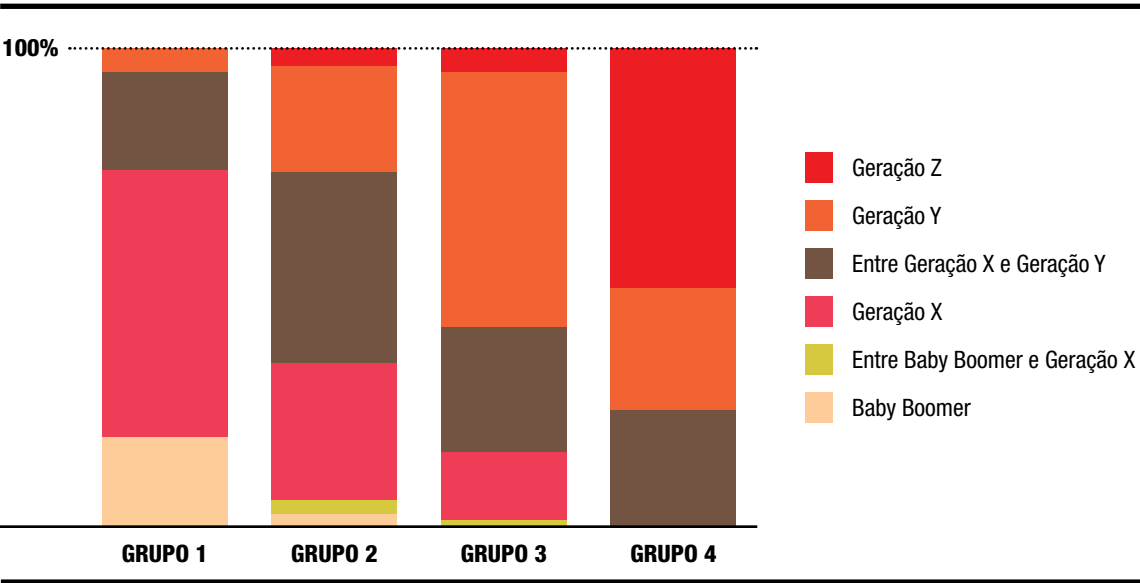


Fonte: Elaborado pela autora.

Apêndice D - Pertencimento geracional

GERAÇÃO STRAUSS-HOWES	GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4
Baby Boomer	20%	2,86%	-----	-----
Algo entre baby boomer e geração X	-----	2,86%	1%	-----
Geração X	55%	28,57%	15%	-----
Algo entre geração X e geração Y	20%	40%	26%	25%
Geração Y (Millennials)	5%	22,86%	53%	25%
Geração Z (Homeland)	-----	2,86%	5%	50%

Fonte: Elaborado pela autora.

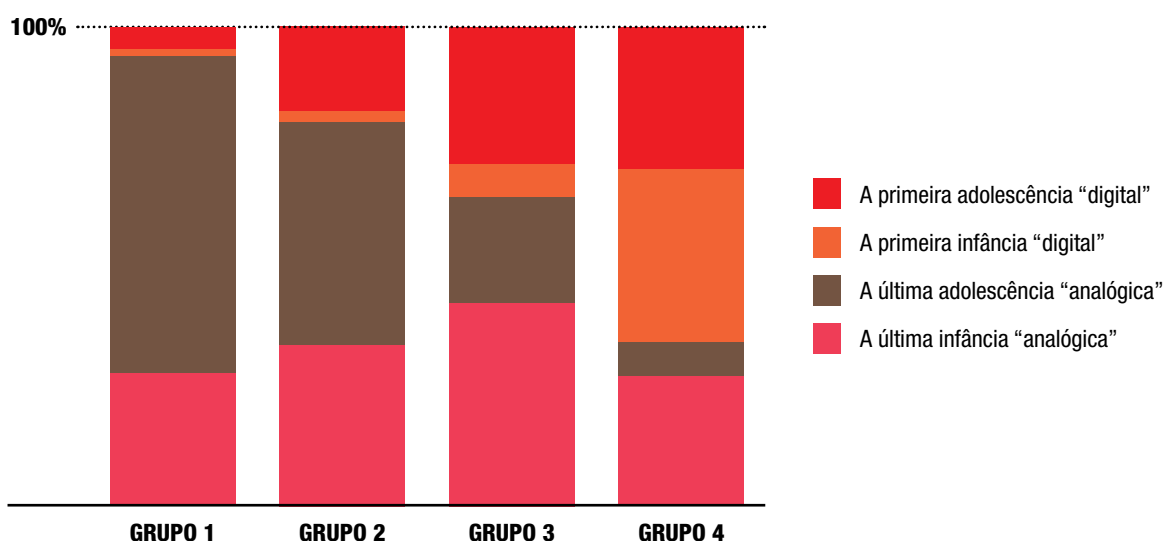


Fonte: Elaborado pela autora.

Apêndice E - Identificação

IDENTIFICAÇÃO	GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4
A última infância "analógica"	26,98%	33%	42%	27%
A última adolescência "analógica"	66,67%	47%	22%	7%
A primeira infância "digital"	1,59%	2%	7%	37%
A primeira adolescência "digital"	4,76%	18%	29%	30%

Fonte: Elaborado pela autora.



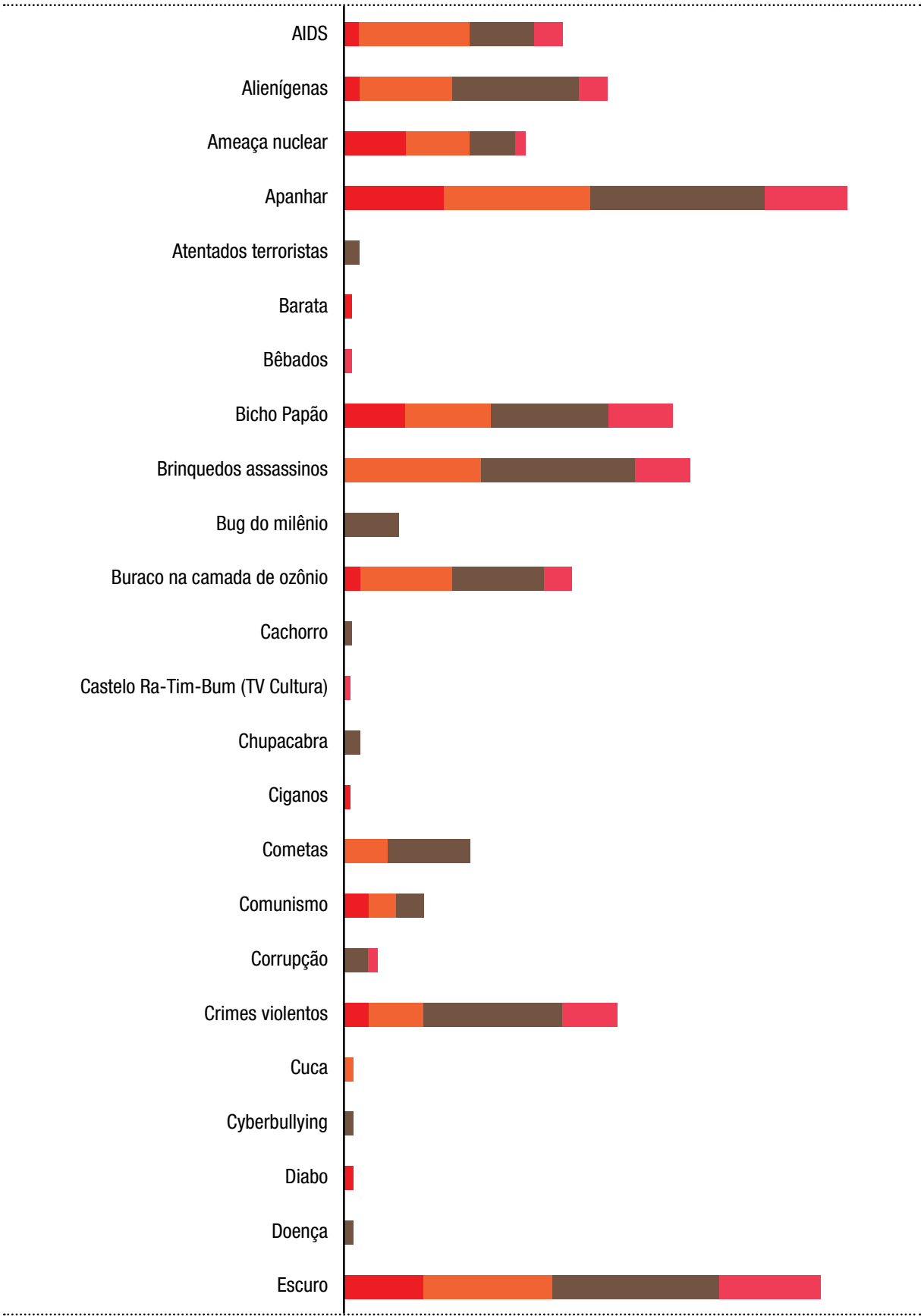
Fonte: Elaborado pela autora.

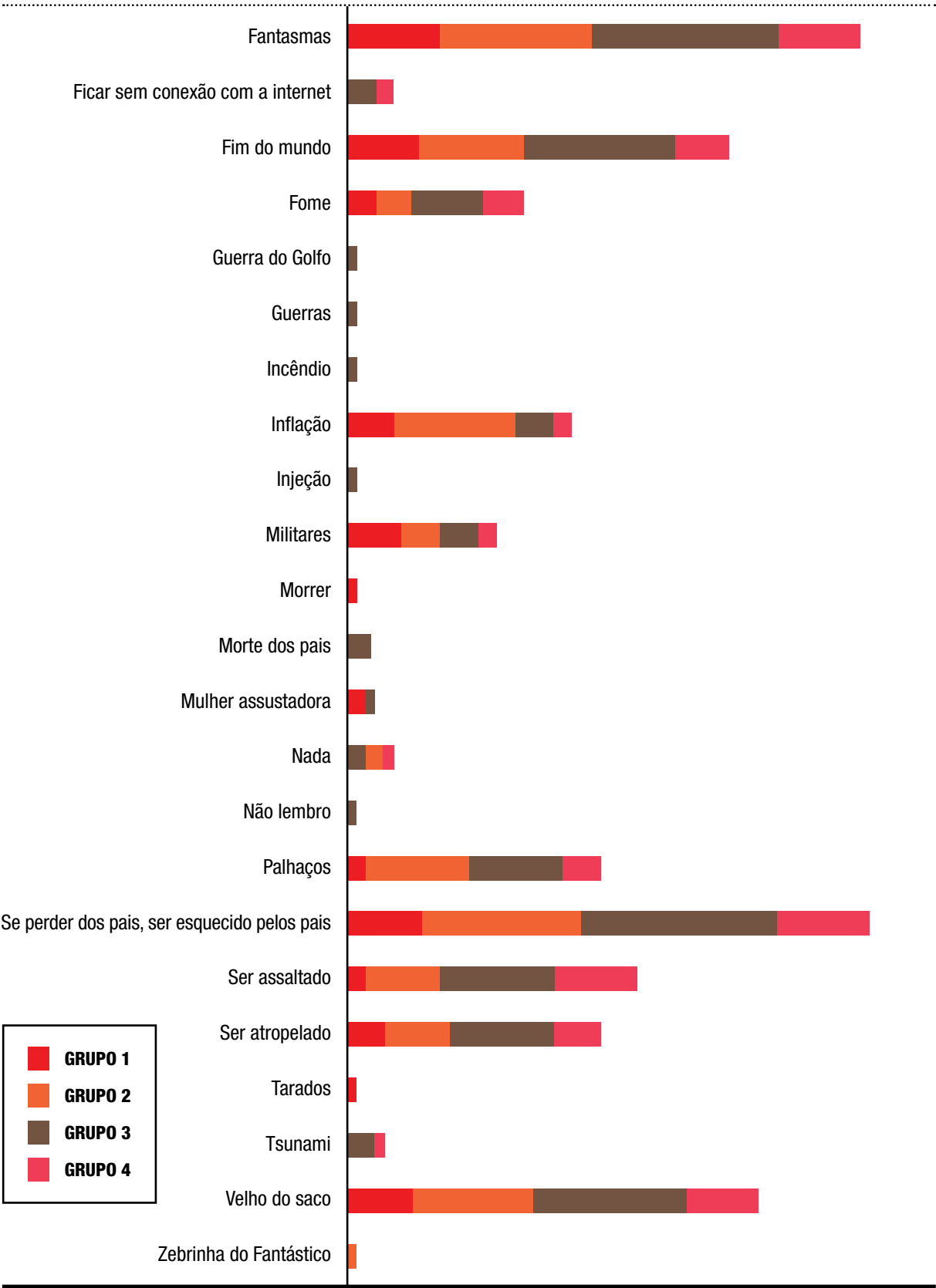
Apêndice F - Medos durante a infância

MEDO	GRUPO 1		GRUPO 2		GRUPO 3		GRUPO 4	
	(°)	%	(°)	%	(°)	%	(°)	%
AIDS	10	1,3	6	5,0	15	1,7	9	2,3
Alienígenas	10	1,3	8	4,2	8	4,5	9	2,3
Ameaça nuclear	5	5,2	11	2,7	17	1	11	0,8
Apanhar	1	14,9	2	9,2	3	9,1	3	8,3
Atentados terroristas	----	----	----	----	20	0,3	----	----
Barata	11	0,6	----	----	----	----	----	----
Bêbados	----	----	----	----	----	----	11	0,8
Bicho Papão	5	5,2	9	3,8	9	3,8	5	5,3
Brinquedos assassinos	----	----	3	8,1	5	7,3	6	4,5
Bug do milênio	----	----	----	----	16	1,5	----	----
Buraco na camada de ozônio	10	1,3	8	4,2	12	3	9	2,3
Cachorro	----	----	----	----	21	0,2	----	----
Castelo Ra-Tim-Bum (TV Cultura)	----	----	----	----	----	----	11	0,8
Chupacabra	----	----	----	----	20	0,3	----	----
Ciganos	11	0,6	----	----	----	----	----	----
Cometas	----	----	13	1,9	13	2	----	----
Comunismo	9	1,9	15	1,2	19	0,5	----	----
Corrupção	----	----	----	----	19	0,5	11	0,8
Crimes violentos	9	1,9	12	2,3	7	5,3	6	4,5
Cuca	----	----	17	0,4	----	----	----	----
Cyberbullying	----	----	----	----	21	0,2	----	----
Diabo	11	0,6	----	----	----	----	----	----

Doença	----	----	----	----	21	0,2	----	----
Escuro	3	11,7	4	6,2	4	8,5	1	12,9
Fantasmas	2	12,3	2	9,2	2	9,6	3	8,3
Ficar sem conexão com a internet	----	----	----	----	19	0,5	10	1,5
Fim do mundo	4	8,4	7	4,6	6	7,1	6	4,5
Fome	9	1,9	14	1,5	14	1,8	8	3
Guerra do Golfo	----	----	----	----	21	0,2	----	----
Guerras	----	----	----	----	21	0,2	----	----
Incêndio	----	----	----	----	21	0,2	----	----
Inflação	7	3,2	5	5,8	18	0,8	10	1,5
Injeção	----	----	----	----	21	0,2	----	----
Militares	6	3,9	14	1,5	18	0,8	10	1,5
Morrer	11	0,6	----	----	----	----	----	----
Morte dos pais	----	----	----	----	20	0,3	----	----
Mulher assustadora	10	1,3	----	----	21	0,2	----	----
Nada	10	1,3	16	0,8	----	----	11	0,8
Não lembro	----	----	----	----	21	0,2	----	----
Palhaços	10	1,3	7	4,6	12	3	8	3
Se perder/ ser esquecido pelos pais	4	8,4	1	10,8	1	10,6	2	11,4
Ser assaltado	10	1,3	10	3,1	10	3,6	3	8,3
Ser atropelado	8	2,6	11	2,7	11	3,2	7	3,8
Tarados	11	0,6	----	----	----	----	----	----
Tsunami	----	----	----	----	19	0,5	11	0,8
Velho do saco	5	5,2	5	5,8	6	7,1	4	6,1
Zebrinha do Fantástico	----	----	17	0,4	----	----	----	----

Fonte: Elaborado pela autora.





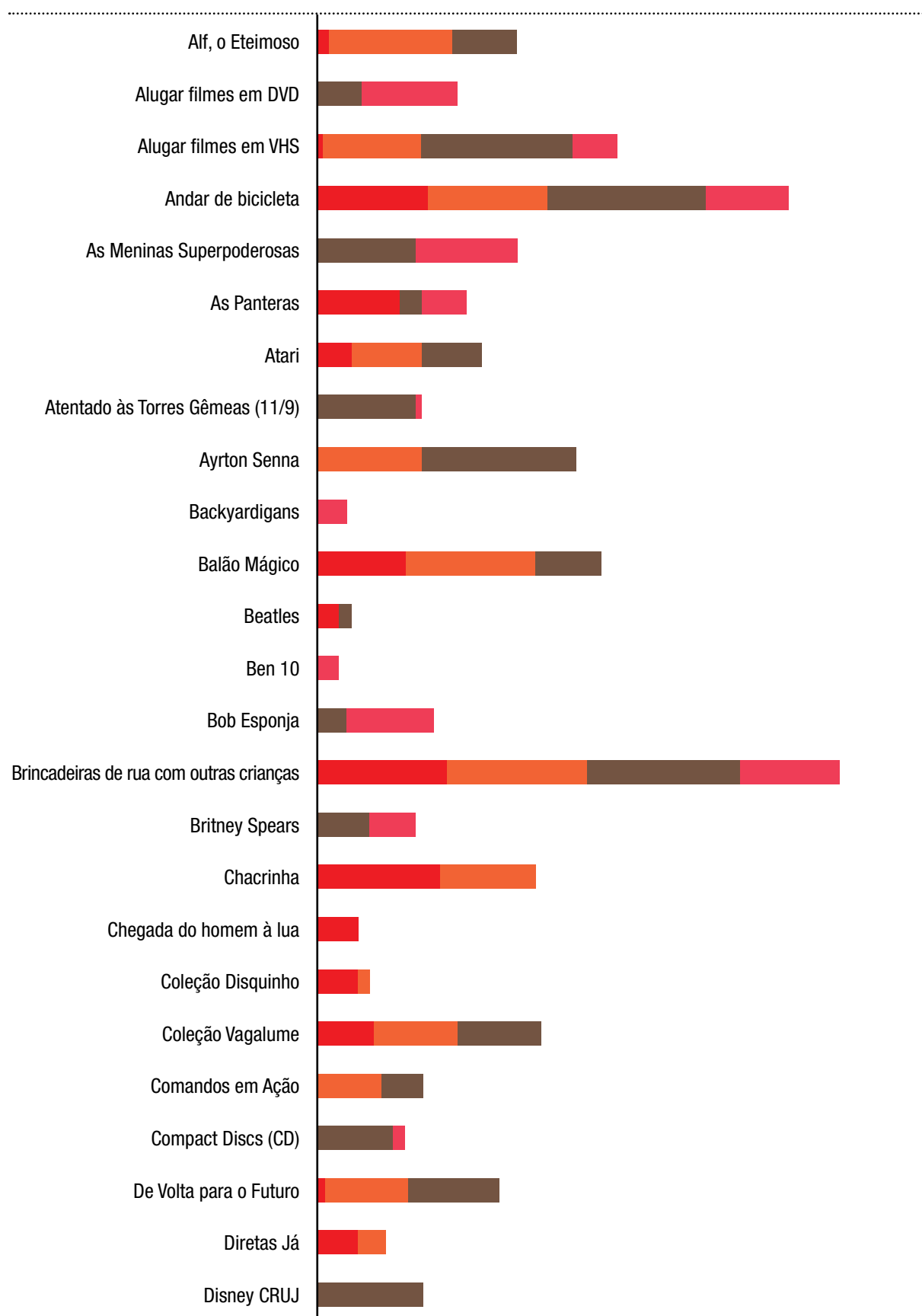
Fonte: Elaborado pela autora.

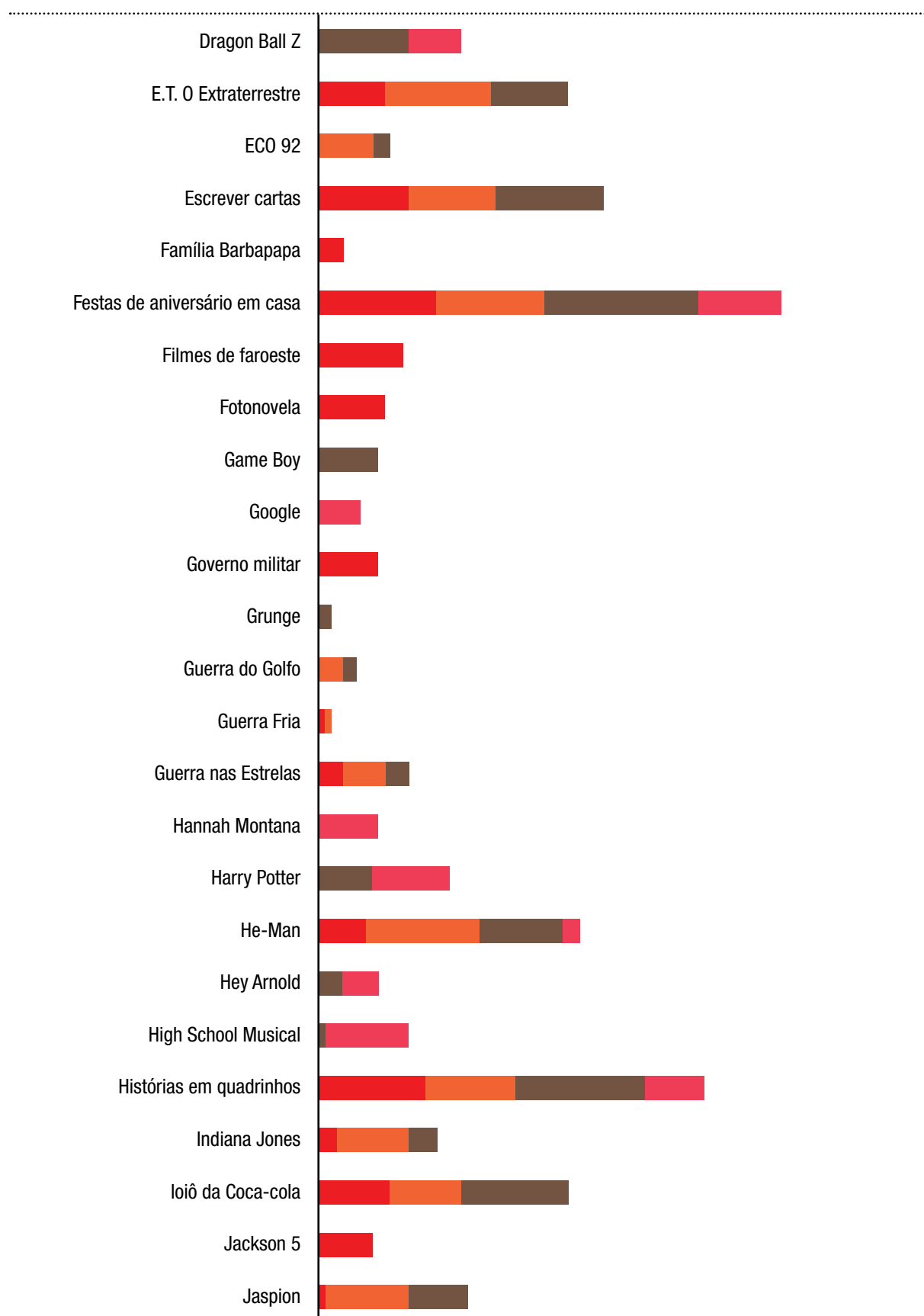
De Volta para o Futuro	22	0,9	9	2,8	14	1,6	----	----
Diretas Já	16	1,6	20	1,3	----	----	----	----
Disney CRUJ	----	----	----	----	10	2	----	----
Disney Moldes	----	----	----	----	----	----	----	----
Dragon Ball Z	----	----	----	----	13	1,7	9	2,5
E.T. O Extraterrestre	12	2,2	7	3,1	15	1,5	----	----
ECO 92	----	----	16	1,9	25	0,5	----	----
Escrever cartas	8	2,7	10	2,7	10	2	----	----
Espirograf	----	----	----	----	----	----	----	----
Família Barbapapa	19	1,3	----	----	----	----	----	----
Festas de aniversário em casa	3	4,2	7	3,1	2	3,5	4	3,3
Filmes de faroeste	9	2,5	----	----	----	----	----	----
Forninho ATMA	----	----	----	----	----	----	----	----
Fotonovela	12	2,2	----	----	----	----	----	----
Game Boy	----	----	----	----	18	1,2	----	----
Giuliano Gemma	----	----	----	----	----	----	----	----
Google	----	----	----	----	----	----	11	1,9
Governo militar	13	2	----	----	----	----	----	----
Grunge	----	----	----	----	26	0,4	----	----
Guerra do Golfo	----	----	21	1,1	26	0,4	----	----
Guerra Fria	22	0,9	24	0,8	----	----	----	----
Guerra nas Estrelas	19	1,3	18	1,5	24	0,6	----	----
Hannah Montana	----	----	----	----	----	----	8	2,6
Harry Potter	----	----	----	----	19	1,1	5	3,2
He-Man	15	1,7	6	3,2	14	1,6	15	1,2
Hey Arnold	----	----	----	----	24	0,6	12	1,8
High School Musical	----	----	----	----	27	0,3	4	3,3
Histórias em quadrinhos	5	3,9	10	2,7	6	2,4	8	2,6
Indiana Jones	20	1,2	13	2,4	23	0,7	----	----

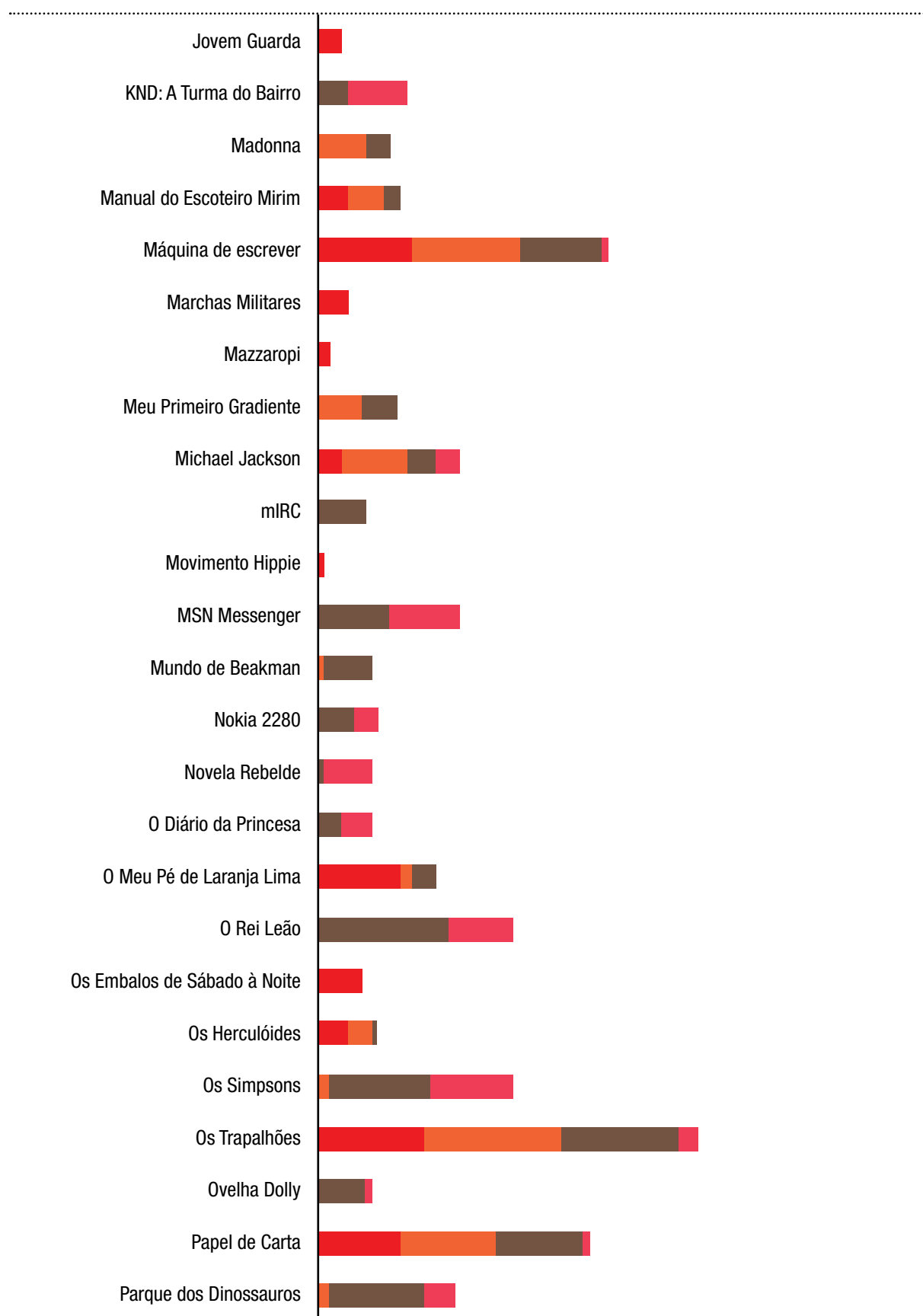
loio da Coca-cola	11	2,3	13	2,4	10	2	----	----
iPod	----	----	----	----	----	----	----	----
Jackson 5	14	1,8	----	----	----	----	----	----
Jaspion	22	0,9	11	2,6	18	1,2	----	----
Jovem Guarda	19	1,3	----	----	----	----	----	----
KND: A Turma do Bairro	----	----	----	----	23	0,7	8	2,6
Madonna	----	----	17	1,7	24	0,6	----	----
Manual do Escoteiro Mirim	18	1,4	19	1,4	25	0,5	----	----
Máquina de escrever	7	3,3	7	3,1	14	1,6	17	0,9
Marchas Militares	18	1,4	----	----	----	----	----	----
Mazzaropi	21	1,1	----	----	----	----	----	----
Meu Primeiro Gradiente	----	----	18	1,5	22	0,8	----	----
Michael Jackson	19	1,3	14	2,1	23	0,7	14	1,4
mIRC	----	----	----	----	20	1	----	----
Movimento Hippie	22	0,9	----	----	----	----	----	----
MSN Messenger	----	----	----	----	16	1,4	6	3
Mundo de Beakman	----	----	24	0,8	20	1	----	----
Nokia 2280	----	----	----	----	22	0,8	14	1,4
Novela Rebelde	----	----	----	----	27	0,3	9	2,5
O Diário da Princesa	----	----	----	----	24	0,6	13	1,6
O Meu Pé de Laranja Lima	9	2,5	23	0,9	24	0,6	----	----
O Rei Leão	----	----	----	----	6	2,4	7	2,8
Odyssey 100	----	----	----	----	----	----	----	----
Os Embalos de Sábado à Noite	16	1,6	----	----	----	----	----	----
Os Herculóides	18	1,4	21	1,1	27	0,3	----	----
Os Simpsons	----	----	23	0,9	11	1,9	4	3,3
Os Trapalhões	5	3,9	2	3,6	8	2,2	15	1,2
Oscarito e Grande Otelo	----	----	----	----	----	----	----	----
Ovelha Dolly	----	----	----	----	20	1	17	0,9

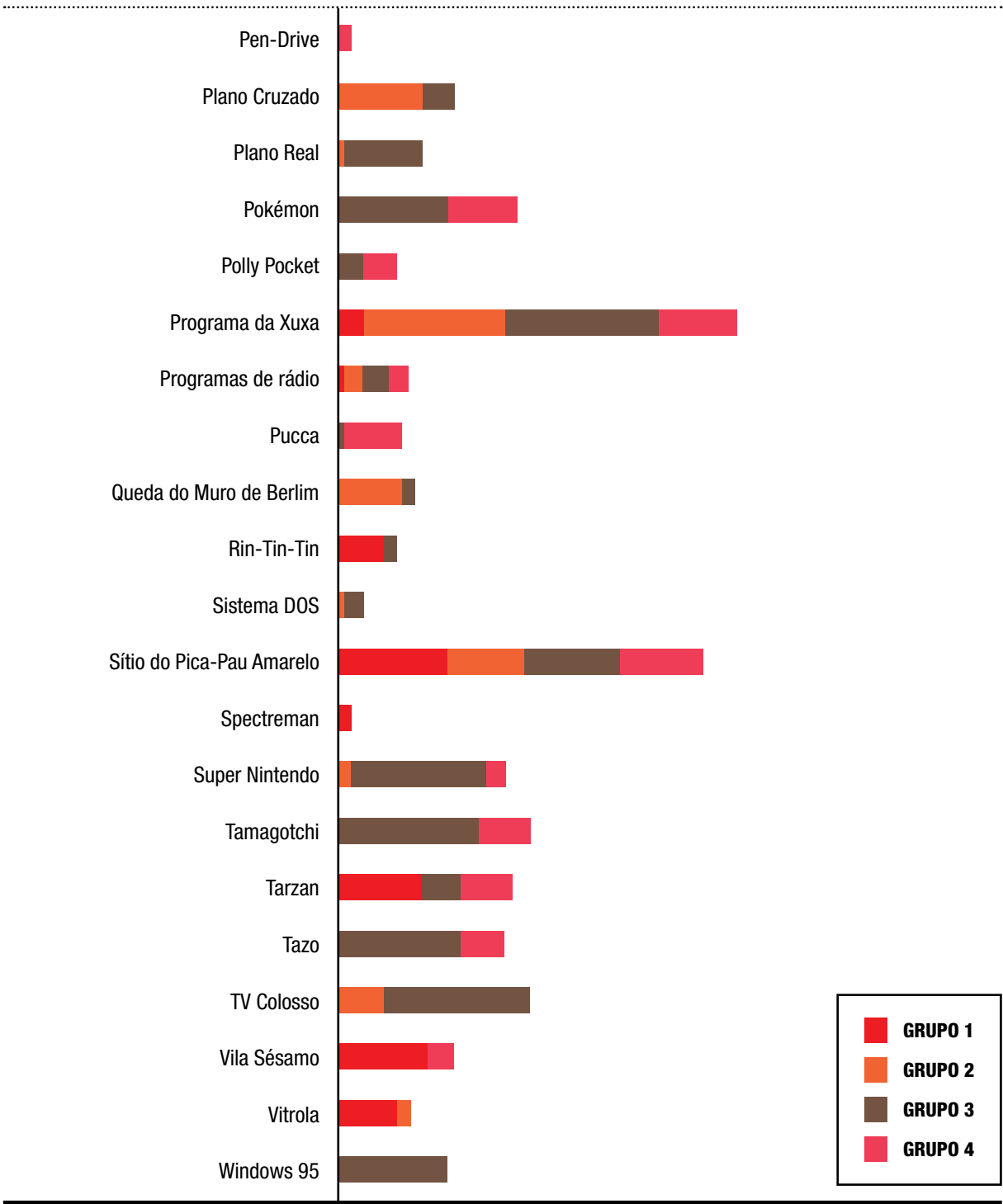
Papel de Carta	9	2,5	9	2,8	13	1,7	17	0,9
Parque dos Dinossauros	-----	-----	23	0,9	12	1,8	13	1,6
Pen-Drive	-----	-----	-----	-----	-----	-----	16	1,1
Plano Cruzado	-----	-----	12	2,5	23	0,7	-----	-----
Plano Real	-----	-----	24	0,8	16	1,4	-----	-----
Pokémon	-----	-----	-----	-----	11	1,9	7	2,8
Polly Pocket	-----	-----	-----	-----	24	0,6	13	1,6
Programa da Xuxa	19	1,3	3	3,5	4	3,1	6	3
Programas de rádio	22	0,9	22	1	24	0,6	15	1,2
Pucca	-----	-----	-----	-----	27	0,3	9	2,5
Queda do Muro de Berlim	-----	-----	15	2	26	0,4	-----	-----
Rin-Tin-Tin	16	1,6	-----	-----	26	0,4	-----	-----
Sistema DOS	-----	-----	24	0,8	25	0,5	-----	-----
Sítio do Pica-Pau Amarelo	6	3,5	13	2,4	13	1,7	5	3,2
Spectreman	21	1,1	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Super Nintendo	-----	-----	23	0,9	7	2,3	15	1,2
Tamagotchi	-----	-----	-----	-----	6	2,4	10	2,1
Tanque Thor	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Tarzan	10	2,4	-----	-----	22	0,8	10	2,1
Tazo	-----	-----	-----	-----	9	2,1	11	1,9
Telejogo	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Tênis Motoca	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Turma do Pererê	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
TV Colosso	-----	-----	18	1,5	5	2,6	-----	-----
Vila Sésamo	9	2,5	-----	-----	-----	-----	14	1,4
Vitrola	14	1,8	23	0,9	-----	-----	-----	-----
Wii	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Windows 95	-----	-----	-----	-----	11	1,9	-----	-----

Fonte: Elaborado pela autora.





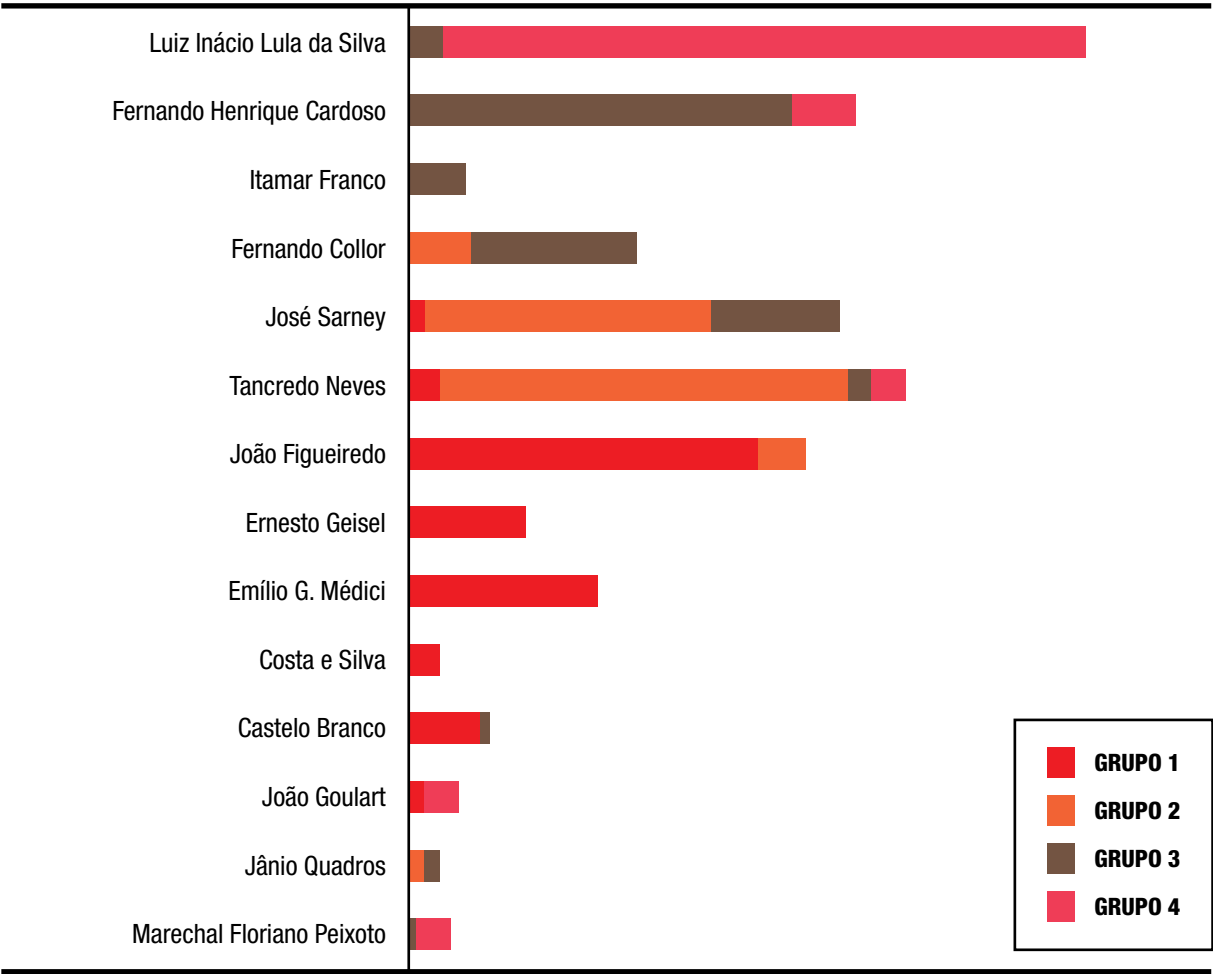




Fonte: Elaborado pela autora.

Apêndice H - Primeiro presidente de que recordam

PRESIDENTE	GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	GRUPO 4
Marechal Floriano Peixoto	-----	-----	0,8%	4%
Jânio Quadros	-----	1,9%	1,6%	-----
Ranieri Mazzilli	-----	-----	-----	-----
João Goulart	1,8%	-----	-----	4%
Castelo Branco	8,9%	-----	0,8%	-----
Costa e Silva	3,6%	-----	-----	-----
Junta Governativa Provisória de 1969	-----	-----	-----	-----
Emílio G. Médici	23,2%	-----	-----	-----
Ernesto Geisel	14,3%	-----	-----	-----
João Figueiredo	42,9%	5,6%	-----	-----
Tancredo Neves	3,6%	5%	3,1%	4%
José Sarney	1,8%	35,2%	15,6%	-----
Fernando Collor	-----	7,4%	20,3%	-----
Itamar Franco	-----	-----	7%	-----
Fernando Henrique Cardoso	-----	-----	46,9%	8%
Luiz Inácio Lula da Silva	-----	-----	3,9%	79%



Fonte: Elaborado pela autora.

Apêndice I - Palavras mais citadas sobre a década de 1960

TERMOS CITADOS	%	TERMOS CITADOS	%
GRUPO 1			
Infância	12,3	Guerra Fria	1,8
Brincadeiras	7,0	Insegurança	1,8
Felicidade	7,0	Jagunços	1,8
Beatles	5,3	Jovem Guarda	1,8
Escola	5,3	Lambreta	1,8
Família	5,3	Luta	1,8
Hippies	5,3	Medo do comunismo	1,8
Fé	3,5	Miséria	1,8
Governo Militar (Ditadura)	3,5	Moda	1,8
Homem na lua	3,5	Música	1,8
Saudade / Nostalgia	3,5	Praia	1,8
Rock	3,5	Televisão	1,8
Segurança	3,5	Tranquilidade	1,8
Dança	1,8	Tropicália	1,8
Drogas	1,8	Twist	1,8
Economia	1,8		
GRUPO 2			
Beatles	18	Festival	3
Governo Militar (Ditadura)	15	Fusca	3
Hippies	10	Inflação	3
Homem na lua	8	Política	3
Guerra Fria	5	Pós-Modernidade	3

Jovem Guarda	5	Psicodelia	3
Rock	5	Sexo	3
Vietnã	5	Tenso	3
Anos Dourados	3	Tortura	3
Elvis	3	Transgressão	3
GRUPO 3			
Governo Militar (Ditadura)	23	Eletrodomésticos	2
Beatles	14	Feminismo	2
Hippies	11	Grease	2
Rock	9	Hamburguer	2
Homem na lua	5	Jovem Guarda	2
Juventude de parentes mais velhos	4	Kennedy	2
Música	4	Medo	2
Brasília	2	Milk-shake	2
Carros	2	Morte	2
Contracultura	2	Passado	2
Donas de casa	2	Psicodelismo	2
Drogas	2	Vietnã	2
GRUPO 4			
Governo Militar (ditadura)	22,2	EUA	11,1
Não sei	22,2	Música	11,1
Rock	22,2	Violência	11,1

Fonte: Elaborado pela autora.

GRUPO 1



Fonte: Elaborado pela autora.

GRUPO 2



Fonte: Elaborado pela autora.

GRUPO 3

HAMBURGUER JOVEM GUARDA
 CONTRACULTURA HIPPIES DROGAS
 GREASE HOMEM NA LUA KENNEDY MÚSICA
 MILK SHAKE PASSADO
 GOVERNO MILITAR (DITADURA)
 FEMINISMO JUVENTUDE DE PARENTES MAIS VELHOS VIETNÃ
 PSICODELISMO MEDO BEATLES ROCK BRASÍLIA MORTE
 ELETRODOMÉSTICOS CARROS DONAS DE CASA

Fonte: Elaborado pela autora.

GRUPO 4

NÃO SEI VIOLÊNCIA
 GOVERNO MILITAR (DITADURA)
 MÚSICA ROCK EUA

Fonte: Elaborado pela autora.

Apêndice J - Palavras mais citadas sobre a década de 1970

TERMOS CITADOS	%	TERMOS CITADOS	%
GRUPO 1			
Escola	9	Guerra	0,9
Brincadeiras	5,4	Jovem Guarda	0,9
Família	4,5	Liberdade	0,9
Infância	4,5	Loucura	0,9
Discoteca	3,6	Lua	0,9
Governo Militar (Ditadura)	3,6	Luta	0,9
Música	3,6	Modernidade	0,9
Amigos	2,7	Morte do Elvis Presley	0,9
Descobertas	2,7	Natureza	0,9
Futebol	2,7	Necessidades	0,9
Hippies	2,7	Novelas	0,9
Alegria	1,8	Ordem	0,9
Amor	2,7	Pantalona	0,9
Brinquedos	1,8	Picolé	0,9
Boca de sino	1,8	Piscina	0,9
Brega	1,8	Polícia	0,9
Catecismo	1,8	Prisão	0,9
Medo	1,8	Protesto	0,9
Namoro	1,8	Raiva	0,9
Casamento	1,8	Roça	0,9
Cinema	0,9	Roupas coloridas	0,9
Crescimento	0,9	Rua	0,9

Decepção	0,9	Segredos	0,9
Desenho	0,9	Segurança	0,9
Desleixo	0,9	Simplicidade	0,9
Diversão	0,9	Tim Maia	0,9
Dor	0,9	Tranquila	0,9
Esporte	0,9	Transamazônica	0,9
Exército	0,9	Vacinas	0,9
Exorcista (filme)	0,9	Wanderléa	0,9
Festas	0,9	Viagem	0,9
GRUPO 2			
Hippies	18	Feminismo	2
Governo Militar (Ditadura)	8	Futebol	2
Discoteca	6	Guerra	2
Rock	14	Inflação	2
Black Power	4	Psicodelia	2
Festivais	8	Rebelde	2
Liberdade	4	Revolução	2
Política	4	Sexo	2
Anticoncepcional	2	Televisão P&B	2
Boca de sino	2	Tony Manero	2
Censura	2	Tropicalismo	2
Drogas	4		
GRUPO 3			
Hippies	32	Black Power	4
Discoteca	14	Futebol	4
Drogas	7	Governo Militar (Ditadura)	2
Música	7	Paz	2
Amor-livre	5	Psicodelia	2
Boca de sino	5	Sexo	2

GRUPO 2



Fonte: Elaborado pela autora.

GRUPO 3



Fonte: Elaborado pela autora.

GRUPO 4

GOVERNO MILITAR (DITADURA) NÃO SEI
DISCOTECA NIXON
ROCK HIPPIES

Fonte: Elaborado pela autora.

Apêndice K - Palavras mais citadas sobre a década de 1980

TERMOS CITADOS	%	TERMOS CITADOS	%
GRUPO 1			
Escola	7	Constituinte	1
Abertura política	5	Crise	1
Diretas Já	5	Depressão	1
Amigos	4	Descobertas	1
Amor	4	Emprego	1
Casamento	4	Escolhas	1
Faculdade	4	Espetáculo	1
Adolescência	3	Expectativa	1
Cores	3	Fim do Governo Militar (Ditadura)	1
Festas	3	Futuro	1
Liberdade	3	Gretchen	1
Música	3	Guerra fria	1
Rock nacional	3	Inflação	1
Breguice	2	Juventude	1
Discoteca	2	Loucura	1
Família	2	Morte	1
Namoro	2	Mudanças	1
Trabalho	2	Muro de Berlim (derrubada)	1
Brincadeiras	2	Ostentação	1
Brinquedos	2	Paquera	1
Cinema	2	Parque	1
Filhos	2	Planos econômicos	1
Realização	2	Revolução	1

Televisão	2	Viagens	1
Alegria	1	Viajar	1
Boa	1	Videogame	1
Chacrinha	1	Yuppies	1
Circo	1		
GRUPO 2			
Xuxa	6	Liberdade	2
Infância	5	Livros	2
Brincadeiras	5	LPs	2
Divertida	5	Trapalhões	2
Escola	5	Casa	1
Breguice	4	Ciência	1
Colorida	4	Cometa Halley	1
Televisão	4	Comunismo	1
Amigos	3	Descobertas	1
Brinquedos	3	Desprendida	1
Cinema	3	Drogas	1
Inflação	3	Impeachment	1
Música	3	Inesquecível	1
Videogame	3	Inglês	1
Bicicleta	2	Leis	1
Diretas já	2	Medo	1
Família	2	Pobreza	1
Fantástica	2	Polainas	1
Mullets	2	Racismo	1
Ombreiras	2	Rádio	1
Rock	2	Saia balonê	1
AIDS	2	Sexo	1
Alegria	2	Simplicidade	1

Balão Mágico	2	Viagens	1
Discoteca	2		
GRUPO 3			
Televisão	10	Cinema	1
Moda anos 1980	8	Disney	1
Diretas Já	6	Divertida	1
Infância	6	Escola	1
Xuxa	5	Família	1
Alegria	4	Filas	1
Colorida	4	Futebol	1
Fim da Ditadura	4	Gibis	1
Inflação	4	Governo Militar (Ditadura)	1
Rock	4	Guerra Fria	1
Rock nacional	4	Liberdade	1
Astros do pop	3	Magia	1
Brincadeiras	3	Nova Era	1
Brinquedos	3	Perdida	1
Discoteca	3	Saudade	1
Cassete	2	Simplicidade	1
Inocente	2	Sintetizador	1
Novelas	2	Tecnologia	1
Analógica	1	Videogame	1
Calmaria	1		
GRUPO 4			
Música	38	Diretas Já	13
Computador	13	Cinema	13
Brinquedos	13	Não sei	13

Fonte: Elaborado pela autora.

GRUPO 1



Fonte: Elaborado pela autora.

GRUPO 2



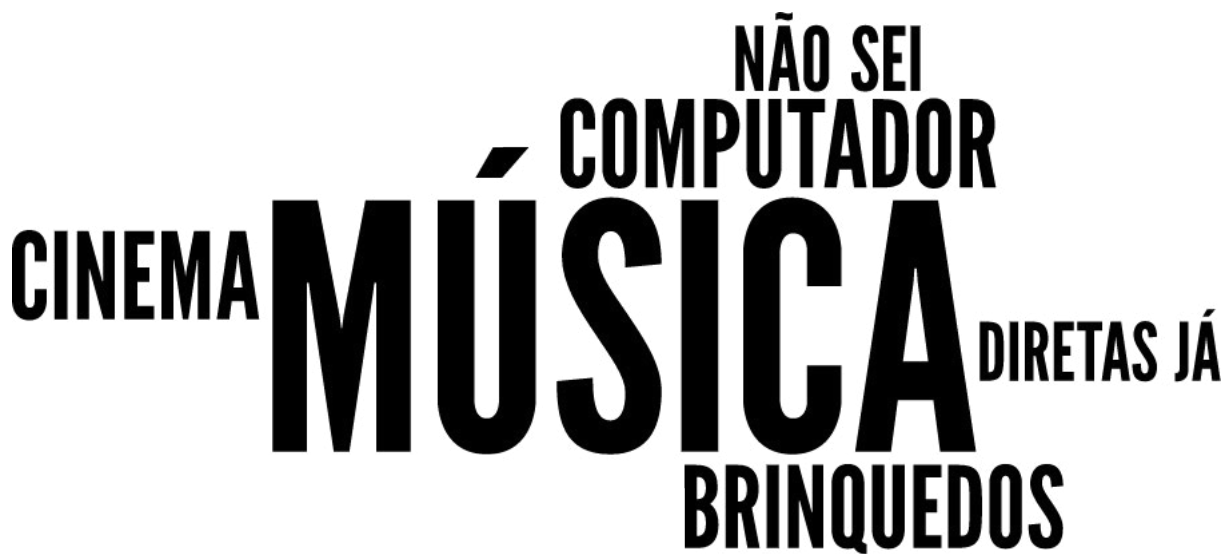
Fonte: Elaborado pela autora.

GRUPO 3



Fonte: Elaborado pela autora.

GRUPO 4



Fonte: Elaborado pela autora.

Apêndice L - Palavras mais citadas sobre a década de 1990

TERMOS CITADOS	%	TERMOS CITADOS	%
GRUPO 1			
Filhos	9	Celular	1
Trabalho	9	Cinema	1
Faculdade	4	Confisco	1
Música	4	Conflito	1
Estudos	3	Conhecimento	1
Grunge	3	Conscientização	1
Collor	3	Crise	1
Internet	3	Daniela Perez (morte)	1
Morte	3	Decepção	1
Mudanças	3	Descoberta	1
Abertura econômica	2	Dificuldade	1
Amigos	2	Diretas Já	1
Amor	2	Dirigir	1
Ayrton Senna (morte)	2	Discman	1
Casamento	2	Estabilidade	1
Collor (impeachment)	2	Experiência	1
Computador	2	Família	1
Crescimento	2	Futebol	1
Festas	2	Idade adulta	1
Inflação	2	Luta	1
Jogos	2	Nova-ordem mundial	1
Juventude	2	Paixão	1
Liberdade	2	Política	1

Música nacional	2	Retrocesso	1
Plano Real	2	Romance	1
Saudade	2	Negócios	1
Televisão	2	PT	1
Viagens	2	Stress	1
Boa	1	Superação	1
GRUPO 2			
Grunge	9	Bicicleta	1
Adolescência	8	Brincadeiras	1
Música	7	Cartoon Network	1
Escola	6	Casa	1
Plano Real	5	Celular	1
Amigos	3	Collor	1
Futebol	3	Competição	1
MTV	3	Computador	1
Namoro	3	Crescimento	1
Difícil	3	Discoteca	1
Descobertas	2	DJ's	1
Cassete	2	Drogas	1
Expectativas	2	Família	1
Superação	2	Guerra do Golfo	1
Axé/pagode	2	Impeachment	1
CDs	2	Internet	1
Esportes	2	Moderna	1
Festa	2	Olimpíadas	1
Tecnologia	2	Passeios	1
Tristeza	2	Reclamações	1
Xuxa	2	Revista Capricho	1
Livros	2	Roupas xadrez	1

Alcoolismo	1	Senna	1
Barzinhos	1	Sexo	1
Batom marrom	1	Vestibular	1
Bermudão	1	Violência	1
GRUPO 3			
Televisão	8	Mudanças	2
Brincadeiras	7	Simplicidade	2
Videogame	6	Cassete	1
Brincadeiras na rua	6	Collor (impeachment)	1
Música	6	Grunge	1
Escola	5	Internet	1
Diversão	5	Ótimo	1
Infância	5	Segurança	1
Amigos	3	Celular	1
Futebol	3	Colorida	1
Moda anos 1990	3	Computador	1
Axé / Pagode	2	Tranquilidade	1
Ayrton Senna	2	Feliz	1
Plano Real	2	FHC	1
Xuxa	2	Fim do mundo	1
Mamonas Assassinas	2	Globalização	1
Brinquedos	2	Incrível	1
Esportes	2	Liberdade	1
Família	2	Praia	1
GRUPO 4			
Internet	17	Melhor	8
Música	17	Mudança	8
Ayrton Senna	8	Não lembro	8

GRUPO 3



Fonte: Elaborado pela autora.

GRUPO 4



Fonte: Elaborado pela autora.

Apêndice M - Palavras mais citadas sobre a década de 2000

TERMOS CITADOS	%	TERMOS CITADOS	%
GRUPO 1			
Internet	8	Desafios	1
Tecnologia	8	Dificuldades	1
Trabalho	6	Dinheiro	1
Celular	4	Eletricidade	1
Mudanças	3	Escrever	1
11 de setembro	3	Esperança	1
Casamento	3	Faculdade	1
Computador	3	Festas	1
Família	3	Formatura	1
Estudos	3	Frustração	1
Liberdade	3	Futuro	1
Crise / recessão	2	Ganhos	1
Depressão	2	Globalização	1
Dor / tristezas	2	Guerra	1
Esporte	2	Inclusão social	1
Felicidade	2	Inovação	1
Filhos	2	Insatisfação	1
Insegurança	2	Investimento	1
Música pobre	2	Medo	1
Profissão	2	Morte	1
Terrorismo	2	Paixão	1
Alienação	1	Passado	1
Amadurecimento	1	Perdas	1

Bagunça	1	Perdição	1
Boa	1	Política	1
Bug do milênio	1	Problemas	1
Conflitos	1	Progredir	1
Confusão	1	Rapidez	1
Congregação	1	Saudade	1
Conquistas	1	Saúde	1
Contas	1	Separação	1
Corrupção	1	Unidade	1
Democracia	1	Vertigem	1
GRUPO 2			
Internet	13	Câncer	1
Faculdade	12	CDs	1
Trabalho	6	Cinema	1
Música	6	Decréscimo	1
Redes sociais	5	Depressão	1
Computador	4	Experiências	1
Aprendizado	3	Fim do mundo	1
Casamento	3	Futebol	1
Celular	3	Futuro	1
Amigos	2	Inesquecível	1
Desafio	2	Isolamento	1
Festas	2	Juventude	1
Filhos	2	Liberdade	1
Idade adulta	2	Marcante	1
Identidade	2	Namoro	1
Independência	2	Narcisismo	1
Inovação	2	Pobreza	1
Maturidade	2	Praia	1

Realidade	2	Reclamações	1
Responsabilidade	2	Saudade	1
Televisão	2	Velocidade	1
Terrorismo	2	Vestibular	1
Bonança	1	Viagens	1
Boom	1		
GRUPO 3			
Internet	13	Política	2
Tecnologia	5	Responsabilidade	2
Redes sociais	5	Videogame	2
Celular	5	DVDs	1
Computador	4	Infância	1
Escola	4	Rebeldia	1
Terrorismo	4	Televisão	1
Música	3	Trabalho	1
Festas	3	Velocidade	1
Mudanças	3	Viagens	1
Adolescência	2	Amadurecimento	1
Faculdade	2	Caos	1
Futebol	2	Descobertas	1
Informação	2	Digital	1
Amigos	2	Fim do mundo	1
Brincadeiras	2	Guerra	1
Cinema	2	Independência	1
Crescimento	2	Lula	1
Globalização	2	MTV	1
Namoro	2	TV a cabo	1
GRUPO 4			
Música	14	Conceitos	2

Brincadeiras	7	Conduta	2
Brincadeiras na rua	7	Descobrimento	2
Felicidade	5	Diversão	2
Inesquecível	5	Eclético	2
Infância	5	Inocência	2
Política	5	Mágica	2
Saudades	5	Medo	2
Televisão	5	Modernidade	2
Violência	5	Mudanças	2
Brinquedos	2	Novidades	2
Celular	2	Tecnologia	2
Churrasco	2	Timidez	2
Cinema	2		

Fonte: Elaborado pela autora.

GRUPO 1



Fonte: Elaborado pela autora.

GRUPO 3



Fonte: Elaborado pela autora.

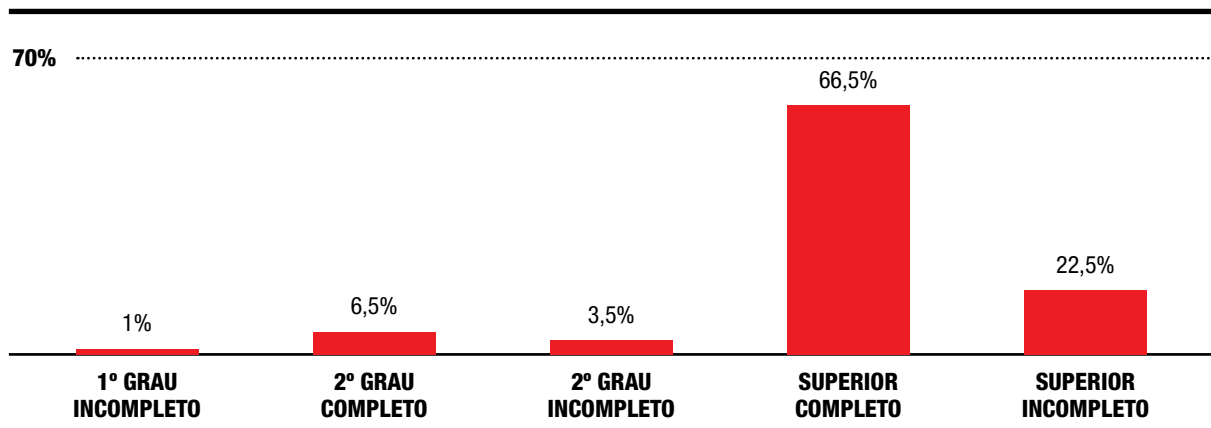
GRUPO 4



Fonte: Elaborado pela autora.

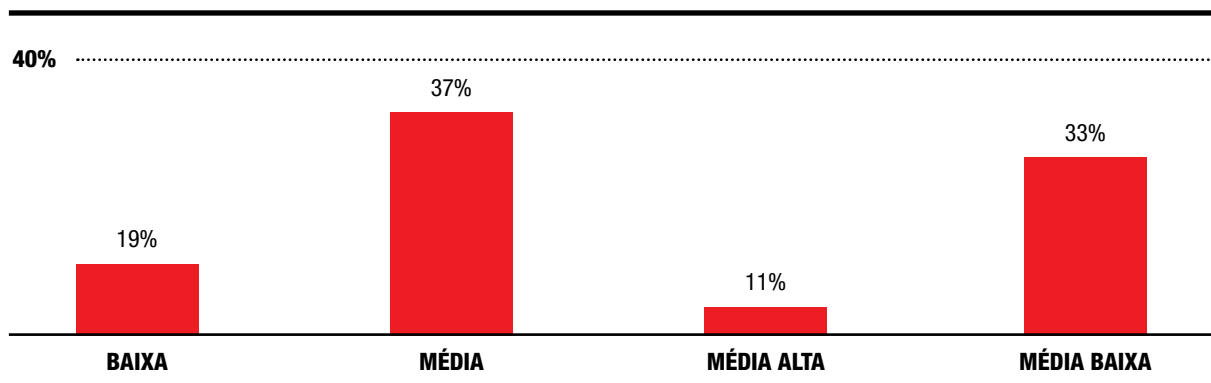
Apêndice N - Características dos respondentes de Pelotas (RS)

Nível de escolaridade



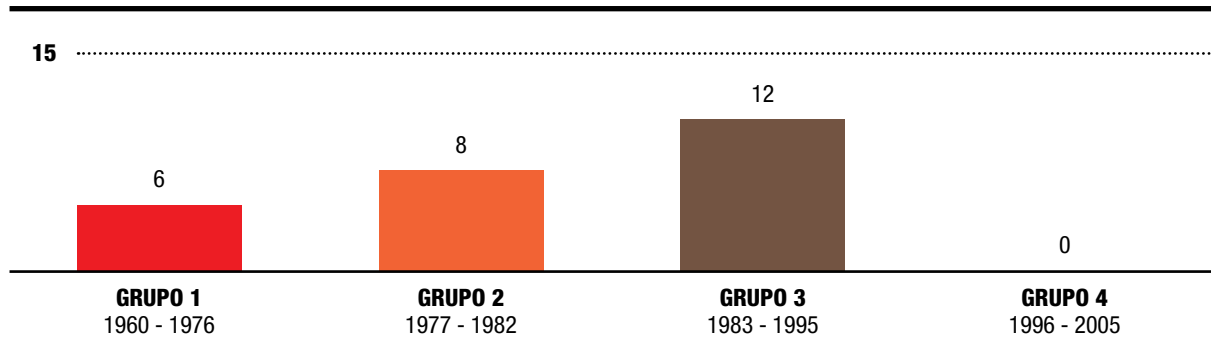
Fonte: Elaborado pela autora.

Classe socioeconômica durante a infância



Fonte: Elaborado pela autora.

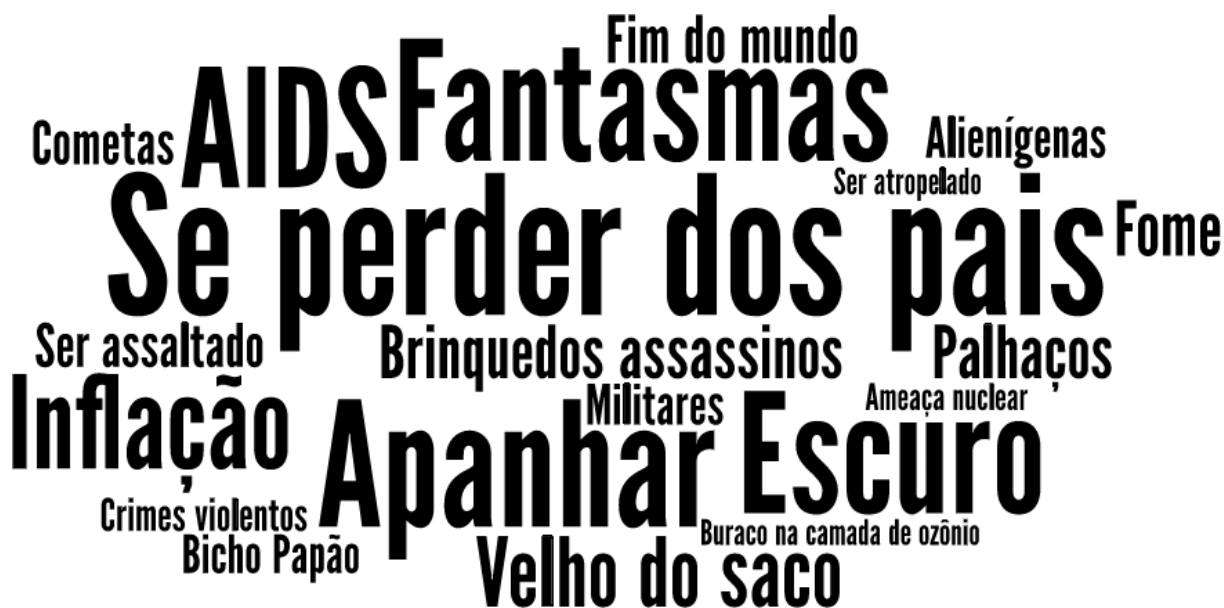
Respondentes (Pelotas), de classe média (infância) e nível superior



Fonte: Elaborado pela autora.

Apêndice O - Infância dos nascidos entre 1977 e 1982

MEDOS



Fonte: Elaborado pela autora.

ASPECTOS MARCANTES



Fonte: Elaborado pela autora.

Apêndice P - Declaração sobre o uso e destinação dos dados coletados

DECLARAÇÃO SOBRE O USO E DESTINAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Nós, Karla Nazareth Simões de Almeida Tissot, pesquisadora, e Sidney Gonçalves Vieira, orientador, do projeto intitulado “A cidade da infância (re)visitada: a relação entre presente e passado sobre o futuro da nostalgia em Pelotas (RS)”, declaramos que todos os dados coletados — cópias de documentos, entrevistas, questionários, filmagens e fotos — serão utilizados única e exclusivamente para o desenvolvimento do presente projeto. Após conclusão da pesquisa, os dados serão arquivados sob a responsabilidade do pesquisador durante o período de cinco anos, não sendo permitida a sua utilização sem o consentimento dos participantes.

Pelotas, ____ de _____ de 20__

Karla Nazareth Simões de Almeida Tissot
Pesquisadora (PPGMP — UFPel)

Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Orientador (PPGMP — UFPel)

Apêndice Q - Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) senhor (a) para participar da pesquisa com título “A cidade da infância (re)visitada: a relação entre presente e passado sobre o futuro da nostalgia em Pelotas (RS)”, sob a responsabilidade da pesquisadora Karla Nazareth Simões de Almeida Tissot, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. A presente pesquisa pretende traçar uma relação entre a percepção da cidade nos dias de hoje e as lembranças de infância acerca de Pelotas nos anos 80/90, identificando, assim, os lugares significativos para o grupo entrevistado e o(s) sentimento(s) que despertam.

Sua participação é voluntária e dar-se-á por meio de entrevista informal que será gravada e posteriormente transcrita. A transcrição dos trechos utilizados lhe será retornada para que avalie mais uma vez suas declarações antes da publicação das mesmas.

Se você aceitar participar, estará contribuindo para o avanço da pesquisa científica e da divulgação do conhecimento na área das ciências humanas, importante subsídio na prática de ações de sustentabilidade, acessibilidade e inclusão social.

Se depois de autorizar sua participação o(a) senhor(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O(A) senhor(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Para qualquer outra informação, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo e-mail pessoal karla.nazareth@ufpel.edu.br ou recordacoesdainfancia@gmail.com ou, através do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural — UFPel, no endereço Rua Lobo da Costa, 1877, telefone (53) 3222-3209. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas pela pesquisadora e pelo participante, sendo destinada uma via a cada um.

Pelotas, ____ de _____ de 20__

Karla Nazareth Simões de Almeida Tissot
Pesquisadora (PPGMP — UFPel)

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, aceito participar do projeto acima citado, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido (a).

Participante da pesquisa

Apêndice R - Termo de consentimento para uso de imagem e voz

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Título da pesquisa: “A cidade da infância (re)visitada: a relação entre presente e passado sobre o futuro da nostalgia em Pelotas (RS)”.

Pesquisadora Responsável: Karla Nazareth Simões de Almeida Tissot.

Eu, _____, permito que a pesquisadora relacionada acima obtenha fotografia, filmagem e/ou gravação de voz de minha pessoa para fins de pesquisa científica/ educacional.

Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras, periódicos científicos e/ou dissertação de mestrado. Sobre a minha identificação:

☐ Autorizo minha identificação por imagem e pelo nome
_____. (primeiro nome + inicial do sobrenome) ou;

☐ Autorizo minha identificação apenas pelo nome
_____. (primeiro nome + inicial do sobrenome) ou;

☐ Decido que minha pessoa não deve ser identificada, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Pelotas, ____ de _____ de 20____

Participante da pesquisa

Apêndice S - Modelo de roteiro de entrevista

MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

nº _____ | Data: ____/____/____

Projeto:

Local:

Pesquisador(a):

Data de nascimento:

Escolaridade (formação):

Telefone:

Tempo da entrevista:

Interlocutor(a):

Atividade profissional:

E-mail:

Objetivos: coletar relatos e lembranças de infância e, a partir deles, identificar lugares de Pelotas (RS) que despertem nostalgia relacionada a infância dos interlocutores. Também identificar o cotidiano atual dessas pessoas e a nostalgia que esperam sentir no futuro.

Recurso: Mapas.

PONTOS DA ENTREVISTA	MOMENTOS
Idade, profissão. Há quanto tempo mora/morou em Pelotas? Quando ouviu a palavra “Pelotas”, o que pensa imediatamente? Descrição física de Pelotas hoje.	Relatos de percepção (geral).
Narrativas sobre a relação com a família, vizinhança. Narrativas sobre a relação com o trabalho. Narrativas acerca do lazer.	Cotidiano (família, trabalho, lazer) no presente.
Pelotas na época da infância. Cheiros, sons, sabores marcantes. Lojas, prédios, lugares marcantes.	Lembranças.
Narrativas sobre a relação com a família, vizinhança. Narrativas sobre a relação com a escola, colegas. Narrativas acerca do lazer.	Cotidiano (família, trabalho, lazer) no passado.
O que mudou na cidade. O que não mudou na cidade. O futuro de Pelotas.	Planos, projeções, imaginação.
Lugares nostálgicos: passado e futuro	Identificando nostalgia.
Outros aspectos nostálgicos da cidade.	Mapeamento.

EXÉRCITO

